

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ROBERTA XAVIER DA COSTA

CASAS MODERNAS NA ORLA MARÍTIMA DE JOÃO PESSOA

1960 A 1974

NATAL

2011

ROBERTA XAVIER DA COSTA

CASAS MODERNAS NA ORLA MARÍTIMA DE JOÃO PESSOA

1960 A 1974

Dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Inserida na Área de Concentração Projeto, Morfologia e Conforto no Ambiente Construído na Linha de Pesquisa Projeto de Arquitetura, financiamento do CNPq, com orientação da Prof^a. Dr^a. Sônia Maria de Barros Marques.

NATAL

2011

ROBERTA XAVIER DA COSTA

CASAS MODERNAS NA ORLA MARÍTIMA DE JOÃO PESSOA

1960 A1974

Dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Inserida na Área de Concentração Projeto, Morfologia e Conforto no Ambiente Construído na Linha de Pesquisa Projeto de Arquitetura, financiamento do CNPq, com orientação da Prof.^a Dr.^a Sônia Maria de Barros Marques.

BANCA EXAMINADORA:

*Prof.^o Dr. Luiz Manuel do Eirado Amorim
Universidade Federal de Pernambuco
Examinador externo a UFRN*

*Prof.^a Dr.^a Sonia Maria de Barros Marques
Universidade Federal de Pernambuco
Orientadora. Examinador interno ao PPGAU/ UFRN*

*Prof.^a Dr.^a Nelci Tinem
Universidade Federal de Pernambuco
Examinador interno ao PPGAU/ UFRN*

Para Mariah, Ângelo e Omar, sem vocês não haveria sentido.

AGRADECIMENTOS

Durante este trabalho, tive momentos muito prazerosos que compartilhei com amigos, familiares companheiros de pesquisa, colegas, alunos e mestres; e também momentos difíceis, cruciais em que dúvidas, inseguranças e impasses afloraram, nos quais a ajuda específica de algumas pessoas foram fundamentais, sem esse auxílio não teria sido possível chegar ao final dessa tarefa. Para esses eu dedico estas breves e sinceras palavras de gratidão.

À minha orientadora Sônia Marques, que me acompanhou desde o início, e incentivou e instigou o espírito científico e curiosidade acadêmica que nem eu mesmo sabia que tinha. É principalmente graças a você que estou conseguindo agora escrever estas palavras. Obrigada pelas leituras críticas e organização de meu texto, pela ordenação das idéias confusas, pelas conversas, observações, além do incentivo constante às minhas pesquisas. Você me fez acreditar em minha intuição, me fez saber respeitar os achados da pesquisa empírica e ter humildade diante das provas e registros documentais. E me ensinou e ensina sobre arquitetura, aprendi e aprendo muito com você. Agradeço pela companhia tão prazerosa, por assumir a orientação desse trabalho nessa fase final; aceitando inclusive, o desafio duro e árduo de transformar uma "cortina em vestido". Para mim você será sempre a "Scarlet O'hara, salvando Tara da ruína". Muito obrigada.

A Professora Nelci Tinem, por ter me dado um voto de confiança, me aceitando como aluna depois de tantos anos de minha ausência acadêmica. Agradeço pela paciência e pela sensibilidade em perceber, mais do que eu inclusive, que a nossa parceria não estava sendo produtiva. Vejo isso como mais um voto de confiança de sua parte entre os vários que me deu. Durante essa jornada a amizade e o respeito que tenho por você, aumentou e muito.

Ao Professor Luiz do Eirado Amorim, pelas contribuições na qualificação, por aceitar participar da banca de defesa, e pelo estímulo para que eu continuasse a ver as "arquiteturas modernas".

Aos parceiros de estrada, Ricardo Araújo, Germana Rocha, Mércia Parente, WylInna Vidal, e meu querido irmão Robson Costa; entre o sol na moleira e as conversas de "touquinha", saudades de tantas e agradáveis horas das nossas viagens arquiteturais.

A meus colegas de mestrado: Manu, Fernanda, Isaias, Yuri, Daniel, Rose, Carla. Ao Professor Aldomar Pregrini, e aos colegas, Leonardo, Natália e Ênia, pelos almoços nos gatinhos. A Eugênio, Marizzo e Paulo pelas conversas, brincadeiras de corredor e apoio via Embratel. A Luis Henrique secretário do PPGAU, pela paciência e cordialidade em me atender sempre com tantas urgências. Ao CNPq, que financiou parte desse trabalho.

Aos funcionários do Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa, que me deram todo o apoio e incentivo durante o extenso levantamento, em especial a chefe do arquivo a bibliotecária Aurora Maia Dantas, por reconhecer a importância desse registro, e aos funcionários: Andréa Araújo, Antônio Simplício, Concepcion Conde, Dulce Neves, Jeová Santana, José Macário, Maria Lucia Cardoso, Maria Lucia Trajano, Maurílio José, pela disponibilidade em contribuir com informações e com o tempo para que fosse possível documentar o acervo. A D. Zefinha da cantina pelos cafezinhos e lanches que tornavam os dias mais divertidos.

Aos meus colaboradores diretos nessa pesquisa: Bianca Costa e Vanuza Cavalcante, por ajudar nas coletas no arquivo e por contribuírem na sistematização inicial dos dados. A Kelly Lima, no final dessa jornada, seu apoio foi fundamental para concluir esse trabalho. Nos altos e baixos deste percurso tão árduo, quando pensei que tudo estava perdido, você chegou com sua paciência, prestimosidade, clareza e centramento, mais uma vez meu sincero obrigado. A Phillippe Germano pela disponibilidade em me ajudar, por contribuir e se empolgar com minhas buscas; obrigada por compartilhar comigo seu entusiasmo.

Aos colegas do LPPM. Em especial a Rui Rocha, pelas conversas, fotos e estímulos em achar na cidade as casinhas que me encantavam. A Márcio Cotrim por disponibilizar sua tese, e pelo contato com Philipe Rodrigues, do qual recebi parte do acervo fotográfico. A Kaline Abrantes pelos trabalhos acadêmicos e acervos das notícias de jornal.

Aos meus alunos e ex-alunos que sempre com tanta simpatia e amizade me estimularam a continuar esse trabalho. Principalmente aos que contribuíram diretamente, e de forma muito generosa permitiram que eu usasse os levantamentos e registros: Pautília Cavalcante, Eudes Raoni, Érico Albuquerque, Fernanda Valéria, Jonas Veloso, Márcio Costa, Mariana Lemos, Ana Emília e Sayonara, Denise Cazé, Fernanda Rocha, Alexandre Feitosa, Flora, Mariana Porto, Paula Dieb, Marina Goldsfarb, Raissa Monteiro, Denise Lemos, Danilo, Guida Melo; Jullieith Favarato; Ligiane Andrade; Luana Moura; Rafaela Leite, Kalyne Pessoa, Keyla Sulamitta, Livia Alves, Marília Carneiro, Tatiana Rezende, Jessica Freitas, Kaline Nunes, Livia Falcão, Mariana Melo, Nathália Dantas, Luiz Antonio, Alvarus, Ygor, Milena Regis e Carolina Adlof, Lorena,

Isabela, Suellen Rafael, Natanael Teles, Michele Lins, Livia de Assis, Angela Dias, Camila Mayer, João Filipe Mazzaro e Taisa Oashi, Érica Diniz e Raquel Calado.

A Izabel Fraga Amaral, Guilah Naslavsky, Terezinha Monteiro e mais uma vez a WylInna; pelos incentivos, amizade, observações sempre inteligentes e pelo especial carinho com que me acolheram - como uma irmã - vendo os retalhos e fazendo o esforço de ver em um plano não concreto o que ainda nem existia, meu sincero obrigada.

Aos arquitetos Mario Glauco Di Lascio e sua filha Raphaela que sempre com tão boa vontade me receberam em seu escritório. Mais uma vez as informações de sua História viva Dr. Mário me permitiram vislumbrar um panorama que apenas os documentos não foram capazes de relatar. Muito obrigada pela sua generosidade.

Aos arquitetos Berenice Fraga do Amaral e Antônio José do Amaral e Silva, por disponibilizarem o seu acervo para consulta, por ter aberto seu escritório e as suas memórias. Ao arquiteto Gilberto Guedes por me proporcionar o contato com seus pais, e viabilizar as visitas.

A todos os proprietários das casas visitadas que abriram sua intimidade e me receberam permitindo que eu vasculhasse as suas memórias, e que pudesse ver os resquícios de um patrimônio tão recente quase totalmente destruído; através do qual vi também as imagens da orla marítima que ainda encantava os espaços das minhas lembranças de infância.

Aos colegas dos Seminários DO.CO.MO.MO., no qual pude mostrar os resultados preliminares de minhas pesquisas, e que me incentivaram a continuar o meu trabalho.

A todos os meus colegas do UNIPÊ, sem as suaves brincadeiras nos intervalos para o café a jornada teria sido muito mais solitária. Em especial as minhas coordenadoras Dayse Luckw, e Patricia Alonso, pela confiança, incentivo e amizade.

Aos funcionários das copiadoras Plota+ e Ofício, por disponibilizarem tempo e paciência durante a impressão dos volumes.

A minha família, meus irmãos e sobrinhos que me ouviram e torceram por mim durante todo o processo. Em especial, Robson por me estimular a voltar para a academia, Doda e Gorete, por cuidarem das crianças nas minhas várias ausências. Elizomar, pelos translados. Aos sobrinhos: Vivi, Silvinha, Dominginhos, Soninha, Eli. A minha sogra Socorro Brito, pelo exemplo de garra e luta. A tia Zeza e tia Maria por torcerem e rezarem tanto por mim. A meus filhos Mariah e Ângelo pelo crescimento em todos os sentidos. A Omar por todos os cafés da manhã de domingo e pizzas que preparou para que eu pudesse me dedicar, por traduzir meus resumos, por cuidar das crianças e entender que tinha que se afastar quando eu estava prestes a explodir. A Lurdes mais do que assistente, e cuidadora, você foi sempre amiga e me apoiou nessa jornada.

A meus amigos terapeutas que me apoiaram em mais essa iniciação: Rute de Paula, Tim, Adreína, Vanuza, Joselma, Gibson, Hugo, Yá Lúcia, Socorro, Betânia, D. Maria, S. João, Antônia, Penha e S. Leto. Todos vocês de alguma forma dividiram comigo esse trabalho.

A amiga Marília de Azevedo Dieb, por me ouvir pela troca de experiências, por me apoiar, pelos conselhos e incentivos, e por disponibilizar seu acervo e biblioteca. Você será para mim sempre um exemplo de conduta, ética e coleguismo. Aos meus amigos do coração Ed Porto e Paulo Peregrino por me ouvirem e compartilharem comigo suas experiências acadêmicas.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Natal, 23 de fevereiro de 2011

Roberta Xavier da Costa.

A vida é, ao mesmo tempo, tragédia e comédia, e o ambiente da casa é o seu cenário.

ALVAR AALTO

RESUMO

Este trabalho estuda casas unifamiliares modernas situadas nos bairros de Cabo Branco Tambaú e Manaíra na Orla Marítima de João Pessoa, construídas entre os anos 1960 e 1974. Partimos da idéia já bastante difundida de que a Arquitetura Moderna Brasileira inspirou-se em vertentes estrangeiras, sobretudo européias, mas também norte-americanas aqui reformuladas, adaptadas, inovando muitas vezes repertório e ideários recebidos (Y. BRUAND, 2005; H. SEGAWA, 2002; C. E. COMAS, 2002; M. M. ACAYABA e S. FICHER, 1982; M. B. C. ARANHA, 2008; F. C. L. LARA, 2001; R. V. ZEIN, 2005; L. E. AMORIM, 1999; C. V. STINCO, 2010). Com este olhar, após um trabalho de campo, coletamos 61 exemplares no acervo do Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa, com o intuito de identificar que reformulações, adaptações ou inovações existiriam na modernidade das casas da orla pessoense. Ao tentarmos analisá-las, à luz das sugestões da bibliografia, (G. C. ARGAN, 1992; L. CORBUSIER, 2002; C. E. D. COMAS, e M. ADRIÀ, 2007; K. FRAMPTON, 1997; H. H. HITCHCOCK, 1976; L. BENEVOLO, 2004; R. DE FUSCO, 1992; N. PEVSNER, 2002; M. RAGON, 1986; B. RISEBERO, 1982; E. ROBBINS, 1997; W. J. R. CURTIS, 1982; V. SCULLY, 2003; B. ZEVI, 1984; D. DUNSTER, 1999; A. COLQUHOUN, 2002; V. SCULLY, 2003; R. WESTON, 2005; A. IÑAKI, 2006; J. PETER, 1994) a idéia de partida pareceu-nos insuficientemente desenvolvida. Resolvemos assim, primeiramente, empreender uma revisão bibliográfica cotejando discurso e imagem das casas modernas mais citadas pela bibliografia internacional e nacional, seguindo um roteiro livremente inspirado da tríade vitruviana: aspectos funcionais e espaciais (setorização, orientação, espacialidade, circulação); aspectos construtivos (elementos estruturais, modulação, coberta, vedações), e aspectos estéticos (composição, aberturas, ornamentos) (cap.1), Em seguida, lançamos um olhar, sob este mesmo roteiro, nos 61 exemplares obtidos inicialmente, tentando verificar que eventuais especificidades conteriam (cap.2). Na impossibilidade de melhor aprofundar a análise de todos estes exemplares, escolhemos 10 projetos que foram redesenhados e descritos de maneira mais detalhada aos quais complementamos com os aspectos do lugar - localização/ lote, implantação, acessos, axialidade. (E. C. MAHFUZ, 2002, J. C. MIGUEL, 2000; C. E. CHEREGATI, 2007; M. COTRIM, 2007). (cap.3). A documentação e descrição resultantes permitiram-nos aflorar algumas questões acerca dos referentes canônicos, transcrições hibridações, adoções vernáculas e eventuais inovações das casas modernas da orla marítima. Concluímos que os elementos isolados recorrentes e anacrônicos encontrados em cada um dos exemplares estudados os vinculam a Arquitetura Moderna Brasileira.

Palavras-chave: arquitetura moderna, casas unifamiliares, casa de praia, João Pessoa.

ABSTRACT

This paper studies modern houses built in the neighborhoods of Cabo Branco, Tambaú and Manaíra by the seafront in Joao Pessoa, built between 1960 and 1974. We start from the already widespread notion that Brazilian Modern Architecture was inspired by foreign ways, mainly European but also American here recast, adapted, often innovating repertoire and ideas received (Y. BRUAND, 2005; H. SEGAWA, 2002; C. E. COMAS, 2002; C. E. COMAS, 2002; M. M. ACAYABA e S. FICHER, 1982; M. B. C. ARANHA, 2008; F. C. L. LARA, 2001; R. V. ZEIN, 2005; L. E. AMORIM, 1999, C. V. STINCO, 2010). With this look, after a field study, we collected 61 specimens in the collection of the Central Archive of João Pessoa City Hall, in order to identify which reformulations, adaptations or innovations would exist in modern houses built along the coast in João Pessoa. As we try to analyze the houses by what the bibliography had suggested (G. C. ARGAN, 1992; L. CORBUSIER, 2002; C.E.D. e M. ADRIÀ, 2007; K. FRAMPTON, 1997; H. H. HITCHCOCK, 1976; L. BENEVOLO, 2004; R. DE FUSCO, 1992, N. PEVSNER, 2002; M. RAGON, 1986; B. RISEBERO, 1982; E. ROBBINS, 1997; W. J. R. CURTIS, 1982; V. SCULLY, 2003; B. ZEVI, 1984; D. DUNST, 1999; A. COLQUHOUN, 2002; R. WESTON, 2005; A. IÑAKI, 2006; J. PETER, 1994) the starting idea seemed to us not sufficiently developed. So we decided, first, to undertake a literature review comparing speech and image of modern houses most often cited by international and national literature, following a script freely inspired the Vitruvian triad: the functional and spatial (sectorization, guidance, spatiality, movement); constructive aspects (structural elements, modulation, deck, sealing), and aesthetic aspects (composition, apertures, ornaments) (Cap.1), then cast a look under this same route in 61 specimens obtained initially, trying to verify any specificities they would have (Cap.2). Failing to deepen the analysis of all these examples, we chose 10 projects which were redesigned and described in more detail to which we supplement with the aspects of place - location / lot location, access, axiality. (E. C. MAHFUZ, 2002; J. C. MIGUEL, 2000; E. C. CHEREGATI, 2007; M. COTRIM, 2007). (Cap. 3). The documentation and description resulting allowed us to approach some related questions about the canonical transcripts hybridizing, adoptions and any vernacular innovations of modern houses along the coast, We conclude that the appellants and anachronistic elements isolates found in each of the studied bind to the Brazilian Modern Architecture

Keywords: modern architecture, single-family homes, beach house, João Pessoa.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Residência Hermes Pessoa, na Av. Cabo Branco.	16
Figura 2: Residências na Av. Camilo de Holanda.....	17
Figura 3: Resumo do caminho historiográfico percorrido.	49
Figura 4: Museu Casa de José Américo. Praia do Cabo Branco.....	55
Figura 5: Casa Flavio Ribeiro Coutinho, vista da Av. Cabo Branco.	57
Figura 6: Maquete da Casa Austragésilo de Freitas.	58
Figura 7: Casa Clodoaldo Soares de Oliveira	60
Figura 8: Casa Hermes Pessoa, planta baixa	61
Figura 9: Antiga casa de veraneio de Renato Ribeiro Coutinho(195?), e Casa de Flavio Ribeiro Coutinho(1954).	61
Figura 10: Residência José Pinheiro. Av. Cabo Branco. Mario Glauco di Lascio.	68
Figura 11: Maquete esquemática da casa Maurílio de Almeida.	68
Figura 12: Residência da Família Zaccara, na Av. Tamandaré – Tambaú, 1968.	69
Figura 13: Casa Waldir Bezerra Cavalcanti.	70
Figura 14: Residência Mauro Germoglio em 1968.	70
Figura 15: Imagens da modernidade com referência as tradição. Casa Luiz Carrilho.	71
Figura 16: Casa Cel. Renato Macário de Brito. Perspectiva do projeto original e redesenhos da pesquisa.	71
Figura 17: Casa COSIBRA.	73
Figura 18: Casa Valdez Juval da Silva. Exemplar curioso da produção praiana de João Pessoa.	75
Figura 19: Projeto original da Casa Manoel Gaudêncio.	76
Figura 20: Maquete de reconstituição da residência Manoel Gaudêncio.	76
Figura 21: Casa Eliete Queiroz Gurjão.	76
Figura 22: Detalhe da casa Eliete Queiroz Gurjão. Banheiro com dois acessos.	77
Figura 23: Casa Israel Aureliano da Silva.	77
Figura 24: Casa Ronald Queiroz.	78
Figura 25: Casa Fernando Furtado.	78
Figura 26: Registro do processo de remembramento do lote e dos estudos preliminares sobre malha modulada	80
Figura 27: Fotos do interior da residência.	80
Figura 28: Imagens do estudo da Casa Lourenço Bezerra de Melo.	81
Figura 29: Residência Mario Grissi Faracco.	92
Figura 30: CO_01 Casa Mario Grissi Faracco - maquete eletrônica.	92
Figura 31: CO_01 Planta de implantação e cobertura.	93
Figura 32: CO_01 Eixos de ocupação.	94
Figura 33: CO_01 Croquis de ocupação planimétrica.	94
Figura 34: CO_01 Croquis de ocupação volumétrica.	94
Figura 35: CO_01 Planta baixa do pavimento superior, com setorização por uso.	95
Figura 36: CO_01 Planta baixa do pavimento térreo, com setorização	95
Figura 37: CO_01 Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	96
Figura 38: CO_01 Diagrama de fluxos e circulação interna.	96
Figura 39: CO_01 Maquete de divisão dos ambientes.	97
Figura 40: CO_01 Corte esquemático com indicação de elementos estruturais.	97
Figura 41: CO_01 Elementos da estrutura perceptíveis na fachada.	98
Figura 42: CO_01 Maquete estrutural.	98
Figura 43: CO_01 Esquema de modulação e distribuição de pilares.	99
Figura 44: CO_01 À direita - caimento da cobertura do bloco principal; à esquerda - volumes adicionados a esse bloco.	99
Figura 45: CO_01 Vista frontal com relação das aberturas.	100
Figura 46: CO_01 Vista lateral com relação das aberturas e volumetrias.	100
Figura 47: CO_01 Registro dos revestimentos.	101
Figura 48: CO_01 Fotografia de identificação.	101
Figura 49: CO_01 Implantação e cobertura.	102
Figura 50: CO_01 Croquis de ocupação volumétrica, com esquema de acessos.	102
Figura 51: CO_01 Esquema de implantação considerando a mancha de ocupação do pavimento térreo.	103
Figura 52: CO_01 Diagrama de ocupação planimétrica de unidade isolada.	104
Figura 53: CO_02 Casa Dagberto Victor de Miranda - maquete eletrônica.	104
Figura 54: CO_02 Planta baixa do subsolo. Com marcação de áreas funcionais da área não edificada do lote.	104
Figura 55: CO_02 Planta baixa do pavimento térreo, com setorização por uso.	105
Figura 56: CO_02 Planta baixa do pavimento superior, com setorização por uso.	105
Figura 57: CO_02 Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	106
Figura 58: CO_02 Diagrama de fluxos e circulação interna.	106
Figura 59: CO_02 Maquete de divisão dos ambientes.	107

Figura 60: CO_02 Corte esquemático.	107
Figura 61: CO_02 Ossatura da edificação, com os elementos estruturais verticais(pilares) e horizontais lajes.	108
Figura 62: CO_02 Esquema de modulação e distribuição de pilares.	109
Figura 63: CO_02 A residência em 2008, no início de nossa pesquisa.	110
Figura 64 e Figura 65: CO_02 Casa Dagberto Victor de Miranda, - maquete esquemática	110
Figura 66: CO_02 Imagens do interior da residência.	111
Figura 67: CO_03 Casa Waldemar Gomes de Arruda - maquete eletrônica.	112
Figura 68: CO_03. Implantação e coberta.	113
Figura 69: CO_03Esquema de implantação.	114
Figura 70: CO_03Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada.	115
Figura 71: CO_03 Croquis de ocupação volumétrica.	115
Figura 72: CO_03Planta baixa com marcação usos da área não edificada do lote.	116
Figura 73: CO_03Planta baixa, com setorização e acessos por uso.	116
Figura 74: CO_03Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	117
Figura 75: CO_03Diagrama de fluxos e circulação interna.	118
Figura 76: CO_03Maquete de divisão dos ambientes.	118
Figura 77: CO_03Cortes esquemáticos.	118
Figura 78: CO_03Ossatura da edificação, com os elementos estruturais verticais (pilares) e horizontais lajes.	118
Figura 79: CO_03Esquema de modulação e distribuição de pilares.	119
Figura 80: CO_03Visualização da solução de cobertas.	120
Figura 81: CO_03Fachada frontal, com materiais.	120
Figura 82: CO_03Fachada lateral, com materiais.	121
Figura 83: CO_03Relação de cheios e vazios. Vista da bifurcação da Av. Rui Carneiro e Rua Sidnei Clemente Dore.	121
Figura 84: CO_03Relação de cheios e vazios. Vista da Rua Sidnei Clemente Dore.	121
Figura 85: CO_03Relação de cheios e vazios. Vista da bifurcação da Av. Rui Carneiro e Av. Nego.	123
Figura 86: CO_04Casa Josemar Meireles da Cunha, croquis do anteprojeto.	124
Figura 87: CO_04Implantação e coberta.	125
Figura 88: CO_04Esquema de implantação. Mancha de ocupação da massa edificada.	125
Figura 89: CO_04Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica.	126
Figura 90: CO_04Planta baixa, com setorização e acessos.	126
Figura 91: CO_04Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	127
Figura 92: CO_04Diagrama de fluxos e circulação interna.	128
Figura 93: CO_04Maquete de divisão dos ambientes.	129
Figura 94: CO_04Cortes esquemáticos.	129
Figura 95: CO_04Esquema de modulação e distribuição de pilares.	129
Figura 96: CO_04Visualização da solução de cobertas.	1130
Figura 97: CO_04 Corte esquemático com ventilação predominante ..	1130
*1Figura 98: CO_04Fachada frontal, com materiais.	1131
Figura 99: CO_04Vistas em perspectiva.	131
Figura 100: CO_04Vistas em perspectiva.	132
Figura 101: CO_04Vistas em perspectiva.	132
Figura 102: CO_05 Casa Jorge Ribeiro Coutinho, identificação de campo.	133
Figura 103: CO_05 Croqui de implantação e coberta.	1134
Figura 104: CO_05 Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica	134
Figura 105: CO_05 Planta baixa do térreo, com setorização e acessos por uso.	135
Figura 106: CO_05Planta baixa do pavimento intermediário, com setorização e acessos por uso.	136
Figura 107: CO_05Planta baixa do pavimento superior, com setorização e acessos por uso.	136
Figura 108: CO_05Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	136
Figura 109: CO_05Maquete de divisão dos ambientes.	137
Figura 110: CO_05Diagrama de fluxos e circulação interna – Pavimento Superior.	138
Figura 111: CO_05Diagrama de fluxos e circulação interna – Pavimento térreo e intermediário.	138
Figura 112: CO_05Diagrama de fluxos e circulação interna – Pavimento térreo e intermediário.	138
Figura 113: CO_05Detalhes dos elementos construtivos.	139
Figura 114: CO_05Corte esquemático.	139
Figura 115: CO_05Corte esquemático.	140
Figura 116: CO_05Corte esquemático.	140
Figura 117: CO_05 Eixos estruturais	141
Figura 118: CO_05Esquema de modulação e distribuição de pilares.	141
Figura 119: CO_05Coberta da edificação.	142
Figura 120: CO_05Perspectiva da residência.	142
Figura 121: CO_05Fachada Nordeste.	143

Figura 122: CO_05Elementos de conforto térmico.	143
Figura 123: CO_05Fachada Sudoeste. Relação entre cheios e vazios.	143
Figura 124: CO_05Fachada Noroeste. Relação entre cheios e vazios.	143
Figura 125: CO_05Fachada Nordeste. Relação entre cheios e vazios.	144
Figura 126: CO_05Fachada Sudoeste. Relação entre cheios e vazios.	144
Figura 127: CO_05Fachada Sudoeste.	144
Figura 128: CO_05Fachada Noroeste.	145
Figura 129: CO_05Fachada Sudoeste.	145
Figura 130: CO_05Fachada Nordeste.	145
Figura 131: CO_06 Casa Ferdinando Bezerra Paraguay, identificação de campo.	145
Figura 132: CO_06Implantação e coberta.	146
Figura 133: CO_06Esquema de implantação.Diagrama de ocupação planimétrica	146
Figura 134: CO_06Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica.	147
Figura 135: CO_06 Planta baixa pavimento térreo,	148
Figura 136: CO_06 Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso.	148
Figura 137: CO_06 Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	148
Figura 138: CO_06 Maquete de divisão dos ambientes.	149
Figura 139: CO_06Diagrama de fluxos e circulação interna.	150
Figura 140: CO_06Abertura do living integrando a paisagem e o interior da residência.	151
Figura 141: CO_06Detalhe do terraço jardim com acesso através do gabinete.	152
Figura 142: CO_06Corte esquemático.	153
Figura 143: CO_06Esquema de modulação e distribuição de pilares.	153
Figura 144: CO_06Visualização da solução de cobertas.	154
Figura 145: CO_06Vista sudeste, implantação favorecendo a captação dos ventos.	154
Figura 146: CO_06Fachada lateral, com materiais.	154
Figura 147: CO_06Vista da direção sudeste. Revestimento em casca de tijolo cerâmica.	155
Figura 148: CO_06Vista na direção oeste, fenestrações verticalizadas.	155
Figura 149: CO_06Vistas em perspectiva, com relação de aberturas.	156
Figura 150: CO_06Vistas em perspectiva, com relação de aberturas.	156
Figura 151: CO_06Vistas em perspectiva, com relação de aberturas.	156
Figura 152 e Figura 153: CO_06Vistas em perspectiva, com relação de aberturas.	156
Figura 154: CO_07 Casa Berenice e Antônio José do Amaral e Silva, perspectiva.	157
Figura 155: CO_07 Implantação e coberta.	157
Figura 156: CO_07Croquis de ocupação volumétrica. Primeira figura a ser formada.	158
Figura 157: CO_07 Esquema de implantação.	158
Figura 158: CO_07Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso.	159
Figura 159: CO_07Estudo paisagístico para o pátio social, não realizado.	159
Figura 160: CO_07Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	160
Figura 161: CO_07Vista sudeste, implantação favorecendo a captação dos ventos.	161
Figura 162: CO_07Vista do pátio social, mostrando a adição de toldo para amenizar a incidência do sol matinal.	162
Figura 163: CO_07Maquete de divisão dos ambientes.	162
Figura 164: Foto do interior da residência.	162
Figura 165: CO_07Diagrama de fluxos e circulação interna.	163
Figura 166: CO_07Corte esquemático.	164
Figura 167: CO_07Corte esquemático.	164
Figura 168: CO_07Corte esquemático.	164
Figura 169: CO_07Corte esquemático.	164
Figura 170: CO_07Esquema de modulação e distribuição de pilares.	165
Figura 171: CO_07Visualização da solução de cobertas.	165
Figura 172: CO_07Vista na direção oeste, fenestrações em manchas, e muitos panos cegos.	165
Figura 173: CO_07Relação esquemática de aberturas na face leste.	166
Figura 174: CO_07Vista da fachada leste.	166
Figura 175: CO_07Vista da direção sudeste.	166
Figura 176: CO_07Vista na direção sul, com muro externo e sem o muro fenestrações contínuas.	167
Figura 177: CO_07Vista na direção norte, com muro externo e sem o muro fenestrações contínuas.	167
Figura 178: CO_08 Casa Gilson Espinola Guedes, identificação de campo.	168
Figura 179: CO_08 Implantação e coberta.	168
Figura 180: CO_08 Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica.	169
Figura 181: CO_08Planta baixa do primeiro pavimento - subsolo,	170
Figura 182: CO_08Planta baixa do segundo pavimento - térreo,	171
Figura 183: CO_08 Planta baixa do terceiro pavimento	171

'Figura 184: CO_08 Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	172
Figura 185: CO_08 Maquete de divisão dos ambientes.	173
Figura 186: CO_08 Diagrama de fluxos e circulação interna. Pavimento primeiro e segundo.	174
Figura 187: CO_08 Esquema de modulação e distribuição de pilares.	174
Figura 188: CO_08 Vista em perspectiva.	175
Figura 189: CO_08 Corte esquemático.	175
Figura 190: CO_08 Corte esquemático.	175
Figura 191: CO_08 Cortes esquemáticos.	176
Figura 192: CO_08 Planta baixa do pavimento superior, detalhe da esquadria.	176
Figura 193: CO_08 Fachada Nordeste. Relação entre cheios e vazios.	176
Figura 194 e Figura 195: CO_08 Vista em perspectiva – fundos. Relação entre cheios e vazios.	177
Figura 196 e Figura 197: CO_08 Vista em perspectiva – área de serviço. Relação entre cheios e vazios.	177
Figura 198: CO_08 Detalhe do piso da sala de estar, painel cerâmico de Francisco Brenand.....	178
Figura 199: CO_08 Revestimentos externos.	178
Figura 200: CO_08 Revestimentos externos.	178
Figura 201: CO_09 Casa Major Adolfo Fernandes Lira Maia, identificação e acessos da rua.	179
Figura 202: CO_09 Implantação e coberta.	179
Figura 203: CO_09 Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica.	180
Figura 204: CO_09 Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso.	181
Figura 205: CO_09 Planta baixa pavimento superior, com setorização e acessos por uso.	182
Figura 206: CO_09 Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	182
Figura 207: CO_09 Maquete de divisão dos ambientes.	183
Figura 208: CO_09 Estudo paisagístico para o pátio social, realizado.	183
Figura 209: CO_09 Diagrama de fluxos e circulação interna.	184
Figura 210 e Figura 211: CO_09 Fotografia do interior da residência, cozinha.	185
Figura 212: CO_09 Cortes esquemáticos da residência.	185
Figura 213: CO_09 Cortes esquemáticos da residência.	186
Figura 214: CO_09 Fachada sudoeste.	186
Figura 215: CO_09 Esquema de modulação e distribuição de pilares.	186
Figura 216: CO_09 Visualização da solução de cobertas.	187
Figura 217: CO_09 Detalhe do colchão de ar da coberta.	187
Figura 218: CO_09 Brise na fachada norte.	187
Figura 219: CO_09 Primeira figura a ser formada.	188
Figura 220 e Figura 221: CO_09 Vista em perspectiva, área dos fundos. Indicações de cheios e vazios.	188
Figura 222: CO_09 Fachada Nordeste.	188
Figura 223: CO_09 Vista em perspectiva da residência.	189
Figura 224: CO_10 Casa José Valdomiro Ribeiro Coutinho, identificação.	190
Figura 225: CO_10 Croqui de implantação e coberta.	191
Figura 226: CO_10 Diagrama de acessos da área externa para o interior da residência.	191
Figura 227: CO_10 Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica.	192
Figura 228: CO_10 Setorização de espaços externos.	192
Figura 229: CO_10 Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso.	193
Figura 230: CO_10 Planta baixa pavimento superior, com setorização e acessos por uso.	193
Figura 231: CO_10 Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores.	194
Figura 232: CO_10 Imagens do interior da residência. Integração entre os ambientes sociais.	195
Figura 233: CO_10 Varandas do pavimento superior.	195
Figura 234: CO_10 Maquete de divisão dos ambientes.	196
Figura 235: CO_10 Diagrama de fluxos e circulação interna.	196
Figura 236: CO_10 Corte esquemático da residência.	197
Figura 237: CO_10 Corte esquemático da residência.	197
Figura 238: CO_10 Esquema de modulação e distribuição de pilares.	197
Figura 239: CO_10 Visualização da solução de cobertas.	198
Figura 240: CO_10 Detalhes da coberta.	199
Figura 241: CO_10 Fachada com o beiral de proteção da varanda e do terraço.	199
Figura 242: CO_10 Imagem da residência.	199
Figura 243: CO_10 Vista em perspectiva da residência.	199
Figura 244: CO_10 Vista em perspectiva.	200
Figura 245: CO_10 Vista em perspectiva.	200
Figura 246: CO_10 Imagens do interior da residência, relação com a paisagem e composição das aberturas.	200
Figura 247: CO_10 Croqui de ocupação volumétrica.	201
Figura 248: CO_10 Revestimentos.	202

MAPAS

Mapa 01: Mapa de localização das casas estudadas.....	91
Mapa 02: Croquis de situação e localização da CO_01.....	92
Mapa 03: Croquis de situação e localização da CO_02.....	102
Mapa 04: Croquis de situação e localização da CO_03.....	112
Mapa 05: Croquis de situação e localização da CO_04.....	124
Mapa 06: Croquis de situação e localização da CO_05.....	133
Mapa 07: Croquis de situação e localização da CO_06.....	146
Mapa 08: Croquis de situação e localização da CO_07.....	157
Mapa 09: Croquis de situação e localização da CO_08.....	168
Mapa 10: Croquis de situação e localização da CO_09.....	179
Mapa 11: Croquis de situação e localização da CO_10.....	190

TABELAS

Tabela 01: Resultados obtidos – Casas Internacionais.....	43
Tabela 02: Resultados obtidos – Casas Nacionais.....	53
Tabela 03: Resultados obtidos – Casas da Orla Marítima.....	92
Tabela 05: Setorização da CO_01.....	95
Tabela 06: CO_02 Casa Dagberto Victor de Miranda. Ficha técnica.....	102
Tabela 07: Setorização da CO_02.....	106
Tabela 08: CO_03 Casa Waldemar Gomes de Arruda. Ficha técnica.....	112
Tabela 09: Setorização da CO_03.....	116
Tabela 10: CO_04 Casa Josemar Meireles da Cunha. Ficha técnica.....	123
Tabela 11: Setorização da CO_04.....	127
Tabela 12: CO_05 Casa Jorge Ribeiro Coutinho. Ficha técnica.....	133
Tabela 13: Setorização da CO_05.....	136
Tabela 14: CO_06 Casa Ferdinando Bezerra Paraguay. Ficha técnica.....	146
Tabela 15: Setorização da CO_06.....	149
Tabela 16: CO_07 Casa Maria Berenice Fraga do Amaral e Antônio José do Amaral e Silva. Ficha técnica.....	157
Tabela 17: Setorização da CO_07.....	160
Tabela 18: CO_08 Casa Gilson Espínola Guedes. Ficha técnica.....	168
Tabela 19: Setorização da CO_08.....	171
Tabela 20: CO_09 Casa Major Adolpho Fernandes Lira Maia. Ficha técnica.....	179
Tabela 21: Setorização da CO_09.....	182
Tabela 22: CO_10 Casa José Valdomiro Ribeiro Coutinho. Ficha técnica.....	190
Tabela 23: Setorização da CO_10.....	194

QUADROS

Quadro sinótico 01: Cronologia casas modernas – internacional e nacional.....	32
Quadro sinótico 02: Cronologia casas modernas – orla marítima de João Pessoa.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1	27
PARTE I – A casa moderna na historiografia internacional	27
PARTE II - Casas modernas brasileiras nas abordagens historiográficas	44
PARTE III – Considerações parciais	49
CAPÍTULO 2	55
PARTE I - As casas e as modernidades da orla marítima na década de 1960	67
PARTE II – As casas e as modernidades da orla marítima na década de 1970	73
PARTE III - Características gerais das casas da Orla Marítima	81
CAPÍTULO 3.....	88
Dez casas modernas na Orla Marítima de João Pessoa.....	88
CO_01 Mario Grissi Faracco (1960).....	92
CO_02 Dagberto Victor de Miranda – Vila Zula Miranda (1961)	102
CO_03 Waldemar Gomes de Arruda (1970)	112
CO_04 Josemar Meireles da Cunha (1972).....	123
CO_05 Casa Jorge Ribeiro Coutinho (1972).....	133
CO_06 Ferdinando Bezerra Paraguay (1973).....	146
CO_07 Casa Maria Berenice Fraga do Amaral e Antônio José do Amaral e Silva (1974).....	157
CO_08 Casa Gilson Espínola Guedes (1974).....	168
CO_09 Casa Major Adolpho Fernandes Lyra Maia (1974).....	179
CO_10 Casa José Valdomiro Ribeiro Coutinho (1974)	190
Considerações parciais sobre a mostra selecionada	202
CONCLUSÕES	205
Casas modernas	205
As casas modernas na orla marítima de João Pessoa.....	207
Reflexões sobre esse estudo	209
REFERÊNCIAS.....	213
APÊNDICE.....	21322

Introdução

INTRODUÇÃO

Apresentação

A motivação para realizar essa dissertação ocorreu, quando na condição de arquiteta, fui solicitada, a empreender o processo para regularizar a residência Hermes Pessoa; localizada na Av. Cabo Branco, 3089. A construção desta residência data de 1957 e o projeto arquitetônico, de autoria do engenheiro civil Oswaldo Fontes, não se encontrava no acervo do Arquivo Central (ARCEN) da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP). Por isto, uma nova documentação precisava ser elaborada com o intuito de permitir a venda, bem como a posterior transformação da casa térrea [Figura 1] em um edifício multifamiliar.

Essa prestação de serviço, atividade simples e corriqueira no cotidiano de um profissional arquiteto, teve sobre mim um grande impacto: criança, eu vi a praia, pela primeira vez, visitando os antigos proprietários da casa. Agora adulta, minha formação profissional identificava este imóvel como um testemunho da modernidade local e o anúncio do seu óbito¹ foi o início de um caminho de muitas reflexões.



Figura 1: Residência Hermes Pessoa, na Av. Cabo Branco. Fotografia: Roberta Xavier da Costa, 2008.

Logo percebi ser essa mais uma residência, que desapareceria sem que ficasse nenhum registro ou avaliação dessa arquitetura; o que felizmente não se concretizou.² No entanto, em outros bairros, como o da Torre e no centro [figura 2], casas que foram marcos da modernidade, algumas intactas e preservadas; outras nem tanto estão sendo cotidianamente destruídas ou descaracterizadas. Minha percepção de que parte dessa produção estava condenada ao esquecimento aliou-se à constatação de que a maioria dos cidadãos - inclusive boa parte dos arquitetos atuantes na cidade - desconhece o valor cultural desses imóveis. Como professora³, constatei também que as pesquisas desenvolvidas sobre eles, nas universidades,⁴ permanecem pouco divulgadas e desconhecidas do meio profissional em geral.

¹ Acompanhamos a terminologia usada por Luiz do Eirado Amorim no livro "Obituário arquitetônico Pernambuco modernista", que inspirou o seminário 3º Do.co.mo.mo Norte Nordeste 2010, conforme evidencia o título de "Morte e vidas severinas", das ressurreições e conservações (im)possíveis do patrimônio moderno no Norte e Nordeste do Brasil.

² Após concluído o processo de regularização do imóvel, os herdeiros decidiram manter a casa que ainda permanece com o mesmo uso.

³ Em 2007, época do evento da casa Hermes Pessoa, atuávamos no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB.

⁴ Já existiam estudos isolados, desenvolvidos em disciplinas ou como Trabalho Final de Graduação, ainda incompletos e não sistematizados. Vinculados ao Grupo Arquitetura Moderna da Paraíba, do Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (GPAMP/LPPM/CAU/UFPB). Sobre essas pesquisas ver: N. Tinem in BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza (2009) e M. B. Moura Filha, agosto de 2009.



Figura 2: Residências na Av. Camilo de Holanda, bairro da Torre e na Av. Maximiniano de Figueiredo, Centro. Fotos: Rui Rocha e Roberta Xavier da Costa, 2010.

A desapareção ou descaracterização de imóveis modernos não se trata, porém, de um fenômeno local. Foi, inclusive, um dos motivos que deu origem à organização não governamental DO.CO.MO.MO. Documentação e Conservação do Movimento Moderno, em 1990, cuja delegação mais numerosa encontra-se no Brasil. Entre as crescentes publicações e pesquisas assinalando o mórbido e freqüente desaparecimento, destaca-se o levantamento oferecido por Luiz Amorim, em seu "Obituário Arquitetônico, Pernambuco Modernista" (2007). Neste, são documentadas 50 edificações modernas recifenses, demolidas, desfiguradas ou abandonadas; entre as quais 21 eram residenciais. A casa Savoye, projeto de Le Corbusier escapou por pouco da destruição;⁵ mas, muitas casas do século XX projetadas por arquitetos mundialmente famosos, como Frank Lloyd Wright, por exemplo, já foram demolidas e muitas remanescentes continuam sob constante ameaça. Confirma-se, assim, o que diz a maioria dos estudos, ou seja, a maior vulnerabilidade da arquitetura residencial⁶.

Em João Pessoa esta situação pode ser exemplificada com a demolição e substituição da residência Otacílio de Campos, projeto do arquiteto Acácio Gil Borsoi de 1966. Localizada na Av. Epitácio Pessoa em perfeito estado de conservação e ainda em uso, ela foi substituída por um edifício comercial em 2005.⁷ Fato comum não apenas aqui, mas, em várias cidades brasileiras, as casas modernistas tem sido alvo de "repaginações atualizadoras" de gosto duvidosas, para outro uso ou de demolições para dar lugar ao edifício residencial vertical. O que evidentemente faz parte de um processo de transformação da imagem das cidades, mais facilmente perceptíveis nos bairros residenciais privilegiados, como as orlas marítimas urbanas, que são, sem dúvida, no Brasil, um dos trechos mais cobiçados pelo mercado imobiliário na competição pelos melhores lugares. Morar próximo ao mar continua atraindo a maioria da população do país. De acordo com o Projeto Orla, instituído pelo Ministério do Meio Ambiente em parceria com a Secretaria do Patrimônio da União, cerca de um terço da população brasileira reside em cidades à beira mar, e quase metade habita a menos de 200 quilômetros da costa. (PROJETO ORLA

⁵ Graças à ação do ministro da cultura André Malraux,

⁶ Os motivos podem ser vários. A propriedade (privada), a escala (predominantemente doméstica, distinta da monumental), a linguagem freqüentemente mais sóbria que as ecléticas precedentes, engajariam pouco entusiasmo e reconhecimento do público em geral. Ficando assim mais sujeitas à voracidade especulativa ou mesmo à agressão brutal de ignorantes proprietários ansiosos por novidades que encontram ainda a cumplicidade em profissionais frágeis ou fragilizados. Veja-se a casa de Osvaldo Bratke tomada pós-moderna ou em Recife, a casa Medeiros na sua segunda "cirurgia" desfigurante. Yves Bruand, em seu estudo clássico 1971 já alertava, sobre isso, em nota de rodapé (2005:125) referindo-se a aquisição pela embaixada da URSS da casa Argemiro Hungria Machado de Lucio Costa, construção de 1942.

⁷ Registro publicado no 5º DOCOMOMO Brasil, por R. Silva e C. Costa (2006).

– Fundamentos para Gestão Integrada, 2006:11) Aqui assim como aconteceu com outras capitais do Nordeste, a pressão imobiliária e o turismo globalizado vêm modificando dramaticamente a paisagem das praias urbanas.

A imagem de uma paisagem de orla marítima, com uma linha horizontal traçada por casas de até dois pavimentos, pertencentes à classe alta e média, que marcou os anos de minha formação como arquiteta, já não mais existe⁸. As restrições legais de gabarito nos bairros de Cabo Branco, Tambaú e Manaíra, impuseram, até agora, alturas bem inferiores àquelas encontradas nas orlas de capitais litorâneas vizinhas⁹, como foi o caso de Areia Preta em Natal ou das praias do Recife. Mesmo assim, as casas modernas pessoenses cedem progressivamente lugar aos serviços, comércio, hotéis e edifícios de apartamentos,¹⁰ sendo as alterações e substituições mais perceptíveis nestes bairros, que serão aqui estudados. Eles foram ocupados inicialmente por pescadores com os quais começaram a conviver os primeiros veranistas e logo se construíram as moradias permanentes. Hoje, estes imóveis estão sendo cada vez mais cobiçados e supervalorizados pelo mercado.¹¹ Onde o processo acelerado de transformação destes bairros.

Assim surgiu a proposta desta dissertação: pensamos que documentar e estudar as casas modernistas da orla marítima talvez seja uma forma de contribuir com o reconhecimento dessa produção. A partir destas motivações, almejamos colaborar com o estudo da teoria, crítica e história da arquitetura moderna brasileira, mais especificamente da arquitetura residencial.

Hipótese e Objetivos

De acordo com nossa pesquisa bibliográfica inicial¹², a arquitetura residencial moderna brasileira, de forma generalizada, pode ser definida como: 1) Arquitetura que tem vinculação ao lugar (relevo, clima e vegetação), através das implantações que liberam o edifício do solo (pilotis) e dos limites do terreno; da relação com exterior que valoriza o jardim (paisagismo), e de mecanismos de controle climáticos (orientação em relação a insolação,

⁸ Em 2010, identificamos 11 demolições; em 2009 foram cinco casas substituídas. Nas avenidas da orla marítima, as placas de anúncios de venda também se multiplicaram, evidenciando a tendência de verticalização.

⁹ Em 1970, o artigo 164 da Emenda Constitucional nº 01, proposto e aprovado no governo João Agripino, restringia em dois pavimentos a altura dos edifícios nas avenidas da Orla Marítima. Em 1975, foi instituído o primeiro código de urbanismo de João Pessoa, que limitava a construção de edifícios residenciais verticais (isto é, com mais de quatro pavimentos, aí incluído o térreo) na orla marítima. Atualmente os parâmetro de altura estão definidos e regulamentados pelo artigo 229 da Constituição Estadual de 1989, que limita o gabarito na orla marítima de João Pessoa, na faixa de 500 metros a partir da preamar de sizígia, a lei foi implementada no artigo 25 do Plano Diretor de João Pessoa de 1993. (MOREIRA, R. C. C. 2006:61-63)

¹⁰ Orientamos no semestre 2010.2, estudantes de arquitetura, num levantamento de campo, nos bairros de Manaíra e do Cabo Branco, onde a maioria dos lotes das quatro primeiras quadras próximas as avenidas beira-mar, tem uso comercial ou residencial multifamiliar vertical.

¹¹ Atualmente o preço do metro quadrado nos bairros da Orla Marítima varia entre R\$ 3.200,00 e R\$ 3.900,00, é o metro quadrado mais caro da cidade. Fonte: CRECI, 2010.

¹² Lista de autores retirada dos estudos de Tinem (2006), complementada com G. G. Silva et al (1981), usamos os títulos disponíveis no acervo das bibliotecas da UFRN, UFPB e do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ: M. M. Acayaba (1986); L. Cavalcanti (2006), R. Conduru, (2003), V. Artigas (1981 e 1989), G. Ferraz (1965), O. Niemeyer (2005), S. Papadaki (1961, 1950), L. Corbusier (2002), K. Frampton (2001), G. Freyre (1991), L. C. Frota (1993), M. Ragon (1986), W. J. R. Curtis (1982), V. Scully (2003), B. Zevi (1970 e 1996), R. Weston (2002), Y. Chevrel (1997), W. J. R. Curtis (1982), A. Gorelik (2006), G. Hatje (1980), C. A. C. Lemos (1999, 1979 e 1978), E. Mafhuz (2002), J. J. Norwich (1976), R. Ortiz (1998 e 1985), J. Peter (1994), H. Piñon (1998 e 2006); G. G. Silva (1991); F. D. Moreira (2007).

uso de elementos de proteção solar, brise-soleil)¹³; 2) vinculação com a tradição, associadas a condições econômicas e sociais, resultando através da revisão de elementos formais herdados do passado colonial (uso de venezianas, bandeiras, *muxarabiês*, gelósias coloniais¹⁴, pátios internos, terraços cobertos e varandas); 3) inventividade dos arquitetos brasileiros, sobretudo face às limitações tecnológicas e o padrão artesanal dos canteiros locais, donde as soluções de coberta com telha em cerâmica colonial sobrepostas diretamente sobre laje inclinadas e a opção de telhados de quatro águas; 4) a distribuição dos ambientes em zonas distintas relacionadas a função e atividades, jardins internos, áreas pergoladas, uso de materiais ao natural para marcar a diferenciação dos elementos estruturantes da construção.

A nossa hipótese inicialmente era que as casas modernas da faixa litorânea de João Pessoa apresentariam as características acima elencadas, podendo ter ocorrido algumas especificidades, talvez graças a condições culturais específicas dos consumidores locais ou eventuais diferenças dos padrões construtivos. Para verificá-la, buscamos responder às seguintes questões: Como era a casa moderna pessoense da orla? Que características evidenciam a modernidade? Em que elas seguem ou não o caso brasileiro? Qual a natureza destas características: programáticas, estéticas, construtivas?

O nosso objetivo geral definiu-se, então, como a caracterização da arquitetura moderna residencial em bairros litorâneos de João Pessoa, dividindo-se nos seguintes objetivos específicos:

- a) oferecer um panorama geral das casas modernistas da orla;
- b) estabelecer uma comparação com os padrões nacionais;
- c) verificar a eventual ocorrência de elementos singulares.

Recorte temporal

Com as características destacadas pela bibliografia, começamos nossa observação de campo nas principais ruas dos bairros da orla, coletando apenas aspectos parciais. Não podíamos precisar a data da construção nem se algumas casas haviam sido reformadas¹⁵. Paralelamente ao aprofundamento bibliográfico¹⁶, consultamos fontes primárias: os processos de habite-se no acervo do Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João

¹³ Estes são vistos como “contribuição original” da arquitetura brasileira. Segundo Tinem: os primeiros foram utilizados em 1936 por Lucio Costa e equipe no edifício do Ministério de Educação, atual Palácio Capanema, no Rio de Janeiro; em 1938 serão usados por Oscar Niemeyer, na Obra do Berço no mesmo ano os irmãos Roberto usam os primeiros brise-soleil móveis integrados a arquitetura, no edifício sede da ABI. (2006:145). Sendo uma característica marcante dessa arquitetura, visão reforçada por F. Lara(2001), que os usa como indicadores de popularização da arquitetura brasileira.

¹⁴ As gelósias coloniais são usadas por Oscar Niemeyer no Grande Hotel em Ouro Preto, de 1940. (BRUAND, 2006: 107 a 109).

¹⁵ Algumas dessas casas já haviam sido registradas, constam no acervo do GEAMP/LPPM/CAU/UFPB.

¹⁶ Acervos digitais: PPGAU-UFRN, PROPARG-UFRRS, PPGAU-UFBA, PPGAU-UnB, PPGAU-UFMGs, PPGAU-FAU-MACKENZIE, PPGAU-USP, UNIVERSIDADE DO MINHO, UNIVERSIDADE DE BARCELONA, PPGEUAU-UFPB, PRODEMA-UFPB. Portais: Arcoweb, AU, Portal Vitruvius. Sites dos DO.CO.MO.MO. Autores consultados: M. B. C. Aranha (2008), C. E. D. Comas (2002), S. Jr Guadanhin (2002), A. S. Guerra Neto (2002), G. Naslavsky (2004), O. L. Ribeiro (2005), M. S. Silva (2009), J. O. Alberton (2006), M. L. Almeida (2005), R. F. Araújo (2010), A. J. S. Batista (2006), M. Carlucci (2005), E. A. Costa (2009), G. R. da Cunha (2009), M. J. Diemer (2006), A. A. C. Farias (1990), C. W. Finkelstein (2009), D. F. Foresti (2008), C. H. Goldman (2003), P. L. Graça (2007), S. Marquardt (2005), S. Matera (2005), J. M. Migliorini (2008), R. L. Rego (1999), C. A. F. Martins (2006), C. S. Oliveira (2008), H. N. S. Palermo (2008), M. M. Petrosino (2009), L. S. Puhí (2010), M. C. Tavares (2005), E. J. Vieira (2006), J. J. R. Vieira (2009), C. D. N. Rabelo (2006).

Pessoa (ARCE/PMJP)¹⁷ e constatamos que o mais antigo projeto de casa aparentemente moderna registrado na área em estudo datava de 1960. Este é o ano de constituição da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); onde apenas em 1974 será criado o Curso de Arquitetura¹⁸. O recorte temporal de 1960-1974, que decidimos adotar é, então, o da feitura de uma modernidade por arquitetos exógenos, engenheiros ou construtores.

A arquitetura deste período vem suscitando visões e abordagens distintas. Para vários autores entre 1960 e 1974, no âmbito internacional, a arquitetura doméstica caracteriza-se por uma pluralidade de expressões, posturas e resultados formais da modernidade, indicando, para outros, o início da pós-modernidade. Segundo Comas, no Brasil, (2006) nesta época, inicia-se o declínio da arquitetura moderna, moldada no período áureo e heróico dos anos 1940/50, cuja expressão formal nas residências não foi única, havendo “hibridações”. Bastos (2003:24)¹⁹ também considera que esse momento é marcado pela distorção dos princípios modernos. Para Zein (2005)²⁰, ele é “subestimado na historiografia internacional”; enquanto Spadoni (2007)²¹ considera que nele ocorre a transição da “matriz moderna”, uma “maturação”, por meio de “um saber acumulado” e reconhecido internacionalmente. Seria a modernidade pessoense um atestado do referido declínio? Ou antes a expressão de exemplares subestimados? No limite deste trabalho, pretendemos apenas contribuir com o registro e documentação, tentando melhor compreender a especificidade pessoense.

Estrutura da dissertação

No caminho adotado para tentar responder a cada uma destas questões a pesquisa foi desenvolvida seguindo etapas e procedimentos que resultaram nesta dissertação, organizada em três capítulos:

Capítulo 1: Atributos da casa moderna: uma comparação entre exemplares internacionais e nacionais

Esse capítulo foi resultante da revisão bibliográfica. Realizada em duas etapas onde inicialmente verificamos a bibliografia referente a produção nacional, esta etapa não respondia as questões iniciais, como caracterizar, então, eventuais particularismos pessoense, indo além dos a priori ou clichês? Tratam-se, sobretudo de aspectos construtivos? Ou estéticos? Programáticos? De organização diversa das atividades domésticas? De diferentes configurações espaciais? Encontramos elementos de modernidade muito heterogêneos, sobretudo na iconografia, na combinação de diversos daqueles itens, que, como já indicava Saia²², pareciam listar

¹⁷ Localizado no Centro Administrativo de João Pessoa. Resultados em DA COSTA, Roberta. Relatório de pesquisa. Outubro/2009.

¹⁸ A primeira turma ingressa efetivamente em 1975.

¹⁹ Em "Pós-Brasília rumos da arquitetura brasileira", a autora enfoca a produção de 1980/90, e afirma que a inauguração da capital federal é o ponto de mutação do panorama arquitetônico brasileiro. Os quinze anos posteriores, consequência do “milagre econômico”, é o resultado do progressivo esgotamento das pautas formais da modernidade no país, tanto da escola carioca como da escola paulista.

²⁰ Em sua tese de doutoramento, Zein aborda a produção de São Paulo entre 1953 e 1973, sob a ótica da inventividade formal e espacial do brutalismo paulista, e afirma que embora esta ainda não tenha tido seu devido reconhecimento na historiografia recente, é mais profícua entre 1960 e 1970. (R. V. ZEIN 2005)

²¹ Spadoni trata especificamente da produção da década de 1970/80/90. Diz que houve uma reconstrução da invenção, mas seu olhar está voltado para a continuidade nos anos 1980; não atribui aos específicos anos 1960 nenhuma qualidade, assim mais uma vez, permanece o lapso da memória dessa produção. (SPADONI 2007)

²² Em 1954, Luis Saia publica no jornal a Folha da Manhã (São Paulo) o artigo: *A fase heróica da arquitetura contemporânea brasileira* já foi esgotada há alguns anos, onde afirma que brise-soleil, colunas em V, pilotis, amebas, panos contínuos de vidro; são soluções formais

ingredientes de uma receita. Assim em um segundo momento, aprofundamos essa consulta bibliográfica, e a dividimos em:

- a) A modernidade residencial em geral na historiografia internacional,
- b) A casa moderna brasileira: na historiografia internacional e nos autores nacionais.

Em vez de adotar os pontos comumente assinalados pela literatura nacional, preferimos agrupar os aspectos disponíveis pela iconografia e assinalados pelos diversos autores seguindo a tríade vitruviana, livremente interpretada. A partir do que nos apontava o resultado dessa pesquisa, elaboramos uma lista em ordem cronológica com nomes, autores e localização das casas internacionais (174 casas) e nacionais (108 casas) produzidas entre 1900 e 1974²³. (ver página 32). Não pretendemos ter uma lista completa, nem tampouco proceder a uma análise exaustiva, nem poderíamos fazê-lo, levando em conta os limites do material iconográfico disponível,²⁴ sobretudo para as casas internacionais que desconhecemos. Tentamos apenas organizar alguns aspectos que pudessem nortear nossa comparação com a casa pessoense em estudo.

Elencamos as características que os autores forneciam sobre cada casa, não raro aconteceu de encontrarmos a citação de uma obra sem comentários sobre a mesma, assim dada a incompletude dos dados, no desenvolvimento dessa etapa reduzimos o número de casas, estudamos um total de 75 casas internacionais e 92 nacionais. Sistematizamos em tabelas os dados coletados, com critérios similares aos que usamos para verificar nossa mostra, construídos segundo o quadro analítico a seguir.

Etapa 1 - O quadro analítico. Construção de uma ficha para apreensão dos atributos das casas inspirada na tradição Vitruviana

Para entender – ainda que de uma maneira panorâmica - que aspectos foram mais recorrentes nas casas modernas nacionais e internacionais mais famosas, organizamos uma tabela para observá-las, homogeneizando os critérios. Inspiramo-nos livremente em Vitruvius, cujo tratado²⁵ definiu a prática da arquitetura baseada na tradição, na experiência, nos termos da famosa tríade: *utilitas* (utilidade) *firmitas* (solidez) e *venustas* (beleza). Retomando os estudos do arquiteto romano, quinze séculos mais tarde, Alberti, como pensador do Renascimento, reorganizou os princípios em termos de projeto, em experimento, em como deveria ser construído, propondo uma nova tríade: *necessitas*, *commoditas* e *voluptas*. Segundo Limonad²⁶ haveria uma distinção entre utilidade e necessidade, pois:

que estão sendo propagadas como identificadores da arquitetura moderna brasileira, mas que essa seria uma maneira inócua de ver o verdadeiro valor da produção nacional. (in XAVIER, 1987:199-202)

²³ Ilustrados na cronologia - capítulo 1.

²⁴ Por exemplo, não era possível nas casas internacionais verificar a relação com o clima, entre outros aspectos; também acontecia de as casas estarem citadas, mas na publicação não haver informações iconográficas suficientes.

²⁵ Utilizamos para fins de nosso estudo a tradução de Julio Kantinsky: POLIÃO, Marco Vitruvio. *Da Arquitetura*. 1999.

²⁶ <http://www.ub.es/geocrit/b3w-644.htm>

Uma coisa pode ser útil, porém desnecessária; a necessidade antecede a utilidade em termos da reprodução social enquanto um valor de uso, para a satisfação dos desejos do corpo e do espírito. [...] Assim, a substituição de *utilitas* por *necessitas* colocaria o homem, ser social, como centro da obra arquitetônica, não bastava mais o produto arquitetônico, a edificação, possuir uma utilidade, havia que se atender a uma necessidade, o mesmo pode-se dizer da introdução de *commoditas* e *voluptas*. Deixava-se de lado, assim, uma postura de austeridade para se privilegiar o conforto e o prazer estético. (E. LIMONARD, 2006)

Para os objetivos de nosso trabalho,²⁷ esta distinção, que traz à tona as motivações das escolhas arquitetônicas, não teria, em princípio, implicações. Assim, aqui simplesmente retomamos Vitruvius e Alberti, como fizeram a seguir, muitos outros, como Horatio Greenough (1947), traduzindo e interpretando as tríades, considerando, de uma maneira geral, que a arquitetura é arte, é técnica e corresponde a um determinado uso social historicamente determinado.

Determinação dos aspectos a serem analisados.

Retivemos primeiramente o que disse Vitruvius quanto à importância do lugar, quando, ao começar seus 10 livros fala da escolha do bom local para construir e a esta preocupação inicial acrescentamos a tríade²⁸, interpretada conforme os elementos de observação a seguir:

- a) Aspectos do Lugar: Buscamos em primeiro lugar caracterizar se o lote situava-se em zona urbana já adensada; se era suburbano; de esquina ou em meio de quadra; se ribeirinho ou praieiro - ou então rural, campo ou montanha, bem como os tamanhos se grande ou exíguo. Um segundo dado observado foi a implantação da edificação, tanto em relação aos limites laterais do lote, se ocupa alguma ou mais de uma das divisas, em função da fórmula “casa solta no lote” tida por muitos, como indicador de modernidade. Também foi buscada a relação da edificação com o solo, ou seja, a relação com a topografia do terreno, se implantada em terreno acidentado, se em terreno plano. Tentava-se verificar à acomodação da massa edificada à topografia (se foi elevada em relação ao solo, ou se o terreno foi escavado ou aterrado para criar desníveis) e sobretudo a presença ou não do pilotis, outro índice recorrente de modernidade residencial na bibliografia. Na implantação, buscou-se verificar também aspectos paisagísticos: jardins, internos ou externos, pátios, vazando a massa edificada, e a percepção destes elementos desde o exterior. Buscou-se ainda extrair os esquemas de acesso à edificação: se realizados por escadas e/ou rampas ou no mesmo nível da rua, se obedecem a setorizações (social, íntimo e serviço). Por fim, buscou-se perceber as questões de adequação climática na implantação, se a orientação era favorável a captação dos ventos predominantes.
- b) Aspectos funcionais e espaciais: Buscou-se averiguar a distribuição programática em relação aos número de pisos das casas (térreas, de dois pavimentos, três pavimentos, e meio níveis: as planimetrias (cruciformes, em L, longilíneas) e as relações com os setores (social, íntimo e serviço); os

²⁷ Que diferem dos de Limonard, op.cit.

²⁸ Quarteto, aliás, proposto por Mahfuz(2002) em outros moldes.

elementos articuladores da comunicação intersetorial, como escadas, rampas e circulações, a visibilidade setorial externa. Procurou-se também perceber os aspectos da flexibilidade espacial, sabendo que estes se relacionam geralmente com os aspectos construtivos: a planta livre de impedimentos murais, dada a estrutura independente, *promenade architecturale* proposta por Le Corbusier; a espacialidade do *raumplan* de Loos, mas com limites da caixa determinados. Se a planta indicava um espaço contínuo (verticais com a presença de mezanino e pé-direito duplo, por exemplo e horizontais), se induzia a uma circulação centrípeta ou centrífuga, a uma maior comunicação com áreas abertas (terraços e jardins) verificados em janelas de canto como nas casas usonianas de Wright; se havia planos que não se encontram em quinas, como na casa Rietveld. Ou em perspectivas segundo espaço infinito das casas de Mies van Der Rohe. Buscou-se ainda identificar arranjos espaciais compostos a partir dos seguintes elementos: escadas, rampas, pérgulas, pátio, mezaninos, terraços jardins, marquises ou grandes sacadas em balanço.

- c) Aspectos Construtivos: Nestes elencamos inicialmente as fundações²⁹ mas retivemos finalmente o sistema estrutural (vetor ativo, forma ativa, massa ativa, superfície ativa) e a eventual modulação do mesmo. A evidência ou disfarce da ossatura independente e a coberta – plana, inclinada, curva, pergolada. Fechamentos – opacos (paredes, divisórias), transparentes, semitransparentes e os tipos de aberturas, se contínuas ou em manchas (FRAMPTON, 2001), em quina, ou óculo. Destacamos ainda os materiais utilizados em cada um dos elementos: estrutura, vedação e coberta.
- d) Aspectos Estéticos (venustas): Aqui procuramos identificar a adoção da abstração (geométrica ou formas livres), se o resultado da volumetria acentuava a dimensão horizontal ou vertical, por recursos da fenestração contínua e/ou balanços; como era a leitura axial da casa. se resultava em uma composição simétricas ou assimétricas; a observância da regra da honestidade dos materiais, ou seja que um material não deva fingir que é outro, a expressão construtiva, seja pela estrutura aparente, seja pela lógica dos desempenhos dos materiais (formas, cores e texturas) e da colocação de elementos decorativos (como painéis) segundo a hierarquia do sistema construtivo.

Trabalhamos aqui com dados ainda brutos, estamos cientes de que em uma análise os atributos coletados devem ser relacionados³⁰. Frampton(2001), por exemplo, indicou varias tectônicas modernistas, ou seja, várias maneiras de relacionar os meios expressivos, estéticos com os meios construtivos. Não é nosso objetivo, no entanto. E por hora iremos apenas cotejar discurso e achados iconográficos nas casas citadas:

PARTE I – A casa moderna na historiografia internacional. Confrontamos a bibliografia a partir dos títulos visitados por Tinem (2006), revisamos as casas internacionais citadas em: K. Frampton (1997), L. Benévolo

²⁹ Aspectos como fundações são importantes e necessários, contudo em relação as casas internacionais não será possível observar. Na medida da disponibilidade dos dados alguns elementos como fundações sabemos ser indisponível e por isso não consideramos.

³⁰ Levantar estes dados com indicadores estatísticos, é um caminho possível de ser tentado, optamos pela coleta direta de informações e por utilizá-las em estado bruto devido ao limite de tempo disponível para esta etapa, introduzida no escopo da pesquisa quando mudamos de orientadora, em dezembro de 2010.

(2004), G. C. Argan (1992), H. R. Hitchcock (1976), R. De Fusco (1992), N. Pevsner (2002) complementando-os com M. Ragon (1986), B. Risebero (1982), E. Robbins (1997), B. Zevi (1984) e atualizando-os D. Dunster (1999), A. Colquhoun (2002), V. Scully (2003), R. Weston (2005), A. Iñaki (2006) J. Peter (1994). Destes autores extraímos: a) o discurso sobre as características intrínsecas à arquitetura moderna residencial e b) as indicações das casas internacionais e brasileiras para as quais fomos buscar iconografia complementar a fim de aplicar nossa descrição e cotejar os achados com o discurso. Organizamos os dados imediatos, figuras e ficha de identificação em uma lista cronológica (quadro sinótico 01 – pg 32) ao final da primeira parte, juntamente com a tabela 01 (pg 43) que expõe os resultados obtidos no cotejamento discurso/iconografia (ver apêndice).

PARTE II - Casas modernas brasileiras nas abordagens historiográficas. O procedimento foi similar ao anterior: pesquisamos na historiografia da arquitetura moderna brasileira, a incidência e citações de casas unifamiliares: desde os clássicos H. Mindlin (2000), Y. Bruand (2005) e C. A. C. Lemos (2003)³¹; até as releituras contemporâneas.³² Identificamos que muitos autores se dedicam a aspectos específicos como agenciamentos espaciais e/ou interdisciplinares;³³ ou ainda aos chamados processos de difusão e disseminação na produção residencial moderna.³⁴ Nesse item abordamos brevemente a linhagem atribuída a casa brasileira e suas conseqüentes filiações de acordo com a historiografia, e nos questionamos se essa construção estaria sendo reproduzida localmente.

Capítulo 2: Casas modernas na Orla Marítima João Pessoa: Nesse capítulo apresentamos o contexto das casas modernas da orla marítima de João Pessoa. Após breves considerações sobre as primeiras casas apresentamos a consolidação do morar na praia, por meio dos principais agentes da modernidade: os clientes e os projetistas (arquitetos, engenheiros e incorporadores), observando as solicitações e conseqüentes respostas arquitetônicas. É a exposição do nosso universo de pesquisa, construído durante as seguintes etapas: 1) Para contextualizar a modernidade da orla pessoense estudamos seis casas que antecederam o nosso recorte temporal, iindicadas por outros pesquisadores, ou indicadas diretamente nas entrevistas com alguns atores (proprietários e o arquiteto Mario Glauco Di Lascio). O intuito foi identificar uma possível reprodução de elementos arquitetônicos que caracterizariam arquiteturas modernas, disseminados através do contato direto com os objetos edílicos, etapa que constituiu a introdução do capítulo. 2) Na segunda etapa definimos a mostra elencada: numa primeira triagem, identificamos, no ARCEN/PMJP, 389 domicílios construídos na Orla Marítima

³¹ Publicações originais: H. Mindlin - 1956 (inglês), 1999 (português); Y. Bruand – 1971, (francês), 1981 (português); e, C. A. C. Lemos - 1979. Lemos apresenta fotos sem comentários das casas de Oswaldo Bratke(1953), de Paulo Mendes da Rocha(1964), e de Roberto Milan(1960) e inclui o Hotel Tambaú de Sérgio Bernardes, de João Pessoa. (1972)

³² C. E. Comas (2002), L. Cavalcanti (2001), e A. Guerra e A. C. Ribeiro (2006); H. Segawa (2002), M. Acayaba e S. Fischer (1982), M. A. J. Bastos(2003), O. Arantes (1995), G. M. Bayeux (1991), S. M. Marques(2002), R. Ortiz(1988) e R. Zein(2005) incluindo uma tese recente sobre a casa latino americana D. Stinco (2010)³².

³³ F. Novaes(1997), C. Lemos(1979, 1999), T. B. Correia(2004), N. Bonduki (1999), M. A. Buzzar(2003), N. G. Reis Filho(1995), L. Saia(1978) L. E. Amorim (2001), L. O. Silva(2004), que levantam especificidade de arranjos configuracionais ou de usos, como a dissertação de mestrado de M. Azenha(2009) sobre casa de praia. Como os de F. D. Moreira(2007), G. Naslavsky(2004) os artigos M. M. Camisassa (2009) e S. Marques(2006).

³⁴ L. C. Frola(1993), A. M. Arruda(1999), S.Jr. Guadanhin(2002), F. Lara(2001), R. M. Chaves(2001), C. H. Goldman(2003), A. C. S. Melo(2004), I. F. A. e Silva(2004), J. M. Migliorini(2008), G. Naslavsky(2004), S. Matera(2005), M. Heck (2005), M. N. Gonçalves(2006), F. T. B. Pereira(2006), Alberton(2006); P. F. Rosseto(2006), L. H. H. Luccas(2007), P. L. Graça(2007), M. Cotrim(2007), E. Modenes Filho(2008), S. C. D. Roveroni(2008), E. M. Arruda e M. T. Pereira(2009).

entre 1960 e 1974. Destes, apenas 55 tinham aparentemente os ingredientes modernistas, como citados na bibliografia. Completamos as fontes na medida do possível e algumas foram descartadas o que nos levou a uma mostra de 61 casas, para o cotejamento com os achados da bibliografia nacional e internacional. Essas casas estabeleceram o universo de nossa pesquisa, nos dando um panorama das características modernas nesses exemplares, a partir da observação dos quatro aspectos utilizados no capítulo precedente para a arquitetura residencial internacional e nacional. Este panorama foi dividido em duas partes com os objetos datados por década, 1960 e 1970. Ao final comparamos os achados com os exemplares internacionais e nacionais. As caracterizações conduziram a escolha da mostra seletiva, de 10 exemplares escolhidas como representantes da diversidade da produção da arquitetura moderna da Orla Marítima de João Pessoa. Onde cada casa revelou um aspecto peculiar dos casos estudados. Resultando no capítulo 3.

Capítulo 3: *Dez casas modernas na orla marítima de João Pessoa*. Nesse capítulo a mostra foi revista à luz do redesenho e de uma maquete de estudo,³⁵ procedimento recomendado por diversos autores (H. PIÑON, 1998; H. HARAGUCHI, 1989, B. ZEVI, 1996, F. LARA, 2001, G. H. BAKER, 1998) para uniformizar a representação do objeto a ser analisado e oferecer uma maior legibilidade dos diversos aspectos em estudo. Sobre elas, aplicamos a descrição analítica apoiada e recursos gráficos. É o corpus de nossa pesquisa, detalhando os mesmos quatro aspectos considerados anteriormente. Nas fichas descritivas constam, além da identificação com data, autoria, e localização; usamos como referências os estudos desenvolvidos no LPPM/CAU/UFPB, e os trabalhos específicos de redesenho de B. ZEVI(1984), A. C. MIGUEL(2000), M. COTRIM(2006), J. H. CHEREGARTI(2006), D. Z. CYPRIANO(2008), C. V. STINCO(2010). Na primeira parte os procedimentos são detalhados e apresentamos novos atributos. Ressaltamos ao final do capítulo quais os mais relevantes, e as qualidades mais peculiares da mostra.

Capítulo 4: *Conclusões sobre as casas modernas da Orla Marítima de João Pessoa*, onde apresentamos os achados de nossa pesquisa, tentando responder às inquietações iniciais e à verificação de nossa hipótese.

³⁵ Estratégia que usamos nas orientações dos registros de nosso estágio docência sob supervisão da profª. Nelci Tinem.

Capítulo 1

CAPÍTULO 1

Atributos da casa moderna: uma comparação entre exemplares internacionais e nacionais

Neste capítulo apresentamos um panorama comparativo entre as casas modernas internacionais, para verificar quais as diferenças e aproximações entre as duas produções. Está dividido em duas partes, cada qual tendo por sua vez em três momentos.

A primeira parte verifica a casa na historiografia da arquitetura moderna internacional. Num primeiro momento, levantamos as características que são mais freqüentemente destacadas. Num segundo, listamos os exemplares mais citados, incluindo as casas brasileiras (ver pg. 43). Num terceiro, cotejamos, na medida dos dados disponíveis, os discursos e a iconografia.

Na segunda parte, os três momentos são repetidos; ou seja, o mesmo processo de observação é aplicado a uma lista de casas feita a partir da bibliografia especificamente consagrada à arquitetura moderna brasileira.

Analisamos os aspectos sucintamente, levando em conta os limites do material iconográfico disponível,³⁶ sobretudo nas casas internacionais que desconhecemos. Organizamos alguns aspectos que nortearam nossa comparação com a casa pessoense.

PARTE I – A casa moderna na historiografia internacional

1.1 A casa moderna no discurso: datações e atributos

Muitos autores, a exemplo de Benévolo, iniciam a modernidade residencial com a Red House (1859) de Philip Webb, construída para William Morris; considerando a Secessão Vienense como parte do movimento Art Nouveau e este como parte do movimento moderno. Para Weston (2002), no entanto, as residências unifamiliares, construídas nas três primeiras décadas do século XX, na Europa, seriam apenas parcialmente modernas: elas resultam de um conjunto de idéias sobre a continuidade espacial e organização funcional; adotam volumes simples, apresentam uma regularidade de distribuição da planta e recusam ornamentos. Para o autor, a expressão de modernidade é dada, sobretudo pela imagem e aparência "através de extensos envidraçados com janelas de canto, e não pelo projeto, ainda relativamente convencional" A modernidade residencial só se afirmaria, portanto, segundo este autor, a partir dos anos 1930. (WESTON, 2002:54-58).

Em geral e independentemente das datações, a arquitetura residencial moderna é descrita através de alguns clichês como "ausência de ornatos"³⁷ e "formas puras e limpas", "a forma que segue a função", "máquina de morar" ou a "verdade estrutural", possibilitada pelo uso do concreto, material determinante para as construções modernas. Estas descrições podem ser relacionadas com fontes de interpretações historiográficas muito

³⁶ Por exemplo, não era possível nas casas internacionais verificar a relação com o clima, entre outros aspectos; também acontecia de as casas estarem citadas, mas na publicação não haver informações iconográficas suficientes.

³⁷ Provavelmente derivado de uma interpretação equivocada da postura de Loos, como evidenciaremos adiante.

influentes, entre as quais destacaremos a seguir: as baseadas em vertentes, códigos estilos, ou estilo; os escritos de Loos e de Le Corbusier e os escritos de Argan.

1.1.1. Vertentes códigos-estilo ou estilo internacional

Para os objetivos de nosso trabalho³⁸, esta distinção, que traz à tona as motivações das escolhas arquitetônicas, não teria, em princípio, implicações. Assim, aqui simplesmente retomamos Vitruvius e Alberti, como fizeram autores diversos ao olhar a modernidade arquitetônica. Como por exemplo Zevi-Behrendt³⁹ que retomaram uma tradição da historiografia da arte segundo a qual, em todo período ao longo da História, tendências opostas - apolíneas e dionisíacas - poderiam ser encontradas. A arquitetura moderna se dividiria assim em duas vertentes, organicismo e racionalismo⁴⁰ visíveis respectivamente nas casas mais citadas do período: a Casa Kaufmann sobre a cascata de Frank Lloyd Wright; e a Casa Savoye de Le Corbusier. De Fusco (1992) em esquema similar de interpretação, dividiu a modernidade em dois códigos-estilos: o organicismo, representado pela Vila Mairea e a casa da Cascata e o racionalismo, visto na casa Savoye e nas residências miesianas como a Farnsworth.⁴¹ Muitos autores contemporâneos demonstram que esta oposição parte de uma metáfora sem sentido, pois, como salienta Topalov, máquina e organismo seriam analogias pertencentes a um mesmo raciocínio funcional: peça de máquina ou membro de um organismo as partes devem concorrer para um funcionamento racional ou harmônico (TOPALOV, 1984). Ragon (1986, tomo 2: 170), por sua vez destaca como o próprio Lloyd Wright também se referia à casa como uma máquina de morar⁴². Já a bibliografia norte-americana, na esteira de Philip Johnson tende a associar modernismo a estilo internacional, postura já criticada à época pelos próprios modernistas como Gropius.

1.1.2. Os escritos de Loos e de Le Corbusier

Um dos maiores clichês como “ausência de ornamentos” deve-se, em parte, à má interpretação do clássico *Ornamento y delito* de Adolf Loos. Que no entanto, não dizia que o ornamento era crime, mas, analisava as formas como este deveria ser introduzido na construção. Outro lugar comum na bibliografia é a redução dos escritos corbuserianos a uma receita prescritiva de cinco pontos: pilotis, planta livre, terraço jardim, *fenêtre en longueur* e fachada livre⁴³. Esta redução não faz jus nem aos escritos nem às realizações do arquiteto que, em 1920/21, lembrava aos colegas a importância do volume, da beleza das formas primárias, das superfícies que envolviam o volume e de suas divisões, além da planta, como elemento gerador da ordem. Esta noção também foi muito mal interpretada como se a forma de projetar fosse acomodar atividades numa planta e daí elevar-se

³⁸ Que diferem dos de Limonad que discute o que é uma boa arquitetura, op.cit.

³⁹ Ver ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁴⁰ Esta dualidade está presente em muitas pesquisas que tratam sobre arquitetura moderna e sua difusão. No entanto os objetos que serão apresentados como desdobramentos dessas referências, em geral, mantêm pouca ou nenhuma relação com os ícones elencados.

⁴¹ Oposição forjada pela historiografia, no Brasil, via Artigas (S. MARQUES e G. NASLAVSKY, 2001) foi associada à predileções políticas e gerou muita polêmica nos “arraiais” modernistas, como escreveu Lucio Costa sobre o assunto (L. COSTA, 2007).

⁴² Segundo Ragon, o slogan “a casa é uma máquina de morar” havia sido empregada por Wright, Gropius e Sant’Elia antes de Le Corbusier e se inscreve na tradição de homem máquina de Descartes (1986, tomo 2:170)

⁴³ Comas denomina “palafita”. O terreno estaria completamente liberado da construção e aproxima o terraço jardim em alguns casos do mégaron, indicando uma tradição neste ponto da modernidade. (Julho de 2006)

um volume. Mas Le Corbusier disse, então, que a vida moderna pedia e esperava “*por uma nova planta (ou plano?)*”⁴⁴ *para a casa e para a cidade*”. Advogava a importância do traçado regulador – como meio e não como receita - cuja “*escolha e modalidades de expressão fazem parte integrante da criação da arquitetura*.” (L. CORBUSIER, 1977: 41)” E dizia que a modernidade é a pedra de toque do arquiteto. A contribuição de Le Corbusier, tanto nos escritos como nas obras, ultrapassa de longe os famosos cinco pontos.

1.1.3. As características apontadas por Argan

Argan, por sua vez, destaca outros pontos, que também foram retomadas por De Fusco. Um primeiro é modo de implantação da casa moderna, a edificação “solta no lote”, que permite a visualização do objeto arquitetônico sob várias perspectivas, derivado da ótica cubista. O concreto como material determinante para as construções modernas, promovendo a ossatura independente são também destacados pelo autor.

As casas soltas no lote de fato parecem, de fato, muito comuns na arquitetura residencial do século XX, muitas vezes esse tipo de implantação era uma resposta a legislação vigente, ou também por estarem, essas habitações localizadas nos arrabaldes, onde havia lotes mais disponíveis que nos centros urbanos europeus. Tampouco os itens elencados por Argan⁴⁵, nem os cinco pontos corbuserianos nos pareciam, em princípio, presentes em conjunto (ou em maioria) nas casas consideradas modernistas pela literatura. Nessas referências, os atributos parecem apontar para um tipo ideal, no sentido weberiano; ou seja, de características de um ideal a ser atingido, mas que não existe na realidade. A exemplaridade da Casa Savoye - única na trajetória de projeto de Le Corbusier, vale insistir – é justamente o que permite que, numa análise do ponto de vista compositivo, Colin Rowe (1976), a compare à lógica classicista da Villa Rotonda de Palladio. Ambas perseguem modelos ideais. Além disso, como lembra Comas (2006), a Villa Savoye tem também reminiscências dos jardins suspensos da Cartuxa de Galluzzo, em Val d’Ema; e, sobretudo uma disposição dos quartos e dos seus anexos - casas de banho e quartos de arrumos - que recordam as mansões particulares do século XVIII, não sendo o único exemplo de recurso à tradição erudita utilizada pelo mestre modernista.

Seriam as explicações acima e os exemplos das duas casas – a Savoye e a Kauffman - suficientes para o entendimento da casa modernista em geral, no Brasil e nas diversas regiões como no Nordeste? Não haveria outras “modernidades”? É o que tentamos averiguar cotejando os discursos da historiografia e verificando a posição destas casas no conjunto das casas mais citadas (Lista Iconográfica – página 32).

1.2. A revisão iconográfica: periodização e seleção de exemplares

Nossa listagem foi elaborada tendo em vista o objetivo desta pesquisa: ela deveria oferecer a apreciação das casas internacionais, para depois, de modo progressivamente mais detalhado, verificar as casas nacionais, os 61 exemplares da orla pessoense e finalmente os 10 exemplares selecionados. Tendo em vista o local e o

⁴⁴ A palavra em francês é a mesma.

⁴⁵ Para Argan, o organismo de Wright é “simultaneamente urbano e natural”, sua maior característica arquitetura doméstica está em romper com a casa tradicional vitoriana, propunha a reestruturação da vida urbana a partir da casa unifamiliar suburbana. (1992:251)

período que vamos estudar, (João Pessoa, 1960-1974) retiramos da lista de exemplos internacionais, edificações como a Casa Behrens (1901) e o Palacete Stoklet (1904-1911); que, em geral, são edificações consideradas como pertencentes ao movimento Art Nouveau e Secessão Vienense, respectivamente. Excluímos também as experiências do expressionismo alemão como a Casa Sem Fim de Kiesler. Por razões análogas, paramos nossa lista internacional nos anos sessenta; uma vez que, a partir daí as casas mais influentes frequentemente assinaladas, como a Sea Ranch de Moore (1965) e a casa Vanna Venturi (1962), se inscrevem num quadro de produção cultural de contraposição à modernidade; diferente do quadro brasileiro⁴⁶. Aqui, em seguida à inauguração de Brasília, a arquitetura moderna não deixa de se afirmar, sob vertentes diversas.⁴⁷

1.3 Cotejando os discursos com os achados da tabela

A implantação no solo apresenta-se segundo três grandes agrupamentos: as casas pousadas diretamente no solo, com o pavimento térreo no nível do terreno ou elevados; as casas que não tocam no solo, pois o pavimento térreo é elevado por pequenos suportes, Farnsworth; as casas sobre pilotis. Os resultados obtidos mostram que embora a planta livre tenha sido recorrente em várias casas, e que este elemento seja um dos ícones da modernidade, raras são as casas nos quais ele figura, nas casas internacionais além da própria casa Savoye, apenas quatro seguem o esquema proposto por Corbusier. Pouco comum no programa doméstico, não é surpreendente que a implantação sobre pilotis tenha deslumbrado os críticos e historiadores como Argan, por exemplo, segundo o qual seria esse elemento que permitiria que a arquitetura de Le Corbusier fosse vista como fruto do domínio da razão pura, resultado de um racionalismo formal:

[...] o edifício não atrapalhará a natureza aberta colocando-se como bloco hermético; a natureza não se deterá à soleira, entrará na casa. O espaço é contínuo, a forma deve se inserir como espaço da civilização, no espaço da natureza. [...] a construção ideal do espaço torna-se a construção material do edifício. A casa como volume erigido sobre pilares (pilotis), de maneira que se possa circular por baixo dela, sem que o movimento da cidade seja interrompido pelos blocos maciços das construções nem canalizado para os cunículos sufocantes das ruas; [...] (ARGAN, 2001:266)

Essa implantação da casa completamente elevada do solo embora muito propagada pela bibliografia e usada como referência por muitos autores, foi, no entanto pouco recorrente em nosso levantamento. A solução híbrida da construção parcialmente suspensa foi identificada em 8 casas, no entanto predominou a edificação pousada (62 casas).

Em relação ao perímetro do lote, identificamos dois grandes modelos: um no qual a casa é completamente afastada do perímetro, “solta no lote”, outro no qual ela é colada em um ou dois limites. No conjunto observado, a primeira implantação é de longe campeã. Como a Savoye, são soltas as casas de Frank Loyd Wright, as de Neutra e outras residências, sejam elas permanentes ou de fim de semana. A escolha por esse tipo de implantação é usual principalmente em casas suburbanas, nas quais os arquitetos podiam escapar aos

⁴⁶ No, Brasil, e em outros países, como o Canadá e o Japão, os anos sessenta seriam de difusão, de adoção do modernismo tardio ou brutalismo. (L. BENEVOLO op.cit e RAGON, op.cit.)























⁴⁷ Como evocam M. M. Acayaba & S. Fischer, 1982; H. Segawa, 2002; O. Arantes 1995; R. V. Zein 2005.





















constrangimentos de morfologias urbanas precedentes, densamente construídas ao longo do tempo, como nas cidades européias ou para seguir o sonho americano da moradia longe de *downtown*. Casas européias, em cidades já muito densas à época, como Paris (Chareau), Viena (Àustria) e Boulogne Billancourt (Paris) são encostadas nos limites laterais ou frontais. Vale ressaltar que Le Corbusier não fez essa opção em Pessac, onde teve talvez a possibilidade de adotar a implantação que bem lhe aprouvesse, as casas são coladas nos limites dos lotes.




















Composições assimétricas (42 casas), estão numa maioria pouco expressiva, a simetria (32 casas) não foi abandonada pelos arquitetos modernistas


















Predominam casas com terraços, varandas ou pátios abertos aos jardins. Curiosamente, a incidência dos tetos-jardim é pequena, sendo mais comum a presença de um terraço que é apenas parte do teto, um mégaro, releitura do terraço mediterrâneo (COMAS, julho de 2006). Do mesmo modo, embora muitas casas tenham a *fenêtre en longueur*, as aberturas em manchas, ou em quina foram mais recorrentes. Quanto às estruturas, mesmo quando existiam grandes aberturas, a estrutura inserida na divisória foi mais incidente foi mais recorrente do que a exposição da ossatura independente em concreto. Quanto ao concreto o uso do material também foi menos identificado do que o sugere a bibliografia.











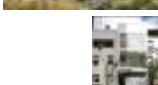













Para concluir esta avaliação sobre as casas modernas, vale ressaltar que, na bibliografia consultada, comparecem apenas 5 casas brasileiras. Nos clássicos, a casa da Rua Santa Cruz (Warchavchik), a Casa de Canoas de Oscar Niemeyer e a Casa Bratke, de Oswaldo Bratke. Já nos mais recentes, como Weston, a casa de vidro de Lina Bo Bardi e a Casa pátio de Bernard Rutofsky nos são apresentadas. A casa das Canoas foi sem dúvida a residência brasileira que mais chamou a atenção estrangeira quanto, citada por K. Frampton (1997), H. R. Hitchcock(1976), R. Weston (2002). Estas casas que tanto atraíram o olhar estrangeiro comparecem igualmente na historiografia nacional, como veremos a seguir.
















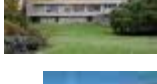

CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	CI_01 Ward Willetts House Frank Lloyd Wright Highland Park, IL, 1900-02	1900	
	Blackwell House M.H. Billie Scott Inglaterra		
	Casa Olbrich Josef Maira Olbrich Damstadt		
	Casa e escritório Hvitträsk Lago Vitträsk Gesellius, Lindgren e Saarinen	1901	
	Casa Hill House Mackintosh Helensburg, Escócia	1902	
	Villa Karma Aldolf Loos Montreux	1903	
			
			
			
	Palacete Stoclet J. Hoffmann Bruxelas	1904	
	Darwin Martin House Frank Lloyd Wright Bufalo New York		
	Casa Batlló(1905-07) Antonio Gaudi Barcelona	1905	
	Castel Orgeval Hector Guimard Villemoisson, França		
	CI_02 Casa Robie Frank Lloyd Wright Chicago	1906	
	Casa Isabel Roberts Frank Lloyd Wright Ilinois	1907	
	CI_03 Casa Gamble Greene e Greene Pasadena		
	Hotel Guimard Hector Guimard Paris	1909	
	CI_04 Casa Steiner Aldolf Loos Viena	1910	
	Casa Scheu Adolf Loos Viena		
	CI_05 Taliesin I Frank Lloyd Wright Ilinois	1911	
	Kröller-Müller Mies Van der Rohe Projeto, Exposição em Haia	1912	













CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	CI_06 Casa Horner Adolf Loos Viena Austria	1913	
	Torre La Creu Josep Maria Jujol Barcelona		
	Casa Guy Hyde Chick Bernard Maybeck Berkeley, California	1914	
	CI_07 Dom-ino (projeto) Le Corbusier	1915	
	Villa Henny Huis ter Heide Utrecht Robert van't Hoff	1916	
	CI_08 Casa Monol Le Corbusier	1919	
	CI_09 Casas Citrohan Le Corbusier	1920	Casa da Praia do Russel Virzi Rio de Janeiro
	Casa Sommerfeld Walter Gropius e Adolf Meyer Dahlem, Berlim		
	CI_10 Casa Schindler-Chace, 1920 a 22 Rudolf Schindler West Hollywood, Califórnia		
	CI_11 Casa Dodge Irving Grill Los Angeles California	1921	
	CI_12 Milard House, Frank Lloyd Wright Pasadena, California	1922	Casa de Ricardo Severo Ricardo Severo Guarujá São Paulo
	Casa Rufer Adolf Loos Viena		
	CI_13 Casa Schroder Gerrit Rietveld	1923	
	Villa Noailles Mallet Stevens Hyères		
	CI_14 Casa de campo em tijolos (projeto) Mies Van der Rohe		
	Casa de campo em concreto (projeto) Mies Van der Rohe		
	CI_15 La Roche Le Corbusier e Jeanneret Paris		
	CI_16 Maison Ozenfant Le Corbusier Paris		
	Ennis House Frank Lloyd Wright Los Angeles		
	CI_17 Lovell Beach House Rudolph Schindler New Port, California		

















CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	Casa sem fim (projeto) Kiesler	1924	
	Casas atelier Lipchitz-Miestchaninoff Le Corbusier Boulogne sur Seine		
	CI_18 Cite Frugès 1924 Le Corbusier (Pessac - Francia)	1924	
	Casa Harriet e Samuel Freeman Frank Lloyd Wright Chicago		
	Ville d'Avray e Mézy Mallet-Stevens Banlieue de Paris	1925	Projeto para a casa Raul Pedrosa Lucio Costa e Fernando Valentim Rio de Janeiro
	Taliesin III Frank Lloyd Wright Winconsin		
	Casas atelier Le Corbusier Guiette (Anvers - Bélgica).	1926	
	Casa Pintor Lenglet De Koninck Malers Lenglet Uccle		
	CI_19 Casas Cook Le Corbusier Boulogne sur Seine		
	CI_20 Casa Stein Le Corbusier Garches		
	Casas cubistas Mallet Stevens Paris		
	Casa Tzara Adolf Loos Paris	1926	
	Casa Sternefeld Erich Mendelsohn Berlim		
	CI_21 Casa E1027 Eileen Gray Roquebrune Cap-Martin, Mônaco	1926	
	CI_22 Casa da Rua Santa Cruz Gregori Warchavchik São Paulo, SP	1927	CN_01 Casa da Rua Santa Cruz Gregori Warchavchik São Paulo, SP
	Duas casas com teto jardim Le Corbusier Weissenhof-Siedlung 1927 Stuttgart-Francia		Casa Arnaldo Guinle projeto Victor Dubugras Teresopolis Rio de Janiero
	Casa em Weissenhof Gropius Weissenhof		
	CI_23 Casa-estúdio Melnikov Konstantin Melkinov Moscou		
	Casa em série Hilberseimer Weissenhof		












CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	Casa Taut Bruno Taut Weissenhof	1927	
	CI_24 Casa de vidro Pierre Chareau and Bernard Bijvoet Paris		
	CI_25 Lovell House Richard Neutra Los Angeles, EUA		
	Casa Moler Adof Loos Viena	1928	CN_02 Casa de Max Graf Gregori Warchavchik São Paulo
	CI_26 Villa Savoye Le Corbusier e Jeanneret Poissy, Paris	1928	
	CI_27 Casa do Futuro (projeto) <small>exposição</small> Arne Jacobsen Dinamarca	1929	CN_03 Casa João Souza de Lima Gregori Warchavchik São Paulo
	CI_28 Casa Mandrot LeCorbusier Toulon, França		
	Dymaxion house Buckminster Fuller Projeto		CN_04 Casa do Dr. Cândido da Silva Gregori Warchavchik Lapa – Rio de Janeiro
		1929	CN_05 Casa Modernista da Rua Itapolis Gregori Warchavchik São Paulo
			CN_06 Casa Kirchgässner Frederico Kirchgässner Curitiba
	CI_29 Casa Müller Adolf Loos Praga	1930	CN_07 Casa Luís da Silva Prado Gregori Warchavchik São Paulo
	CI_30 Tugendhat Mies Van der Rohe Brno, Theca		CN_08 Casa Fontes Lucio Costa Rio de Janeiro
	CI_31 Casa Errazures Le Crobusier e Jeqanneret Chile		
	Casa eletrica Figini e Pollini Exposição de arte decorativa, Monza		
	Casa Sven Markelius Sven Markelius Nockby		
	High and Over Amyas Connel Amersham, Inglaterra		
	Casa Field Wiliam Lescaze New York		
	CI_32 Casa Jacobs Frank Loyd Wright Chicago	1931	CN_09 Casa William Nordchild, Gregori Warchavchik Rua Toneleros, Copacabana, Rio de Janeiro
	Casa Am Horn Exposição da Bauhaus Dessau, Alemanha		













CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	Casa de campo para solteiro (exposição) Mies Van der Rohe; Exposição Berlim	1931	
	CI_33 Casa Aluminaire Albert Frey e Lawrence Kocher Syosset New York EUA	1932	
	Research House Richard Neutra Los Angeles, EUA		
	Villa Danmand Arne Korsmo Oslo - Noruega		
	CI_34 Casa Schminke Hans Scharoun Löbau, Alemanha		
	Casa Galobart Josep Lluís Sert Barcelona, Espanha		
	Apartamento Estúdio Francis Toor Juan O'Gorman San Angel, México	1932	
	Villa Studio per um artista Luigi Figini e Gino Polini Trienal de Milão de 1933	1933	
	Casas usonianas Frank Lloyd Wright Michigan, EUA	1934	
	CI_35 Casa Lescaze William Lescaze New York EUA	1934	
	Casa William Beard Richard Neutra Projeto	1935	
	CI_36 Casa Kauffman Frank Lloyd Wright Pennsylvania EUA		
	CI_37 Casa Chermayeff em madeira Serge Chermayeff Halland		
	Casa Henfell Le Corbusier e Pierre Jeanneret Saint Cloud e perto de Paris		
	CI_38 Casa de fim de semana Le Corbusier Arredores de Paris		
	CI_39 Casa Felix de fim de semana Le Corbusiere Pierre Jeanneret Paris França		
	CI_40 Casa-Estúdio Aalto Alvar Aalto Helsinki, Finlândia		
	Benn Levy Walter Gropius e Edwin Maxwell Fry Londres, Inglaterra	1936	
	CI_41 Villa Mairea Alvar Aalto Noonmarkku, Finlândia	1937	





CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	CI_42 Villa Bianca Giuseppe Terragni Seveso, Itália	1937	
	CI_43 Casa de verão Gunnar Asplund Arredores de Estocolmo		
	Back Strand Richard Neutra Palos Verde, California		
	Casa Von Prittitz Hugo Häring Munique		
	Casa Oscar Moll Hans Scharoun Berlim		
	Casa Herbert Johnson Frank Lloyd Wright Winconsin		
	CI_44 Taliesin West Frank Lloyd Wright Winconsin	1938	CN_14 Casa Oswald de Andrade Oscar Niemeyer São Paulo
	Casas com terraço Alvar Aalto Kaukua	1938	
	Casa Gropius Walter Gropius e Marcel Breuer Lincoln, Massachusets		
	CI_45 Casa Malaparte Adalberto Libera e Cursio Malaparte Capri, Itália		
	Casa Suntop Frank Lloyd Wright Ardmore, Pennsylvania	1939	CN_15 Casa de Roberto Lacase João Vilanova Artigas Pacaembu, São Paulo, SP
	Casa Vasaka S. Origushi Tóquio		
	CI_46 Casa Blair Harwell Hamilton Harris Los Angeles California		
	CI_47 Casa Kellett Keck & Keck Wenasha, Winconsin, EUA		
	Casa Dymaxion Wichita Buckminster Fuller Kansas	1940	CN_16 Casa de Argemiro Hungria Machado Lucio Costa Rio de Janeiro
	CI_48 Casa Frey I Albert Frey Palm Springs California		CN_17 Casa Paranhos João Vilanova Artigas São Paulo
	Casa Chamberleine Walter Gropius		
	CI_49 Casa pátio Bernard Rudofsky São Paulo, Brasil	1941	CN_18 Casa pátio Bernard Rudofsky São Paulo, Brasil
	Breuer House I Marcel Breuer New Canaan, New York, EUA		Casa João Arnstein Bernard Rudofsky São Paulo
	Casa de verão Verrijn Stuart Gerrit Rietveld Breukelerveen		

CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	Casa Erskine Ralph Erskine Liisma Suécia	1942	CN_19 Casa da Sra. Heloisa Marinho Lucio Costa Correias, Petropolis
			CN_20 Casa do Barão Saavedra Lucio Costa Correias - Petropolis
			CN_21 Casa Celso da Rocha Miranda Alcides da Rocha Miranda Petropolis
			CN_22 Casa Oscar Niemeyer na Lagoa Oscar Niemeyer Rio de Janeiro
		1942	CN_23 Casa de Luiz Antonio Leite Ribeiro Joao Vilanova Artigas São Paulo
	Casa ponte Amancio Williams Mar Del Plata Argentina	1943	CN_24 Casa Juscelino Kubitschek Oscar Niemeyer Belo Horizonte
			CN_25 Casa Conde Raul Crespi Gregori Warchavchik Guarujá SP
	Casa portal (projeto) C. J. Mole e A. W. Kenyon	1944	
	CI_50 Casa Herbert e Katherine Jacobs II Frank Loyd Wright Winconsin		
	CI_51 Casa do arquiteto Charles Eames Santa Monica California	1945	
	CI_52 Casa Farnworth Mies Van der Rohe New Canaan, New York, EUA	1946	CN_26 Casa Rino Levi Rino Levi São Paulo
	CI_53 Casa Kauffman do deserto Richard Neutra Palm Springs, California		CN_27 Casa José Pacheco de Medeiros F° Aldary Henrique Toledo Cataguarses MG
			Pavilhão de praia da sra. Jorge Prado Gregori Warchavchik Guarujá SP
	CI_54 Breuer House II Marcel Breuer New Canaan	1947	CN_28 Casa de Italo Eugenio Mauro Italo Eugenio Mauro São Paulo
	Casa estúdio Luis Barragan México		
	Casa Robson Marcel Breuer Nova York	1948	CN_29 Casa J. Mario Taques Bittencourt João Vilanova Artigas Sumaré, São Paulo
			CN_30 Casa Vilanova Artigas João Vilanova Artigas São Paulo
	Casa de alumínio Jean Prouvé (protótipo)	1949	CN_31 Casa Hildebrando Accioly Francisco Bolonha Petropolis
	Casa Dr. Currutchet Le Corbusier La Plata - Argentina		CN_034 Casa Oscar Niemeyer Oscar Niemeyer Mendes
	CI_55 Casa modelo MoMA NY Marcel Breuer New York		CN_32 Casa de fim de semana Carlos Frederico Ferreira Nova Friburgo Rio de Janeiro

CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	Casa Bavinger Bruce Goff Oklahoma	1949	CN_33 Casa de Heitor Almeida João Vilanova Artigas Santos, SP
	CI_56 Casa Johnson Philip Johnson New Canaan		CN_34 Casa de Campo Jorge Hime Henrique Mindlin Petropolis, RJ
	CI_57 Casa Sol Friedman Frank Lloyd Wright Illinois - EUA		
	Casa Naessens-Looyen Bernard Bijvoet Zwarteweg, Aerdenhout, Holanda		
	Casa de verão Knutsen Knut Knutsen Noruega		
	CI_58 Casa de Vidro Lina Bo-Bardi São Paulo	1950	CN_35 Casa de Vidro Lina Bo-Bardi São Paulo
	Casas industrializadas Eichler Quincy Jones San Francisco		CN_36 Casa Paulo Candido Lucio Costa e B. Torok Rio de Janeiro
	Casas Link Arne Jacobsen Copenhague, Dinamarca		CN_37 Casa de Carmem Portinho Alfonso Eduardo Reidy Rio de Janeiro
	Casa Göth Bengt Edman e Lennart Holm Uppsala		CN_38 Casa de Olivo Gomes Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar São José dos Campos SP
	Row houses Arne Jacobsen Soholm, Dinamarca		
	CI_59 Casa Jaoul Le Corbusier Neuilly, Paris	1951	CN_39 Casa Milton Gupper Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar São Paulo
	CI_60 Casa Sarabhai Le Corbusier Ahmadabad		CN_40 Casa Jadir de Souza Sérgio Bernardes Rio de Janeiro, RJ
	CI_61 Villa Shodhan Le Corbusier Ahmedabad		CN_41 Casa Osmar Gonçalves Oswaldo Correa Gonçalves Rio de Janeiro
	CI_62 Casa Ugalde José Antonio Coderch Caldes d'Estrac		CN_42 Casa Moreira Sales Olavo Redig de Campos Rio de Janeiro
	Bremer House Eliot Noyes ; New Canaan Casa Rånagen Leonie e Charles-Edouard Geisendorf Estocolmo Suécia		
	Moore House Richard Neutra California	1952	CN_43 Casa Monteiro Coimbra M. M. M. Roberto Jacarepaguá, Rio de Janeiro
	CI_63 Casa Rodney Walker Case Study 16 Craig Ellwood Los Angeles California		CN_44 Casa de campo Guilherme Brandi Sérgio Bernardes Petropolis RJ
	CI_64 Casa Utzon Jorn Utzon Hellbaek Dinamarca		CN_45 Casa Domingos Pires de O. Dias Arnaldo Furquim Paoliello São Paulo

CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	David Wright Frank Lloyd Wright Winconsin	1952	Casa Carlos da Silva Prado Carlos da Silva Prado São Paulo
	CI_65 Casa da Canoas Oscar Niemeyer Rio de Janeiro, Brasil	1953	CN_46 Casa da Canoas Oscar Niemeyer Rio de Janeiro, Brasil
	Casa de Verão Aalto Alvar Aalto Muuratsalo, Finlândia		CN_47 Casa de Paulo Hess Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar São Paulo
	CN_66 Casa de Oswaldo Bratke Oswaldo Bratke São Paulo		CN_48 Casa de Oswaldo Bratke Oswaldo Bratke São Paulo
	CI_67 Casa Middleboe Jorn Utzon Lago Furesö, Dinamarca		CN_49 Casa Oscar Americano Oswaldo Bratke São Paulo
	CI_68 Casa Prouvé Jean Prouvé Nancy França	1954	CN_50 Casa Lota de Macedo Soares Sergio Bernardes Petropolis, RJ
	Ault House Elyot Noyes New Canaan		CN_51 Casa João Paulo Miranda Lygia Fernandes Macéio, AL
	Noyes House Elyot Noyes New Cannan, Connecticut		CN_52 Casa Lages Delfim Amorim Recife
	CI_69 Casas Skane Jorn Utzon Suécia		CN_53 Casa João Antero Carvalho José Bina Fonyat e Tercio Fontanta Pacheco Petropolis, RJ
	Bubble houses (projeto) Elyot Noyes		CN_54 Casa Stanislav Koslowski Thomaz Estrela, Jorge Ferreira, Renato Mesquita dos Santos e Renato Soeiro Rio de Janeiro, RJ
	Casa Galvez Luis Barragan Mexico	1955	CN_55 Casa Cassiano Ribeiro Coutinho Acácio Gil Borsoi João Pessoa
	CI_70 Casa Sugden Alison e Peter Smithson Watford, Inglaterra	1955	CN_56 Casa Joly Oswaldo Bratke São Paulo
			CN_57 Casa de Paulo Antunes Ribeiro Paulo Antunes Ribeiro Rio de Janeiro
			CN_58 Casa Holzmeister Pires e Santos Rio de Janeiro, RJ
			CN_59 Casa de Luiz Forte Miguel Forte e Galiano Ciampaglia São Paulo
			CN_60 Casa Lauro Souza Carvalho Henrique Mindlin Petropolis
			CN_61 Casa Homero Souza e Silva Carlos de Azevedo Leão Rio de Janeiro
		1956	CN_62 Casa Olga Baeta Joao Vilanova Artigas São Paulo

CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	Casa Redonda Arne Jacobsen Odden	1957	CN_63 Casa Mendonça Joao Vilanova Artigas São Paulo
	CI_72 Casas Kingo Jorn Utson Helsingor, Dinamarca		CN_64 Casa Fleider Oswaldo Bratke São Paulo
	Casa em matéria plástica Dietz, Heger, McGarry EUA		CN_65 Casa José Macedo Acacio Gil Borsoi Fortaleza
	Case Study House 21 Pierre Koenig Los Angeles, EUA		CN_66 Casa Raymundo de Castro Maya Wladimir Alves de Souza Rio de Janeiro
		1958	CN_67 Casa Antonio Ceppas Jorge Moreira Leblon rio de Janeiro
			CN_68 Casa de Castor Delgado Perez Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar São Paulo
			CN_69 Casa Cunha Lima Joaquim Guedes Pacaembu, São Paulo
			CN_70 Casa Valéri P Cirrel Lina Bo Bardi São Paulo
			CN_71 Casa no Chame-chame Lina Bo Bradi Salvador
	Casa Aime e Norman Lykes Frank Loyd Wright CI_73 Case Study 22 Pierre Koenig Los Angeles California	1959	
	Casa Arthur W. William Paul Rudolph Jackson Ville Beach, California		
	CI_74 Residência Malin John Lautner Los Angeles		
		1960	CN_72 Casa de Marcos Vasconcelos Marcos Vasconcelos Teresópolis Rio de Janeiro
			CN_73 Casa de Roberto Milan Carlos Barjas Milan São Paulo
			Casa de madeira Sergio Rodrigues
			CN_74 Casa de Sérgio Bernardes Sérgio Bernardes Rio de Janeiro
			CN_75 Casa Nadir de Oliveira Carlos Milan São Paulo
	CI_75 Villa Ström Ralph Erskine Estocolmo Suécia	1961	CN_76 Francisco Matarazzo Sobrinho Oswaldo Bratke Ubatuba, SP
	Casa Eshrick Louis Kahn Chestnut Hill, Pensilvânia		CN_77 Casa Boris Fausto Sergio Ferro São Paulo
			CN_78 Casa Carlos Milan Carlos Milan São Paulo
	Casa Vana Venturi Robert Venturi Pensilvania EUA	1962	CN_79 Casa Gaetano Miani Paulo Mendes da Rocha e J. E. Genaro São Paulo
	Casa Cullinan Edward Cullinan Londres Inglaterra	1963	CN_80 Casa Simão Fausto Flávio Imperio Ubatuba, SP
	Turn End Peter Aldington Haddenham		Casa Dalton Toledo Joaquim Guedes São Paulo

CASAS INTERNACIONAIS (CI)		CASAS NACIONAIS (CN)	
	Casa Sheats John Lautner Los Angeles	1963	CN_81 Casa Sergio Ferreira Leite Joaquim Guedes São Paulo
		1964	CN_82 Casa de praia Eduardo Longo Guarujá, SP
			CN_83 Casa Mendes da Rocha Paulo Mendes da Rocha São Paulo
			CN_84 Casa Carlos Fernandes Delfim Amorim Recife
		1965	CN_85 Casa Oswaldo Bratke II Oswaldo Bratke São Paulo
			CN_86 Casa Bernardo Isler Sergio Ferro Cotia MG
	Creek Vean Team 4 Cornualha Inglaterra	1966	CN_87 Casa José Nogueira Paes Nicia Paes Bormann Iracema CE
	Casa Elrod John Lautner Palm Springs	1968	CN_88 Casa de praia Rubens Gil Camilo Praia de Maranduba Ubatuba SP
	Protótipo de casa expansiva Jorn Utzon		
	Hellbeak Dinamarca		
		1970	Casa em São Paulo Rodrigo Lefreve São Paulo
		1971	CN_89 Casa de Marcos Acayaba Marcos Acayaba São Paulo
			Casa de Severiano Mario Porto Severiano Mario Porto Manaus
	Can Lis Jorn Utzon Miorca, Espanha	1973	
		1974	Casa esférica Carlos Eduardo Longo São Paulo
			CN_90 Casa de praia Clovis Rolim Acácio Gil Borsoi Fortaleza

Quadro sinótico 01: Cronologia casas modernas – internacional e nacional. Fontes: imagens na linkografia. Pesquisa realizada entre Nov.2010 e Jan.2010

TABELA 01: Resultados obtidos – Casas Internacionais

ASPECTOS DO LUGAR			
LOCALIZAÇÃO – zona		LOCALIZAÇÃO – lote	
Urbano	28	Plano, de esquina	7
Subúrbio	25	Plano, meio de quadra	21
Não-urbano	19	Plano, lote descampado	20
Sem referências	2	Plano, sem referências	4
IMPLANTAÇÃO – no solo		Inclinado, de esquina	
Pousada no solo	60	Inclinado, meio de quadra	2
Sob pilotis	5	Inclinado, lote descampado	15
Parte pousada no solo, parte sob pilotis	8	Inclinado, sem referências	2
Sem referências	1	Sem referências	1
IMPLANTAÇÃO – nas laterais		Solta 1 lateral	
Solta 4 laterais	62	Casas geminadas	3
Solta 3 laterais	1	Sem referências	2
Solta 2 laterais	5		
ASPECTOS ESPACIAIS / FUNCIONAIS			
PLANTA – forma		PLANTA - tipo	
Compacta	17	Seccionada	25
Composta / separada por blocos	8	Livre	13
Formato de L ou U / cruciforme	8	Plano aberto	5
Formas geométricas simples	14	Pouco compartimentada	3
Sem referência	27	Não identificado, sem referências	28
PAVIMENTOS / CIRCULAÇÃO		SETORIZAÇÃO	
Térreo / horizontal	18	Separação de setores por função/ acesso único	6
Térreo / horizontal – vertical de acesso	4	Separação de setores por função/ acesso para setores	25
2 pavimentos / vertical escada	28	Sem separação / acesso único	4
2 pavimentos / vertical escada e rampa	1	Sem separação / acesso para setores	2
3 pavimentos / vertical escada	11	Sem referências	37
Mais de 3 pavimentos / vertical escada	8	NUCLEO ARTICULADOR	
Não identificado, sem referência	4	Serviço	1
PÉRGOLAS/VARANDAS / TERRAÇOS / TETO JARDIM		Social	7
Varandas / terraços	42	Circulação vertical / horizontal	6
Pérgulas	4	Lareira	1
Teto jardim	6	Pátios / jardim	7
Pátio	8	Não identificado, sem referências	53
Nenhum	5		
Sem referências	10		
ASPECTOS CONSTRUTIVOS			
SISTEMA – estrutural		MATERIAIS – estrutura	
Fundação direta, sessão ativa	54	Estrutura em madeira	6
Fundação indireta, sessão ativa	1	Estrutura em aço/ alumínio	18
Fundação não identificada, sessão ativa	17	Estrutura em concreto armado	36
Sem referências	2	Estrutura não identificada	14
SISTEMA – coberta		Alvenaria estrutural	
Em 4 águas	4	Alvenaria em tijolos	20
Em 2 águas	4	Alvenaria em pedra	5
Em água inclinada	5	Alvenaria em placas de concreto	3
Laje plana	32	Estrutura da coberta em concreto	26
Em abóbadas	5	Estrutura da coberta em madeira	5
Sem referências	24	Estrutura da coberta não identificada	48
MATERIAIS – vedos		Paredes em painéis de alumínio	
Paredes em tijolos	38	Paredes em painéis de madeira	8
Paredes em pedras	8	Paredes não identificadas	7
Paredes em panos de vidro ou tijolos de vidro	5		
Paredes em blocos de concreto	6		
ASPECTOS ESTÉTICOS			
VOLUMETRIA		TEXTURAS / CROMATISMO	
Simples/ linhas retas	16	Uso de materiais ao natural	32
Jogo de volumes	26	Uso de revestimentos	2
Forma livre	1	Monocromática	22
Cilíndrica	4	Composição de cores	2
Prismática	22	Sem referências	18
Sem referências	6		
COMPOSIÇÃO AXIAL			
Simétrico	32		
Assimétrico	42		
Não identificado	1		

PARTE II - Casas modernas brasileiras nas abordagens historiográficas

2.1.1. Os clássicos da historiografia da arquitetura moderna brasileira

Mindlin, em 1956, não levou em conta a famosa casa da Rua Santa Cruz, do arquiteto Gregory Warchavchik, iniciando sua História com a casa Hungria Machado de Lucio Costa, como modelo para os exemplares que apresentou a seguir (2000: 44-46)⁴⁸. Quinze anos depois, Bruand reconhece o valor desta residência e diz que, nela, Costa alcançaria a plenitude de suas proposições. Porém, cita a casa da Rua Santa Cruz como pioneira, afirmando que, apesar de não usar concreto armado,⁴⁹ ela tem elementos marcantes e pesquisas espaciais que terão continuidade na produção residencial do arquiteto russo: o rigor estético dos volumes prismáticos, o culto ao ângulo reto; a ausência de ornamentação. Estas somar-se-iam às pesquisas plásticas, ao jogo de planos e volumes obtidos por diversos elementos: balanços, grandes marquises, formadas por duas lajes de concreto armado, no lugar das varandas em telhas canal; ambientes voltados para o exterior, prolongados na medida do possível por terraços e balcões. Após discorrer sobre a obra residencial e pioneira de Warchavchik e vinculá-la ao cubismo e funcionalismo da produção internacional de Gropius, Mies e Le Corbusier, Bruand comenta que essa arquitetura é "estrangeira demais para a realidade brasileira" (BRUAND, Y. 2005:65-67). Sugere que o arquiteto russo teria influenciado as primeiras experimentações domésticas de Lucio Costa, e, posteriormente, teria sido influenciado por esse. (BRUAND, Y. 2005:71-74)⁵⁰. Mindlin e Bruand convergem no valor da síntese entre modernidade e tradição empreendida por Lucio Costa; para ambos, o grande herói da aventura modernista nacional, em especial como criador da casa moderna brasileira. Se Warchavchik ainda fazia casa "estrangeira" Costa teria abraçado Le Corbusier, juntando tradição nacional e contemporaneidade.

Lemos, no entanto, afirma que a casa brasileira modernista é uma construção coletiva, não apenas de arquitetos, mas também de outros profissionais envolvidos na dinâmica indústria da construção civil. Credita aos engenheiros civis⁵¹ uma grande parte da originalidade desta arquitetura, onde "todos se deram as mãos em busca de soluções comuns de problemas até então não imaginados".

A procura de uma linguagem brasileira para os postulados funcionalistas – [os arquitetos brasileiros]; chegaram a ressuscitar as velhas treliças, antigos cobogós e os tradicionais azulejos de revestimento de fachadas e tudo o mais que pudesse servir de ponte entre o passado autêntico e o presente já valorizado pelo concreto armado, com seus pilotis, terraços, jardins e quebra-sóis, os célebres "brises" do novo jargão profissional. (C. A. C. LEMOS, 2003:142-143)

Apesar de creditarem autorias distintas ao início da arquitetura residencial moderna brasileira, os três autores convergem para um discurso comum, onde a estética, decorrente da técnica inovadora, relida à luz da tradição

⁴⁸ A ênfase do estudo de Mindlin está em divulgar e defender os preceitos estabelecidos por Costa. Em relação a produção residencial unifamiliar, seu inventário contempla a produção entre 1942 até 1955; registra o endereço e autoria de 57 casas, 44 das quais estão documentadas com fotografias desenhos (plantas e cortes) e 13 estão no item projetos complementares ao final do texto. Divulgando a obra de 23 arquitetos, nas quais se destacam em quantidade a publicação do arquiteto Oswaldo Bratke.

⁴⁹ Nas construções residenciais seguintes Warchavick, irá empregá-lo.

⁵⁰ Como destaca na casa de Roman Borges(1934) onde o equilíbrio simétrico das "marquises sustentadas por delgadas colunas de concreto" seria uma solução mais adequada do que os balanços de Warchavick(BRUAND, 2005:74)

⁵¹ Destacando Emilio Baumgart e Joaquim Cardoso (*op cit.*).

colonial, asseguraria o caráter nacional da casa brasileira. Enfatizam o tema da vinculação com o passado; a valorização da casa a partir dos jardins, a relação interior/exterior através da varanda, o uso de pátios internos, a adequação ao clima através de elementos de proteção solar com resultados estéticos para as fachadas.

As fórmulas não seriam homogêneas: a cobertura de telha canal como nas construções coloniais – característica sempre elencada pela historiografia (ver Tabela 02: página 52) - teria, pelo menos, dois modelos recorrentes: um primeiro, em duas águas, sem madeiramento sobre laje, podendo ser invertido (volumetria trapezoidal), depois em quatro águas, recobrando a laje plana, retilíneo, sem a curvatura do colonial português; com inclinação menor reforçando a horizontalidade predominante; os beirais tornam-se mais largos usados para na proteção contra a chuva e o excesso de insolação.

Tradição e modernidade fusionadas também indicariam os muxarabis, as janelas com venezianas e na associação dos brises de concreto e elementos vazados. Nessa linha, destacam-se as casas de Lucio Costa como: as residências Barão Saavedra (1942) e a Dr. Pedro Paulo Paes de Carvalho (1944), a do arquiteto Paulo Candiota (1950), a casa de praia do conde Raul Crespi (1943-Guarujá, São Paulo), de Warchavick. A partir dessas produções, Bruand e outros vislumbram a continuidade, a inventividade e a adequação técnica dos projetos de nossas casas modernas. Francisco Bolonha⁵² e Carlos Frederico Ferreira, por exemplo, revisariam a técnica da taipa rudimentar em sua casa de pau-a-pique, assim como o fez Warchavick no pavilhão de Praia da Sra. Jorge Prado no Guarujá. (2005:141-142).⁵³ Soluções originais de cobertura são também celebradas na casa Kubitschek (1943 - Pampulha) de Oscar Niemeyer, onde linhas oblíquas, formada pelas águas invertidas (telhado borboleta); dariam um "aspecto inesperado", e "uma clareza geométrica digna e uma pureza [...] clássica"⁵⁴, transformada, em seguida, "num modismo formal," empregado incorretamente pelos seguidores, contrariando o espírito original de continuidade espacial. (BRUAND, Y. 2005:112). Em resumo, o olhar estrangeiro de Bruand, em 1971, predomina até hoje na literatura que indica como característica da nossa modernidade:

- A vinculação com os cinco pontos corbuserianos⁵⁵,
- A adequação à cultura construtiva local, destacando as soluções técnicas de cobertas originais com repercussões espaciais,
- As heranças coloniais na arquitetura residencial ou vínculo com a tradição

⁵² Com materiais rústicos ao natural, paredes em pedra bruta, cores lisas em paredes de alvenaria, telhados de uma só água de telhas-canal, estruturas em madeira, mesclada com alvenaria tradicional em tijolos. (BRUAND, 2005:142)

⁵³ Iniciando o "moderno rústico". (CAVALCANTI E LAGO, 2005:164-165).

⁵⁴ A solução de cobertura na descrição do autor tem um objetivo técnico e prático, a calha serve de linha divisória entre a sala de estar e a sala de jantar da residência, onde a parede divisória garante a continuidade evidenciando a independência entre vedações e estrutura.(BRUAND, 2005: 112)

⁵⁵ Para Reis Filho (1995) na residência moderna brasileira o traço marcante será a tecnologia do concreto no sistema viga/pilar e no uso de lajes como piso e cobertura, o que evidenciaria a "planta-livre". Usual em várias casas foram "as mudanças no sistema de cobertura, resolvidos agora com telhas de novos materiais, com pequenas inclinações, apoiadas sobre lajes de concreto ocultas sobre discretas platibandas, dariam ensejo a uma geometrização geral dos volumes." (REIS FILHO, 1995:65)

- A racionalidade, experimentação e cromatismo das soluções adotadas, em virtude do clima, "o fator físico que mais interferiu na arquitetura brasileira" (Y. BRUAND, 2005:12)

Estes pontos ter-se-iam, segundo a literatura, aplicações regionais. Bruand destaca, nesse veio, a produção de Amorim e Borsoi em Recife-PE: o primeiro mais próximo de Costa, o segundo de Niemeyer⁵⁶. Mindlin evoca o tema regional na arquitetura de Lygia Fagundes em Maceió, Alagoas e na produção de Edgar Graeff em Porto Alegre.

2.1.2. Outras arquiteturas modernas

Retomando os três clássicos e, particularmente, os pontos de Bruand, a historiografia se dividiu, no entanto, quanto ao pioneirismo de Warchavchik ao valor da casa da Rua Santa Cruz. Comas justifica a omissão de Mindlin e diz que as primeiras casas do arquiteto russo seriam "futuristas" e não "modernas." Mas Segawa, por sua vez, retoma Bruand: contemporizando intenção moderna com elementos locais, Warchavchik, seria em sua visão o pioneiro na produção residencial moderna. (H. SEGAWA, 1999:45-46). Para outros, Warchavchik teria construído uma arquitetura híbrida e indefinida e a casa da Rua Santa Cruz não passaria de "uma simulação do que seria uma casa moderna"(S. LINO, 2005:77). A desqualificação da casa, de "modernidade enganosa," e associada a tradições européias, se faz em prol da eleição de uma modernidade brasileira, vinculada a uma tradição "nacional". Favorecendo anseios nacionalistas, para os quais a boa tradição não seria a européia,⁵⁷ a fusão entre tradição e modernidade nativa, em autores como C. E. Comas e H. Segawa; só seria efetuada por Lucio Costa. Convergentes neste ponto, estes dois autores, divergem, no entanto, no que se refere a desdobramentos no tempo e no território nacional. C. E. Comas, interpretando Y. Bruand, estabelece a seguinte periodização:

1930 a 1936 - Incubação: "pilotis de concreto e pau-a-pique"; despojamento decorativos, independência do esqueleto estrutural

1936 a 1945 – Emergência ou fase *heróica*, onde se expressa a tradição/modernidade: abóbada, água invertida combinada com a abóbada, prismas trapezoidais de base larga ou estreita, prisma trapezoidal de teto-borboleta, seção facetada, ordem colossal elaborada, quebra sol de componentes móveis, treliças e vazados, figuras amebóides, o pilotis feito pórtico hipóstilo.

1946 a 1950 - *Consolidação*: serialidade, simetria da concepção, a redução da porosidade nos pavimentos térreos, na arquitetura residencial elementos de proteção solar em madeira.

1951 a 1955 - *Hegemonia*, pátio pergolado (casas de Rino Levi), treliças metálicas por Sergio Bernardes.

⁵⁶ A modernidade em Pernambuco é rediscutida em trabalhos como os de: G. NASLAVSKY(2004); I. A .F. e SILVA, 2004 e nos artigos S. MARQUES E G. NASLAVSKY, 1999 e F. MOREIRA(org) 2007.

⁵⁷ Sobre o assunto ver S. Marques (2006).

1955 a 1960 - *Mutação* : caixa de vidro; Brutalismo Paulista, (Artigas, Joaquim Guedes, Paulo Mendes da Rocha e Lina Bo Bardi) vertente contrária a apoteose da capital federal.(C. E. COMAS in MONTEZUMA, 2002:226).

Nessa linha de raciocínio, o período aqui estudado (1960-1974) deveria expressar uma arquitetura de mutação ou de declínio, ou seria anacrônica. Para A. R. Guerra (Janeiro de 2002), no entanto, a evolução proposta por Comas, faria parte da mitologia da brasilidade arquitetônica, propagando a idéia de que nossa modernidade se deve, sobretudo, a adaptações e interpretações da “equação da gramática corbusiana” via cariocas⁵⁸. Outros estudos sobre as derivações de Artigas e Lloyd Wright destacam o caráter de positivo e renovador da contribuição da escola paulista brutalista (ZEIN, R.V. 2005). Finalmente, na tentativa de complementar a abordagem de Y. Bruand, H. Segawa sugere que a historia da modernidade não seguiria uma linha única evolucionista, mas existiriam modernidades diversas, igualmente legítimas. Seguindo este mesmo raciocínio, situam-se estudos como os de R. Anelli (1994) que buscam a herança italiana na arquitetura moderna brasileira.

2.1.3. Os estudos sobre os aspectos de uso da casa brasileira ou sobre os modos de morar

Numa ótica mais atenta aos usos, C. Lemos (1979) diz que, na casa brasileira estar e repouso noturno, em geral, se interpenetram, sendo a parte de serviços é sempre apartada do restante da casa. Essa *necessidade* de separação seria uma das características fundamentais da nossa modernidade contraditória (MARQUES, S. 2006). Ou seja, a casa moderna; adota esquemas da época da escravidão, quando a cozinha era anexa à senzala. (LE MOS, C. 1979:18). Prática recorrente até hoje, na sociedade brasileira, os empregados devem distar da casa, ficando em áreas de serviço e edículas⁵⁹, em apartamentos de serviços contíguos ou sobrepostos às garagens. Para que a cozinha entrasse na casa, foi, segundo C. Lemos, necessário uma antecâmara: a copa, espaço de transição que segregava a cozinheira do núcleo social. Nos apartamentos multifamiliares, mantem-se circulações distintas. Só a partir da década de 50, observa-se a consolidação de uma zona de serviço compacta e independente do setor social, com quartos e banheiro. Na década de 60, surge a suíte, composta por quarto, banho e pequena saleta.

Apoiado na sintaxe espacial, L. Amorim destaca mudanças significativas nos modos de morar e de conceber o espaço doméstico, expressado no paradigma dos três setores. Na casa moderna, em um novo ambiente doméstico, mais fluído e sem portas, é a organização espacial que define as barreiras entre visitantes e moradores. [...]arranjos espaciais [...] dificultam acessos, ao mesmo tempo em que ampliam os campos visuais.

⁵⁸ Por exemplo, o debate modernidade / tradição”, e da brasilidade está implícito em Heck (2005:5), ao destacar, na casa carioca moderna as “possibilidades plásticas” e “variações de identidade” uma agregação de “matizes características.”

⁵⁹ A edícula no quintal da moradia isolada – solução nacional que surgiu evidentemente da presença indispensável da empregada doméstica, que por várias razões deve ser mantida a distância. Em qualquer hipótese, nas casas ou apartamentos da classe média, é de bom tom, ou sinal de status que o programa sugira acomodações que satisfaçam isoladamente, cada uma por si todas as funções da habitação. A marca da boa situação social é a casa com menor superposição possível de funções. Daí o grande rol de dependências nos programas e anúncios de moradas pretensiosas na intenção quase mesquinhas, quase sempre na execução. Daí a lista de cubículos, que caracterizam funções, que separam atividades, que diferenciam os moradores, cujo inglês nas denominações dos cômodos já indica um “nível cultural” diverso do popular [...] (LE MOS, C. A. C. 1978:18)

Isto pode ser percebido pela definição mais clara dos setores funcionais domésticos e pela drástica redução da permeabilidade do sistema espacial, o que significa um maior controle de movimentos na habitação. [...] (L. AMORIM, maio de 2001). Assim essa casa moderna teria novos arranjos internos com ambientes visivelmente em contato, mas que não garantem integração entre eles. Facilitando talvez o controle do proprietário durante o uso.

Ainda sobre o modo de morar moderno, valeria destacar os novos estudos paulistas. Nestes, alguns propõem que mais importante que a utilização de materiais modernos, após a Segunda Guerra, teria sido o desejo de criar um lugar onde pudesse florescer o sujeito e idéias modernas no Brasil (BUZZAR, M.H. 2003:2). Outros salientam transformações culturais, que implicariam em arranjos espaciais: a presença da garagem, na década de 60, vista da rua, o carro, símbolo de ascensão social. Na década de 70, a televisão vai ocupar lugar de destaque na sala ou receber uma sala específica (VERÍSSIMO, F.S. e BITTAR, W.S.M. 1999:42). Parte desta literatura advoga a existência de uma casa paulista, herdada de Artigas; virada para dentro, em lotes urbanos com um eventual pátio interno. Integrando o jardim com o espaço interno através de pérgula, que protegia do calor e dos olhares indiscretos da rua, este pátio é lido como herança hispano-americana. Já M. A. Dias (2009), revisita o tema da casa paulista, no programa praieiro, das elites, na praia de Pernambuco no Guarujá, salientando que "se no Brasil a construção de uma residência unifamiliar representa status, a casa de veraneio pode ser considerada uma possibilidade para poucos." (2009:21)

C. E. Comas, afirma que como resultado de influências estrangeiras e da "inventividade" dos arquitetos brasileiros as casas brasileiras apareceriam "pelo menos com três arquétipos, três gêneros, três espécies de estrutura, três tipos de cobertura, três classes de relação com o sítio, três variedades de definição de espaço e volume, três graus de intensidade de luz e três graus de permeabilidade à luz, além de três níveis de expressão de massa e três níveis de relevo: liso, baixo, alto". Teríamos, enfim, uma gramática com uma grande variedade formal, programática e tecnológica, que, no entanto, declinaria, em qualidade, após a segunda metade da década de 1970 (COMAS, C. E. julho de 2006).

Fernando Lara (2001), por sua vez, afirma que a apropriação e reprodução de elementos "eruditos" da arquitetura moderna brasileira vem ocorrendo desde os anos 1930 e atesta o seu sucesso junto aos setores populares mais amplos, como indica sua tese de doutoramento em um bairro de classe média em Belo Horizonte. A aceitação popular e as releituras teriam dado um leque imenso de soluções eruditas e não eruditas, como evidencia seu estudo, o que, para esse autor, seria uma especificidade brasileira. De forma geral de revisão historiográfica seria apontado na figura de autores e atores como esquematizamos abaixo:

maioria, foram projetadas em lotes planos de meio de quadra, geralmente estreitos, no entanto, nem por isto encostam-se às divisas dos lotes, como as casas Garches, as de Pessac e outras casas internacionais, urbanas ou suburbanas. No Brasil, provavelmente devido a requisitos da legislação em áreas de expansão urbana, as casas são, em geral, soltas no lote, nas quatro laterais, como encontramos em 51 exemplares. É provável que, em muitos casos, edículas tenham surgido já no projeto ou após a construção, como sugere a literatura (C. E. LEMOS, 1978; G. NASLAVSKY, 2004). No entanto, dado o limite de nosso material iconográfico, não foi possível avaliar este aspecto. A implantação solta no lote nem sempre assegura, contudo, uma visão do objeto em perspectiva, segundo a lógica das vanguardas cubistas. Talvez porque os afastamentos raramente são generosos e os terrenos, estreitos, em sua maioria, obrigavam os projetistas, em muitos casos, a adotar o tratamento tipo "frente-fundo", como o fez Artigas em algumas de suas casas, por exemplo, na Casa Rubens Mendonça (MIGUEL, J. C. 2000:46).

Encontramos uma maior incidência de casas pousadas no solo (58). O *pilotis*, no sentido estrito, no sentido estrito, é raríssimo: aparece apenas em 2 casas. As soluções híbridas – casas pousadas no solo e com uso parcial de pilotis – são mais freqüentes⁶¹. Juntas, com pilotis e semi-pilotis, temos um grupo de 36 casas, das quais apenas 5 tem os pavimentos conectados através de rampas. Vale salientar que a Cassiano Ribeiro Coutinho de Acácio Gil Bórsoi, em João Pessoa, é uma destas 5 casas onde encontramos a "*promenade architecturale*".

Aspectos funcionais e espaciais: As varandas e terraços, ambientes muito festejados pela literatura como característica de casa brasileira, tiveram incidência em 35 casas, embora seja um número maior do que a ocorrência de teto-jardim, registrados em 26 casas, mais que nas internacionais inclusive, parece contradizer a insistência da literatura sobre o zelo de nossos projetistas em relação a adequação ao clima; uma vez que esse elemento propagado como marcante da modernidade, é sempre citado como pouco adequado às nossas condições climáticas locais. Neste mesmo raciocínio, apenas 5 casas tinham pátio interno, outro elemento espacial indicado referência da casa brasileira, por ser uma solução para o clima tropical brasileiro.

Aspectos construtivos: No que toca às cobertas, embora a linha de telhado inclinado seja, no discurso historiográfico, considerada como resultado da inventividade brasileira e tida como outra característica marcante da nossa arquitetura moderna as soluções de cobertura - laje plana recoberta com telhas - são mais recorrentes. Elas aparecem em 21 casas, todas escondendo a linha do telhado, similares às primeiras propostas de Warchavick, na casa da Rua Santa Cruz (1927) ou na casa de praia do Conde Raul Crespi (1943).

O concreto armado, indicado, pela historiografia, como o material por excelência da nossa arquitetura moderna, foi predominante em nossa listagem, com sistemas estruturais que expõem a ossatura independente, como o

⁶¹ Na Villa Savoye o térreo não é totalmente vazio, como se sabe, o pilotis é completamente afastado dos vedos da garagem e dos aposentos de serviço.

incitava Lucio Costa.⁶² No entanto, as soluções híbridas também são freqüentes.⁶³ O sistema convencional de alvenaria estrutural em tijolos não foi abandonado. Estas alvenarias foram também as mais utilizadas para vedações, atestando uma continuidade da técnica construtiva tradicional, com repercussões no agenciamento interno, contrariando o consagrado princípio da planta livre e da fluidez espacial que, a rigor, só aparece em menos de 10 casas.

Aspectos estéticos: Quanto ao revestimento (frisos murais, azulejos, painéis, pinturas com cores fortes) encontramos 60 casas onde a força expressiva do material é citada como marcante. A exposição e o contraste de cor e textura de materiais ao natural, também foi muito explorada. 60 casas são revestidas parcialmente por painéis de azulejos ou apresentam frisos murais, ou materiais ao natural. Segundo M. Sá, estes elementos seriam a expressão moderna do ornamento: pois a cor e a textura, associada a tais revestimentos, junto com a força expressiva alcançada por alguns materiais, especialmente o vidro e o concreto, indicariam que a ornamentação embora negada continua sendo usada na arquitetura moderna (2005:96-98). Esse recurso é também utilizado nas casas nacionais, a exemplo da Casa Olga Baeta – 1956 e Casa Oswaldo Bratke – 1953.

Nessa breve revisão, cabe ressaltar o caso da Casa da Canoas de Oscar Niemeyer, única na adoção das formas livres, com sua planta em curva sinuosa, configurando, assim, uma exceção canonizada e o paradoxo em que a singularidade serve de parâmetro para caracterizar a arquitetura moderna brasileira residencial. Postura, aliás, semelhante à adotada na historiografia para as casas internacionais paradigmáticas, conforme comentado.

Se, afora esta exceção, as volumetrias de formas livres e sinuosas inexistem, no conjunto restante, as composições geométricas dividem-se em ordenamentos assimétricos (45) e simétricos(38). A simetria, mais associados à norma clássica, não foi, portanto, totalmente abandonada, nem nas casas internacionais nem nas nacionais, parecendo confirmar o que dizia C. Rowe (1976) ao aproximar as composições de Le Corbusier daquelas de Palladio.

Consideramos, portanto, que não existe um consenso sobre o início da modernidade, e que alguns clichês como "ausência de ornatos", "formas puras e limpas", "a forma segue a função", "máquina de morar" ou a "verdade estrutural" são frequentemente utilizados. Outro ponto recorrente é a divisão entre vertentes: organicismo e racionalismo, e suas respectivas referências: a Casa Kaufmann, sobre a cascata, de autoria de Frank Lloyd Wright e a Casa Savoye de Le Corbusier.

Outro lugar comum é a receita prescritiva de Le Corbusier, os cinco pontos: pilotis, planta livre, terraço jardim, *fenêtre en lognueuer* e fachada livre. Mas vimos também que isso é decorrente de uma má interpretação e que a contribuição do arquiteto ultrapassa tanto nos escritos como nas obras essa redução.

⁶² A esse respeito ver Razões da nova arquitetura, In A. XAVIER, 2003:34

⁶³ Na tabela registramos todos os tipos de materiais encontrados nas estruturas das casas. Em geral em um mesmo projeto o autor usava dois ou mais tipos de materiais. Averiguar estes percentuais e as suas formas de utilização podem vir a ser pesquisados em trabalhos futuros.

Argan outro autor que revisitamos, enfatizou a implantação da casa moderna - a edificação "solta no lote", que permite a visualização do objeto arquitetônico sob várias perspectivas, derivado da ótica cubista; e o concreto como material predominante, promovendo a ossatura independente. Essas descrições parecem apontar para um modelo ideal, personificado na Casa Savoye – única na trajetória do arquiteto, no entanto o uso do pilotis nesse exemplar, que deveria segundo o autor liberar completamente a edificação do solo, só ocorre parcialmente (parte desse pavimento é ocupado com acomodações de empregados – como em muitas das casas brasileiras, e assim como essas abrigaria o estacionamento de veículos).

Concluimos que: em relação à análise comparativa dos ícones residenciais modernos internacionais e nacionais, deveríamos lembrar que a escolha dos exemplares apresentados pela historiografia nacional pode ter sido enviesada, ou tautológica. Ou seja, os autores já selecionaram edificações que haviam definido *a priori*, como sendo representativos da arquitetura moderna brasileira, pela sua aparente genealogia. Talvez por isto, no conjunto, comparando o que foi extraído do quadro internacional e das produções brasileiras, nestas, a força da vertente corbuseriana, estaria confirmada. Os tetos jardins e pilotis são significativamente mais presentes nas casas modernas célebres projetadas por arquitetos brasileiros do que nos exemplos internacionais. Na linguagem de representação atual poderíamos até dizer que esses elementos se tornaram componentes (blocos de AutoCad ou Sketchup) auxiliares na projeção dos vanguardistas em nosso país. Justamente, retomando o comentário acima, este é um achado contraditório com os dizeres da bibliografia: onde encontrar a adequação climática nesta profusão de tetos-jardins em concreto?

De um ponto de vista do que esta análise comparativa nos ofereceu para o estudo das casas pessoenses, no período aqui estudado outra questão a se colocar é: considerando que, das noventa casas da arquitetura brasileira estudadas, setenta e seis situam-se no eixo Rio-São Paulo; será que teríamos que aceitar que a arquitetura pessoense seria resultante das difusões regionais e intra-regionais e teriam esta mesma influência do chamado percurso *bis LC*?⁶⁴ De um lado, como visto acima, a casa Cassiano Ribeiro Coutinho de Acácio Gil Bórsoi, em João Pessoa, é uma das 5 casas onde encontramos a "*promenade architecturale*". Mas, se a arquitetura recifense pode receber as influências corbuserianas diretamente via Luis Nunes (NASLAVSKY G. e MARQUES S. 2007), não estariam outras localidades aptas a recepções similares, de outras arquiteturas modernas? Se, no período estudado, os projetistas são sobretudo engenheiros ou arquitetos, formados em outros estados ou no exterior, não seria possível identificar outras "arquiteturas modernas" ou outras modernidades, com aspectos encontrados nas casas internacionais ou eventualmente com soluções locais? É o que tentaremos aflorar no próximo capítulo.

⁶⁴ Usamos, assim como A. Guerra (dezembro de 2010), as iniciais dos dois arquitetos que segundo a historiografia definem a arquitetura moderna brasileira: o francês Le Corbusier e o brasileiro Lucio Costa.

Tabela 02: Resultados obtidos – Casas Nacionais

ASPECTOS DO LUGAR			
LOCALIZAÇÃO – zona		LOCALIZAÇÃO – lote	
Urbano	40	Plano, de esquina	13
Subúrbio	33	Plano, meio de quadra	32
Não-urbano	17	Plano, lote descampado	12
Sem referências	0	Plano, sem referências	0
IMPLANTAÇÃO – no solo		IMPLANTAÇÃO – no solo	
Pousada no solo	58	Inclinado, de esquina	4
Sob pilotis	12	Inclinado, meio de quadra	11
Parte pousada no solo, parte sob pilotis	18	Inclinado, lote descampado	14
Sem referências	2	Inclinado, sem referências	2
IMPLANTAÇÃO – nas laterais		IMPLANTAÇÃO – nas laterais	
Solta 4 laterais	70	Solta 1 lateral	1
Solta 3 laterais	2	Casas geminadas	0
Solta 2 laterais	12	Sem referências	5
ASPECTOS ESPACIAIS / FUNCIONAIS			
PLANTA – forma		PLANTA - tipo	
Compacta	57	Seccionada	63
Composta / separada por blocos	11	Livre	5
Formato de L ou U / cruciforme	3	Plano aberto	1
Formas geométricas simples	4	Pouco compartimentada	1
Sem referência	18	Não identificado, sem referências	20
PAVIMENTOS / CIRCULAÇÃO		SETORIZAÇÃO	
Térreo / horizontal	21	Separação de setores por função/ acesso único	5
Térreo / horizontal – vertical de acesso	4	Separação de setores por função/ acesso para setores	63
2 pavimentos / vertical escada	36	Sem separação / acesso único	0
2 pavimentos / vertical escada e rampa	5	Sem separação / acesso para setores	0
3 pavimentos / vertical escada	13	Sem referências	22
Mais de 3 pavimentos / vertical escada	5	NUCLEO ARTICULADOR	
Não identificado, sem referência	6	Serviço	2
PÉRGOLAS / VARANDAS / TERRAÇOS / TETO JARDIM		Social	17
Varandas / terraços	35	Circulação vertical / horizontal	30
Pérgulas	4	Lareira	1
Teto jardim	26	Pátios / jardim	14
Pátio	1	Não identificado, sem referências	26
Nenhum	0	ASPECTOS CONSTRUTIVOS	
Sem referências	29	SISTEMA – estrutural	
SISTEMA – estrutural		MATERIAIS – estrutura	
Fundação direta, sessão ativa	54	Estrutura em madeira	6
Fundação indireta, sessão ativa	1	Estrutura em aço/ alumínio	18
Fundação não identificada, sessão ativa	17	Estrutura em concreto armado	36
Sem referências	2	Estrutura não identificada	14
SISTEMA – cobertura		Alvenaria estrutural	47
Em 4 águas	4	Alvenaria em tijolos	20
Em 2 águas	4	Alvenaria em pedra	5
Em água inclinada	5	Alvenaria em placas de concreto	3
Laje plana	32	Estrutura da cobertura em concreto	26
Em abóbadas	5	Estrutura da cobertura em madeira	5
Sem referências	24	Estrutura da cobertura não identificada	48
MATERIAIS – vedos		MATERIAIS – vedos	
Paredes em tijolos	38	Paredes em painéis de alumínio	2
Paredes em pedras	8	Paredes em painéis de madeira	8
Paredes em panos de vidro ou tijolos de vidro	5	Não identificadas	7
Paredes em blocos de concreto	6	ASPECTOS ESTÉTICOS	
VOLUMETRIA		TEXTURAS / CROMATISMO	
Simples/ linhas retas	16	Uso de materiais ao natural	32
Jogo de volumes	26	Uso de revestimentos	2
Forma livre	1	Monocromática	22
Cilíndrica	4	Composição de cores	2
Prismática	22	Sem referências	18
Sem referências	6	COMPOSIÇÃO AXIAL	
COMPOSIÇÃO AXIAL		COMPOSIÇÃO AXIAL	
Simétrico	32	COMPOSIÇÃO AXIAL	
Assimétrico	42	COMPOSIÇÃO AXIAL	
Não identificado	1	COMPOSIÇÃO AXIAL	

Capítulo 2

CAPÍTULO 2

As casas modernas na Orla Marítima de João Pessoa

A partir dos cotejamentos apresentados no capítulo precedente, consideramos que tanto nas casas internacionais como nas casas nacionais, existiram muitas e variadas definições para a caracterização da modernidade residencial. Essa genealogia apontaria para a produção local? As casas da orla marítima teriam similitudes ou seriam anacrônicas? Em que medida as especificidades do lugar(a praia), dos hábitos(a cultura) e dos atores (projetistas e clientes) afetariam essas caracterizações? Buscando responder a estas perguntas, nesse capítulo apresentaremos um panorama do que foi a orla marítima de João Pessoa entre os anos 1960 e 1974.

Primeiro anunciaremos os antecedentes, as casas construídas nas praias da cidade antes da década de 1960, e sua relação com a modernização da orla marítima, em seguida explicaremos a escolha dos exemplares, seguindo com as caracterizações das casas, dividida em duas partes: na primeira estudamos o período de 1960 a 1967, e na segunda de 1970 a 1974. Em cada uma dessas evidenciamos alguns atores que se destacavam e por fim como determinamos a mostra de 10 casas a serem descritas.

Os antecedentes – do vanguardismo do ministro à modernização dos anos cinquenta

Muitos arquitetos, clientes e procedimentos construtivos presentes no período que estudamos, isto é, entre 1960 e 1974, já estavam na orla marítima em um momento anterior. Iniciando este capítulo, destacaremos algumas casas que exemplificam os antecedentes da modernização das praias de João Pessoa: a do Ministro José Américo de Almeida, a de Flavio Ribeiro Coutinho⁶⁵, a casa Austragésilo de Freitas e de outras famílias paraibanas que se instalam nas praias, sazonalmente ou de modo permanente.

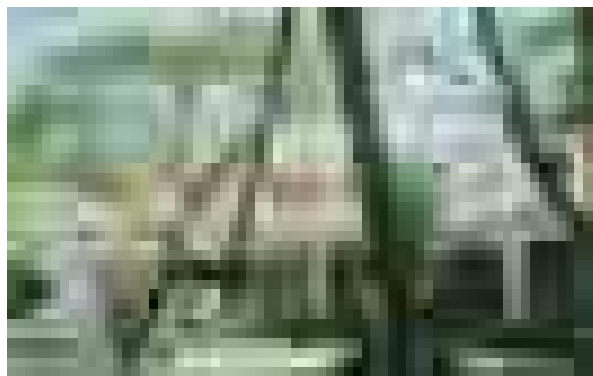


Figura 4: Museu Casa de José Américo. Praia do Cabo Branco. Fonte: <http://www.achetudoeregiao.com.br/imagens3/joap5.gif>

Essas casas surgiram na década de 1950 quando essas praias - Cabo Branco, Tambaú e Manaira - faziam parte de Tambaú, distrito de João Pessoa. A área distrital compreendia além dos três bairros, que aqui estamos

⁶⁵ Registramos uma indicação de que Renato Ribeiro Coutinho teria sua casa de veraneio nas proximidades da casa Austragésilo Freitas, com características próximas a do Ministro José Américo, foi completamente descaracterizada, e nela funciona um restaurante.

designando como orla marítima; os atuais bairros: do Bessa, Jardim Oceania, Aeroclube, Ponta do Seixas, Penha, Altiplano Cabo Branco, Cidade Universitária, Conjunto Castelo Branco, como também o atual município do Conde.

A orla marítima era então, constituída de várias localidades. O processo de loteamento havia sido iniciado por empreendedores particulares⁶⁶, não houve planejamento para tais empreendimentos, a lógica dominante, segundo o engenheiro e urbanista Antonio Augusto de Almeida, era "quanto mais lotes para o dono da terra melhor". (*apud* MOREIRA, R. C. C. 2006: 60). Alguns desses realizados antes da segunda metade da década de 1950 não foram registrados em projetos com demarcação dos lotes. São eles: a povoação Tambaú (1902 por Antonio de Brito Lyra); o loteamento São Gonçalo, atual praia de Manaíra (1943 por Djair Nóbrega); e, a enseada Cabo Branco (1952 de Paulo Miranda de Oliveira) (VASCONCELOS FILHO, J. M. 2010:10). Nessas localidades os lotes foram então comercializados sem definição prévia; o que resultou tanto terrenos generosos como lotes exíguos. São encontrados nessas áreas lotes com menos de 10 m de testada, com três e duas frentes, triangulares, compridos, vários com mais de 50 m de profundidade. Tal ocorrência é mais perceptível em Tambaú e na porção mais ao sul do Cabo Branco. As dimensões do lote têm relações diretas com a escolha para implantação das casas. Como nesse momento a legislação o permitia, dada a exiguidade de muitos desses lotes, encontramos casas que ao serem executadas, ocupavam os dois recuos laterais, por vezes até mesmo no segundo pavimento, a partir da testada frontal da construção, como veremos em alguns exemplares estudados no decorrer desse capítulo.

Nos três bairros a faixa fronteiriça a praia foi a primeira porção a ser ocupada. As edificações, citadas anteriormente, são nas avenidas beira-mar. A maioria se localizava na Av. Cabo Branco, tendo como característica comum a implantação solta no lote.

A casa, do ministro e depois governador do Estado José Américo de Almeida, hoje transformada em museu, foi uma das primeiras residências permanentes erigidas na praia⁶⁷. Morar na praia era então algo raríssimo, só um ministro modernista e cosmopolita poderia ousar fazê-lo. A figura de José Américo esteve vinculada a várias ações que promoveram a modernização da cidade como um todo⁶⁸ e as casas que impressionaram os visitantes⁶⁹ da orla marítima, eram "mais modernas" que a do ministro. A presença dessa figura ilustre, a ação dos empreendedores e as ações públicas tanto na melhoria do acesso da Av. Epitácio Pessoa, como com

⁶⁶ A mais antiga localidade era Santo Antônio(1902-Antonio Lyra de Brito), seguida pela Enseada Cabo Branco(1943 – Paulo Miranda)Loteamento Jardim América, em Manaíra (1953 – Companhia Imobiliária Jaguaribe), Jardim Pan-América(1957 - Companhia Imobiliária Jaguaribe) (VASCONCELOS FILHO, J. M. 2010:10). No ARCEN/PMJP registramos alguns documentos referentes a esse assunto: a modificação do loteamento do Sr. Paulo Miranda,(Cabo Branco -1953), o Jardim Panamérica, (Manaíra – 1957), o loteamento das terras do Sr. Maximiliano Aureliano Monteiro da Franca (Manaíra -1960), quadras do Loteamento Parque Cabo Branco, do Sr.Clóvis Moreno Gondim (Cabo Branco – 1970), o Jardim Tambaú, (duas quadras, próximas a Av. Rui Carneiro, entre a Av. Monteiro da Franca e a Av. Gal. Edson Ramalho – 1970, financiado próprio da Construtora Bonfim, tinha lotes de 16,00 x 30,00 m, maiores que os demais). (R. X. DA COSTA, novembro de 2009:53)

⁶⁷ A casa do Ministro foi transformada no Museu José Américo.

⁶⁸ Consultar: F. T. Pereira (2008)

⁶⁹ Na Enciclopédia dos Municípios publicação oficial do IBGE, de 1960, exalta a arquitetura moderna das casas de Tambaú, equiparando-as a beleza natural da praia. (IBGE,1960:15)

medidas saneadoras,⁷⁰ no entanto, não eram suficientes para atrair a população que passaria a ocupar definitivamente as praias da cidade. Na década de 1950 apenas algumas famílias paraibanas, tão cosmopolitas quanto o ministro, procuravam as praias.

Ribeiro Coutinho e Freitas - as famílias e seus arquitetos

As famílias Ribeiro Coutinho e Freitas têm um papel fundamental nesta modernização residencial. Em 1954, Flávio, (médico, formado em Salvador, o mais velho dos irmãos Ribeiro Coutinho) encomendou ao escritório carioca Ferreira & Juca Engenharia, Arquitetura e Construção. (A. FEITOSA & F. MEIRA 2008:05) um projeto de casa de veraneio como permanece até os dias atuais - para sua família (esposa Maria Berenice Mindello e os 6 filhos). Banqueiro, deputado estadual à época, Flavio, que foi governador do estado da Paraíba em 1956-1958, entre os governos de José Américo e Pedro Gondim. Era filho de João Ribeiro Coutinho e Ana Ferreira de Castro Ribeiro Coutinho, e teve onze irmãos, uma família de usineiros. A casa encomendada ao escritório carioca foi construída na Av. Cabo Branco, 1314. Alguns anos depois, da construção seus irmãos Cassiano e Renato Ribeiro Coutinho também convidam um escritório carioca, mas de um arquiteto radicado no Recife: Acácio Gil Borsoi, para projeção de suas casas, ambas localizadas na Av. Epitácio Pessoa, eixo da cidade que se expande do centro a praia.⁷¹



Figura 5: Casa Flávio Ribeiro Coutinho, vista da Av. Cabo Branco. Fonte: Fonte: Acervo do LPPM. Registro: A. FEITOSA & F. MEIRA, 2008.

Acácio Gil Borsoi fará também, em 1956, a casa de veraneio do seu amigo, o empresário Austragésilo de Freitas. Arquiteto e cliente mantinham uma amizade antiga, iniciada quando este último, natural de Areia (PB), mesma cidade de origem de José Américo de Almeida, completava seus estudos secundários em Recife. Com formação superior concluída em São Paulo, Austragésilo se especializa em beneficiamento de algodão⁷² e instala em sua cidade natal uma tecelagem de sacos (usados para condicionar os produtos destinados a

⁷⁰ Havia surtos constantes de malária e os mosquitos oriundos da falta de saneamento do rio Sanhauá incomodavam os frequentadores da orla marítima(Ver M. A. Dieb, 1999:42)

⁷¹ A de Cassiano (1955) será uma referência citada por autores como H. SEGAWA (2002: 131), e a segunda de Renato (1958) segundo F. T. Pereira, está relacionada a busca de tradição modernidade, (2008:36) seguindo ambas respectivamente em nosso entendimento a vertente Escola carioca associada a disseminação da arquitetura moderna. Renato Ribeiro Coutinho constrói sua casa de veraneio na Av. Cabo Branco, a casa com características próximas a do Ministro José Américo, tinha um anexo moderno que lembrava a casa de Cassiano Ribeiro Coutinho de Acácio Gil Borsoi. Não foi possível averiguar o autor e data da construção.

⁷² O Estado da Paraíba tinha à época dois grandes produtos agrícolas: o algodão e a cana-de-açúcar.

comercialização como o açúcar).⁷³ Em 1960, a família se transfere para João Pessoa e a casa vira habitação permanente. Quatro anos depois, a família solicita uma reforma para a casa a Borsoi, então companheiro de Janete Costa, a quem foi confiada a decoração⁷⁴. A fachada da casa foi mantida e apenas algumas áreas internas foram divididas. Segundo o relato de Ângela Freitas, filha do proprietário, próximas a sua casa, se encontravam as primeiras habitações da praia do Cabo Branco, e quando transformada em habitação permanente seu pai promove a instalação dos serviços de telefonia, que ainda não eram encontrados no local⁷⁵.

No final dos anos 1950 e início dos 1960, a orla marítima que, conforme dissemos, ia sendo loteada, era ainda pouco habitada. O veraneio durava de dezembro a março, nesse período algumas famílias se transferiam para a orla marítima; nos demais meses; a região ficava muito desabitada, algumas casas eram alugadas para recém-casados⁷⁶. Na ocasião da transferência da família, não havia transporte público para a área. "O ônibus ia até o Elite Bar, mas não vinha até esse lado do Cabo Branco, era preciso caminhar até a Av. Epitácio Pessoa para pegar a condução para o colégio, todos nós que estudávamos no Colégio Diocesano Pio X⁷⁷," informa Cláudio o primogênito dos quatro irmãos, filhos de Austragésilo.

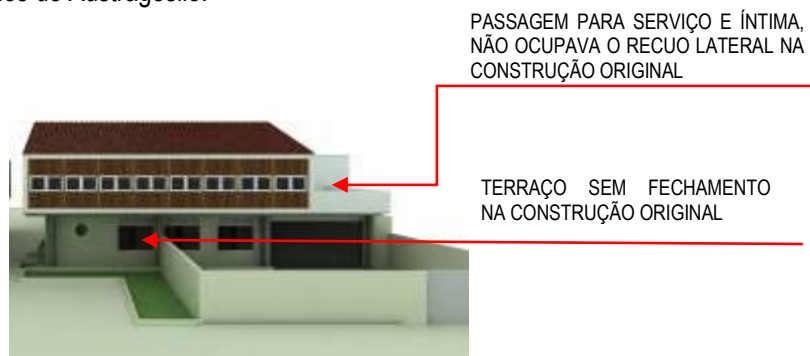


Figura 6: Maquete da Casa Austragésilo de Freitas. A construção original de 1957, cuja documentação não foi encontrada. O muro frontal marca a divisão de uso atual: pousada e residência. Fonte: Acervo do LPPM. Registro: Alanna Maria Ribeiro, Eduardo Pinto e Nathalia Nishida, 2009.

Eram poucas casas, segundo nos contam os Freitas: a de Eunápio Torres, dono de um dos cartórios mais antigos da cidade, a qual não conseguimos identificar. A de Paulo Miranda, empreendedor que loteia a praia de Cabo Branco, ao final da enseada. A de João Raposo (similar a de Renato Ribeiro Coutinho, na Av. Cabo Branco, 1870);⁷⁸ a de Flávio e Berenice Ribeiro Coutinho. A casa de Jorge Ribeiro Coutinho, em Tambaú, (foi substituída por outra, projeto de Carlos Alberto Carneiro da Cunha, que estudaremos mais adiante no capítulo 3) a de Dr. D'Ávila Lins; a de Dr. Herul Sá (posteriormente reformada conforme registramos na listagem das casas da orla).

⁷³ Em Areia o empresário constrói uma casa sede para a família executada pela firma recifense Casa Holanda, pertencente a Roberto Pontual, mas para o veraneio prefere seu amigo Borsoi.

⁷⁴ O projeto de reforma consta no nosso levantamento de arquivo.

⁷⁵ Ângela Freitas informou que na construção de sua casa, seu pai instala os serviços de telefonia até sua casa, e é quando a partir desses serviços iniciados, o próprio Ministro José Américo de Almeida, instala esse item de modernidade em sua residência. Relato informal, via telefone, em 25/01/2011.

⁷⁶ Relato dado a pesquisadora por um dos proprietários durante o reconhecimento de campo.

⁷⁷ Ainda funcionando na mesma localização, esse Colégio pertencente a rede Marista, fica na Praça da Independência, no centro da cidade.

⁷⁸ Onde hoje funciona um restaurante, o Terraço Brasil.

Características gerais nas casas dos anos 1950

Implantadas “soltas” no lote, sempre com edículas, as casas acolhiam freqüentemente parentes ou hóspedes das famílias proprietárias, muitas residentes no interior do estado. Assim fossem elas de veraneio ou moradias permanentes, as áreas de recepção eram muito importantes: tanto a social, sala e terraço como os quartos para uma estadia. As visitas de eleitores ou clientes importantes também eram freqüentes nas casas de políticos e homens de negócios, como na do ministro, da família Ribeiro Coutinho e da família Freitas. Num momento em que a cidade oferecia poucos recursos de hospedagem e também opções de restaurantes,⁷⁹ era nestas casas, eventualmente que se hospedavam as grandes personalidades de passagem pelo Estado: foi o caso do então presidente Jânio Quadros e comitiva, hospedados na casa de veraneio do Sr. Austragésilo de Freitas⁸⁰.

Hospedagem e vida social intensa demandavam um número maior de prestadores de serviços, em sua maioria, residentes também na casa, o que acarretava um maior número de cômodos para abrigá-los.

Ponto comum nestas casas “de ricos” são os terraços generosos, dedicados a receber pessoas, parentes e amigos. O terraço era o espaço de festas e de estar por excelência. Mas, além disso, como afirma Claudio Freitas, a relevância desse ambiente aberto voltado a brisa da praia, tem uma razão muito simples: as “casas eram muito quentes, era impossível ficar nos ambientes internos, e como não se considerava o uso do ar-condicionado, tinha mesmo que ficar no terraço”. Nesse local acontecia não apenas o convívio dos familiares mas também os eventos sociais que abrangiam as demais relações sociais dos proprietários: receber amigos e parentes para os almoços de domingo, jantares de final de semana ou realizar celebrações diversas como casamentos, aniversários, etc.

Esse ambiente, localizado à frente da casa, em geral, é abrigado sob pilares que, em casas como a dos Freitas, liberava parcialmente o pavimento térreo (semi-pilotis). Não havia, no entanto, apenas o terraço social, o setor íntimo e de serviço também tinha os seus terraços ou varandas equivalentes.

O terraço social poderia também ser contínuo e peristilado, um modelo comum foi a distribuição em L com pilares cilíndricos, como na Casa Clodoaldo Soares de Oliveira, projetada em 1958, de autoria do arquiteto Mario Glauco Di Lascio.⁸¹ Externamente essa casa tem alguns dos elementos da propagada tradição reinventada: a solução de coberta, o terraço peristilado, a varanda contínua dos quartos no pavimento superior.

⁷⁹ Na área da orla marítima o Elite Bar é o equipamento mais famoso e permanente, funcionando desde 1942, segundo sua proprietária D. Miriam Gama “as pessoas vinham até de Recife para tomar a sopa de cabeça de peixe do Elite, ficavam na praia e no fim do dia vinham para o restaurante”. Outras opções de lazer que identificamos foram: os clubes late Clube(arquiteto Acácio Gil Borsoi, Bessa - 1967), Maravalha Praia Clube(Tambaú - 1969), Restaurante e Boate Calamar(na antiga residência da Sra. Mirtes Ribeiro Coutinho, Cabo Branco - 1969) Jangada Clube(Arquiteto Mario Glauco Di Lascio, Cabo Branco - 1970), Balneário do SESC (Cabo Branco - 1972), Balneário dos Bancários do Banco do Nordeste(Cabo Branco - 1974)

⁸⁰ Na pousada um placa comemorativa relembra o ocorrido. Claudio Freitas nos informou que ninguém de sua família teve contato com o presidente ou qualquer um de sua comitiva, na ocasião todos saíram a casa foi desocupada, e o presidente deixou apenas um bilhete de agradecimento para seus pais.

⁸¹ Solução similar a casa da Av. João Maurício, de 1959, cujos pilares são revestidos com cimento queimado cinza, assim como o piso do terraço, com pigmentação em amarelo, e as esquadrias com venezianas fixas em madeira; paredes rebocadas e pintadas de branco, o

A entrada para os quartos através de uma circulação interna aberta permitindo a visualização do ambiente social (jantar/estar), como se vê na Casa Clodoaldo Soares de Oliveira (Figura 7) foi também muito comum aparecendo em várias das casas da orla posteriormente. Internamente o resultado é um pé-direito duplo, decorrente da inclinação acentuada da coberta. Tem a função de auxiliar na exaustão do ar quente, porém pelo que consta nos relatos não parece ter tido a eficiência esperada.



Figura 7: Aspectos das casas dos anos 1950. Casa Clodoaldo Soares de Oliveira. Fonte: P. Cavalcanti, 2008.

Em casas de dois pavimentos como a Austrágésilo Freitas, os quartos se sobrepõem ao terraço e com varandas contíguas voltadas para o mar. Esse espaço é delimitado externamente, por um painel inteiriço de madeira, tipo muxarabi⁸² e esquadrias de vidro que protege da insolação das primeiras horas do dia⁸³.



Figura 8: Casa Hermes Pessoa, Planta baixa. Com indicação da setorização em três setores. Fonte: acervo da pesquisa, levantamento de campo. Desenho: Eudes Raoni, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2008.

detalhe do peitoril da varanda dos quartos do pavimento superior em alvenaria revestida com tijolinhos cerâmicos, a escolha desses revestimentos vai ser mais comum em residências de anos mais a frente.

⁸² Esse tipo de fechamento é similar ao usado na residência Lisanel de Melo em Recife, de 1953, embora nesta o resultado plástico seja distinto, foi também usado por outros arquitetos como: Jorge Moreira no Ed. Antonio Ceppas de 1952, no Rio de Janeiro, e Lygia Fernandes, na casa de João Paulo de Miranda Neto, em 1953 em Maceió.

⁸³ É importante ressaltar que o sol desponta cedo na região, entre 4:30 e 5:00 h da manhã.

Em casas térreas como a Casa do Desembargador Hermes Pessoa⁸⁴, os ambientes sociais e íntimos são distribuídos em dois níveis. A elevação do setor íntimo impede que o transeunte visualize o interior da residência. Os painéis de elementos vazados⁸⁵, guarda a intimidade da área social.

Nessa casa a cozinha, reduzida ao mínimo necessário, fica contígua a sala única estar/jantar. Essa casa tem uma área bem menor que as anteriores, a escala é reduzida. O terraço é mais exíguo: uma plataforma elevada, coberta com uma laje de concreto plana apoiada sob finos pilares e adicionadas ao corpo principal.

Quanto a coberta, no geral, a solução com laje inclinada de concreto sobreposta com telha cerâmica (colonial) foi recorrente. Escoando em direção aos fundos do lote, em uma água invertida; ou, para frente da edificação, resultavam em volumetrias de prismas sobrepostos sobre base recuada. Ou eram adotadas soluções de águas desencontradas em planos inclinados, criando uma imagem assimétrica na edificação.

Nota-se a tendência ao tratamento frente e fundo, com destaque dado à fachada principal, que era sempre é claro voltada para a praia, mesmo em casas de esquina como a Hermes Pessoa. Os materiais e revestimentos eram mais nobres e a aparência dessa fachada parece ter sido um elemento eleito, por alguns proprietários, para ser mantido, mesmo após as reformas eventuais ou mudanças de usos posteriores⁸⁶.



Figura 9: Antiga casa de veraneio de Renato Ribeiro Coutinho(195?), e Casa de Flavio Ribeiro Coutinho(1954).

As famílias escolhiam às vezes arquiteturas bastante diferentes, como pode ser percebido, por exemplo, nas duas casas dos Ribeiro Coutinho, na orla marítima, durante essa década de 1950, ambas para veraneio. A casa de Renato Ribeiro (Figura 9) apresenta elementos semelhantes aos da casa do Ministro José Américo. Na segunda, de Flávio a imagem da modernidade aparece de maneira acentuada.

Os profissionais, mesmo os mais importantes, como Borsoi e Di Lascio, que atuavam nesse momento nas casas da orla, também adotaram padrões diferentes em projetos contemporâneos. Isso parece sinalizar, para nós, o fato de que não houve uma casa que servisse de modelo, de fonte de inspiração ou de padrão a ser desenvolvido⁸⁷.

⁸⁴ Essa casa assim como a dos Freitas, no início na década de 1960 torna-se residência permanente.

⁸⁵ Com elementos vazados em formato circular, do mesmo tipo encontrado na casa José Américo de Almeida e na de Roberto Y Plá Trevas.

⁸⁶ O que ocorreu não apenas na Casa do Ministro José Américo de Almeida, mas também na Austragésilo de Freitas e na casa de veraneio Renato Ribeiro Coutinho, mantida até a pouco com a mesma imagem, e na casa de João Raposo.

⁸⁷ Nas casas que antecedem 1960.

Seleção das casas modernas entre 1960 e 1974

Nos processos de habite-se do ARCEN/PMJP⁸⁸, identificamos quatro tipos de residências unifamiliares entre 1960 e 1974⁸⁹: Habitações sem expressões arquitetônicas notáveis que não apresentavam nenhum critério similar ao relatado acima; unidades de conjuntos habitacionais em Manaíra: Conjunto Habitacional Jardim Manaíra (1957- Acácio Gil Bórsoi) e Conjunto Dr. Claudio de Paiva Leite (1972) - para o Sindicato dos Vendedores e Viajantes da Paraíba; projetos repetidos em endereços diversos;⁹⁰ e, 55 casas que tinham algum elemento de modernidade, nas quais concentramos nosso estudo.

No entanto nos anos anteriores a 1973, os projetos estavam incompletos, e em geral danificados⁹¹. Seis exemplares foram catalogados em pesquisas anteriores⁹² ou por informação direta dos arquitetos atuantes no período: Mario Glauco Di Lascio e o casal Berenice e Antônio José do Amaral; e, de alguns proprietários⁹³. Incluímos tanto obras existentes e demolidas. Identificamos em 61 casas características que atendiam total ou parcialmente o repertório definido pela bibliografia. Não encontramos registros nos anos 1962, 1968 e 1969.

Fotografamos os projetos originais e quando possível estes foram escaneados⁹⁴. Das residências localizadas registramos imagens externas e internas quando o proprietário ou morador nos permitia. Organizamos as casas em ordem cronológica, seguindo a data de aprovação da licença da construção da prefeitura municipal.⁹⁵ Em registros oriundos de outras fontes usamos a data sugerida pelas mesmas. Aplicamos sobre estas casas as caracterizações que identificamos nas casas internacionais. O fizemos de uma forma genérica, considerando todo o período, 1960-1974. [pg. 62-65] No relato dos moradores foi possível perceber uma linha muito sutil que distinguia as duas décadas, optamos então por discorrer destacando os períodos.

⁸⁸ Referenciados em: E. M. Lakatos & M. A. Marconi (2006); A. N. S. Triviños (1987), A. C. Gil (2006) e R. Yin(2003)

⁸⁹ Com os endereços elaboramos um mapa de ocupação para o período.

⁹⁰ Estratégia utilizada por empreiteiros para ampliar a margem de lucro, nos bairros Cabo Branco e Manaíra. No primeiro bairro o Sr. Aureliano Porto Paiva e o engenheiro civil Walter Vinagre, associados repetem um projeto de casas geminadas em um mesmo terreno; em Manaíra, a Construtora Lannes e a Construtora Rio Negro, constroem uma casa em cada lote, com pequenas variações no projeto original. Esses projetos têm elementos modernos. (DA COSTA, Roberta Xavier. Novembro de 2009). O estudo aprofundado fica como sugestão de pesquisas futuras.

⁹¹ Sobre o acervo ver: R.X. da Costa (maio de 2010); R.X. da Costa (outubro de 2010); R.X. da Costa (setembro de 2010); R.X. da Costa (março de 2009); R. X. da Costa e R. X. da Costa (agosto de 2009).




















⁹² Vinculadas ao LPPM/CAU/UFPB.

⁹³ Realizamos três entrevistas informais com o arquiteto Mario Glauco Di Lascio, entre os meses de outubro de 2009 e agosto de 2010. Em dezembro de 2008 consultamos o acervo particular dos arquitetos Berenice e Antonio José do Amaral e Silva em Recife.

⁹⁴ Procedimento realizado apenas nos documentos que não estavam deteriorados. Para tanto, um funcionário autorizado do ARCEN/PMJP, acompanhava-nos a uma copiadora particular. Realizamos essa tarefa em momentos alternados ao longo dos 14 meses. Apesar da dificuldade operacional e do custo elevado, esse banco de imagens foi essencial para a nossa pesquisa.


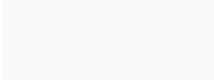






⁹⁵ Mesmo procedimento adotado por F. T. Pereira. (2008:22).

As casas modernas da Orla Marítima

	CABO BRANCO	TAMBAÚ	MANAÍRA	
194?	Casa José Américo Autor desconhecido Av. Cabo Branco			
1954	Casa Flávio Ribeiro Coutinho Escritório de Arquitetura e Construção Ferreira & Jucá Av. Cabo Branco, 1314			
1956	Casa Austraugsílio de Freitas Arquiteto Acácio Gil Bórsoi Av. Cabo Branco, 2332			
1957	Casa de veraneio Hermes Pessoa Eng. Civil Oswaldo Pontes Av. Cabo Branco, 3089			
1958	Clodoaldo Soares de Oliveira Arquiteto Mario Glauco Di Lascio Av. Cabo Branco, 1818			
1959			Sebastião Aires de Queiroz Autor: não identificado Av. João Maurício, 935	
1960	Casa Américo de Almeida Arquiteto Acácio Gil Bórsoi Av. Cabo Branco, 1206			
	Casa de veraneio Claudio Lins Autor desconhecido Av. Cabo Branco, 3144			
	Casa José Pinheiro Arquiteto Mario Glauco Di Lascio Av. Cabo Branco, 3060			
		Casa José Teixeira de Carvalho Autor desconhecido Av. Antônio Lira - Tambaú		
		Casa dos irmãos Zaccara Autor desconhecido Av. Tamandaré - Tambaú		
		Casa Antônio Valdir Bezerra Cavalcanti Engenheiro Civil Carlos Pereira Andrade Av. Tamandaré, 402 - Tambaú		
			CO_01 Casa Mario Grissi Faracco Arquiteto Mario Glauco Di Lascio AV. João Maurício, 405	
			Casa Luiz Carrilho Arquiteto Tertuliano Dionísio AV. João Maurício, 927	
1961	Casa Yvon Benício Rabelo Engenheiro Civil Anthoner Martins de Abreu Av. Cabo Branco, 4412			
	Casa Maurílio de Almeida Arquiteto Mario Glauco Di Lascio Av. Cabo Branco, 2860			
		CO_02 Casas Vila Zula Miranda Engenheiro Civil Newton Maia Av. Antonio Lira, 345. Tambaú		
1963			Casa Nolo Pereira de Melo Autor desconhecido AV. João Maurício, 927	
1964			Casa na Av. João Maurício Autor desconhecido Av. João Maurício, 756	

	CABO BRANCO	TAMBAÚ	MANAÍRA
1965		<p>Casa Flodoaldo Lima da Silveira Arquiteto Mario Glauco Di Lascio Av. Antônio Lira - Tambaú</p> <hr/> <p>Casa de Veraneio Renato Macário de Brito Engenheiro Civil Walter Vinagre Av. Antônio Lira/Helena Meira Lima - Tambaú</p>	 
1966		<p>Casa de Veraneio Sinvaldo Cavalcanti Viana Engenheiro Civil José Cordeiro Fragoso Av. Tamandaré, 290 - Tambaú</p>	
1967	<p>Casa Adalberto Belmont de Carvalho Engenheiro Civil José Cordeiro Fragoso Rua Tabelaio José Ramalho Leite</p> <hr/> <p>Casa João Carlos Ayres Engenheiro Civil Giovane Gioya Filho Av. Eptácio Pessoa, 5036</p>		 
1970		<p>CO_03 Casa Waldemar Gomes de Arruda Engenheiro Civil Álvaro Monteiro Av. Rui Carneiro, sn. Tambaú</p>	
1971	<p>Casa Fernando Amaral Marinho Engenheiro Civil Fernando Amaral Marinho Av. Cabo Branco, 1716</p>		
1972	<p>Casa Antônio Costa Magalhães Engenheiro Civil Arthur Américo Cantalice Rua A – Cabo Branco , Lote N° 12, Quadra 4</p> <hr/> <p>Casa Família Carvalho Guerra Engenheiro Civil José Carvalho Filho Av. Cabo Branco, 2566</p> <hr/> <p>Casa Pedro Alves de Carvalho Arquiteto Mario Glauco Di Lascio Rua Dr. Frutuoso Dantas, 390. Cabo Branco</p> <hr/> <p>Casa Israel Aureliano da Silva Arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha Av. Cabo Branco, 1710</p> <hr/> <p>CO_04 Casa Dr. Ferdinando Bezerra Paraguay Arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha Av. Cabo Branco, 2566</p>	<p>CO_05 Casa Dr. Josemar Meireles da Cunha Arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha Av. Inf. D. Henrique, 860</p> <hr/> <p>CO_06 Casa Jorge Ribeiro Coutinho Arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha Av. Tamandaré, 990 - Tambaú</p> <hr/> <p>Casa Waldemar de Albuquerque Aranha Engenheiro Civil José Cordeiro Fragoso Av. Tamandaré, 900 - Tambaú</p>	        
		<p>Casa Inácio Pereira de Araújo Signit. Const. Rua Antônio Lira, 591 – Tambaú</p> <hr/> <p>Casa Valdez Juval da Silva Engenheiro Civil Tarcísio Fagundes Souza Lt. 1 Qd A – Lt. N. Sra. Das Neves – Tambaú</p> <hr/> <p>Casa Manoel Gaudêncio Arquiteto Tertuliano Dionísio Av. João Maurício, 1701</p>	 
1973	<p>Casa Mario Veloso Camelo Engenheiro Civil Zenóbio Toscano de Brito Rua Tab José Ramalho Leite, sn</p>		

	CABO BRANCO	TAMBAÚ	MANAÍRA
1973	Casa Roberto Y Plá Trevas Engenheiro Civil Roberto Y Plá Trevas Av. Cabo Branco		
	Casa Luís Gonzaga de Guimarães Correia Engenheiro Civil Helio da Cunha Ribeiro Av. Marcionília da Conceição, 254. Cabo Branco		
	Casa Maria Stela Ramos Vasconcelos Engenheiro Civil João Carmello Farias de Mello Av. Cabo Branco, 2810 – Tambaú		
	Casa Ednalva Trindade Costa Engenheiro Civil Peryllo Ramos Borba Av. Infante D. Henrique, 750		
	Casa Brivaldo Araújo do Nascimento Engenheiro Civil Tarcisio Fagundes de Sousa Av. Epiácio Pessoa, 4410		
	Casa Eliete de Queiroz Gurjão Arquiteto Renato Azevedo Av. Umbuzeiro, 91 – Manaíra		
	Casa Valdemiro Gabriel do Nascimento Eng. Civil Valdemiro Gabriel do Nascimento Av. Guarabira, 202 /Rua Eutiquiano Barreto		
	1974	Casa Major Antônio Grasso Engenheiro Civil Edson Gomes Pinto. Av. Gilvan Muribeca	
Casa José Carlos Ramalho Clerot Engenheiro Civil José Carlos Ramalho Clerot Rua Buarque, 287			
Casa Lourenço Bezerra de Melo Arquitetos José Antonio e Berenice do Amaral e Silva Av. Cabo Branco			
Casa Marcone Goes de Albuquerque Engenheiro Civil Milton Gomes do Nascimento Av. Índio Arabutã, 420, Cabo Branco			
Casa Jacques Ramondot Engenheira Civil Sônia Maria de Andrade Virgínio Rua Osiris de Belli, 103. Cabo Branco			
Casa Afonso Macedo Eng. Civil Nilson Luis de Maia Macedo Av. Cabo Branco, 3034			
Casa Cosibra(Companhia de Sisal do Brasil) Arquiteto Homero de Almeida Leite, Geraldo Melo Av. Cabo Branco, 2600			
Casa Ronald de Queiroz Fernandes Arquitetos Carlos Alberto Carneiro da Cunha e Dinauro Esteves Filho Av. Cabo Branco, 4352			
CO_07 Casa José Antonio e Berenice do Amaral e Silva Arquitetos José Antonio e Berenice do Amaral e Silva Av. Marciolândia da Conceição			
CO_08 Casa Gilson Espinola Guedes Arquiteto Mario Galuco Di Lascio Av. Cabo Branco, 4500			
CO_09 Casa Major Adolfo Lira Fernandes Maia. Arquiteta Maria Graziela de Almeida Dantas Av. Cabo Branco, 3804			
CO_10 Casa José Waldomiro Ribeiro Coutinho Arquitetos Carlos Alberto Carneiro da Cunha e Dinauro Esteves Filho Av. Cabo Branco nº 3160			

CABO BRANCO	TAMBAÚ	MANAÍRA
1974	Casa Luiz Carlos Rangel Soares, Engenheiro Civil Tadeu Sobreira Pinto Rua Juvenal Mario da Silva, 75 – Tambaú	
	Casa Dr. Herul de Sá Arquitetos José Antonio e Berenice do Amaral e Silva Av. Alm Tamandaré, Tambaú	
	Casa Martim Noilton Dantas Engenheiro Civil Ormuzb Tavares Barreto Av. Infante Don Henrique, 612 Tambaú	
	Casa Milton Marcelino de Oliveira Arquiteto Carlos Alberto de Almeida Av. Helena Meira Lima, 260 Tambaú	
	Casa José Porpino da Costa Engenheiro Civil José Cordeiro Fragoso Av. Senador Rui Carneiro, 576 It 02 Qd 11 Id. Tambaú	
	Casa Amarílio Gonçalves Tavares Engenheiro Civil Ricardo César Lianza Lomard Av. Infante D. Henrique	
	Casa Roberto Djalma Guedes Pereira Engenheiro Civil José Barbosa da Costa Av. Nego, 164. Tambaú.	
	Casa Fernando Furtado Arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha Av. Alm, Tamandaré, 808. Tambaú	
	Casa Tarcila dos Ramos Pimentel Projetista não identificado Av. Umbuzeiro, 495 Manaíra	
	Casa Fernando Acioly Eng. Civil não identificado Av. João Maurício, 705	
	Casa Aldo Muniz Ferreira Engenheiro Civil Newton de Araújo Leite Av. Gaurabira/Mj Ciraulo	

Quadro sinótico 02: Cronologia casas modernas – casas da orla marítima de João Pessoa.

Fonte: Dados da pesquisa. 2008 a 2011.

Legenda

CASAS CUJOS LEVANTAMENTOS FORAM REALIZADOS

- Digitalizadas em outras pesquisas - Banco de dados LPPM/CAU/CT/UFPB
- Digitalizadas durante a pesquisa - Banco de dados Casas da Orla Marítima
- Descrição analítica (capítulo 3) - Banco de dados Casas da Orla Marítima

PARTE I - As casas e as modernidades da orla marítima na década de 1960

Seguindo a elite oligárquica rural, na década de 1960, começa a construir casas modernas nas praias uma clientela mais ampla e mais urbana: profissionais liberais, comerciantes, militares. Surgem novos atores: os engenheiros civis se responsabilizam por 07 projetos, desses o mais interessante é de Newton Maia, o qual trataremos a seguir. Os arquitetos projetam 06 casas. Dentre estes a preferência é pelos paraibanos. Bórsoi, por exemplo, já não é mais tão solicitado. Mario Glauco Di Lascio, projeta 04 casas nos anos 1960, atuam também nesse período Bórsoi (01 casa) e Tertuliano Dionísio(01 casa). Dividindo a atuação com projetistas desconhecidos.

Alguns eventos concorrem para o aumento do número de construções na orla marítima, a prefeitura investe em ações de melhoria pública, como a iluminação e a calçadinha entre de um trecho das avenidas a beira-mar (Av. Cabo Branco e Av. Tamandaré). Evento que os jornais denominam de "copacabanização" da orla, essas intervenções ocorridas após a segunda metade da década de 1960, contribuem para minimizar o isolamento da área. Além das ações urbanizadoras dos governos estadual e municipal, a inauguração do Jangada Clube(1965), na praia do Cabo Branco, projeto de Mario Glauco Di Lascio, que tinha como finalidade o uso residencial, e foi reformado o novo uso. Essa edificação térrea tem como característica a coberta com platibanda reta escondendo a linha do telhado⁹⁶. E o projeto do Hotel Tambaú, projetado por Sérgio Bernardes, cujas obras se iniciam em 1968 e se concluem em 1972.

Três casas de Mario Glauco Di Lascio

Em 1960, o arquiteto projeta para seu amigo o Mestre em alfaiataria Mario Grisi Faraco⁹⁷ sua casa permanente. Erigida na comunidade São Gonçalo, na Av. João Maurício, beira-mar de Manaíra, no mesmo terreno onde os Faracco tinham anteriormente uma casa de veraneio.

Arquiteto e cliente têm como local de origem familiar a província de Potenza na Itália⁹⁸. Pouco antes da construção, trocam informações e idéias e discutem o projeto durante uma viagem à Europa. No depoimento do arquiteto e dos atuais proprietários (D. Maria Giannina Villar Faraco), a proposta era realizar uma "casa contemporânea [o arquiteto não usa a palavra moderna], funcional prática sem espaços inúteis, ventilada e iluminada."⁹⁹

⁹⁶ A residência foi projetada para Clóvis Gondim, que segundo o arquiteto se recusou a ocupá-la ao final da construção. Pois considerava o local muito isolado. (DI LASCIO, M. G. 2009)

⁹⁷ Nicola Maria Pasqualini Faraco, ao ser naturalizado brasileiro recebe o nome de Mario Grisi Faraco. Natural de Lauria Superiore, Província de Potenza, na Itália, imigra com primos e tios para o Brasil. Aqui parte dos Faracos vão para o Sul e Sudeste, Mario escolhe João Pessoa e juntamente com um primo abre a "Alfaiataria Griza", uma das mais tradicionais da cidade.

⁹⁸ O arquiteto, filho do também arquiteto o italiano Hemenergildo Di Lascio, nasce em João Pessoa; e, o cliente nasceu na Itália.

⁹⁹ O uso residencial é mantido até o momento de conclusão dessa pesquisa, a edificação foi alterada pelos proprietários, dentre elas destaca-se a substituição do gradil baixo original que permitia a visão completa da praia pela mureta, semi-opaca.

A casa Mario Grissi Faraco, [detalhada no capítulo 3], se destaca entre as construções vizinhas existentes no momento. Um gradil baixo fazia limite com o passeio público, permitindo a quem passasse na beira mar apreciar o edifício.

A aparência, dada pela solução volumétrica e a distribuição dos ambientes dessa casa são soluções similares a duas outras que o arquiteto projeta durante os primeiros anos da década de 1960. A fórmula parece ser repetida: caixa dos quartos suspensa sob pilares (semi-pilotis), terraço e varanda dos quartos a frente da casa - esquema prisma trapezoidal sobre base recuada; circulação interna dos quartos, aberta para a sala, pé-direito duplo, laje inclinada em concreto com sobreposição de telhas canal. Valorização da fachada frontal; uso de meio-níveis, para distribuir os ambientes, área íntima no pavimento superior, quartos com varanda contínua; suíte para o casal, e quarto de hóspedes no térreo, lavabo, entrada separada para banhistas, em geral pela sala de jantar, copa integrada a cozinha, serviço e edícula na porção posterior do lote.

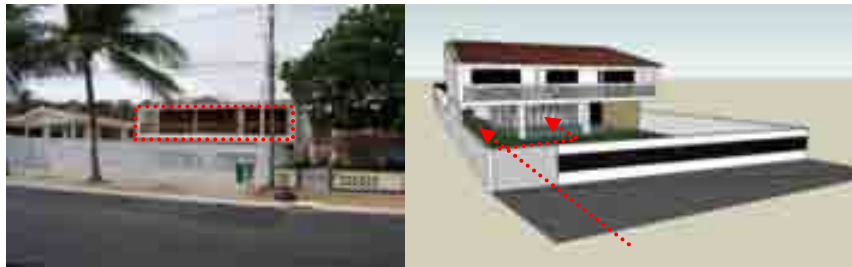


Figura 10: Residência José Pinheiro. Av. Cabo Branco. Mario Glauco di Lascio. Fonte: acervo da pesquisa, levantamento de campo e redesenho da obra. Foto: Roberta Xavier da Costa, 2008. Maquete eletrônica: Ana Emília e Sayonara, 2009.

Do mesmo ano que a Faraco, também para veraneio, no então Loteamento Enseada Cabo Branco, a beira-mar; o arquiteto constrói a casa do comerciante pernambucano José Pinheiro (1960). O pavimento superior é encostado nas duas divisas laterais, e o térreo é recuado em uma lateral, permitindo o acesso para o setor de serviço.



Figura 11: Maquete esquemática da casa Maurílio de Almeida. Fonte: levantamento de campo, 2009. Desenho: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Próxima a esta, na casa do médico patologista Maurílio Augusto de Almeida, construída em 1961 para moradia permanente, o arquiteto adota o mesmo esquema de implantação¹⁰⁰. Usa níveis intermediários para distribuição de ambientes; e jardim interno com sistema pergolado, para melhorar o conforto térmico.

Essas três casas de Mario Di Lascio, tem características próximas a da Flávio Ribeiro Coutinho, a volumetria trapezoidal da caixa suspensa que marca a fachada da edificação, e o tratamento menos rigoroso das demais faces do objeto. Para muitos dos freqüentadores da orla marítima são essas casas que representam as casas modernas das praias¹⁰¹.

Casas modernas da orla marítima de 1960 a 1967

Segundo o relato de alguns dos proprietários, os coqueiros e caiçaras eram intercalados com algumas casas mais modernas, como disse Clodoaldo Viana, "além da nossa casa [a Sinvaldo Cavalcanti Viana pertencente a sua família] as 'melhores' aqui na área eram as de Dr. Herul de Sá e a de Dr. Zaccara"¹⁰².

As duas casas geminadas dos comerciantes e irmãos Zaccara (1960), imigrantes italianos como os Faracco, contrastavam com as construções de Tambaú¹⁰³. Na varanda dos quartos no pavimento superior o vão é aberto para a paisagem da praia de Tambaú. Como as anteriores a volumetria é um prisma trapezoidal de base recuada. O destaque são os elementos vazados da fachada¹⁰⁴.



Figura 12: Residência da Família Zaccara, na Av. Tamandaré – Tambaú, 1968. Fonte: Acervo da pesquisa, gentilmente cedida pela família Miranda. Editada por nós. 2010.

¹⁰⁰ Estudou medicina em Recife no mesmo período que Mario Di Lascio, cursava Belas Artes. Assim como este foi professor catedrático da UFPB, fundador da Faculdade de Medicina, solteiro morava com a mãe. Deixou nessa casa uma biblioteca com acervo estimado em 50 mil volumes. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

¹⁰¹ Além do arquiteto Mario Glauco Di Lascio, e dos irmãos Freitas, entrevistamos também Clodoaldo Viana, primogênito de Sinvaldo Cavalcanti Viana, comerciante do ramo de madeiras, natural de Gaurabira-PB, que constrói uma casa para veraneio em Tambaú, e que quando a família se muda para a cidade definitivamente em 1972. A chegada marca a memória de um dos dois filhos do casal: "na noite em que chegamos aqui em João Pessoa, foi a inauguração do Hotel Tambaú, escutávamos os fogos da festa enquanto descíamos a mudança". Na seqüência de ações urbanizadoras para a área esta casa assim como algumas outras é ameaçada de ser demolida pelo governo. A desapropriação dos terrenos em frente ao hotel é sugestão do arquiteto Sergio Bernardes, encontramos inclusive o projeto de reurbanização da área com autoria de Tertuliano Dionísio.

¹⁰² A casa do dentista Dr. Herul de Sá foi reformada em 1974, pelos arquitetos pernambucanos então residentes em João Pessoa Berenice e Antonio José do Amaral e Silva. Registramos o anteprojeto da reforma.

¹⁰³ Sem a documentação original e sem direito ao acesso direto a edificação, não conseguimos mais informações sobre a autoria da residência.

¹⁰⁴ Na Casa José Teixeira de Carvalho (1960), observamos a mesma profusão cromática. Os brises verticais em concreto que protegem a intimidade do terraço compõe com o painel em azulejos pintados a versão local popularizada da síntese das artes. A expressão é ingênua, naiff, os motivos cenas praianas, assim como encontramos na Casa Nolo Pereira de Melo(1963). Na Casa Claudio Paiva Lins (1960), encontramos o mesmo tipo de pintura naiff na parede do terraço em painel de azulejos pintados com tema rural

Na casa de veraneio de Antônio Waldir Bezerra Cavalcanti (1960)¹⁰⁵, localizada na Av. Tamandaré, o projeto do Engenheiro Civil Carlos Pereira Andrade, previa esquadrias maiores, com aberturas liberando completamente o vão. Uma evidência da independência entre estrutura e vedo. Na execução, foram utilizadas esquadrias mais estreitas. O cromatismo dos revestimentos é uma característica marcante, o pilar é revestido com casquilho de seixos rolados rosados, a parede do terraço é revestida com um painel de azulejos cerâmico verde pastel.



Figura 13: Casa Waldir Bezerra Cavalcanti. A direita imagem do levantamento de campo, a esquerda imagem do projeto.
Fontes: acervo da pesquisa. Foto: Roberta Xavier da Costa e P. Cavalcante, 2008: anexos.

Em 1961, o funcionário público Dagberto Victor de Miranda e sua esposa D. Zula Miranda, constroem sob supervisão do Engenheiro Civil Newton Maia, três casas em um mesmo terreno, a vila Zula Miranda. Destinadas aos três filhos. Foram concebidas para moradia permanente e executadas sem muros, para que os netos se criassem juntos. [detalharemos a Casa Dagberto no capítulo 3].



Figura 14: a direita, o início da construção da primeira residência em 1961, a esquerda a foto da residência Mauro Germoglio em 1968. Fonte: acervo dos proprietários cedidos para essa pesquisa. Arquivo digital: Roberta Xavier da Costa. 2010.

Segundo os proprietários, o projeto arquitetônico foi copiado de uma revista de moda e decoração, a revista “Querida”, que infelizmente eles não guardam mais. Na primeira casa a ser executada a Dagberto Victor de Miranda, a cobertura de laje de concreto inclinada com sobreposição de telhas cerâmicas, segue o padrão original da proposta, nas outras duas residências a Eriberto Miranda e a Mauro Germoglio, o projeto original é modificado: a laje acima da cozinha passa a ser plana, originando no pavimento superior um mirante para olhar o mar.¹⁰⁶ Estão presentes nessas edificações *o pilotis*; a laje de concreto moldada *in loco*; a cobertura inclinada em laje de concreto, com sobreposição de telha canal; o terraço jardim no mirante das Mario Miranda e Mauro Germoglio.

¹⁰⁵ Antonio Waldir de Bezerra Cavalcanti, exerceu mandato de vereador entre 1961 e 1978. Fonte: Câmara Municipal de João Pessoa. <<http://www.cmjp.pb.gov.br/Conteudo/parlamentares.aspx>>. Acesso em 22.02.2011.

¹⁰⁶ A casa Dagberto Victor de Miranda, estava muito deteriorada a ferragem da estrutura exposta em vários locais, foi completamente alterada no decorrer da pesquisa.



Figura 15: Imagens da modernidade com referência as tradição. Casa Luiz Carrilho. Fonte: acervo da pesquisa, levantamento de campo. Foto: Roberta Xavier da Costa, 2008. Maquete de reconstituição. Acervo do LPPM/CAU/UFPB, Maquete eletrônica: D. Cazé e F. Rocha, 2008.

A cozinha/sala e gabinete não tem divisórias, o que sugere uma grande informalidade e talvez mais adequado a uma residência temporária. Na entrevista com os moradores, nos foi informado que o mobiliário executado em alvenaria, embora inovador incomodava a proprietária, “D. Zula [Miranda] reclamava dos armários que eram poucos e da altura destes, ela tinha cerca de 1,40 m e precisava andar com um banquinho por toda a casa para alcançá-los”, lembra Julicléia Dias, esposa do seu neto e atual moradora da residência.

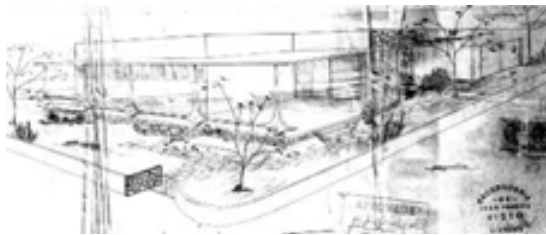


Figura 16: Casa Cel. Renato Macário de Brito. Perspectiva do projeto original e redesenhos da pesquisa. Fonte: ARCEN/PMJP. Imagens escaneadas, banco de imagens da pesquisa. Desenhos: Roberta Xavier da Costa. 2010.

Arquitetos também apresentavam anacronismos: na Casa Luiz Carrilho (1963) [figura 15] na Av. João Maurício, o arquiteto Tertuliano Dionísio, o peitoril em veneziana de madeira marca edificação, como outras já vistas no decorrer desse capítulo, a fachada frontal é valorizada em detrimento das demais. A malha de distribuição de pilares não sinaliza modulação.

Na casa de veraneio do coronel e dirigente da polícia militar Renato Macário de Brito (1965), o engenheiro Walter Vinagre, faz referência a Brasília. O projeto tem duas salas de refeições e não designa ambiente de estar. O que interpretamos como confirmação da função social do terraço, nesse caso substituindo a sala de estar.

Na Casa José Carlos Ayres¹⁰⁷ (1967 - Av. Epitácio Pessoa) o Engenheiro Civil Giovane Gyoia Filho, a implantação ocupa uma das laterais do lote, colando no muro do vizinho, tanto no térreo como no primeiro pavimento. As marquises em placas de concreto protegem as janelas, e os elementos vazados permitem a livre circulação do ar no interior da residência.

Características gerais nas casas modernas dos anos 1960

Em relação a implantação nas 18 casas da década de 1960, metade ocupava uma ou mais laterais¹⁰⁸, e a outra metade era solta nas 4 divisas. A legislação permitia ocupar o afastamento longitudinal com o pavimento superior, e o térreo ficava recuado. Assim a laje de piso dos quartos, cobria uma passagem lateral; o que permitia o acesso de veículos no fundo do lote, onde, em geral ficavam localizadas a área de serviço e a garagem.

A circulação dos quartos, aberta para o jantar/estar, com pé-direito duplo; ocorreu em 3 casas. O sistema pergulado foi usado em duas. Em casas de dois pavimentos os quartos são geralmente localizados no primeiro pavimento, contíguos a uma varanda aberta para frente do lote. Com exceção de uma casa, a Dagberto Victor de Miranda, que tem a disposição em L e os quartos, estão voltados para os fundos do lote. (detalharemos essa casa no capítulo 3).

Em 13 casas encontramos o semi-*pilotis* no terraço à frente do lote. Essa solução foi adotada por Warchavick, na casa de praia do Conde Raul Crespi, no Guarujá, onde se via também uma entrada separada para banhistas para o primeiro pavimento. Interessante notar que, aqui também, em várias das casas da orla marítima, se verifica a entrada de banhistas.

O terraço, em casas térreas, será protegido por brises (3 ocorrências). Em 2 casas percebemos a ausência desse ambiente, uma indicação de que talvez, o hábito de receber em casa já não seria mais tão comum. Provavelmente pelos novos equipamentos de lazer que principiam a aparecer na área; e na cidade.

A maioria dessas casas irá usar o sistema estrutural de sessão ativa viga/pilar/laje. Nos anos 1960, as lajes são em concreto moldada *in loco*, nas casas da orla, tanto estas quanto as vigas tem acabamento em míssima. A fachada principal tratada de forma diferenciada das demais permanece, assim como ocorreu nas primeiras casas.

As grandes aberturas, de janela em fita, ou contínua estão presentes em poucas casas, 4 apenas, e todas exclusivamente na fachada frontal. As aberturas das demais fachadas são sempre menores.

¹⁰⁷ Esse proprietário não permitiu fotografias da residência. As descrições são resultantes de observações externas complementadas com o levantamento de P. Cavalcante (2008).

¹⁰⁸ Na Casa José Carlos Ayres(1967 - Av. Epitácio Pessoa) o Engenheiro Civil Giovane Gyoia Filho, por exemplo a implantação ocupa uma das laterais do lote, colando no muro do vizinho, tanto no térreo como no primeiro pavimento. As marquises em placas de concreto protegem as janelas, e os elementos vazados permitem a livre circulação do ar no interior da residência.

As casas dos anos 1960, poderiam, portanto ser caracterizadas em três pontos: volumetrias prismáticas, com base recuada, especialmente a trapezoidal; edículas; e, vistas fronteiriças ao passeio público mais elaboradas. O que denominamos de "modernismo de fachada". As casas do período seguinte se distinguem principalmente em relação aos materiais construtivos, economia de acabamento e soluções de coberta.

PARTE II – As casas e as modernidades da orla marítima na década de 1970

A partir de 1970, ampliam-se as possibilidades de acessos aos bairros, a Eptácio Pessoa deixa de ser o único, mas continua sendo preferencial. No início da década são concluídas as obras da Av. Panorâmica (atual Av. Rui Carneiro), que estimula a ocupação de Manaíra e da Av. Beira-Rio, com o propósito de contribuir no desenvolvimento do Cabo Branco. Segundo F. T. Pereira, não houve resultados imediatos, nesse sentido, o que ocorreu em um momento posterior. (2008:81)

Muitas habitações são construídas, em sua maioria em Manaíra. O Sindicato dos Vendedores e Viajantes da Paraíba juntamente com a Caixa Econômica Federal, através de seu superintendente no Estado da Paraíba Dr. Cláudio de Paiva Leite, constroem e financiam nesse bairro, casas de porte médio, registradas como conjunto habitacional. Incorporadores particulares, como os Zaccara e os Lombardi, entre outros tantos, atuam nesse bairro na década de 1970, construindo casas que o arquiteto Mario Glauco Di Lascio denominou de "padrão manaírico"¹⁰⁹.



Figura 17: Casa COSIBRA. Fonte: ARGEN/PMJP. Redesenho do acervo da pesquisa. Maquete eletrônica e desenhos; Felipe Mazzaro e Taísa Oashi, 2010.

O uso de veraneio ainda existe, mas também surgem mais casas para moradia permanente. As casas particulares, com projetos exclusivos de arquitetos ou engenheiros, serão em menor quantidade, 43 ao todo nessa década. A clientela se expande um pouco mais, na década de 1970, professores universitários e funcionários públicos federais, em geral vindos de fora, escolhem morar na praia. Empresas como a COSIBRA (Companhia de Sisal do Brasil), com sede no Rio de Janeiro e filial em Santa Rita, escolhem o Cabo Branco como local de estadia temporária para seus diretores. Na Casa Pousada construída em 1974, o arquiteto carioca Homero de Almeida Leite, detalha as esquadrias com três folhas, uma delas com tela de proteção contra

¹⁰⁹ O arquiteto declarou que essas casas tinham pouca qualidade arquitetônica, e que tornaram monótona e insípida a imagem do bairro. O padrão era o mesmo: coberta piramidal em laje plana, com sobreposição de telhado de quatro águas, terraço em L, abrigo do carro no terraço, 3 quartos, 1 suíte, sala/estar, cozinha mínima, área de serviço completa. (DI LASCIO, M.G. 2010). Curiosamente Di Lascio adota, soluções similares na Casa Pedro Alves de Carvalho, de 1972 – Cabo Branco.

insetos. Os jornais da época reportam problemas como os surtos de malária na orla marítima. Segundo M. A. Dieb o problema foi resolvido com as iniciativas de quinização da área. (1999:42)

Mesmo com os alagamentos e ainda com os serviços de infra-estrutura básica precária, as casas modernas são construídas em ruas mais distantes das avenidas beira-mar. Essas avenidas continuam sendo o endereço preferencial são 33 casas construídas de frente a praia, e 25 na primeira quadra.

As casas modernas da orla marítima de 1970 a 1974

A Casa Waldemar Gomes de Arruda [que será detalhada no capítulo 3], de 1970, projetada pelo Engenheiro Civil Álvaro Monteiro, foi executada em uma quadra que tem um único terreno na Av. Atlântica. Em forma de triângulo, o lote tem três frentes; a casa térrea apresenta a curiosidade de possuir duas entradas no terraço, uma que leva para a sala de visitas e outra que conduz diretamente ao corredor dos quartos.

A cobertura de em quatro águas de telha canal, é disfarçada por uma platibanda, essa solução foi adotada em 5 das 43 casas desse período.

Na casa do engenheiro civil Fernando Amaral Marinho, construída em 1971, na Av. Cabo Branco foi adotada a cobertura de laje inclinada de concreto com sobreposição de telhas canal. Essa solução será empregada em seis outras casas até 1974.

O espaço do terraço nessa casa é definido pelo avanço do pavimento superior sobre o jardim. O primeiro pavimento ocupa as divisas do lote, similar as casas já citadas de Mário Glauco Di Lascio; solução esta que já não é mais permitida pela legislação municipal¹¹⁰.

Algumas casas apresentam aberturas estreitas de piso a teto, longilíneas; com esquadrias em madeira e venezianas móveis¹¹¹, como a do médico Dr. Ferdinando Bezerra Paraguay, localizada na Av. Cabo Branco. Projeto do arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha para o casal e quatro filhas, essa casa foi concebida como moradia permanente em 1972 (demolida em 2009).

O mezanino aberto para o estar íntimo foi destinado aos estudos do proprietário, e equipado como consultório. O lay-out está representado no documento original. O escritório ou gabinete que aparece em outras residências nesse período, é um ambiente reservado a continuidade de tarefas profissionais dos proprietários, geralmente se localiza o mais próximo da entrada social, mas nesse caso fica na área reservada a intimidade familiar.

Contíguo ao mezanino, e exclusivo a esse, a varanda é um terraço jardim, a laje em concreto foi apoiada na divisa lateral do lote¹¹² e protege a entrada íntima.

¹¹⁰ Lei Municipal nº 1.344, de 20.07.70. Posteriormente a promulgação, encontramos duas outras casas que adotam essa solução: 1973, a Casa Maria Stela Ramos e 1974, Casa Jacques Ramondot.

¹¹¹ Casa da Família Carvalho Guerra (Projeto do engenheiro civil José Carvalho Filho) e Casa Antônio Costa Magalhães (do Engenheiro Civil Arthur Américo Cantalice), ambas no Cabo Branco e em 1972.

¹¹² Outra casa no Cabo Branco que apresenta esse uso para a laje, é Casa Afonso Macedo(1974), porém localizada a frente da edificação, e a Fernando Furtado e a Major Adolfo Fernandes Lyra Maia.

O arquiteto adota nessa casa o duplo forro para a cobertura: laje plana em concreto pré-moldado, sobreposta por telhado em quatro águas, telhas canal e madeiramento.¹¹³ A laje avança além do limite do caimento dos planos inclinados, formando uma calha para as águas pluviais, arrematada nas extremidades por uma viga invertida. Essa será a única casa de Carlos Alberto Carneiro da Cunha, na orla marítima com telhado quatro águas

As cobertas com lajes planas sobrepostas com telhado piramidal em 4 águas, foi uma solução comum no início dos anos 1970 na Orla Marítima, entre 43 casas modernas construídas 15 adotam essa solução, dessas 05 são de arquitetos e 10 são de engenheiros. A exemplo das casas dos médicos Dr. Josemar Meireles da Cunha(1972), dos arquitetos Berenice e Antônio José do Amaral e Silva (1972), e a Casa Dr. Gilson Guedes(1974) do arquiteto Mario Glauco Di Lascio. As quais iremos detalhar no capítulo a seguir.

Também com telha canal aparente, porém de planta circular a Casa Valdez Juval da Silva (1972), em Manaíra, chama a atenção pela inusitada volumetria cilíndrica, encontrada apenas em duas casas internacionais, a que o arquiteto Frank Loyd Wright faz para seu filho David Wright, e a casa-estudio Melkinof.¹¹⁴



Figura 18: Casa Valdez Juval da Silva. Exemplar curioso da produção praiana de João Pessoa. Fonte: ARCEN/PMJP. Acervo da pesquisa, imagens do levantamento de arquivo. Fotografia: Bianca Costa. 2009.

Em 1972 a beira mar do bairro de Manaíra, o arquiteto Tertuliano Dionísio projeta a residência permanente do então deputado estadual Manoel Gaudêncio. A proposta do arquiteto foi mais comedida do que a execução. No projeto original já estava previsto o uso de telhas industrializadas de fibrocimento, e as esquadrias deveriam ser de madeira.

O deputado, no entanto, desejava uma casa mais contemporânea, e queria "a visão plena do mar, como um lindo quadro", contou sua esposa Sra. Miriam Gaudêncio, assim na execução a madeira foi substituída por alumínio e vidro. Nas esquadrias inteiriças, foi necessário usar cortinas para evitar que o aquecimento interno nos ambientes, especialmente nos quartos onde a claridade incomodava desde as primeiras horas da manhã.

As telhas recebem pintura na cor coral. O piso era de mármore branco. Porém a manutenção ficava difícil, arranhava muito com a areia da praia. Na época só tinha essa casa na área, muitos cajueiros e pequenas

¹¹³ Casas que tem essa cobertura: 1973 - Mario Veloso Camelo, Luís Gonzaga de Guimarães Coimbra, Valdomiro Gabriel do Nascimento, Major Antônio Grasso, José Carlos Ramalho Clerot, Marcone Goes de Albuquerque(jornalista), 1974: Dr. Herul de Sá. Luiz Carlos Rangel Soares, José Porpino da Costa, Fernando Acioly.

¹¹⁴ Não foi possível identificar o autor do projeto. O desenho é de Antonio da Silva. O projeto trata de uma ampliação da residência. Encontramos mais uma casa com planta circular, sé que esta térrea, e houve outra localizada no Cabo Branco que foi demolida e da qual não temo registro, a não ser a memória de estudante de arquitetura, para quem essas casas despertavam grande interesse.

vacarias. Sobre escolhas projetuais e de materiais a Sra. Gaudêncio, nos informou que não foi consultada, nem mesmo sobre morar na praia que era muito distante de tudo.

Cerca de 20 anos depois, as esquadrias que tanto agradaram o deputado estavam corroídas pela maresia (fungo de alumínio), e então se fez necessário uma reforma,¹¹⁵ mas os usos permaneceram inalterados e o terraço amplo era destinado, como em várias casas da orla marítima, a ser continuação da sala de estar: lugar de receber visitantes, amigos e eleitores com uma "certa informalidade".

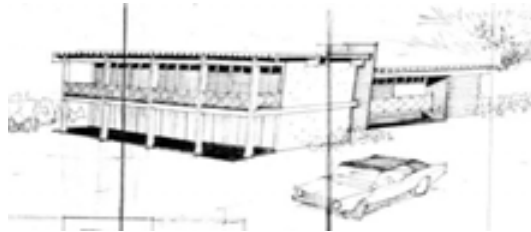


Figura 19: Projeto original da Casa Manoel Gaudêncio. Fonte: ARCEN/PMJ. Imagem: Banco de dados da pesquisa.



Figura 20: Maquete de reconstituição da residência Manoel Gaudêncio. Fonte: documentos originais do ARCEN/PMJP, acervo de imagens escaneadas de nossa pesquisa. Registro, maquete e redesenho: E. ALBUQUERQUE *et al.*

A organização de algumas dessas casas reflete esse uso descontraído. Na casa de veraneio que o arquiteto Renato Azevedo Peryllo Ramos Borba projeta em 1973, para a professora e historiadora Eliete Queiroz Gurjão, natural de Campina Grande-PB; é programada além do terraço uma segunda área de convívio, um pátio interno, na porção posterior do terreno.¹¹⁶ O banheiro nessa casa é peculiar, e foi único em nossa mostra: tem porta para o interior e o exterior da casa, para a área do pátio interno.



Figura 21: Casa Eliete Queiroz Gurjão. Fonte: ARCEN/PMJP. Redesenho do acervo da pesquisa. Maquete eletrônica e desenhos; Philippe Germano, 2010.

¹¹⁵ Em 1983 a proprietária solicita que o arquiteto Régis Cavalcante mude todos os revestimentos. (GAUDÊNCIO, M. 2010)

¹¹⁶ Podiam ser unidos pela cumeeira: Casa Roberto Djalma Guedes Pereira e Casa Martim Noilton Dantas.

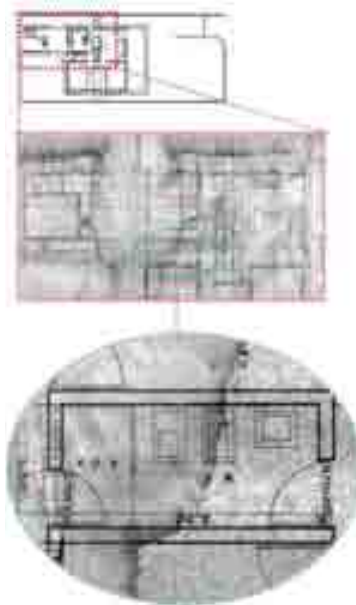


Figura 22: Detalhe da casa Eliete Queiroz Gurjão. Banheiro com dois acessos. Fonte: ARCEN/PMJP. Redesenho do acervo da pesquisa. Autor: Philippe Germano, 2010. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

O terraço continua como ponto comum para a maioria das casas, pequenas ou grandes. Nas maiores, surgem também, salas de jogos, de som/tv. O setor de serviço se subdivide: surge o quarto de engomar, a cozinha de apoio e ocasionalmente duas lavanderias (social e de serviço). As casas são mais urbanas e sofisticadas.

As casas de Carlos Alberto Carneiro da Cunha

A oligarquia emergente volta a edificar na Orla Marítima, e escolhe arquitetos que estão se consagrando. Entre esses clientes estão novamente os Ribeiro Coutinho, com um novo arquiteto, Carlos Alberto Carneiro da Cunha. Das quatro casas que esse arquiteto projeta entre 1972 e 1974, duas são dos filhos mais novos dos usineiros: Jorge e José Waldomiro. As quais iremos detalhar no capítulo 3.



Figura 23: Casa Israel Aureliano da Silva. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete eletrônica e desenhos: Guida Melo; Jullieth Favarato; Ligiane Andrade; Luana Moura; Rafaela Leite. 2010.



Figura 24: Casa Ronald Queiroz. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete eletrônica e desenhos: Kalyne Pessoa, Keyla Sulamitta, Livia Alves, Marília Carneiro e Tatiana Rezende. 2010.

Em 1972, Carlos Alberto Carneiro da Cunha projeta a casa de Jorge Ribeiro, na Av. Tamandaré, em parceria com o arquiteto Dinauro Esteves. Como comentamos nesse lote havia outra casa de veraneio que foi demolida para a construção da moradia permanente. Vale salientar que a do médico Ferdinando Paraguay, é contemporânea a esta. Porém as soluções adotadas são distintas.

As três outras são de 1974, localizadas na Av. Cabo Branco: a de José Waldomiro Ribeiro Coutinho; e duas outras para advogados - a Israel Aureliano da Silva, em colaboração com o arquiteto Adolfo Jorge de Miranda Cordeiro, a Ronald Queiroz e a do médico Fernando Furtado, essa na Av. Tamandaré¹¹⁷,

A distribuição dos ambientes é similar: a caixa dos quartos fica no pavimento superior, avança em balanço sobre o terraço que tem continuidade com o jardim. A volumetria básica é um prisma retangular sobreposto a outro de base recuada.

Os clientes exigem uma entrada social para as visitas, uma entrada “íntima” para os filhos, ou banhistas; e outra de serviços para os empregados. Reproduzindo as relações sociais e segregarias do período colonial. Todo o jardim frontal é elevado em um platô no mesmo nível do terraço e sala de estar, ampliando visualmente o contato com a rua, e garantindo a privacidade dos usuários da residência. Assim como a casa que projeta para o oftalmologista Fernando Furtado (1974), uma das mais interessantes dessa série, localizada na Av. Tamandaré. Essa casa tem como ponto marcante do terraço jardim.¹¹⁸



Figura 25: Casa Fernando Furtado. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete eletrônica e desenhos: Jessica Freitas, Kaline Nunes, Livia Falcão, Mariana Melo e Nathália Dantas, 2010.

¹¹⁷ Ronald Queiroz é também historiador, e tem especialização em biografias de Celso Furtado.

¹¹⁸ Como essa casa foi modificada, tendo sido repaginada recentemente, e por não ter sido possível no decorrer do trabalho o acesso a mesma, decidimos que apesar de ter sido realizado o redesenho, deixaríamos para a continuidade do trabalho aprofundarmos a análise sobre a mesma.

As casas das arquitetas: Maria Graziela de Almeida Dantas e Berenice Fraga do Amaral

Duas arquitetas projetam casas na orla marítima: a paraibana Maria Graziela de Almeida Dantas (uma casa) e a pernambucana, residente em João Pessoa Berenice Fraga do Amaral (04 casas). Ambas trabalham em associação com os conjugues, respectivamente engenheiro civil e arquiteto.

Maria Graziela, é junto com seu marido o engenheiro civil Luiz Sávio Galvão Dantas, sócia e proprietária da SOTEMA ENG. COM. e IND. LTDA. Em 1974 projeta e constrói na Av. Cabo Branco, a casa de Virgínia e Adolpho Fernandes Lira Maia, ele militar - comanda durante 03 anos a polícia civil do estado, ela artista plástica, gaúcha.

D. Virgínia Maia, faz algumas exigências sobre a casa: que seja de tijolos claros e aparentes, e que as lâmpadas fluorescentes, fiquem "invisíveis". Os tijolos mais claros eram produzidos no estado do Rio Grande do Norte, sendo economicamente inviável sua utilização. Executor e arquiteta a convenceram de que o tipo avermelhado produzido no estado da Paraíba, não apenas oferecia vantagens econômicas, mas tinha mais qualidade, ela conta que a pintura interna na cor branca resolveu a sua intenção de uma casa mais clara, e externamente acabou gostando do resultado, com o tempo... Quanto as lâmpadas, ficaram disfarçadas em uma sanca de placa de concreto.

Pragmática, Virgínia, durante a obra pede que a área da jardineira seja incorporada ao espaço da varanda. Alegava que a manutenção seria difícil, e preferia evitar as manchas constantes de umidade que observava em construções com vigas de concreto aparente. Denotando uma dona de casa que tem um grande prazer em receber com intimidade e que restringe as visitas e acessos aos familiares e amigos muito íntimos, sua casa reflete essa mudança de usuário que ocupa no final de nosso recorte as praias de João Pessoa.

Apaixonados pelo mar e mantendo reserva quanto a sua vida privada. O terraço da casa é local para as ocasiões especiais, não mais o local de receber para o cafezinho no final da tarde. O grande jardim permite que se contemple a paisagem, mas elevado acima da rua mantém a devida distância entre os que passam e os que fazem parte do círculo íntimo.

A intimidade é também a tônica de duas casas de outra arquiteta, a pernambucana Berenice Fraga do Amaral. A Casa do médico Josemar Meireles da Cunha[que iremos estudar no capítulo 3], tem um pátio interno. No projeto original, este pátio era descoberto, na execução a proprietária Inês Meireles, alega que dessa forma a casa ficaria insegura, e pede que seja colocado um sistema pergulado. Posteriormente terá que recobrir o mesmo devido as chuvas que sempre "inundavam" a casa. A cliente também exige que a casa tenha "uma aparência de casa, e não se pareça com o hospital [o marido funda o Hospital de Fraturas no bairro dos Expedicionários]"¹¹⁹

Dois anos depois dessa casa, a arquiteta reedita o tema do pátio em sua casa construída como habitação permanente, na Av. Marcionília da Conceição no Cabo Branco. O projeto aprovado no início de 1974 foi executado no mesmo ano pelo mestre de obras Sr. Otávio, e concluída no ano seguinte.

¹¹⁹ Em entrevista telefônica Inês Meireles relembrou conosco a época da construção, e a da reforma posterior que havíamos realizado em sua casa, onde executamos um sistema pergulado que impedia a entrada de chuva no pátio. Essa reforma ocorreu em 1993, eu era recém-formada. Em 1995 a casa foi demolida, os proprietários ainda residem na cobertura do edifício multifamiliar.

O projeto original foi modificado na execução, e como obtivemos as informações estamos realizando as observações no que foi a habitação construída¹²⁰. O terreno original era menor, os arquitetos ampliam a área em um processo de remembramento com metade do lote vizinho. A casa foi dimensionada a partir da modulação do bloco de concreto e das dimensões dos vários elementos pré-moldados que compõe a construção.

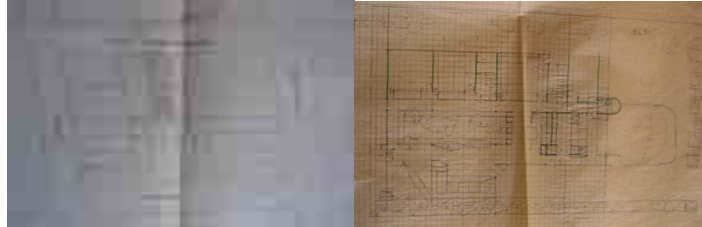


Figura 26: registro do processo de remembramento do lote e dos estudos preliminares sobre malha modulada, para a edificação. Fonte: Acervo particular dos arquitetos. Registro: Roberta Xavier da Costa, 2008.



Figura 27: Fotos do interior da residência. Fonte: acervo particular dos arquitetos Berenice Fraga e Antônio Jose do Amaral e Silva. Banco de dados da pesquisa, levantamento documental. Fotos: Roberta Xavier da Costa, 2008.

Essa casa não tem terraço, e tem poucas aberturas para a rua, mesmo porque a frente do lote de meio de quadra é oeste. A arquiteta abre a casa para os fundos do lote, onde programa uma área de convívio. A idéia era de informalidade no uso e fluidez no espaço. Os elementos pré-moldados e em concreto tinham como objetivo tornar a casa mais prática e fácil de manter, com menor número de auxiliares. A idéia era também adaptar a informalidade da casa de praia. Com uso de redes resgatando hábitos vinculados a cultura da região.

O pátio interno também está presente na casa Lourenço Bezerra de Melo. Onde a arquiteta propõe uma área de convívio em frente a praia. O estudo, similar a sua casa, procura ajustar as dimensões dos ambientes a partir da modulação, usando como módulo gerador os componentes pré-moldados, principalmente os blocos de concreto.

¹²⁰ Por ter sido um marco para a arquitetura moderna de João Pessoa, vem sendo estudada, por outros pesquisadores, dentre os estudos realizados sobre essa edificação destacamos: o registro da edificação realizado por Mariana Porto, a citação e estudo com os dados levantados por essa pesquisadora no TFG de Pautília Cavalcanti Costa, e as descrições analíticas e historiográficas de Fúlvio Pereira.

Nessa casa as esquadrias são em vidro e madeira. A planta se desenvolve em U, criando um pátio entre o terraço e os quartos. O terraço é um bloco unido a sala. Não conseguimos localizar essa casa, de acordo com a arquiteta ela foi executada.



Figura 28: Imagens do estudo da Casa Lourenço Bezerra de Melo. Fonte: acervo particular dos arquitetos Berenice Fraga e Antônio Jose do Amaral e Silva. Banco de dados da pesquisa, levantamento documental. Fotos: Roberta Xavier da Costa, 2008.

PARTE III - Características gerais das casas da Orla Marítima

Estas casas nos indicam características da produção das casas modernas da orla marítima. Observamos tanto anacronismos como uma casa com banheiros com duas portas, como pesquisas que sinalizam uma preocupação em construir melhor. Porém os resultados nem sempre serão exclusivos dos arroubos inventivos dos talentosos projetistas brasileiros, como é propagado pela historiografia; as intervenções diretas de seus usuários os principais interessados nesses objetos arquitetônicos, talvez tenha contribuído para definir as características da arquitetura moderna residencial, onde sem dúvida a criação é mais "coletiva", uma teia de atores clientes, arquitetos, engenheiros e executores, que contextualiza as respostas diversas.

Não é exclusividade de nossa produção, já sinalizamos no capítulo 1 essa diversidade de "componentes", nas casas internacionais e nacionais que expressam uma miríade de soluções ou interpretações das também arquiteturas modernas do século XX.

Retomando pontos que observamos nas casas internacionais e nacionais, os mesmos aspectos das casas em nossa mostra. [ver Tabela 03].

Aspectos do lugar: A maioria dos exemplares estudados está localizado em terrenos a beira-mar (33 casas), onde a área edificável se inicia com 10 metros do limite frontal do lote. A maior parte das construções foi em terrenos de meio de quadra (44 casas) e a localização preferencial foi o bairro do Cabo Branco (19 casas). Os terrenos foram considerados planos uma vez que a diferença de nível na área desse estudo não ultrapassa 30 cm. No entanto a época desse estudo essa área ainda não tinha sido saneada, havendo uma exigência da PMJP para que as casas fossem elevadas a 0,80 m do nível da rua¹²¹. Essa sapata mais elevada, era produzida com aterro, que muitas vezes começava no jardim. Provavelmente por questões de custo, muitos projetistas escolhiam usar meio níveis, o que ocorreu em 11 casas, das quais apenas uma é térrea. Em casas de dois pavimentos, por vezes a porção frontal da casa era elevada e a posterior escavada no terreno, produzindo uma "topografia artificial", destacamos com essa solução as casas Jorge Ribeiro Coutinho (CO_05), e a Gilson Guedes (CO_08).

Relacionado a essa especificidade da fundação, outra solução encontrada foi o aterro iniciar no jardim que ficava sobre um platô (era essa a denominação nos projetos) elevado em relação a rua, como nas casas Adolfo Fernandes Lira Maia (CO_09), Ferdinando Bezerra Paraguay (CO_06) e José Waldomiro Ribeiro Coutinho (CO_10) e Fernando Furtado. Essas soluções foram adotadas apenas em casas a beira-mar, e permitia que do interior se tivesse uma melhor apreciação da paisagem, e que a área do jardim fosse usado como continuidade do terraço, reforçando o hábito de receber no espaço de transição público/privado abertos a contemplação do mar. Além disso ns terrenos beira-mar,

A maioria dos lotes é retangular, mas encontramos um lote de formato triangular, único na quadra, com três frentes: a casa Waldemar Gomes de Arruda (CO_03). O que evoca uma visão do objeto em perspectiva, segundo a lógica das vanguardas cubistas. Não encontramos nenhuma ocorrência similar em nossas pesquisas das casas nacionais e internacionais.

Em relação aos limites laterais, assim como as casas nacionais e internacionais, as casas da orla são soltas nos quatro limites (33 casas), o que não garante a visão em perspectiva cubista, com exceção da casa citada acima e da casa COSIBRA; que pela dimensão do terreno e exigüidade de área edificada, 4.500,00 m² e apenas 12% construído, é a que mais se distancia dos quatro limites. A edícula foi observada em 10 casas. Todas previstas no projeto original. Como comentamos houve ocorrência de casas que ocupavam as laterais no pavimento superior, e com o térreo recuado, permitindo o acesso para a parte posterior do lote.

Similar as casas do primeiro capítulo, a maioria das casas é pousada no solo (38 exemplares). A maioria tem dois pavimentos, (35 casas), com 17 tendo semi-pilotis. ou seja com ocupação parcial do pavimento térreo.

¹²¹ Essa recomendação vinha em forma de carimbo nas plantas e não apenas nos bairros da orla marítima, mas também em outros da cidade, porém nos demais a recomendação era de elevação de 0,50 m. Essas ocorrências foram observadas nos projetos posteriores a 1972, quando se começa a implantar o saneamento na cidade, através da ação do Governo Federal o projeto CURA, cuja documentação também foi identificada no ARCEM/PMJP.

Aspectos funcionais e espaciais: na distribuição dos ambientes entre os dois pavimentos o esquema mais utilizado foi: 3 quartos no pavimento superior com varandas contíguas, cobrindo os terraços frontais, em geral com pilares apoiando estas. Além do terraço como área de convívio; a sala abrigando as atividades de estar e jantar, foi recorrente em 23 casas. O jardim como já comentado foi também utilizado como espaço de convívio, e não apenas como "sobra de terreno". O que em algumas casas foi demonstrado com um tratamento paisagístico para esta área (Casa Adolfo Fernandes Lira Maia e casa Lourenço Bezerra de Melo).

A piscina que é um elemento que indica a integração e uso voltado para o lazer de áreas externas, foi encontrada em duas no período. Não foram programações do projeto inicial, em ambos os casos são reformas, na Casa Austragésilo de Freitas e na Casa Herul de Sá, localizadas dentro dos recuos posteriores do terreno, sinaliza que o quintal já não é exclusivo de atividades de serviço, indicando uma maior sofisticação no programa da casa. Além dessas duas reformas 2 outras casas usou os recuos posteriores do terreno como área de lazer, a Casa Berenice e Antônio José do Amaral e Silva (CO_07) e a Eliete Queiroz Gurjão.

Outra característica comum ao conjunto das casas foi a multiplicidade de acessos, entre a rua e a edificação em geral se distinguem os acessos de veículos e pedestres, e no interior do lote os acessos de pedestres eram distintos por usos (social, serviço e íntimo, este último as vezes se dividia em dois, originando uma entrada de banhistas). Em relação as especificidades programáticas, foi observado em quatro casas a duplicidade de áreas de refeições – refeições nobres e refeições diárias.

O mezanino como espaço de uso, encontrado nas casas nacionais e internacionais, ocorreu em uma casa (Ferdinando Bezerra Paraguay – CO_06), a interpretação local para esse espaço foi uma circulação aberta dos quartos localizados no pavimento superior, comunicando-se visualmente com a sala. A pérgula foi usada em algumas casas externa a edificação (em 2 exemplares), como proteção para a insolação da parede. Internamente foram também duas ocorrências, e uma delas como ponto marcante do projeto (CO_07). Uma casa tem planta circular. O terraço- jardim, foi usado em três casas. Aparentemente a questão do custo de manutenção que esse tipo de solução, exigia já havia sido incorporado a cultura local e por isso foi pouco utilizado. Assim como nas casas nacionais, todas as casas da orla tem setorização (social, íntimo e serviço)

Aspectos construtivos: Como sistema estrutural predominou a solução de combinar estrutura independente com alvenaria portante. A ossatura independente no esquema *Dom-ino*, só foi observada em uma casa (Dagberto Victor de Miranda – CO_02). Nas demais a independência entre estrutura e vedação era evidenciada pela distinção de materiais de sustentação e vedação. A cobertura combinada de laje plana sobreposta a um telhado de quatro águas (12 casas) foi quase tão recorrente quanto a solução de laje inclinada em concreto com sobreposição de telhas canal sem madeiramento (13 casas). Assim como nas casas nacionais, predomina o uso de pilares/vigas/lajes em concreto armado *in loco*, nas casas dos anos 1960 e nos anos 1970 pilares e vigas *moldados in loco* são combinados com elementos pré-fabricados como lajes de trilhos de concreto e blocos cerâmicos. Mesmo com a independência estrutural, seguindo a tendência nacional as vedações são em alvenaria de tijolos.

Aspectos estéticos: Uma das casas tem volumetria cilíndrica (a Casa Valdez Juval da Silva) e a coberta é em forma de cone. A maioria tem volumetria trapezoidal (44), apenas 4 tem volumetria prismática. Em relação a axialidade, as casas da orla se diferenciam das nacionais e internacionais, pois nas composições se privilegiam o eixo de simetria (33 casas). Especialmente no que se refere a enfatizar a fachada frontal, como na Casa Mario Grissi Faracco – CO_01, nessa casa o cromatismo dos revestimentos são também uma característica marcante. Porém a exposição dos materiais ao natural foi a solução mais empregada, são 34 casas, embora as condições climáticas locais indique a necessidade de revestimento como proteção da edificação.

Cabe ressaltar que um modelo que foi recorrente nas casas da orla foi o tipo térreo com o telhado em quatro águas se alongando para recobrir o terraço, identificado em 10 casas, dando a casa um ar de "casa de fazenda". Nessa similaridade destacamos a casa Josemar Meireles (CO_04)¹²².

Considerações sobre as características das casas da orla: a escolha de 10 exemplares

Os exemplos são muitos, cada uma dessas casas tem aspectos singulares, mas também comuns, as casas nacionais nem sempre são os modelos seguidos. A casa Hungria Machado, por exemplo, que será tida como símbolo de tradição e modernidade, não aparece nas casas da Orla, apenas no período anterior ao que definimos como recorte. No entanto a casa de praia do Conde Raul Crespi, projetada por Warchavisky, parece ter tido mais influência em solução como a entrada exclusiva para banhista, e nas soluções de coberta, coma a linha do telhado escondida pela platibanda. As telhas industrializadas usadas em duas casas locais, parecem no se referir a Casa do arquiteto Sergio Bernardes. Considerando que o arquiteto carioca tem forte atuação em obras públicas da cidade nesse período, isso poderia ser uma influência a ser estudada, o que não o faremos agora¹²³. No entanto não seria possível precisar nos limites e objetivos desse trabalho tal cadeia de fatos a serem relacionados.

A casa Valdez Juval da Silva por exemplo indica que existe outras referências para esse projetistas, assim como as soluções adotadas por outros projetistas, o que nos aflora nesse capítulo, é a especificidade de alguns elementos que independente de linhas de filiações, parecem estar contidas especificamente aqui nessas casas.

A partir desse panorama, concluímos que a análise comparativa deve ser complementada com uma dissecação de alguns dos objetos estudados. Dentre o universo de 61, selecionamos uma mostra de 10 dessas casas que nos pareceram mais dignas de notação:

A Mario Grissi Faracco (CO_01), já vinha sendo indicada em estudos anteriores, havia cinco registros sobre essa casa. Nos chamou a atenção o tratamento diferenciado para a fachada frontal, o que denominamos de modernismo de fachada. Na casa 02, a casa Dagberto Victor de Miranda, tanto o contexto como a organização espacial indicando a planta livre e o espaço contínuo interpretado em uma escala reduzida nos chamaram a

¹²² Os dados coletados foram organizados descritivamente na tabela C do apêndice A e estão resumidos na tabela 03.

¹²³ O estudo dessas relações podem constituir uma continuidade desse trabalho.

atenção na visita. A multiplicidade de acessos e a noção de intimidade, a peculiaridade do terreno da Casa Waldemar Gomes de Arruda, instigou a investigação. A circulação centrífuga e o uso do pátio como elemento articulador que contribui para estabelecer fluxos hierárquicos entre os usuários (empregados, visitantes e proprietários), e a aparência casa de fazenda, nos fez escolher a casa 4, Josemar Meireles. Na casa 04 a Jorge Ribeiro Coutinho, vislumbramos um programa doméstico expandido para contemplar atividades de lazer talvez inexistentes na cidade, essa "casa clube", também inovava em escolhas estéticas na nossa mostra, pois é uma das primeiras que a diferenciação entre elementos portantes e vedações é utilizada. Na casa 6, a Ferdinando Bezerra Paraguay, o telhado de quatro águas apresenta soluções inusitadas, e os ambientes são distribuídos em diagonal uma clara intenção da busca por soluções que favoreçam a captação dos ventos dominantes. Na casa 7, a pátio central pergulado, é usado como elemento de comunicação construção mostrava a busca por modular os ambientes através dos elementos básicos da construção, e a tentativa de experimentar uma solução pouco repetida localmente, que é usar o bloco pré-moldado de concreto, e laje plana impermeabilizada. A casa 8, Gilson Guedes, a topografia artificial, a escada como elemento articulador e o uso de materiais sem revestimento, chamou a atenção, e também a cobertura em quatro águas. Na casa Adolfo Fernandes Lira Maia, a implantação sugerindo o convívio intenso com áreas abertas e descobertas, e o teto jardim, determinou a escolha. E finalmente na décima casa, a José Waldomiro Ribeiro Coutinho, a *promenade architecturale*, a diferenciação entre os elementos estruturais, e a aparência monumental dos pilares frontais.

Esperamos que vistos em conjunto, esses exemplares possam elucidar e estabelecer um panorama das características das casas modernas da orla marítima de João Pessoa a partir do contexto apresentado. É o que tentaremos elucidar no capítulo 3. Consideramos também para a escolha a qualidade e completude da nova documentação gerada durante essa pesquisa, especificamente em relação aos desenhos e maquetes que produzimos ao longo do trabalho (o que explicaremos mais detalhadamente no capítulo 3) ¹²⁴.

¹²⁴ Boa parte dessa etapa de levantamento e redesenho foi realizada em colaboração com alunos de graduação dos cursos de arquitetura da UFPB e do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPE.

TABELA 03: Resultados obtidos – Casas da Orla Marítima

ASPECTOS DO LUGAR			
LOCALIZAÇÃO – lote		LOCALIZAÇÃO – zona	
Plano, meio de quadra	44	Beira-mar, Cabo Branco	19
Plano, meio de quadra, acesso a duas ruas	2	Beira-mar, Manaíra	7
Plano, de esquina	14	Beira-mar, Tambaú	7
Plano, de esquina, acesso a três ruas	1	Quadras internas, Cabo Branco	7
IMPLANTAÇÃO – nas laterais		Quadras internas, Manaíra_	4
Solta no terreno	33	Quadras internas, Tambaú	14
Colada em uma divisa do terreno	17	Sem referências	3
Colada em duas ou mais divisas do terreno	10		
Sem referências	1		
IMPLANTAÇÃO – no solo			
Pousada no solo	38	Semi-pilotis (terraço frontal)	4
Pousada no solo, dois níveis	5	Semi-pilotis (terraço em L)	3
Parte pilotis, parte pousada no solo	10	Sem referências	1
ASPECTOS ESPACIAIS / FUNCIONAIS			
PAVIMENTOS / CIRCULAÇÃO		PLANTA - tipo	
Térreo	22	Seccionada	23
Térreo com meio nível	1	Compartimentada	
2 pavimentos	28	Aberta	20
2 pavimentos / nível intermediário ou subsolo	10	Articulada	3
PLANTA – forma		Não identificado, sem referências	5
Monobloco / terraço ou varanda	32		10
Monobloco / edícula de fundos	2	SETORIZAÇÃO	
Em L	12	Setores distintos: social / íntimo / serviço	24
Em U	6	Setores: social e serviço/térreo – íntimo/superior	20
Blocos agrupados em torno de pátio interno	6	Setores mesclados, sem aparente separação	4
Redonda	1	Sem referências	13
Não identificado, sem referência	2		
PÉRGOLAS / VARANDAS / TERRAÇOS / TETO		NUCLEO ARTICULADOR / ESPACIALIDADE	
JARDIM			
Varandas / terraços	40	Sala única	23
Pérgulas / pátio jardim interno	5	Sala de estar (separado do jantar)	19
Terraço / pérgola / pátio	7	Sala de refeições	5
Sem referências / não identificado	9	Terraço	3
ACESSOS / CIRCULAÇÃO		Não identificado	11
Acesso externo social / serviço; acesso interno íntimo	39		
Acesso externo social / íntimo / serviço	12		
Sem referências	10		
ASPECTOS CONSTRUTIVOS			
SISTEMA – estrutural		MATERIAIS – estrutura	
Fundação direta, sessão ativa	48	Estrutura em concreto armado	6
Fundação indireta, sessão ativa / estrutura independente	10	Estrutura em concreto armado / alvenaria em tijolos	38
Sem referências	3	Estrutura em concreto armado / alvenaria estrutural	3
SISTEMA – coberta		Estrutura em concreto armado / alvenaria em concreto	1
Em múltiplas águas / laje inclinada / telhas sobrepostas	1	Alvenaria estrutural	10
Em múltiplas águas / laje plana / telhas sobrepostas	7	Sem referências, não identificado	3
Em múltiplas águas	2	MATERIAIS – vedos	
Em água inclinada / laje / telhas sobrepostas	8	Paredes em tijolos	52
Em 2 águas / laje inclinada / telha sobreposta	13	Paredes em tijolos / elementos em concreto	1
Em 2 águas / sem laje / telha e madeiramento	4	Paredes em tijolo / esquadrias em madeira	5
Em 4 águas / laje plana / telhas sobrepostas	12	Sem referência	3
Laje plana_	2		
Em forma de cone	1		
Sem referências	11		
ASPECTOS ESTÉTICOS			
VOLUMETRIA		TEXTURAS / CROMATISMO	
Trapezoidal	44	Uso de materiais ao natural	4
Cilíndrica	1	Uso de revestimentos	12
Prismática	14	Uso de materiais ao natural / uso de revestimentos	34
Piramidal – cobertas de quatro ou duas águas	2	Uso de composição de cores contrastantes	2
COMPOSIÇÃO AXIAL		Sem referências	9
Simétrico	33		
Assimétrico	28		
Não identificado	0		

Capítulo 3

CAPÍTULO 3

Dez casas modernas na Orla Marítima de João Pessoa

Conforme demonstramos no final do capítulo anterior, definimos nossa mostra de 10 casas por meio dos critérios elencados. Embora as tenhamos organizado cronologicamente, para a seleção da mostra consideramos a qualidade da documentação produzida ao final da sistematização dos dados, e não a data da construção. Nessa mostra tivemos dois tipos de registros, realizados simultaneamente:

- 1) Um tipo foi oriundo de pesquisa de campo, onde tínhamos imagens externas das edificações, realizamos nessas casas levantamentos físicos para gerar uma nova documentação; foi necessária a permissão dos proprietários, o que nem sempre foi possível, o que ocorreu na maioria das casas dos anos 1960. Tivemos acesso a apenas três casas, todas do arquiteto Mario Di Lascio, como comentado no capítulo 2, graças a intervenção do arquiteto que mediou o contato com os proprietários. A primeira delas a Casa Mario Grissi Faracco, já havia sido citada em outras pesquisas, e por isso decidimos usá-la nessa mostra.
- 2) O outro tipo de registro foram casas cujos projetos foram encontramos, e a partir deles elaboramos uma nova documentação, usando imagens digitais (projetos escaneados ou fotografados) e quando possível também realizamos o levantamento físico desses imóveis.

Com um dos tipos de ocorrência acima geramos o primeiro momento desse registro onde redesenhamos o projeto arquitetônico em arquivos de CAD, e em Sketchup, com os seguintes documentos: plantas de cobertura e pavimentos, cortes e fachadas e maquete de ilustração. Esses desenhos foram complementados durante a elaboração da ficha descritiva. A escolha dos exemplares foi norteada pela qualidade da documentação final alcançada dentro do limite de tempo disponível para a conclusão da pesquisa. Uma vez que o propósito principal desse trabalho é caracterizar essa produção para fins de estudos acadêmicos e contribuir com o reconhecimento dessa produção em trabalhos futuros, consideramos que os casos escolhidos são válidos. Os primeiros

A elaboração da ficha descritiva

Para elaborar a ficha descritiva; buscamos observar como alguns autores apresentavam trabalhos similares ao nosso. M. Acayaba (1988) e M. Azenha (2010), catalogam a arquitetura residencial paulista, e organizam os dados em uma ficha contendo: fotografia de identificação, uma ficha técnica sobre o projeto, um mapa de localização e uma breve descrição.

Desse procedimento adotamos o esquema de identificação: imagem, ficha técnica e croquis de localização, em mapa dos bairros de Cabo Branco, Tambaú e Manaíra, que elaboramos a partir da base cartográfica atual da PMJP, onde identificamos os lotes ocupados entre 1960 e 1974, cujos endereços foram coletados no ARCEN/PMJP. (ver Mapa 01).

Essa ficha foi complementada com os aspectos retirados da tríade vitruviana, conforme exposto no capítulo 1. Durante a elaboração dos redesenhos

Aspectos do lugar: nesse item descrevemos a localização, o lote, a implantação os acessos, a axialidade. Nos apoiamos nos estudos de G. H. Baker (1996); G. H. Baker (1998); F. D. K. Ching (1999). Elaboramos a figura para o esquema de implantação inspirado em J. C. Miguel (2000). Onde procuramos os eixos de distribuição da edificação no terreno, associado a figura fundo. Verificamos se o projetista teria tido na implantação da edificação a intenção de estabelecer simetrias, ritmos, e se usava princípios compositivos na ocupação.

Aspectos funcionais e espaciais: buscamos descrever a setorização, orientação, espacialidade, circulação. Usamos código de cores para editar os desenhos documentados no primeiro registro (amarelo – social, rosa – íntimo e azul – serviço)¹²⁵. Para a setorização desenvolvemos maquetes esquemáticas brancas e com cores e estudamos os acessos e a distribuição de setores. A proposta era verificar possíveis subdivisões nos mesmos. Na tabela de setorização anotamos os dados de direção dos ambientes, para verificar se existiria a intenção de contemplar boas práticas de conforto ambiental nos mesmos, ou se o que estaria estas foram desconsideradas em função de outras intenções programáticas, como a contemplação da paisagem por exemplo. Com a maquete esquemática volumétrica identificamos essas áreas o que poderia, por exemplo, elucidar a conexão entre as mesmas, em casas de dois pavimentos. Elaboramos também seguindo J. C. Miguel (2000), desenhos tridimensionais com a divisão dos ambientes, o que permitia verificar parte do comportamento estrutural, e redesenhamos as plantas baixas para editar os fluxos de circulação. Nas maquetes de distribuição dos cômodos e nos desenhos de fluxos, verificamos se existiu independência entre os andares, ou talvez um possível esquema Dom-ino.

Aspectos construtivos: nos apoiamos em estudos sobre estrutura e tecnologia: F. D. K. Ching e C. Adams (2001); H. Engels (2006); M. H. C. Botelho(2006). Nesses os autores definem os sistemas estruturais mais aplicados as construções, e as várias partes de sua constituição. Elencamos como itens a serem verificados os elementos estruturais, a modulação, a cobertura e as vedações. A malha estrutural um dos pontos estudados por M. Cotrim (2006), para a análise gráfica de projetos residenciais, permitiria verificar se houve modulação entre pilares e qual a relação com a divisão dos ambientes. Inspirado nesse estudo desenvolvemos a maquete estrutural, quando estudávamos a Casa Mario Grisi Faraco.

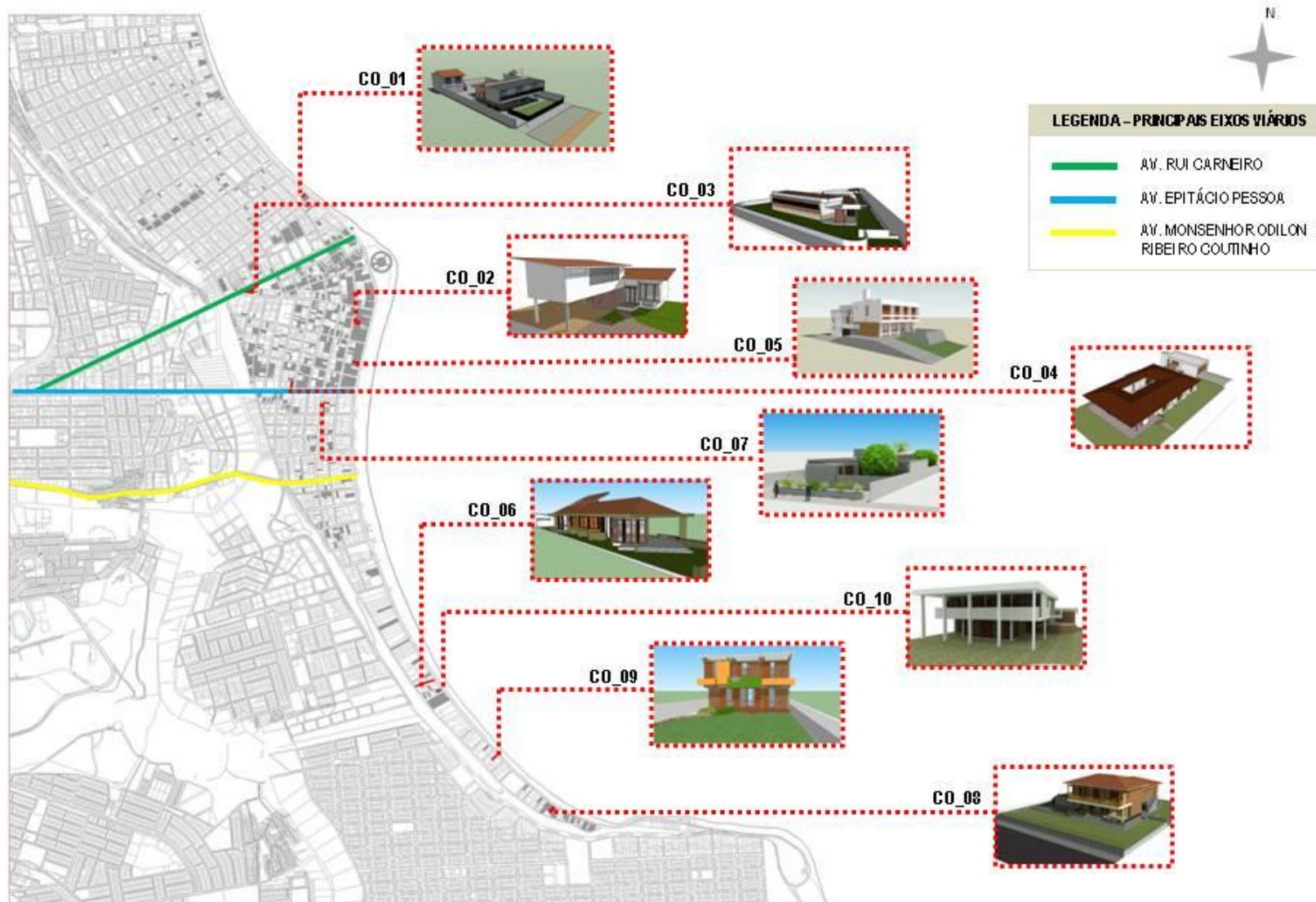
Aspectos estéticos: buscamos descrever a composição, aberturas e ornamentos. Para os aspectos estéticos a maquete figura-fundo foi inspirada em Bruno Zevi (1984). Essa maquete que poderia ser útil para ler a relação entre cheios e vazios, e verificar, por exemplo, composições simétricas e assimétricas.

A dissecação de volumetrias que observamos em muitos estudos sobre arquitetura moderna residencial (J. A. V. COUTO, 2000; J. H. CHEREGARTI, 2006; D. Z. CYPRIANO, 2008; C. V. STINCO, 2010); não se adequava ao

¹²⁵ Esse método vem sendo usado nas pesquisas do LPPM.

nosso. Primeiro constatamos que a implantação solta no lote, nas casas da orla, correspondia a afastamentos mínimos permitidos pela legislação, em raras exceções, é que se considerava a apreensão das quatro fachadas. E, não tínhamos em nosso registro indicações de casas onde a estrutura determinasse a forma da edificação.

A seguir apresentamos o mapa de localização das 10 casas, e em seguida as fichas descritivas das mesmas.



Mapa 01: Mapa de localização das casas estudadas. Fonte: ARCEN/PMJP. Criação e edição inicial: Roberta Xavier da Costa, 2009. Edição e finalização do desenho: Kelly Lima, 2011.

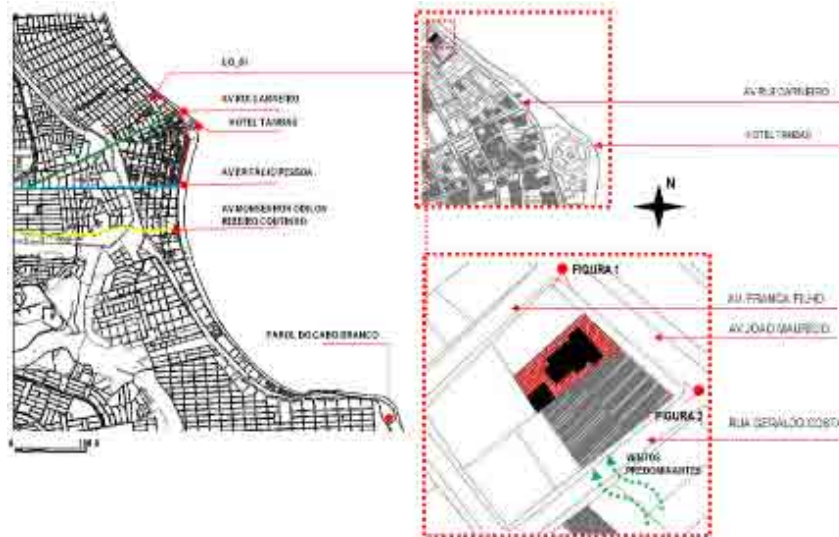
CO_01 Mario Grissi Faracco (1960)



Figura 29: Residência Mario Grissi Faracco. Fotografia de identificação. Coleta da pesquisa de campo. 2008.

<i>Ficha técnica</i>	Cliente	Mario Grissi Faracco
	Profissão	Alfaiate
	Autor:	Arquiteto Mario Glauco Di Lascio
	Localização	Av. João Maurício, 405, Manaíra
	Aprovação:	1960-1961
	Situação atual	Uso residencial
	Fonte de identificação	Campo. Citada em pesquisas anteriores, registrada pelas graduandas Érica Diniz e Raquel Calado em 2009 sob nossa orientação.
	Área terreno	694,50 m ²
	Área coberta	288,47 m ²
	Área construída	393,80 m ²
Taxa de ocupação	41 %	
Aproveitamento	0,69	

Tabela 04: CO_01 Casa Mario Grissi Faracco. Ficha Técnica. Fonte: dados da pesquisa.



Mapa 02: Croquis de situação e localização. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Composição e desenhos da autora. 2009/2010.

CO_01 Aspectos do lugar

Localização: A casa está situada entre a Rua Geraldo Costa e a Av. Franca Filho, no meio de uma quadra peculiar: a única no bairro que tem apenas três lotes.



Figura 30: Casa Mario Grissi Faracco - maquete eletrônica. Realização Érica Diniz e Raquel Calado, 2009. Edição nossa em 2010.

Lote: O lote tem forma trapezoidal medindo no sentido longitudinal 35 m na face menor e 40 m na face maior. No sentido transversal, tem 19 m na face frontal que margeia a Av. João Maurício e 16 m na divisa dos fundos. A divisa frontal está orientada para a direção nordeste, os ventos predominantes da direção sudeste chegam a partir da lateral do terreno.



Figura 31: Planta de implantação e cobertura. Desenho e levantamento Érica Diniz e Raquel Calado. 2009. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

Implantação: Desenvolvida em dois blocos: um bloco principal e uma edícula. O primeiro completamente afastado do perímetro do lote. A edícula encostada na lateral e nos fundos do terreno a sudeste. Ambos possuem dois pavimentos, sendo o bloco principal elevado parcialmente sob pilotis na fachada para Avenida João Maurício. O restante da edificação, inclusive a edícula, é pousada diretamente no solo.

Acessos: O único acesso ao exterior é o portão da Av. João Maurício, que determina uma circulação no sentido longitudinal do terreno, na direção frente/fundos. No interior do lote existem diversos acessos. Na edificação

principal, eles acompanham o zoneamento. O terraço é o acesso da área social na parte frontal da construção; o segundo acesso, para banhistas, é lateral; o terceiro, nos fundos do lote, entra no setor de serviços.

Axialidade: A edificação principal é implantada seguindo um eixo de simetria em relação às laterais do terreno. A projeção da cobertura tem a forma de um retângulo recortado que segue três eixos longitudinais, acompanhando a forma trapezoidal do terreno. As linhas transversais são eixos secundários auxiliares na constituição dos espaços internos.

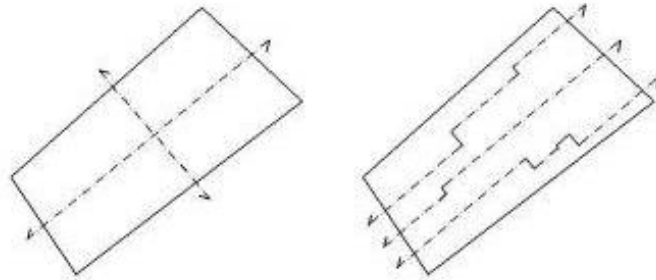


Figura 32: eixos de ocupação. Fonte: banco de dados da pesquisa. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

Do retângulo frontal definido pelos eixos longitudinais e pela porção formada pelo primeiro e segundo eixo transversal, eleva-se uma caixa, sob pilotis retangulares, essa área aberta para o jardim e para a paisagem da orla define o espaço do terraço que dá acesso a parte interna da residência.

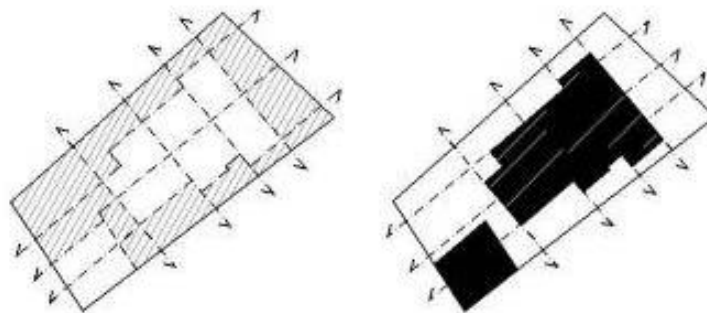


Figura 33: croquis de ocupação planimétrica. Fonte: banco de dados da pesquisa. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

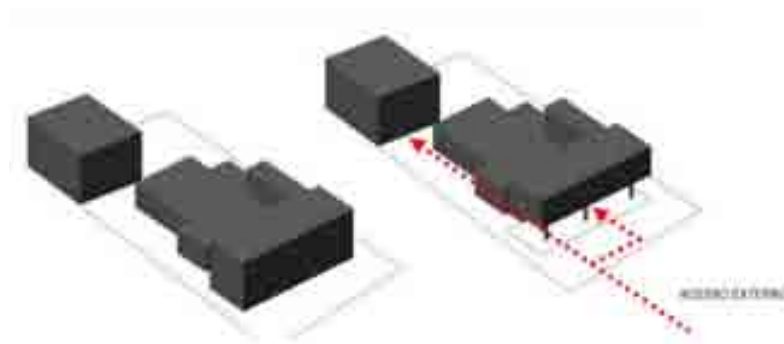


Figura 34: Croquis de ocupação volumétrica. Fonte: banco de dados da pesquisa. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

CO_01 Aspectos funcionais e espaciais

Setorização: Os ambientes foram agrupados em três setores: social, serviço e íntimo, o setor social e íntimo ocupam 71% da área edificada, com áreas equivalentes, e o setor de serviço 29,25% da residência (ver tabela 06). As atividades diurnas (setor social e de serviço) estão localizadas no pavimento térreo e as atividades noturnas ou de repouso (setor íntimo) no pavimento superior.

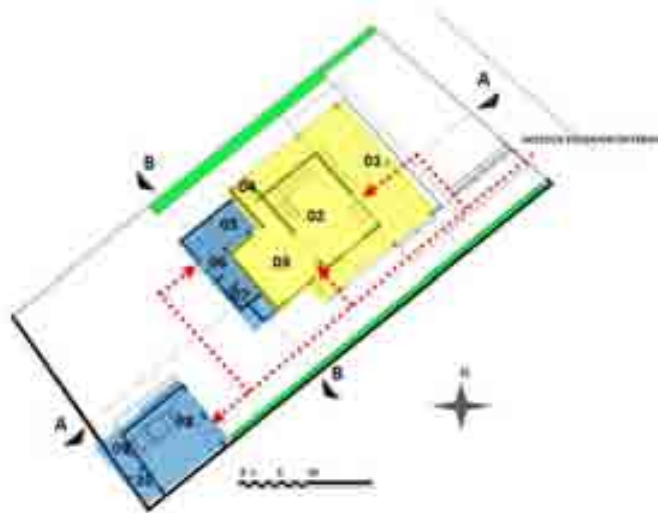


Figura 35: Planta baixa do pavimento superior, com setorização por uso. Desenho e levantamento Érica Diniz e Raquel Calado. 2009. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010



Figura 36: Planta baixa do pavimento térreo, com setorização por uso e indicação de acessos ao interior da residência. . Desenho e levantamento Érica Diniz e Raquel Calado. 2009. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01-Terraço	NE	140.10 m2	35,58
	02- Estar	NE/SE		
	03 –Jantar	SE		
	04 –Lavabo	NE/NO		
Setor de serviço	05-Copa	NO		
	06- Cozinha	NE		

	07- Despensa	NE		
	08-Garagem(02 carros)	NE		
	09 – Lavanderia	NO		
	10-Banheiro serviço	NO		
	11-Costura	NE		
	12- Quarto de empregada	NE/NO		
	13 - WC empregada	NO	138.50 m2	35,17
Setor íntimo	14- Quartos(02)	NE		
	15- Suite	NE		
	16- Hall banheiro	NO		
	17- Banheiro	NO		
	18-Circulação íntima			
	19-Varanda	NE	115.20 m2	29,25

Tabela 05: Setorização. CO_01. Fonte: dados da pesquisa, 2010.

Orientação: Os ambientes foram localizados preferencialmente na direção nordeste, para frente do lote, e paisagem da praia, no entanto, essa não é a melhor orientação para captar a ventilação predominante em Manaíra. O vazio no centro da casa na área social contribui para melhorar a ventilação no interior desses ambientes, a estratégia utilizada é a exaustão do ar gerado pelo pé-direito duplo na sala de estar.

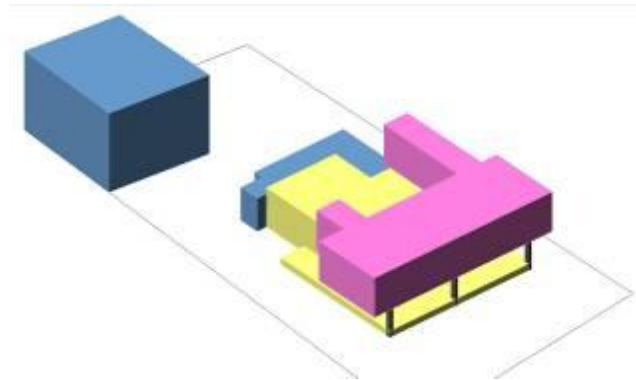


Figura 37: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Fonte: banco de dados da pesquisa. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

Espacialidade: A distribuição dos ambientes em planta é configurada a partir da localização, quase central da sala de estar e circulação vertical, rodeada pelo terraço em U. Esta disposição sugere uma integração entre espaço externo/ interno com a rua. O pé direito duplo da sala de estar proporciona integração entre os ambientes íntimos interligados por uma circulação linear de dimensões modestas, localizados ambos no pavimento superior. Os setores de serviço são organizados na porção dos fundos do terreno, dividida em dois blocos. Um deles integrado completamente ao corpo principal da residência, com a copa e cozinha, próximas à sala de refeições; e outro dividido em dois pavimentos com lavanderia, garagem, quarto de empregada e sala de costura. No pavimento superior os ambientes íntimos são dispostos de forma a proporcionar visão para a rua, interligados não só pela circulação íntima, mas também por uma varanda.

Circulação: Em relação à distribuição de fluxos, Mario Di Lascio adota a seqüência rua → casa → quintal. A distribuição de fluxos ocorre na lateral do terreno. A área próxima da escada no pavimento térreo constitui um núcleo de articulação entre os três setores da casa. A circulação entre os quartos no pavimento superior proporciona uma visão aberta para a sala de jantar.

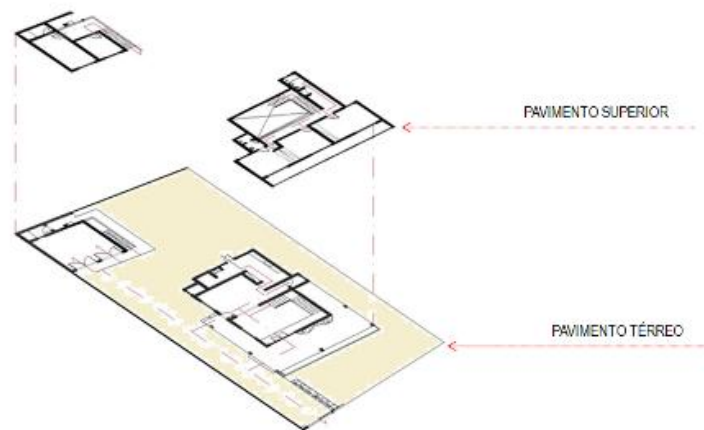


Figura 38: diagrama de fluxos e circulação interna. Fonte: banco de dados da pesquisa. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

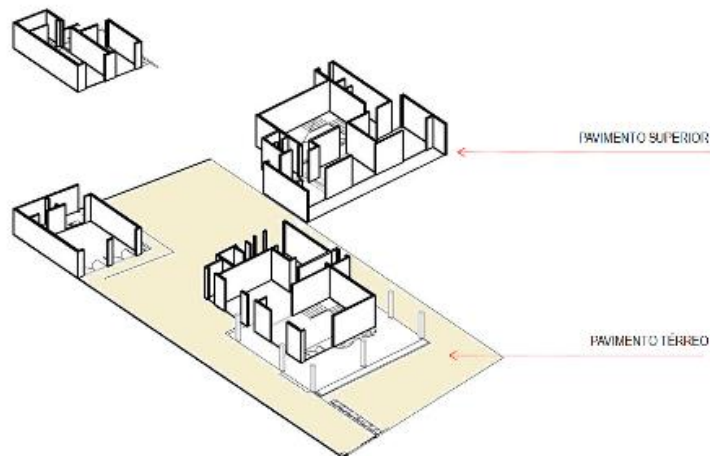


Figura 39: maquete de divisão dos ambientes. Fonte: banco de dados da pesquisa. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

CO_01 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: O sistema estrutural adotado é o de sessão ativa: elementos independentes suportam a carga da cobertura. No bloco principal, a parte em dois pavimentos é composta por pilar/viga/laje, em concreto armado in loco; no restante, as paredes de alvenaria de tijolos cerâmicos sustentam a laje inclinada em concreto.

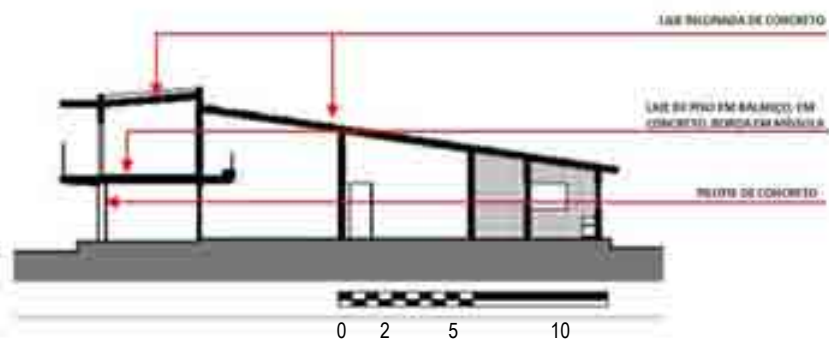


Figura 40: Corte esquemático com indicação de elementos estruturais. Desenho e levantamento Érica Diniz e Raquel Calado. 2009. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

Uma mísula (ver Glossário) finaliza a laje que cobre o terraço e é piso dos quartos. Além do pilotis do terraço e da laje em balanço dos quartos, a ossatura independente é evidenciada também pela divisória entre a suíte e o segundo quarto feita com armários em madeira.



Figura 41: Elementos da estrutura perceptíveis na fachada. Foto: Érica Diniz e Raquel Calado, 2009. Edição Roberta Xavier da Costa. 2010

Modulação: A distribuição dos pilares obedece ao eixo de simetria na direção da largura do terreno. Eles são aparentes no terraço e embutidos na alvenaria de vedação na sala. Os espaços internos são organizados dentro de um módulo de 5,00 x 8,00 m, distribuídos em duplas: no sentido horizontal da largura do terreno, dois desses módulos formam o espaço do terraço, no térreo, e dos quartos no pavimento superior; para os demais ambientes do térreo dois módulos e meio foram dispostos no sentido da profundidade do terreno. A figura base formada na modulação é um T.

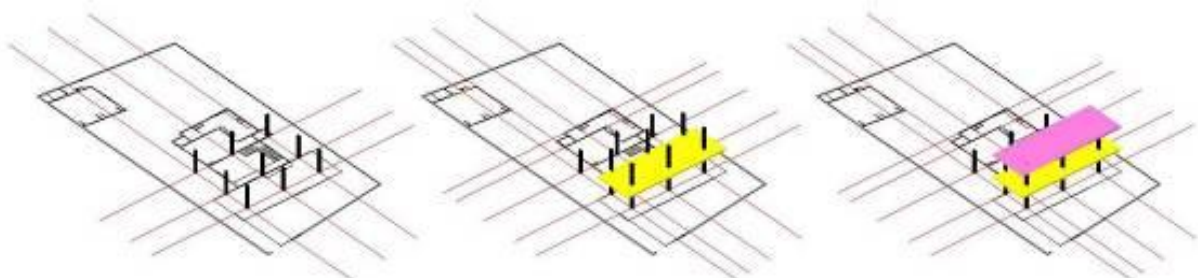


Figura 42: Maquete estrutural. Realização: Roberta Xavier da Costa, 2010, com base em desenho e levantamento Érica Diniz e Raquel Calado. 2009.

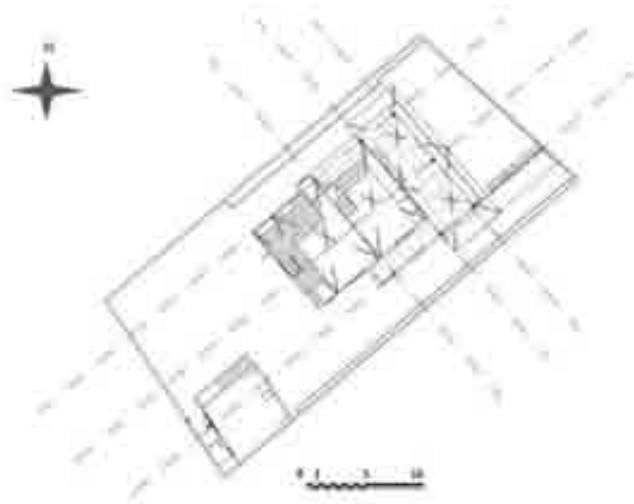


Figura 43: Esquema de modulação e distribuição de pilares. Desenho e levantamento Érica Diniz e Raquel Calado. 2009. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010

Coberta: Empenas de inclinação distintas de acordo com os ambientes. No bloco principal, a cobertura do pavimento superior desce para a rua de entrada é uma laje de concreto sobreposta por telhas onduladas de fibrocimento, disfarçadas por uma platibanda. Nos demais ambientes, sob uma grande cobertura de uma única água, que se estende para os fundos do lote, a laje é coberta por telhas canal.

A caixa de escada também é isolada por platibanda em todo o seu perímetro, porém tem como material a telha canal, e o caimento é direcionado para lateral nordeste. Pequenos volumes com cobertura inclinada são adicionados, configurando, no pavimento térreo, proteções a acessos secundários; no pavimento superior, marca o telhado do banheiro.



Figura 44: À direita - caimento da cobertura do bloco principal; à esquerda - volumes adicionados a esse bloco. Registro: Érica Diniz e Raquel Calado, 2009. Edição Roberta Xavier da Costa em 2010.

Na edícula, o sistema de cobertura é de madeiramento com telha vã sem forro, em duas águas, os dois pavimentos usam alvenaria portante.

Vedações: A vedação dos septos nos dois blocos é em alvenaria com emboço. No terraço é utilizado um painel de azulejo decorado (Figura 47). Azulejos cerâmicos são usados no terraço e na copa. No terraço são peças com motivos figurativos que formam um painel decorativo na parede frontal a rua, e na copa o ambiente é revestido a meia altura com peças com motivos geométricos. Em toda a casa as esquadrias são em madeira, nas áreas externas é usado madeira com veneziana fixa e vidro.



Figura 45: Vista frontal com relação das aberturas. Registro e maquete: Érica Diniz e Raquel Calado, 2009. Edição Roberta Xavier da Costa em 2011.



Figura 46: Vista lateral com relação das aberturas e volumetrias. Registro e maquete: Érica Diniz e Raquel Calado, 2009. Edição Roberta Xavier da Costa em 2011.

CO_01 Aspectos estéticos

Composição: Indício de uma composição nitidamente marcada pela noção de frente e fundo, com privilégio de uma fachada frontal. As paredes cegas laterais do pavimento superior acentuam o privilégio da fachada frontal, onde as aberturas obedecem ao eixo de simetria, diferentemente da disposição assimétrica da abertura no pavimento térreo. O balanço do pavimento superior destaca uma volumetria prismática com base recuada, bem como as empenas adicionais àquelas que formam a cobertura principal não quebram este partido compositivo baseado na frontalidade.

Aberturas: Seguindo a composição que privilegia a fachada frontal, as aberturas são em manchas simétricas no pavimento superior com relação constante: A-A-A-A. No térreo o arquiteto marca o eixo de simetria com um cheio e um vazio. Nas demais fachadas não se estabelecem relações compositivas e as aberturas são em pequenas manchas.

Ornamentos: O revestimento das paredes externas do terraço por um painel contínuo de azulejos decorados acentua o privilégio da fachada frontal, bem como do tratamento diferenciado da área nobre de entrada, como o piso do terraço é em granilite com cacos de mármore e granito, com motivos decorativos. O ladrilho hidráulico à época considerado menos nobre cobria a parte íntima.



Figura 47: Registro dos revestimentos. Fonte: banco de imagens da pesquisa. Fotos do levantamento de campo: Érica Diniz e Raquel Calado, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Localização: O terreno está localizado na Av. Antônio Lira, segunda rua paralela a avenida Alm. Tamandaré (a avenida beira mar do atual bairro de Tambaú); no meio da quadra entre a Rua Helena Meira Lima e a Av. Nego, que é uma das mais extensas do bairro, onde a maioria dos lotes são retangulares, compridos e estreitos.

Lote: O lote é um quadrilátero regular, 35m de frente (direção oeste) e fundo por 40 m de laterais. Foi dividido em quatro parcelas regulares de 17,50 x 20,00 m, são quatro lotes retangulares tendendo ao quadrado (a diferença entre as faces é bem pequena, mas não chega a ser insignificante). Para efeitos desse estudo seguiremos analisando a unidade isolada cuja documentação foi encontrada no ARCEN/PMJP, a casa Dagberto Victor de Miranda, quando possível faremos referências as demais unidades.¹²⁶No terreno da Casa Dagberto Victor de Miranda os ventos chegam principalmente pela divisa lateral direita e de fundos.

Implantação: A implantação da unidade isolada é um bloco em L (Figura 49), afastado das divisas do lote, aproximando-se de uma lateral, para deixar mais espaço ao que seria a área comum as demais como um átrio central. A casa tem três pavimentos, em desníveis: parcialmente elevada sob pilotis, recortou uma porção do terreno – que já apresentava um pequeno desnível de cerca de 1,00 m - para acomodar um subsolo. O desnível da área externa para o interior da residência é de 0,8 m, o recomendado para edificações nessa área da cidade naquele momento.



Figura 49: Implantação e cobertura. Fontes: documentos do ARCEN/PMJP e levantamento de campo. Realização Roberta Xavier da Costa. 2010.

Acessos: da Av. Antonio Lira para o interior do lote o acesso é realizado por um único portão¹²⁷. Dentro do lote da área externa para o interior da casa Dagberto Victor de Miranda, bem como para as demais, são dois

¹²⁶ Em João Pessoa os ventos chegam à direção sudeste na maior parte do ano e sopram na direção nordeste em um breve período de tempo, entre os meses de janeiro e fevereiro.

¹²⁷ Essa situação foi alterada quando posteriormente, os lotes foram cercados com muros, e cada casa teve sua entrada da rua individualizada.

acessos: o social, através de uma varanda descoberta, que se comunica com a sala; e o de serviço, pela porta da cozinha

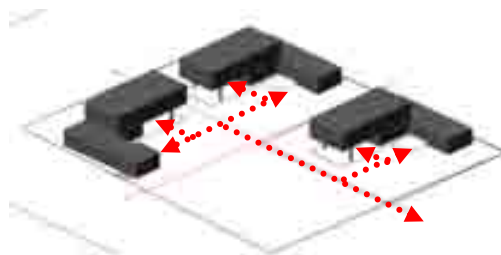


Figura 50: croquis de ocupação volumétrica, com esquema de acessos. Fontes: Documentos do ARCEN/PMJP e levantamento de campo. Realização e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

Axialidade: As edificações foram implantadas seguindo o eixo de simetria do terreno. Na subdivisão do lote, considerando a parcela individual de cada unidade; foram implantadas liberando a porção frontal, com o jardim integrando-se a área liberada pela elevação do pavimento superior suspenso sob pilotis. Na casa Dagberto Victor o lote é dividido simetricamente em ambos os sentidos, transversal e longitudinal. A relação entre eixos é uma constante para ambas as direções com intervalos A-A. O Engenheiro Civil Newton Maia, ocupa quatro intervalos com a área edificada do pavimento térreo, a esse retângulo recortado se adiciona outro suspenso sob pilotis que conforma o L da área da coberta. A ocupação da área edificada do pavimento térreo constitui um retângulo, no sentido longitudinal, adicionado de outro retângulo menor no sentido transversal.

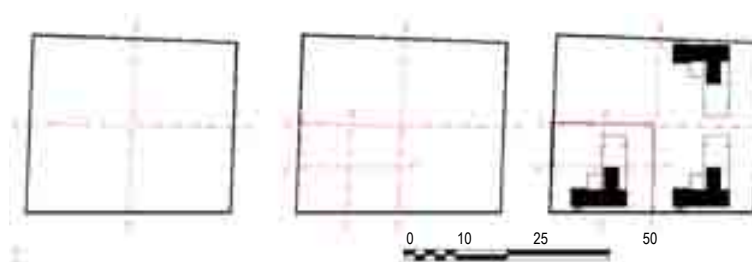


Figura 51: Esquema de implantação considerando a mancha de ocupação do pavimento térreo. Visualização de todas as unidades. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

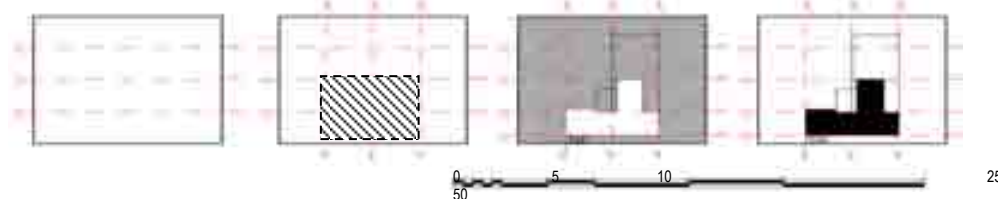


Figura 52: Diagrama de ocupação planimétrica de unidade isolada. Mancha de ocupação da massa edificada do pavimento térreo. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

Devido à implantação em níveis, o projetista libera quase toda a área do terreno do pavimento térreo, a massa edificada ocupa apenas 12% da área total do lote individual. A entrada principal está localizada na lateral do terreno.



Figura 53: Casa Dagberto Victor de Miranda - maquete eletrônica. Fonte: Levantamento de campo. Edição Roberta Xavier da Costa. 2010.

A idéia original (condomínio familiar) guiou a implantação (ver acima) e o recuo lateral, divisa com o terreno vizinho, exigido pela legislação municipal, em vez do costumeiro oitão tornou-se quintal. Já a outra parte lateral do sub-lote, voltada para a parte interna do conjunto é o jardim da casa. Assim a edificação mantém um esquema tradicional de distribuição de fluxos, rua → casa → quintal, no sentido transversal do lote.

CO_02 Aspectos funcionais e espaciais

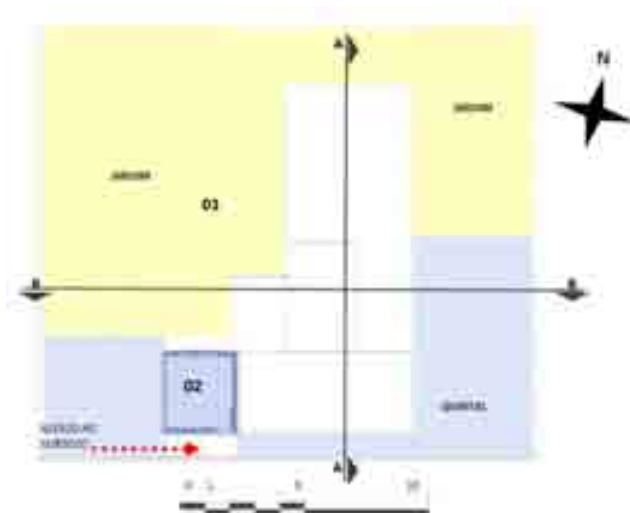


Figura 54: Planta baixa do subsolo. Com marcação de áreas funcionais da área não edificada do lote. Em azul uso para serviço, em amarelo uso social. Fonte: levantamento de campo. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa. 2010.

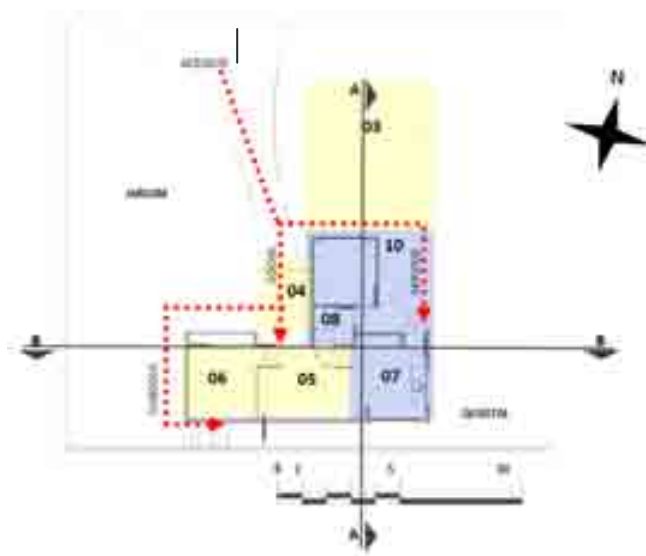


Figura 55: Planta baixa do pavimento térreo, com setorização por uso. Fonte: Levantamento de campo. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa. 2010

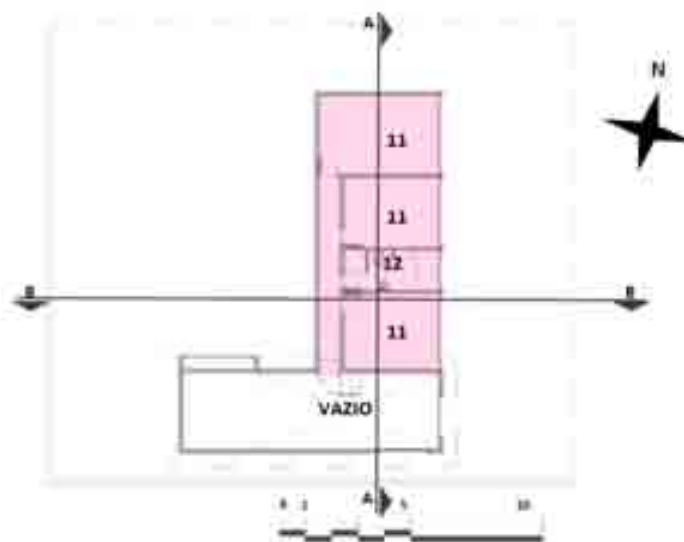


Figura 56: Planta baixa do pavimento superior, com setorização por uso. Fonte: Levantamento de campo. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01 - Jardim	O		
	03- Pilotis/área de convívio	O/N/L		
	04 – Varanda descoberta	N/O		
	05 – Estar	N		
	06- Gabinete	N	62,30 m ²	41,35
Setor de serviço	07- Copa/cozinha	L/S		
	08- Lavanderia	L		
	09 – Banheiro serviço	O/L		
	10- Quarto de serviço	N/O		
Setor íntimo	02- Deposito	O	38,60 m ²	24,28
	11- Quartos(03)	L		
	12- Banheiro	L	51,80 m ²	34,37

Tabela 07: Setorização CO_02. Fonte: dados da pesquisa. 2010.

Setorização: Dividida em setores funcionais, social, serviço e íntimo. Zona diurna distribuída no pavimento térreo: estar, jantar, cozinha e serviço; e zona noturna no pavimento superior, onde se localizam os dormitórios. Com poucos ambientes e dimensões mínimas, essa casa chama a atenção pela área social, que ocupa a maior parte da área construída (ver Tabela 07), considerando o pilotis e a varanda descoberta.

Orientação: A distribuição dos setores desconsidera a captação favorável de ventos para a área social, os ambientes que recebem melhor ventilação no pavimento térreo são os de serviço. No pavimento superior, as aberturas acompanham o vão do pilar do térreo. Na área da circulação dos quartos, é adotado uma solução com fechamento semi-opaco de tijolos assentados alternadamente, para criar uma parede de exaustão do ar.

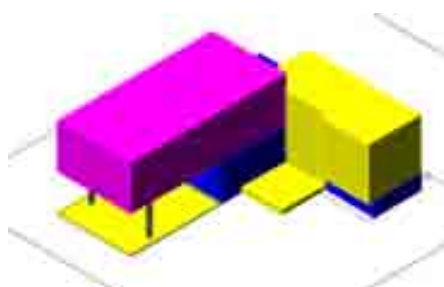


Figura 57: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Fonte: Levantamento de campo. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

Espacialidade: Integração e idéia de uma planta aberta na continuidade espacial entre a copa/cozinha e o estar/gabinete. O desnível entre gabinete e estar, integrando visualmente todos os ambientes sugere um partido compositivo tridimensional (ver comentário abaixo em aspectos estéticos). Outro aspecto curioso é a ausência do ambiente de jantar, que não é citado nos documentos e não chegou a existir, segundo as informações dos proprietários. O gabinete constituiu na verdade uma espécie de saleta íntima para a família, onde se costumava ver televisão.

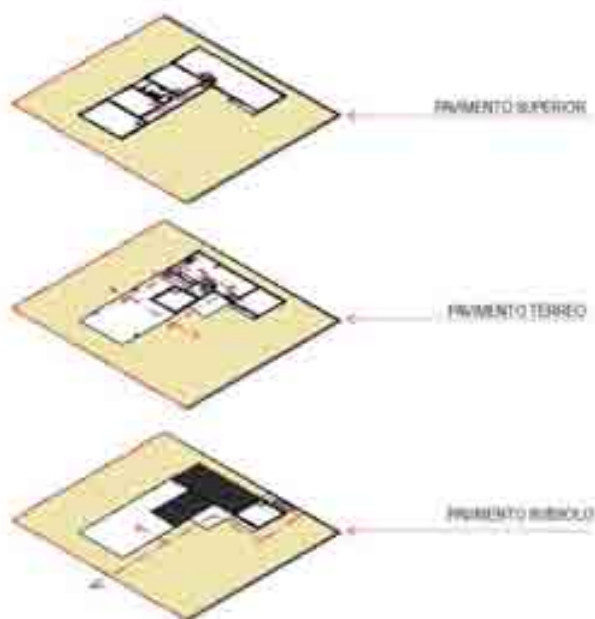


Figura 58: Diagrama de fluxos e circulação interna. Fonte: documentação do ARCEN/PMJP e levantamento de campo. Desenho e digitalização: Roberta Xavier da Costa, 2010.

Ausentes no projeto original, a área de serviço a dependência de empregadas foram executadas. A área de serviço era composta de um tanque localizado entre o quarto de empregada e a cozinha. O pilotis era eventualmente utilizado como garagem, constituindo mais um espaço flexível, onde se recebiam visitas no cotidiano e onde as crianças brincavam, principalmente por ser um espaço mais ventilado que o interior da residência.

Na cozinha sobre o balcão de trabalho as aberturas tem a função de iluminar o balcão e facilitar o trabalho doméstico. Esta solução indicada no Neufret como a mais adequada para trabalhos domésticos (1985: 163), prevê um mobiliário fixo para pessoas mais altas do que o padrão médio local, especificamente o resultado conseguido não foi muito ergonômico, pois os proprietários reportaram que a dona da casa D. Zula Miranda, tinha apenas 1,35 m de altura e reclamava constantemente sobre a inadequação do projeto a sua estatura especial

Circulação: No pavimento térreo a circulação se desenvolve em torno do núcleo da cozinha e acesso ao pavimento superior. Na sala/cozinha a circulação é longitudinal, próxima as escadas (pavimento superior e gabinete). O sentido do fluxo é em espiral, a área próxima da escada no pavimento térreo, constitui um núcleo de articulação entre os três setores da casa. O pilotis/terraço mantém uma área de convívio separada da área de circulação. Funciona como transição entre o espaço externo (público) e o interno (privado), da residência. A planta é aberta sem divisórias, a cozinha/copa é integrada com a sala/gabinete. No setor social aberturas maiores largas permitem a visualização do jardim. O setor íntimo é completamente reservado.

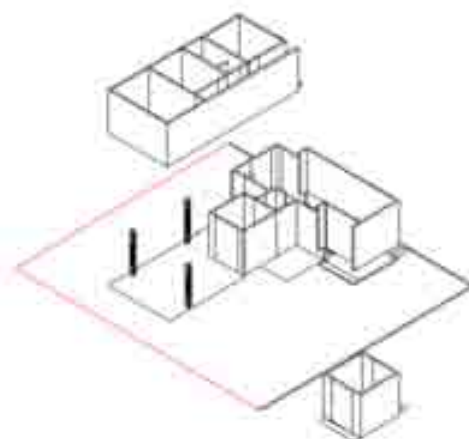


Figura 59: Maquete de divisão dos ambientes. Fonte: documentação do ARCEN/PMJP e levantamento de campo. Desenho e digitalização: Roberta Xavier da Costa. 2010.

CO_02 Aspectos construtivos

Elementos Estruturais: O sistema estrutural adotado é de sessão ativa, os elementos independentes suportam a carga da cobertura. No desnível do subsolo é usada alvenaria estrutural em tijolos, no pilotis, os componentes são pilares cilíndricos, viga e laje em concreto, armado in loco. A borda da laje tem arremate em missula. A laje de piso do gabinete no térreo tem um discreto balanço na direção do jardim (50 cm). No pavimento térreo a alvenaria portante em tijolos maciços cerâmicos sustenta a laje inclinada em concreto da cobertura.

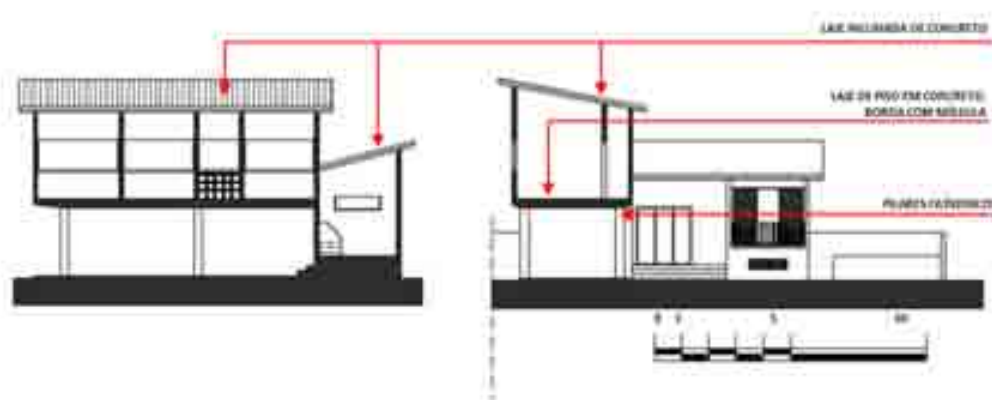


Figura 60: Corte esquemático. Fonte: documentação do ARCEN/PMJP e levantamento de campo. Desenho e digitalização: Roberta Xavier da Costa. 2010.

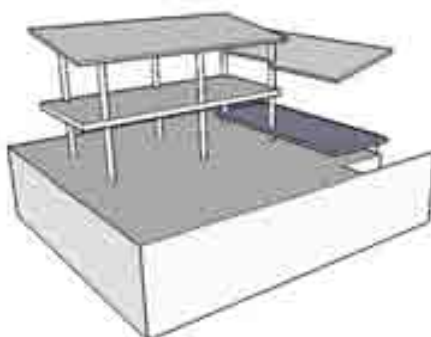


Figura 61: Ossatura da edificação, com os elementos estruturais verticais (pilares) e horizontais lajes. Fonte: documentação do ARCEN/PMJP e levantamento de campo. Realização da maquete: Roberta Xavier da Costa. 2010.

Modulação: Os 4 apoios do pilotis marcam um retângulo de 4,80 x 4,50 m, um dos dois módulos no sentido norte/sul. No sentido leste/oeste, os dois módulos retangulares medem 5,00 x 3,05 m, que acoplados formam o L da edificação.

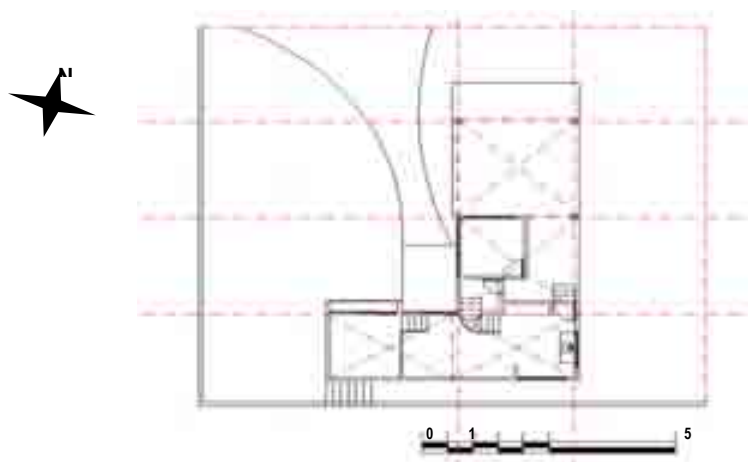


Figura 62: esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: documentação do ARCEN/PMJP, e levantamento de campo. Desenho e digitalização: Roberta Xavier da Costa. 2010.

Coberta: Em cada par de módulo que conforma o L, os panos de cobertura são soltos em níveis diferentes e com direção de caimento distintos em uma única água; se voltam para parte frontal da edificação, na direção do "pátio" descoberto no jardim. A solução para recobrimento da laje inclinada é a sobreposição de telhas canal. Na junção dos dois blocos, foi colocada uma calha, que fazia a parede externa do primeiro quarto, esta solução dificulta a manutenção da edificação, e gera um ponto constante de umidade na parede.



Figura 63: A residência em 2008, no início de nossa pesquisa. Fonte: levantamento de campo. Acervo digital: banco de dados da pesquisa. Fotos: Roberta Xavier da Costa. 2010.

Vedações: Alvenaria de tijolos cerâmicos maciços com emboço e esquadrias de madeira e vidro com mecanismo de correr. Na área da circulação dos quartos, o fechamento da área externa é semi-opaco em tijolos assentados alternadamente (Figura 63).

CO_02 Aspectos estéticos

Composição: Conforme dito acima, trata-se de uma composição assimétrica, tridimensional, cubista, não havendo privilégio de fachadas, tanto do ponto de vista da volumetria externa, quanto da configuração interna, onde os desníveis criam uma espacialidade sem barreiras visuais e uma continuidade convidando a promenade arquitetural.

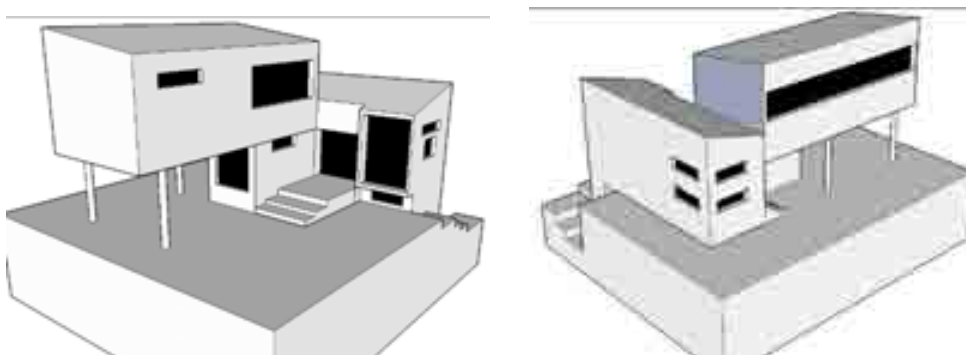


Figura 64 e Figura 65: Casa Dagberto Victor de Miranda, - maquete esquemática – relação de aberturas e vedações, cheios e vazios. Vista direção oeste. Fonte: documentação do ARCEN/PMJP, e levantamento de campo. Realização da maquete: Roberta Xavier da Costa. 2010.

Aberturas: Nas fachadas da direção oeste, são contínuas ao vão no pavimento térreo (sala e gabinete). No pavimento superior a fachada leste tem abertura contínua e horizontal (quartos). Na vista sudeste (cozinha), as

aberturas marcam a aresta do volume em pequenas manchas horizontais nos cantos. Na face oeste, as aberturas são assimétricas, com relações diretas a necessidade do cômodo.

Ornamentos: As paredes são revestidas em alvenaria com reboco, piso em ladrilho hidráulico na cozinha, sala, banheiro e na escada, piso em pedra nos pilotis, piso em tacos de madeira nos quartos e gabinete. Armários da cozinha em alvenaria revestidos com azulejos brancos. Paredes da cozinha revestidas em azulejo cerâmico branco. Nos pilotis a parede da dependência de empregada, foi revestida em pedra granilítica almofadada. (nas duas outras casas essa parede foi revestida com azulejos decorados com motivos abstratos, formando um painel). As esquadrias são em madeira e vidro. Os proprietários informaram que a casa sempre recebeu pintura em cal, branca externamente e que logo após a construção, a parede da sala recebia pintura em cor¹²⁸



Figura 66: Imagens do interior da residência. Fonte acervo Roberta Xavier da Costa, 2008.

¹²⁸ A primeira cor aplicada foi o vermelho, posteriormente substituída por um verde escuro e depois pela cor branca que permanece até hoje.

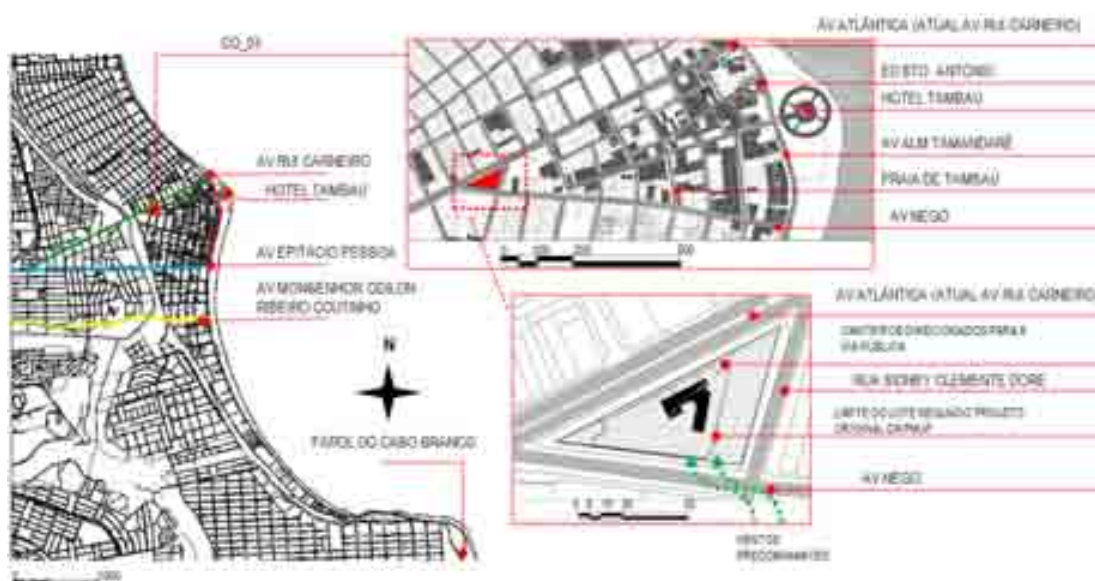
CO_03 Waldemar Gomes de Arruda (1970)



Figura 67: Casa Waldemar Gomes de Arruda - maquete eletrônica; vista da bifurcação entre as Av.. Rui Carneiro e a Rua Sidney Dore. Fonte: ARCEN/PMJP. Confeção da maquete: Milena Regis e Carolina Adlof, edição nossa, 2010.

<i>Ficha técnica</i>	Cliente	Waldemar Gomes Arruda
	Profissão:	
	Autor:	Eng. Civil Álvaro Monteiro CREA 1647 – D 2ª R
	Localização	Av.. Atlântica, Praia de Tambaú – Atual Av.. Rui Carneiro, bifurcação com a Av.. Nego e a Rua Sidney Dore
	Aprovação:	18/09/1970
	Tipo	Residência permanente.
	Situação atual	Na década de 1990, foi modificada e usada como restaurante, posteriormente foi demolida, atualmente o terreno se encontra vazio
	Fonte	ARCEN/PMJP. Projeto completo escaneado.
	Área terreno	1742.64 m ²
Área coberta	225.00 m ²	
Área construída	225.00 m ²	
Taxa de ocupação	13 %	
Aproveitamento	13 %	

Tabela 08: Casa 03 – Waldemar Gomes de Arruda. Fonte: dados da pesquisa.



Mapa 04: Croquis de Situação e Localização. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Acessos: Da rua para o interior do lote é realizado por três portões, as entradas social, íntima e de veículos/serviço, todas voltadas para a Av. Rui Carneiro; provavelmente a escolha como entrada principal se deu porque nesse momento essa via surgia como o segundo endereço elegante da cidade na expansão em direção as praias, como o era a Av. Epitácio Pessoa. O acesso íntimo está coberto por uma pérgula em concreto externa a edificação. Além dos acessos diretos da rua, é ainda possível chegar ao interior da casa pela lateral da garagem.

Axialidade: A edificação foi implantada em blocos retangulares unidos nas extremidades, onde o eixo longitudinal do retângulo segue a direção das divisas do terreno. A figura formada é um triangulo invertido em relação ao lote. O centro do triangulo não foi edificado, mas tem o uso correspondente a um quintal. Em relação ao eixo de simetria do terreno essa ocupação acontece em uma das metades, quase todo o terreno é liberado

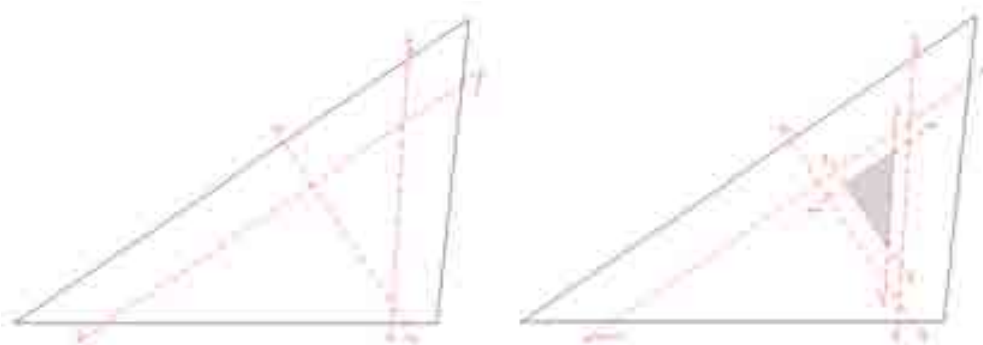


Figura 69: Esquema de implantação. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

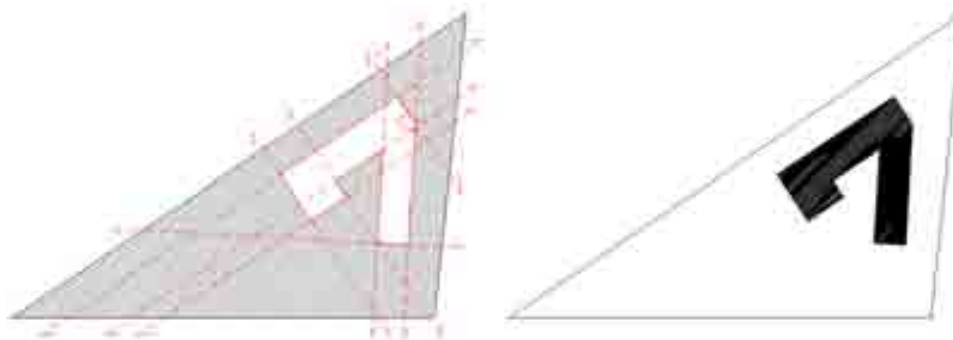


Figura 70: Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

O terreno tem uma declividade suave na direção oeste/leste. A casa térrea pousa diretamente sobre o solo, com uso de fundações diretas, de sapata corrida. Na porção mais baixa do terreno, na direção da Rua Sidney Clemente Dore, Álvaro Monteiro opta por acentuar o desnível elevando a construção em 1,00 m do solo. A leitura é de um prisma retangular horizontal mais elevado, unido a um prisma mais baixo recortado em forma de C.

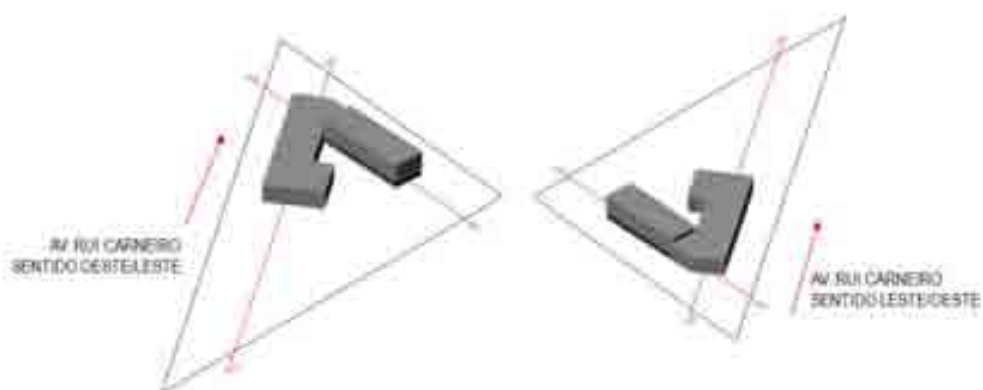


Figura 71: croquis de ocupação volumétrica. A direita vista no sentido oeste/leste, e a esquerda vista no sentido inverso.
Fonte: ARCEN/PMJP. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

CO_03 Aspectos funcionais e espaciais

Setorização: A área externa está setorizada em dois usos o social e o de serviço. A separação entre os blocos cria um pátio aberto que tem as funções de um quintal, uma mureta limita esse uso separando esta área do restante do terreno. A área edificada foi dividida em dois blocos que abriga os três setores. No primeiro bloco em forma de C, disposto no sentido longitudinal da divisa da Av. Rui Carneiro se encontra os setores social/serviço; no segundo se localizam os dormitórios. Em relação à quantidade de área ocupada por cada setor: íntimo e social possuem quase o mesmo total de área. O projeto mostra uma preocupação em preservar a intimidade, cada ambiente é separado por septos, com usos específicos e individualizados



Figura 72: Planta baixa com marcação usos da área não edificada do lote. Em azul serviço, em amarelo social. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.



Figura 73: Planta baixa, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01-Terraço	NO/NE	80,00 m ²	35,50
	02- Sala de visitas	NE/NO		
	03 –Sala de Jantar	NO		
	04 –Circulação	SE		
Setor de serviço	05-Copa/cozinha	NO	56,30 m ²	28,90
	06- Despensa	-		
	07 –Área de serviço	SE		
	08- Quarto de empregada	SE		
	09- Banheiro de serviço	-		
	10 – Garagem(01 carro)	NO		
Setor íntimo	11- Quartos(03)	L	80, 20 m ²	35,60
	12- Banheiro	L		
	13 - Suíte	L		
	14 - Circulação	NO		

Tabela 09: Setorização da CO_03. Fonte: dados da pesquisa.

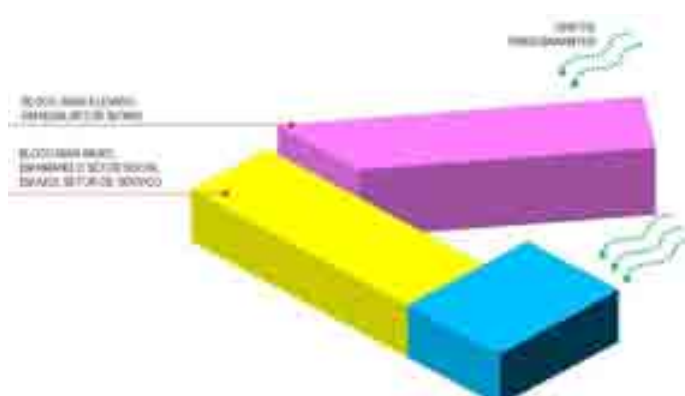


Figura 74: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Em amarelo setor social, azul setor de serviço e rosa setor íntimo. Fonte: dados da pesquisa. Desenho e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

Orientação: Essa delimitação com muitas paredes e poucas aberturas desconsidera a questão de captação da ventilação favorável para as áreas social, os ambientes que recebem melhor ventilação são os de serviço.

Espacialidade: A planta é tradicional com ambientes compartimentados e definidos por planos de parede que procuram preservar a individualidade dos ambientes e funções. O quintal formado no centro da planta atua como um núcleo articulador da casa, distribuindo a ventilação e evidenciando a característica intimista da edificação, resultante de sua localização no lote.

Circulação: Os fluxos de acesso rua/casa/rua, são setorizados, o esquema rua → casa → quintal é evidenciado em duas entradas: no setor íntimo através da sala de jantar e no de serviço através da garagem. Da área social existe uma separação dos fluxos, com possibilidade de a partir do terraço se chegar ao interior da edificação por duas entradas, uma leva à sala de visitas e outra ao hall de distribuição entre as circulações.

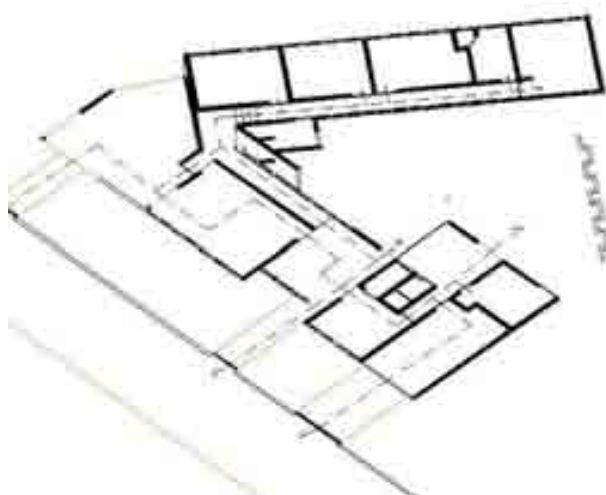


Figura 75: Diagrama de fluxos e circulação interna. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Essa não é a única entrada interna onde se verifica a possibilidade de rotas alternativas, do quintal pode se acessar o interior da residência através de duas entradas, uma direta para a sala de jantar e outra para a área de serviço. A preocupação em distinguir os fluxos internos e reservar o uso em separado dos ambientes sociais resultou na criação de corredores. A segunda entrada social, indica mais uma vez a preocupação em retirar da visão do usuário da sala (o dono da casa ou uma eventual visita) a visão das atividades de serviço, ou permitir aos banhistas que cheguem ao interior da residência ou acessem diretamente os quartos. Essa divisão de fluxos com rota alternativa para o setor íntimo, sem necessariamente ter que passar pelos outros setores, se permite ir dos quartos para o banho de mar. O ambiente da sala de jantar é o que apresenta maior confluência de fluxos, similar ao que Lemos denomina de espaço articulador (embora se refira ao aparecimento da copa nas casas de classe média) tem cinco portas.



Figura 76: Maquete de divisão dos ambientes. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

CO_03 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: O sistema estrutural adotado é de sessão ativa, o sistema utilizado é o de elementos independentes: pilar/viga/laje, a disposição segue as dimensões dos ambientes, a ossatura é disfarçada nas paredes. A independência da estrutura é evidenciada na fachada onde as esquadrias estão na frente da alvenaria de divisão dos ambientes.



Figura 77: Cortes esquemáticos. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos: Roberta Xavier da Costa, 2010.

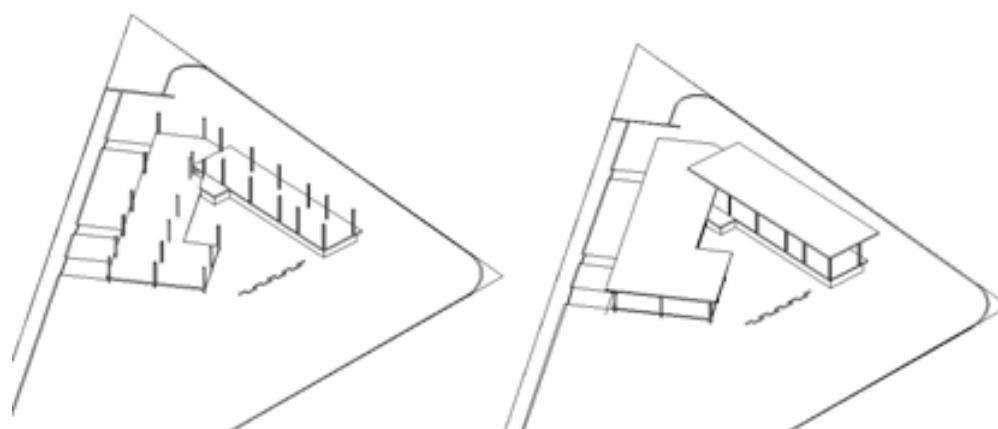


Figura 78: Ossatura da edificação, com os elementos estruturais verticais (pilares) e horizontais lajes. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenhos e edição: Roberta Xavier da Costa, 2010.

O engenheiro civil Álvaro Monteiro, esconde os pilares nas paredes de alvenaria das divisórias dos ambientes, e com isso produz intervalos com modulações distintas entre os mesmos, a concessão parece ser a imagem de

que essa construção tem uma estrutura independente, pois a laje de cobertura fica em balanço. No caso dos blocos dos quartos, a laje de piso e a cobertura tem um balanço moderado em direção a face da Rua Sidney Clemente Dore, e no bloco menor esse balanço está voltado para a direção da Av. Nego.

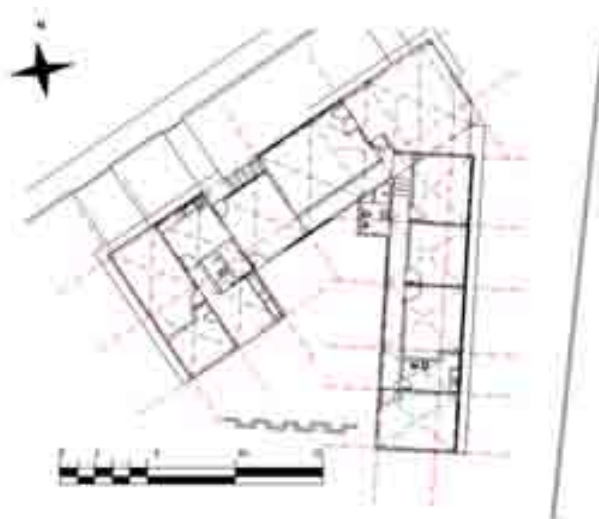


Figura 79: esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Outra evidencia da independência da estrutura, é a marquise de concreto adicionada à fachada dos quartos, com a função de elemento de proteção solar. Esta marquise cobre todo o vão de abertura da parede externa de 16 m, indicando que foi engastada na viga de sustentação da cobertura, e está apoiada em dois pilares da extremidade em forma de triângulo (Figura 78).

Modulação: os espaços internos são definidos a partir de três módulos básicos, o primeiro que compõe o setor social mede 3,75 x 5,45 m, foi reproduzido em quatro seqüências no eixo NE/SO e não segue a modulação dos pilares. O segundo que compõe o setor de serviço, mede 3,15 x 4,25 m, seguindo o eixo de pilares, foram reproduzidos quatro vezes, repartindo o retângulo nos dois eixos NE/SO e NO/SE. O terceiro módulo mede 3,95 x 4,50 m seguindo a modulação dos pilares é repetida três vezes em seqüência, e uma vez e meia no eixo longitudinal da face leste do terreno (Rua Sidney Clemente Dore).

Coberta: O sistema de cobertura é formado por laje plana com recobrimento em telhas canal; em cada setor foi adotado soluções diferentes para a cobertura da laje plana de concreto, que nesse caso funciona como uma espécie de forro para reduzir a tramitância térmica para o interior dos ambientes. Internamente no bloco mais baixo (social/serviço) os ambientes têm um teto com mesmo pé-direito.



Figura 80: Visualização da solução de cobertas. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

No setor de serviço são quatro águas e no setor social são três águas, no setor íntimo é utilizada apenas uma água. A cobertura é disfarçada com uma platibanda, em todos os casos se usa beirais salientes ao plano de parede. Em um complemento do terraço e no banheiro é usada a laje impermeabilizada, mas ambos com o recurso de beirais que se sobressaem ao plano da parede. Na fachada dos quartos é adicionada ao plano de parede, uma marquise de concreto que percorre toda a dimensão da fachada, protegendo as janelas. Na parede externa da sala de jantar é adicionado a fachada, um pergolado em concreto, esse elemento tem como função oferecer maior conforto térmico para essa área da casa, e garantir mais privacidade para o horário das refeições em família.

Vedações: A vedação dos septos é em alvenaria de tijolos cerâmicos maciços com emboço. Elementos diferenciados são utilizados para cada solução de abertura, o engenheiro usa um painel de brises verticais fixos para vazar a face oeste da circulação dos quartos e amenizar a incidência do sol poente sobre a parede. As esquadrias são painéis inteiriços de piso a teto, de veneziana na sala de estar e na garagem, painel de madeira fechado na sala de jantar.

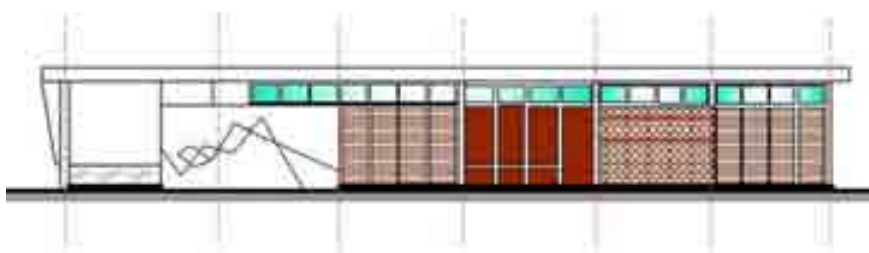


Figura 81: Fachada frontal, com materiais. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

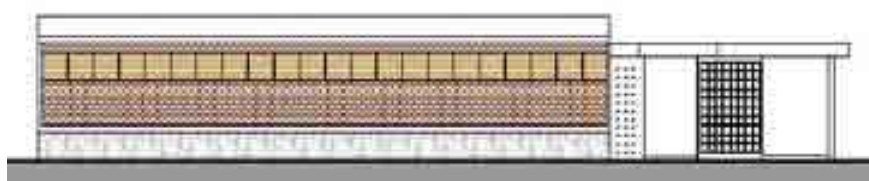


Figura 82: Fachada lateral, com materiais. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Na fachada lateral (designada no projeto como a face leste, Rua Sidney Clemente Dore), a fenestração em fita ocupa todo o prisma horizontal, acentuando a relação de horizontalidade adotada na edificação. As aberturas diferenciadas em cada face da edificação condiz com o preceito de apreensão em perspectiva do objeto arquitetônico, porém as faces que se voltam as ruas principais recebem melhor tratamento do que as que se voltam para o que seria considerado como porção posterior, ferindo assim esse princípio.

CO_03 Aspectos estéticos

Composição: A relação de aberturas é simétrica. A leitura predominante na edificação é a de dois paralelepípedos horizontais, unidos por um ponto de rotação, no sentido da angulação do terreno.

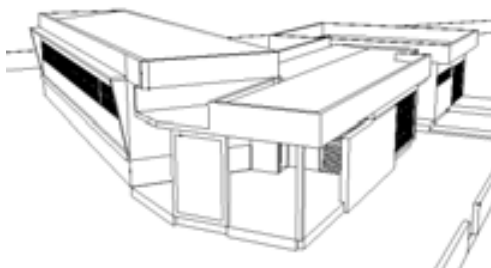


Figura 83: Relação de cheios e vazios. Vista da bifurcação da Av. Rui Carneiro e Rua Sidnei Clemente Dore. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

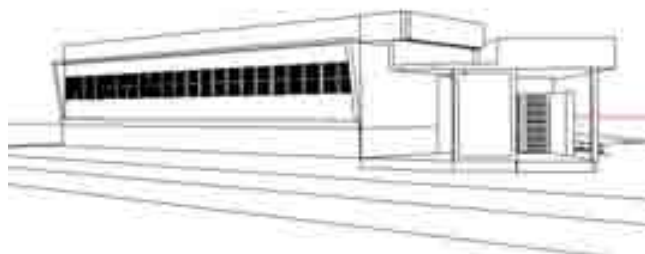


Figura 84: Relação de cheios e vazios. Vista da Rua Sidnei Clemente Dore. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

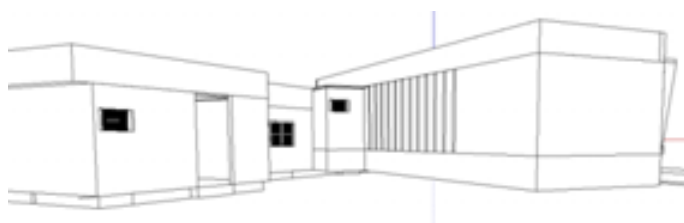


Figura 85: Relação de cheios e vazios. Vista da bifurcação da Av. Rui Carneiro e Av. Nego. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Milena Regis e Carolina Adlof. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Aberturas: Cada fachada apresenta um tipo de abertura diferenciado. A fachada voltada para a Av. Rui Carneiro (fachada frontal nos desenhos originais) tem aberturas moduladas na seqüência de intervalos aproximados, tanto que consideramos iguais, similar a modulação dos espaços internos. As bandeiras em vidro contínuas dão a impressão de que o plano da cobertura está solto da parede.

Ornamentos: No terraço a parede na altura da bandeira, tem como função proteger as duas portas de entrada da casa da visão da rua, o revestimento dessa parede é ao que indica o desenho um painel artístico. As outras paredes são revestidas com tijolos cerâmicos. Supomos com esse detalhe o desejo de privacidade acentuado para essa área da casa. O conjunto formado com a junção dos materiais de revestimento e o painel contínuo da janela em fita indica que a parede é um elemento de vedação. A pedra calcária do embasamento é deixada sem revestimento. No terraço um painel de elementos vazados confere privacidade ao terraço e protege contra a insolação excessiva no horário matutino.

CO_04 Josemar Meireles da Cunha (1972)



Figura 86: Casa Josemar Meireles da Cunha, croquis do anteprojeto. Fonte: Acervo particular dos arquitetos Berenice e Antonio José do Amaral e Silva. Registro: Roberta Xavier da Costa, 2009.

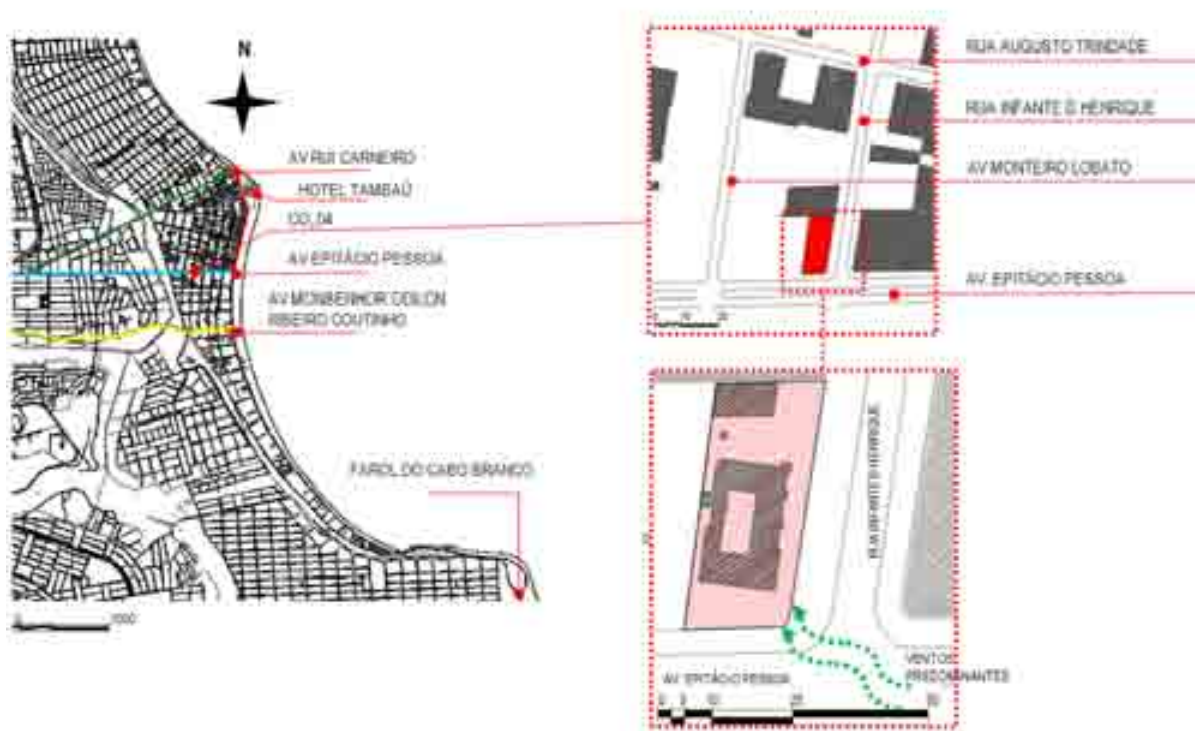
<i>Ficha técnica</i>	Cliente	Josemar Meireles da Cunha
	Profissão:	Médico
	Autor:	Arquitetos Antonio José do Amaral e Berenice Amaral CREA 3578 - D 2ª REGIÃO
	Localização	Av. Epitácio Pessoa S/N, Lotes 1 e 2 Quadra 35 do Loteamento Tambaú (após o habite-se Av. Inf. D. Henrique, 860. Tambaú).
	Aprovação:	26/09/1972
	Tipo de residência	Permanente
	Situação atual	Demolida para construção de edifício multifamiliar, para os mesmos proprietários nos anos 1990
	Área terreno	1000,00m ²
	Área coberta	225.00 m ²
	Área construída	346,33 m ²
Taxa de ocupação	35%	
Aproveitamento	35%	

Tabela 10: CO_04 Casa Josemar Meireles da Cunha. Ficha técnica. Fonte: dados da pesquisa.

CO_04 Aspectos do lugar

Localização: Na esquina entre a Av. Epitácio Pessoa e a Rua Infante D. Henrique, a cinco quadras (500 m) da Av. Alm. Tamandaré, beira-mar da praia de Tambaú. A casa foi concebida como habitação permanente, o processo de habite-se registra a Rua Infante D Henrique como endereço da residência.

Lote: O lote retangular mede 20,00 x 50, 00 m com frentes orientadas para a direção leste (Rua Infante D. Henrique) e sul (Av. Epitácio Pessoa). No loteamento original o terreno é ortogonal, na implantação com a angulação das vias adquire uma forma de polígono regular, o que não impediu a implantação da residência de acordo com o projeto dos arquitetos, que segue o formato disposto no loteamento. Apenas o bloco de serviços teve suas dimensões alteradas. Face à demolição, não foi possível identificar mais alterações em relação ao projeto Os desenhos seguiram a documentação que está depositada no ARCEN, e no acervo particular dos arquitetos.



Mapa 05: Croquis de Situação e Localização. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Implantação: A edificação divide-se em dois blocos: um principal e uma edícula, esta colada em duas divisas laterais. Em relação às testadas frontais do bloco principal, os afastamentos são distintos: 3,00 m ao sul e 6,00 m a leste, recuos mínimos exigidos na legislação municipal. O pátio interno reduz a taxa de ocupação.

Acessos: dois acessos, para pedestres, outro para veículos, ambos voltados para a Rua Infante D Henrique, endereço da edificação após o habite-se. Os acessos estabelecem dois eixos em cruz. O acesso de pedestres fica próximo ao setor social próximo a Av. Epitácio Pessoa. Pelo acesso de veículo, se chega a casa pela parte posterior do lote, na entrada íntima e de serviço.

No primeiro bloco o principal, as circulações e acessos são múltiplas, destinadas provavelmente a distintos usuários: os membros da família e os demais, amigos e visitas mais ou menos íntimos e empregados. A ênfase na privacidade é evidente na disposição dos ambientes da área íntima, com acesso separado do social e do de serviço. Cada setor tem circulação independente, similar a residência Waldemar Gomes de Arruda. O acesso do terraço para a parte interna da residência é feito por duas entradas, pela porta principal dando para a sala de estar, e pela porta do hall ao lado do gabinete.

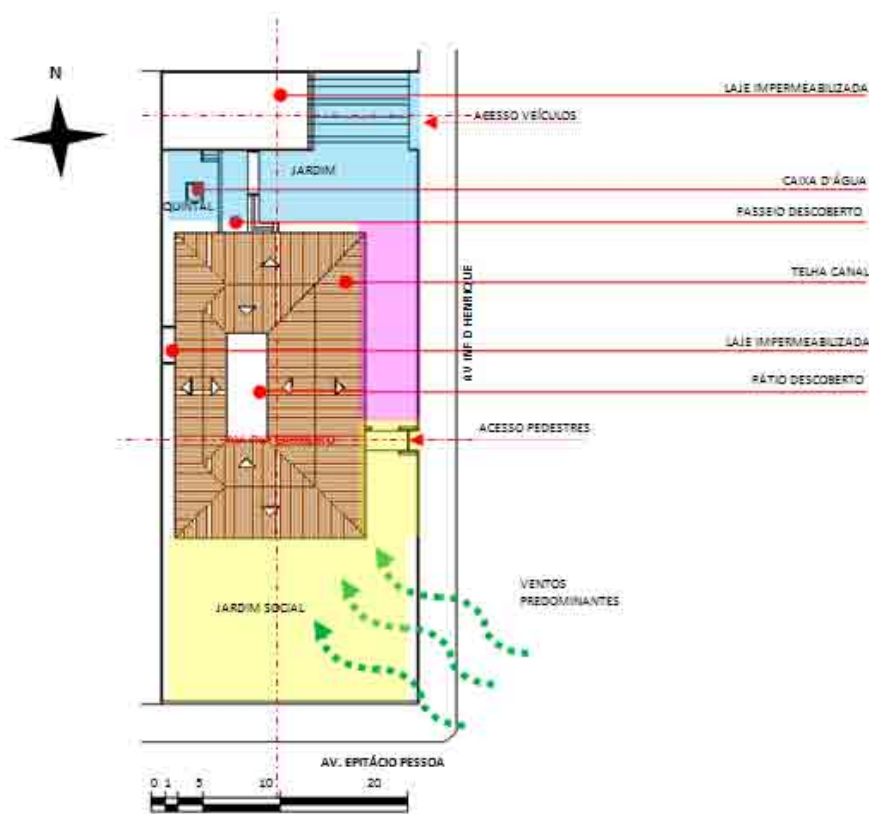


Figura 87: implantação e cobertura. Fonte: ARCEM/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Os fluxos de acesso rua/casa/rua, são distribuídos através do jardim frontal onde é possível ter acesso ao espaço da casa nos três setores: o social chegando ao terraço, o íntimo através da passagem posterior, em comunicação com o estar íntimo; e o de serviço, por duas entradas, do jardim da direção sul para a área de serviço e cozinha, e do jardim da direção leste para as dependências de empregados e garagem, este por sua vez não tem porta. O acesso ao pátio interno é feito por dois ambientes, diretamente pelo hall de entrada e através do estar íntimo. Em relação ao número de possibilidades de acesso o estar íntimo é o que tem mais entradas, seis ao todo.



Figura 88: Esquema de implantação. Mancha de ocupação da massa edificada. Fonte: banco de dados da pesquisa. Maquete: Roberta Xavier da Costa, 2010.

Axialidade: O terreno foi dividido em quatro parcelas iguais seguindo o eixo de simetria no sentido longitudinal, (ritmo A-A). O eixo central é definidor do pátio interno. A edificação ocupa duas porções e meia no sentido longitudinal (A-A-B). No sentido transversal os eixos auxiliares estão dispostos no ritmo 2A-B-A-B-B-B, definindo respectivamente os espaços do jardim, do pátio interno e do pátio/jardim de serviço, e da edícula.

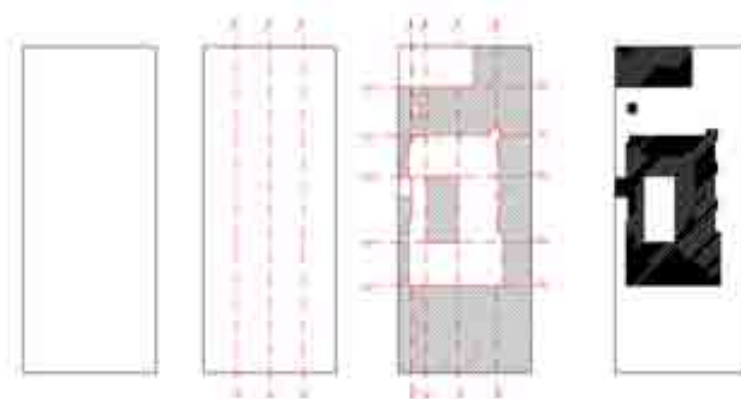


Figura 89: Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada. A esquerda, croquis de ocupação volumétrica. Fonte: banco de dados da pesquisa. Maquete: Roberta Xavier da Costa, 2010. A figura formada na ocupação são dois retângulos: com o primeiro e maior vazado ao centro (Figura 88). A casa é térrea, num nível único a 50 cm da rua. O jardim cerca a edificação, destaca-se a verticalidade da caixa d'água.

CO_04 Aspectos funcionais e espaciais

Setorização: A área externa está setorizada, no sentido longitudinal do terreno, em três usos: social, íntimo e serviço (Figura 89). Na frente, o jardim se comunica e se integra com o terraço. Pequenos balcões avarandados abrem-se para o jardim lateral e na porção posterior, próximo a garagem; são desenvolvidas as atividades de serviço, como escoamento de lixo e trânsito de empregados e servidores. Entre a área de serviço e a edícula, a área não edificada é um pátio de serviço aberto, (quintal), definido por um muro de elementos vazados.

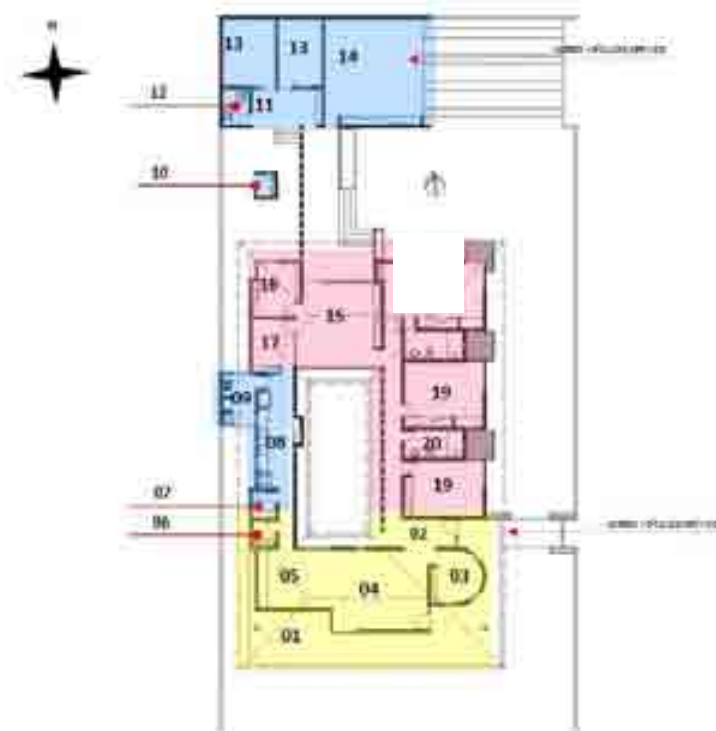


Figura 90: Planta baixa, com setorização e acessos. Fonte: ARCEM/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01-Terraço	S	79.98 m2	35,00
	02- Hall	S		
	03 –Sala de estudo	L		
	04 –Estar	S		
	05-Jantar	S		
	06-Lavabo	O		
Setor de serviço	07- Despensa	O	56.33 m2	30,00
	08 – Cozinha	O		
	09–Área de serviço	O		
	10 – Deposito Quarto de empregada	O		
	11- Hall serviço	S		
	12- Banheiro de serviço	S		
	13 – Quartos empregados(02)	S		
	14 – Garagem(02 carros)	L		
Setor íntimo	15- Estar íntimo	N	80.22 m2	35,00
	16- Copa	O		
	17 – Quarto	O		
	18- Suíte	L		
	19 - Quarto(03)	L		
	20- Banheiro	L		

Tabela 11: Setorização CO_04. Fonte: dados da pesquisa. 2010.

A sala de estudo, é uma área reservada para uso do dono da casa, próximo a entrada social. O quarto próximo ao estar íntimo, tem múltiplo uso: quarto de hóspedes ou local para as brincadeiras exclusivas das crianças. A copa ambiente também comum nas casas coloniais; é um espaço de reunião entre os segmentos familiares, empregados e proprietários, ela fica contígua ao estar íntimo delimitada por uma divisória.

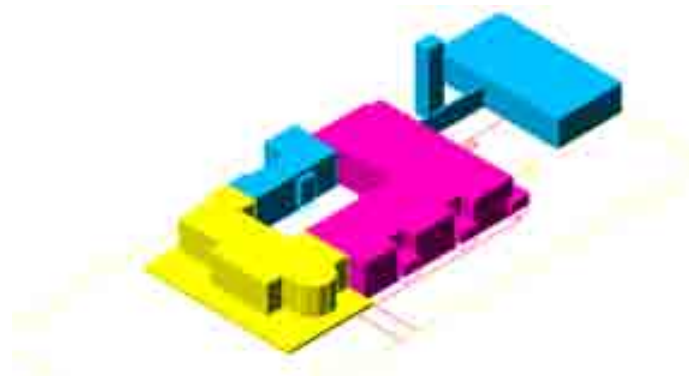


Figura 91: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Em amarelo setor social, azul setor de serviço e rosa setor íntimo. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete: Roberta Xavier da Costa, 2010.

A edícula composta por: garagem para dois carros e dois quartos para empregados, indicam a posição mais abastada dessa família, que demanda maior numero de prestadores de serviço para as atividades diárias.

Orientação: A orientação do lote é favorável a captação dos ventos predominantes(SE). A implantação da edificação solta nas duas frentes mais ventiladas permite que os ambientes do terraço, da sala de estar e jantar, gabinete e quartos recebam ventilação direta da área externa, o estar íntimo recebe ventilação cruzada através do pátio interno e direta quando muda a direção e a área da Orla Marítima recebe ventilação nordeste, o que acontece uma vez por ano, entre os meses de janeiro e março.

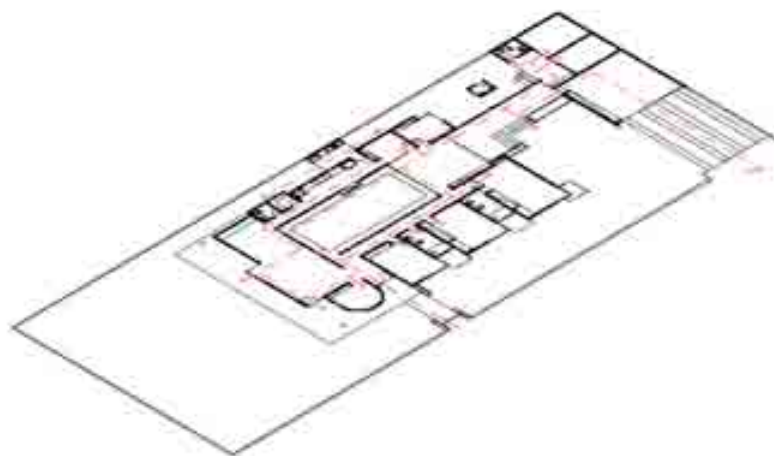


Figura 92: diagrama de fluxos e circulação interna. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Espacialidade: O terraço e a sala de estar/jantar são organizados em L. A sala é um espaço único sem divisórias, mais largo na área de estar, o gabinete tem formato de semi-círculo, o conjunto dos ambientes do estar configuram uma disposição em U. As varandas dos quartos são pequenos quadrados adicionados a forma retangular dos mesmos. A cozinha e a área de serviço configuram um segundo L, a distribuição desses ambientes é do tipo corredor. Um terceiro L configura o setor íntimo. A distribuição desses conjuntos de ambientes em volta do pátio interno descoberto faz desse local o ponto de centrifugação da planta.

Circulação: O esquema de circulação é tradicional: rua → casa → quintal, no sentido longitudinal do terreno. O hall distribui o fluxo de circulação para o setor íntimo e social. A circulação do setor íntimo acontece pelo corredor delineado pelo pátio interno. Esse pátio constitui um anel de circulação alternativo para o setor de serviço e íntimo sem a necessidade de passar pelo setor social. A seqüência de acessos: jardim sul → área de serviço → pátio serviço → dependência de empregados → jardim leste, é uma outra rota exterior a edificação que permite a circulação sem passar pelos ambientes estar/jantar.

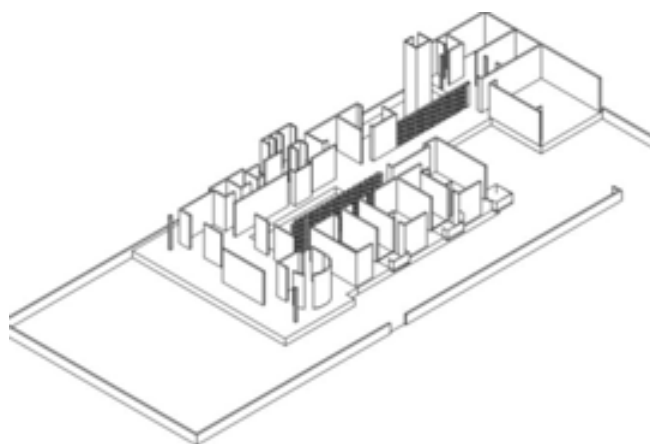


Figura 93: maquete de divisão dos ambientes. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

CO_04 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: A casa foi executada com fundação direta, em sapatas isoladas. O sistema estrutural adotado é de sessão ativa, com elementos independentes: pilar/viga/laje, que sustentam a coberta. Esses elementos estão disfarçados nas paredes de vedação. A evidência da independência da estrutura em relação aos fechamentos é perceptível na disposição de algumas esquadrias que ocupam o vão inteiro do ambiente e em alguns casos abrem-se em quina. (quartos e sala de estar)



Figura 94: Cortes esquemáticos. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.



Figura 95: esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Modulação: os pilares são distribuídos no eixo longitudinal do terreno, tem um intervalo aproximado com dois módulos de 5,00 m, e um de 2,50 m, com ritmo A-A-B. no sentido transversal são dois módulos de 5,00 m, seguidos por três intervalos de 3,75 m, com ritmo A-A-C-C-C. Essa malha estrutural sustenta o peso da coberta. A malha da modulação dos espaços internos não está submetida à distribuição dos pilares. Os arquitetos usam apenas um módulo que se reproduz para a definição dos espaços internos.

Coberta: laje plana de concreto pré-moldado (sistema vigotas e blocos cerâmicos) que funciona como um forro, com altura única, (pé-direito de 2,80 m). Essa laje de forro é recoberta com um telhado em quatro águas no bloco principal e impermeabilizada na área de serviço e na edícula. A coberta em laje plana com sobreposição de telhas canal em quatro águas, é usada como elemento de conforto, formando um colchão de ar, para amenizar a transmissão térmica da insolação que incide sobre o telhado.



Figura 96: Visualização da solução de cobertas. Fonte: ARGEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.



Figura 97: corte esquemático com ventilação predominante, demonstrando a exaustão pelo vazio do pátio descoberto. Fonte: ARGEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Vedações: Vedações opacas em alvenaria, semi-opacas em alvenaria com elementos vazados; transparentes em vidro nas bandeiras das esquadrias; esquadrias em painéis fixos contínuos de piso a teto sem portas, painéis fixos contínuos de piso a teto com portas de uma folha com abertura simples, portas duplas de abertura simples, porta de folha única e abertura simples e janelas em madeira com veneziana em painel contínuo. Esquadrias em veneziana e bandeira móvel. Pátio interno descoberto como elementos de exaustão da ventilação, e elementos vazados nas circulações internas, para manutenção dessa exaustão. Ampliação da projeção da laje de coberta para proteção das paredes e do terraço. A mesma atenção aos detalhes de soluções de conforto não foram dirigidas no entanto as áreas de serviço, a cozinha muito estreita e com janelas altas recebe pouca ventilação, a área de serviço é ventilada através do pátio externo que chamamos de serviço. Os quartos de empregados com janelas estreitas e sem possibilidade de saída, colados no limite do muro do vizinho, e localizados na porção

sudoeste tem uma ventilação deficiente, quiçá inexistente, e constitui um caso de completo desconforto, em especial se considerarmos que são ambientes de longa permanência.



Figura 98: Fachada frontal, com materiais. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

CO_04 Aspectos estéticos

Composição: O prisma recortado da cobertura é sobreposto ao bloco maciço da construção e mantém uma relação de 2:1, a altura deste é duas vezes a altura daquela. A adição dos balcões das varandas ligeiramente elevados do solo confere uma leveza sutil ao bloco principal. O painel de elementos vazados unindo os dois blocos ao mesmo tempo em que dá a leitura de continuidade do espaço acentua o caráter horizontal da residência. Desde a fachada se percebe o tratamento dado aos detalhes, as jardineiras pequenos prismas elevados separam o uso dado ao jardim, adequando aos ambientes diretos da casa, e também permitindo a continuidade visual na área externa. Na fachada sul voltada para a Av. Epitácio Pessoa, a horizontalidade é quebrada com as aberturas mais estreitas, dos panos de esquadrias. Adotando um partido horizontal, os arquitetos, distribuem o programa da casa térrea em dois blocos que de forma geral podem ser lidos como dois paralelepípedos onde o primeiro e maior é vazado ao centro; porém quando separamos as funções percebemos que o primeiro bloco será composto por dois prismas em forma de L, invertidos, abrigando as funções estar e dormir, e interceptados pelo terceiro prisma retangular abrigando parte da função serviço. Esses sólidos geométricos serão recortados e recebem volumes adicionais para compor as pequenas varandas dos quartos, o muro que divide o jardim frontal do pátio de serviço é um plano vertical que conecta o primeiro bloco ao segundo paralelepípedo também recortado. A cobertura do primeiro bloco, um conjunto de planos inclinados, tem uma forma ligeiramente piramidal, distinguindo esse primeiro bloco do segundo mais baixo e compacto. A caixa d'água um prisma vertical solto entre os dois blocos, equilibra o conjunto. O setor de serviços tem uma volumetria distinta do social e íntimo, embora a cozinha esteja dentro do bloco que compõe o volume social e íntimo.



Figura 99: Vistas em perspectiva. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.



Figura 100: Vistas em perspectiva. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

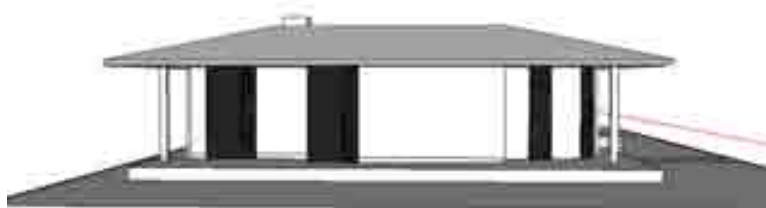


Figura 101: Vistas em perspectiva. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Natanael Teles *et al.* Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2010.

Aberturas: Os arquitetos usam a fenestração em mancha intercalada com painéis opacos de alvenaria os seguintes tipos de aberturas: contínuas e de painel inteiriço abrindo todo o vão na fachada norte; em seteiras estreitas dando acesso ao gabinete; em quina; em manchas contínuas verticais na fachada sul; e, com abertura total do vão na garagem; e em pequenas manchas com sobreposição da área maior da parede opaca na fachada oeste.

Ornamentos: O projeto indica detalhes da construção e da organização dos espaços no interior, em todos os cômodos do bloco principal armários ou estantes. Externamente destacam-se a exposição do concreto nas jardineiras das áreas livres e o painel de blocos vazados, do pátio de serviço.

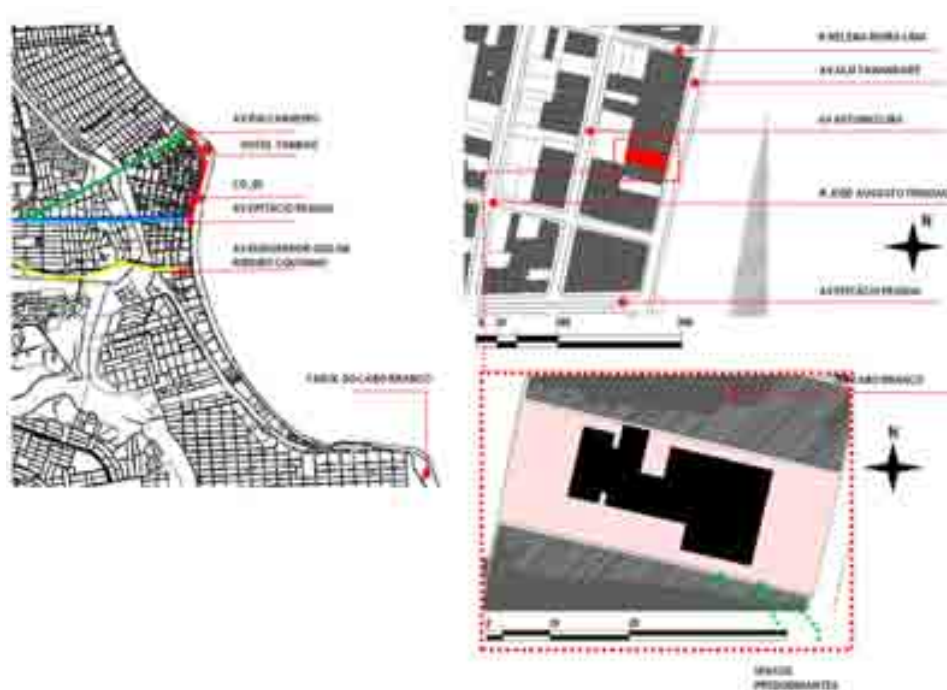
CO_05 Casa Jorge Ribeiro Coutinho (1972)



Figura 102: Casa Jorge Ribeiro Coutinho, identificação de campo. Fonte: Acervo da pesquisa. Foto: Roberta Xavier da Costa, 2009.

<i>Ficha técnica</i>	Cliente	Jorge Ribeiro Coutinho
	Profissão:	Empresário
	Autor:	Arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha CREA 1562 - D 2ª REGIÃO
	Localização	Av. Tamararé, 916 Tambaú.
	Aprovação:	26/10/1972
	Tipo	Moradia permanente.
	Situação atual	A edificação, onde, durante o levantamento, habitavam empregados do proprietário está à venda, em péssimo estado de conservação, com possibilidades de demolição.
	Área terreno	1040,00m ²
	Área coberta	383,10 m ²
	Área construída	766,20 m ²
	Taxa de ocupação	36,86%
	Aproveitamento	73,67%

Tabela 12: Ficha técnica CO_05. Fonte: dados da pesquisa.



Mapa 06: Croquis de localização e acesso. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Fonte: Mapa de situação 1974. Desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_05 Aspectos do lugar

Localização: O terreno está localizado a 150,00 m da Av. Epitácio Pessoa, no meio da quadra, na beira-mar da praia de Tambaú, entre a Rua Helena Meira Lima e a Rua José Augusto Trindade. No projeto original consta o terreno da Av. Tamandaré, no levantamento atual observamos que houve um remembramento com o lote dos fundos, que permanece vazio, identificamos o uso acesso de serviços a partir da Av. Antonio Lira. Consideraremos, para esse estudo apenas o projeto para o lote fronteiriço a beira-mar, conforme documentação original.

Lote: Retangular, medindo 20,00 m de largura por 52,00 m de profundidade, com frente orientada para sudeste.

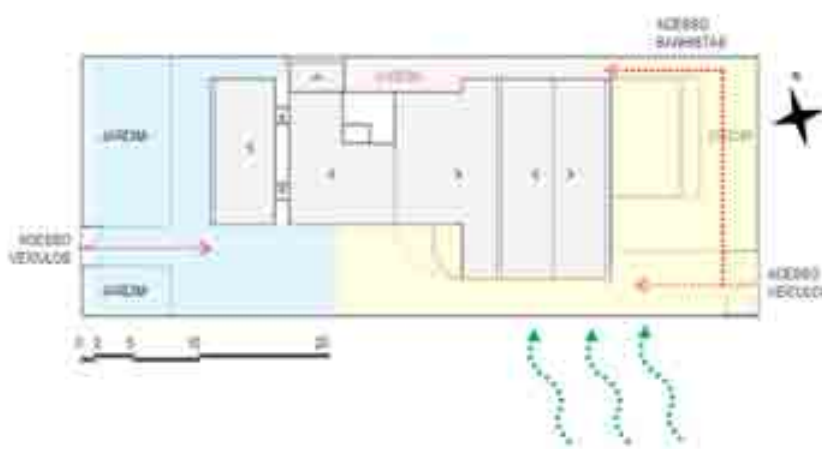


Figura 103: Croqui de implantação e cobertura. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição do desenho: Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

Implantação: Longitudinal, obedecendo aos recuos mínimos exigidos pela legislação, na frente do lote e liberando parte da área lateral aos fundos, de modo a captar mais ventilação, a implantação ocupa uma parte dos recuos laterais na porção posterior da edificação. A parte da frente do terreno foi elevada em um platô delimitando o jardim, como continuidade da área social e oferecendo uma melhor visualização da praia. Distribuída em três níveis distintos, a casa foi organizada em patamares, com a elevação da área frontal e com escavação da parte posterior. A implantação da edificação recorta o terreno, usa aterro e escavação em níveis. A mancha de ocupação tem o formato de um grande quadrado recortado, com adição de dois outros blocos, o primeiro em L e o terceiro em T. Esse bloco em T está solto dos dois primeiros blocos, com pequenas reentrâncias na figura de ocupação.

Acessos: O acesso é realizado seguindo a relação rua→jardim→casa→quintal. Em relação aos acessos, da área externa para o interior da edificação, são no total sete entradas. A porção frontal da casa é dedicada a acessos sociais (visitas e usuários vindos da praia), o recuo lateral tem circulação direta para a área posterior da casa (reedição do quintal colonial); e conduz por uma escada a área íntima no pavimento superior. Dos recuos exigidos pela legislação apenas as áreas contíguas a ambientes sociais são tratadas com paisagismo, e com intenção projetual de um possível uso, as demais são tratadas como sobra de terreno e circulação de apoio.

Uma dessas circulações de apoio acontece na direção norte, no recuo lateral, e constitui a entrada íntima para os banhistas.

Axialidade: O terreno é dividido inicialmente em dois eixos ortogonais, no sentido longitudinal e transversal, o sentido transversal determina a porção utilizável, e define a figura retangular que será recortada, com o estabelecimento das funções habitacionais.

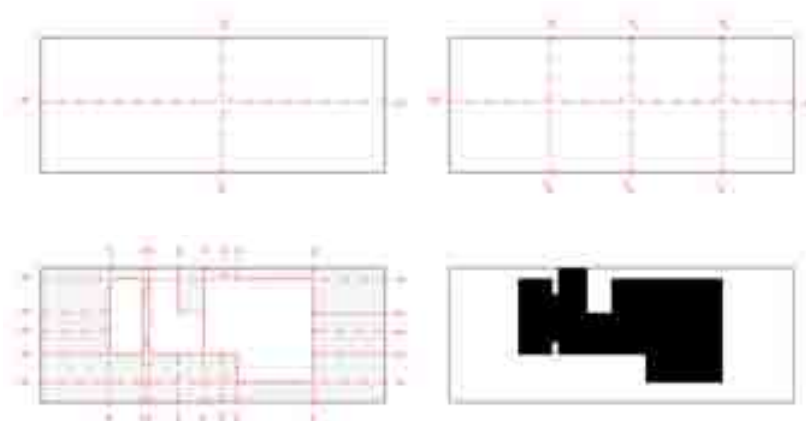


Figura 104: Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica . Mancha de ocupação da massa edificada. Primeira figura a ser formada. Digitalização inicial: Roberta Xavier da Costa. Finalização e edição do desenho: Suelen Rafael, 2011.

CO_05 Aspectos funcionais e espaciais

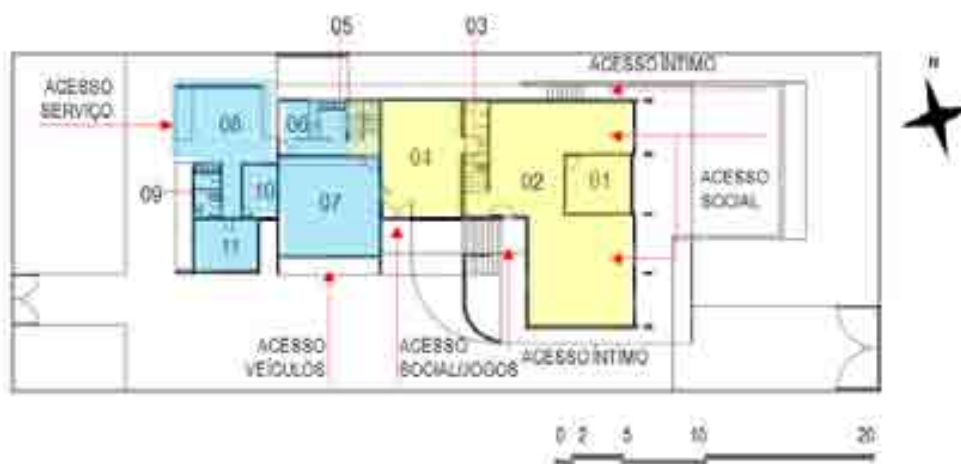


Figura 105: Planta baixa do térreo, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Livia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

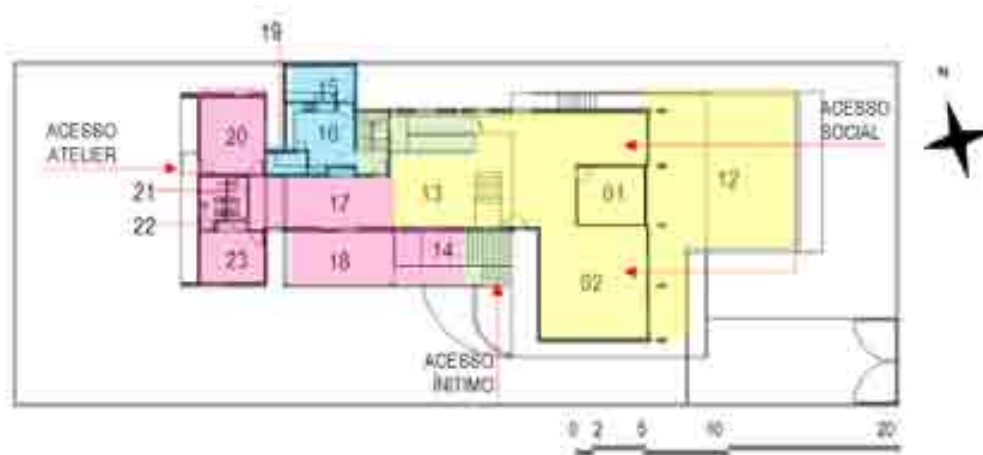


Figura 106: Planta baixa do pavimento intermediário, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suellen Rafael e Kelly Lima, 2011.

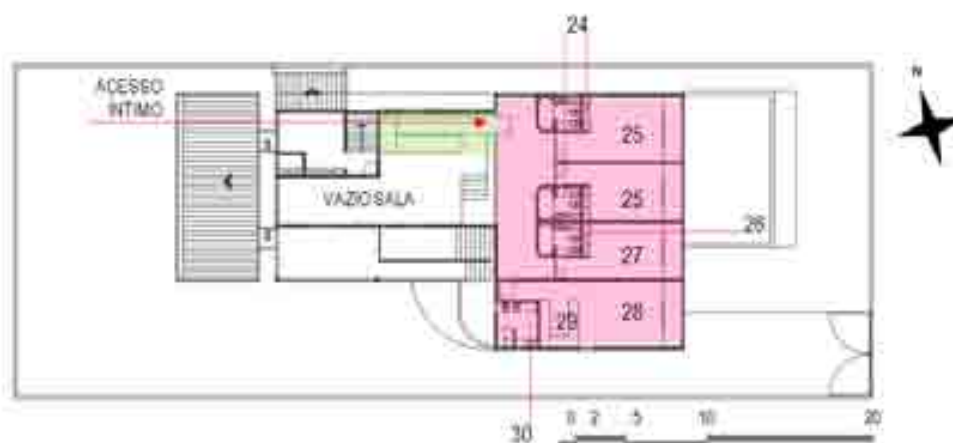


Figura 107: Planta baixa do pavimento superior, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suellen Rafael e Kelly Lima, 2011.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01 – Gabinete	SE	304,00 m ²	43,13
	02 – Living	SE		
	03 – Bwc social	NO		
	04 – Terraço para jogos	NE/SO		
	12 – Terraço social	SE		
	13 - Refeições	NE		
Setor de serviço	05 - Lavanderia	NO	146,00 m ²	20,70
	06 – Engomado	NO		
	07 – Garagem	NE		
	08 – Terraço de serviço	NO		
	09 – Bwc de empregada	NO		
	10 – Quarto de empregada	NE		
	11- Quarto de empregada	S/SO/O		
	15 – Copa	NO		
	16 – Cozinha	NO		
19 - Despensa	NO			
Setor íntimo	14 – Área externa			
	17 – Estar íntimo	S		
	18 – Terraço íntimo	S/SO		
	20 - Atelier	NO		
	21 – Bwc Hóspede	O		
	22 – Bwc	O		

23 – Quarto de hóspedes	S/SO/O		
24 – Bwc suíte meninos	N		
25 – Suíte dos meninos	N/NE/E		
26 – Bwc suíte meninas	E		
27 – Suíte das meninas	E		
28 – Suíte do casal	E/SE/S		
29 – Closet	S		
30 – Bwc do casal	S/SO/O	255,00 m ²	36,17

Tabela 13: Setorização da CO_05. Fonte: Dados da pesquisa.

Setorização: Como visto acima, mais de 40% da área da casa é dedicada a atividades sociais, do cotidiano dos moradores ou para recepção de visitantes. A varanda generosa dos quartos os abre para a apreciação da paisagem da orla marítima. O bloco de serviços é dividido em atividades de manutenção ligadas a produção de alimentos e vinculadas a uso da família, e ambientes que abrigam atividades secundárias para manutenção da casa, como higienização de roupas, atividades de costura, e abrigo de veículos. Circulação do pavimento superior aberta para o jantar. Acesso de banhistas diretamente para a área íntima.

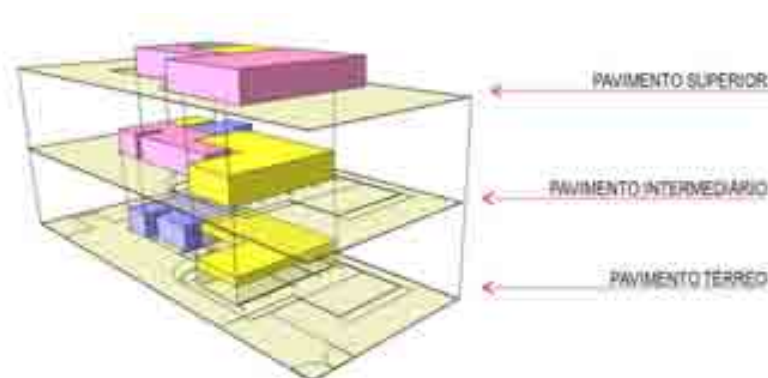


Figura 108: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Em amarelo setor social, azul setor de serviço e rosa setor íntimo. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

Orientação: os ambientes de permanência prolongada, como sala de estar e quartos tem aberturas voltadas para sudeste. Nas direções de menor incidência de ventos, como noroeste e sudoeste, o arquiteto localiza preferencialmente os ambientes de serviço. O ambiente do atelier, apesar de indicar um local de maior permanência, está voltado para noroeste, com poucas aberturas tem e um grande pano de parede a captar a irradiação solar. Soluções de exaustão do ar quente: caixas de escadas do setor de serviços, com janelas pequenas aumentam a velocidade do vento no interior da casa.

Espacialidade: O pé-direito duplo da área de refeições permite que o domínio visual a partir da circulação interna dos quartos, que se alarga formando um mezanino, resultando numa continuidade tridimensional do espaço interno. Os ambientes de estar sugerem a integração espacial entre o interior da residência e a área do terraço.

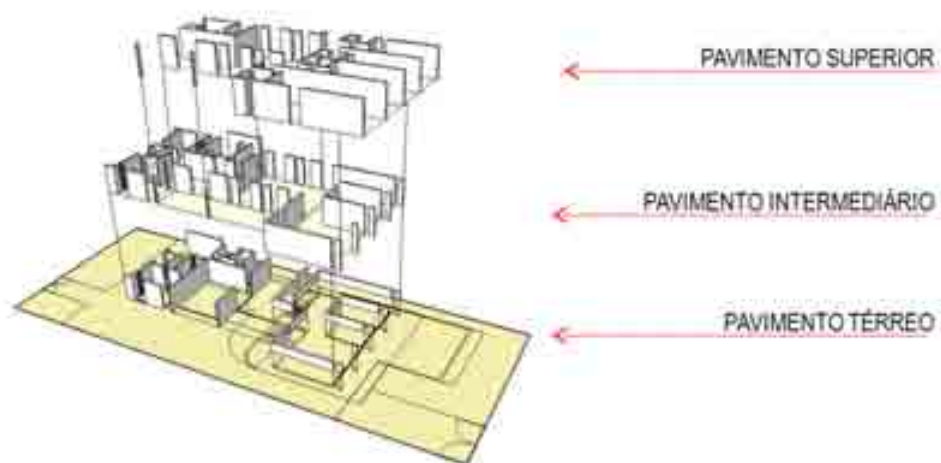


Figura 109: Maquete de divisão dos ambientes. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

Circulação: o esquema de circulação é tradicional: rua → casa → quintal. O diagrama de circulação mostra acessos complexos com rotas alternativas em quase todos os setores. O fluxo de circulação mostra dois acessos diretos longitudinais da rua para o pátio externo, e entre o pátio externo e banheiro social. A área íntima pode ser acessada diretamente do exterior. Não se identifica a predominância de eixos de circulação

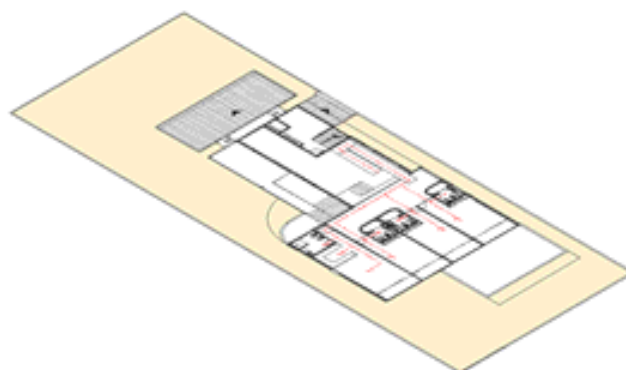


Figura 110: Diagrama de fluxos e circulação interna – Pavimento Superior. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

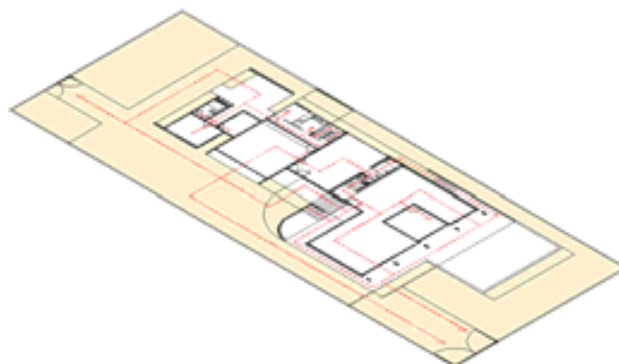


Figura 111: Diagrama de fluxos e circulação interna – Pavimento térreo e intermediário. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

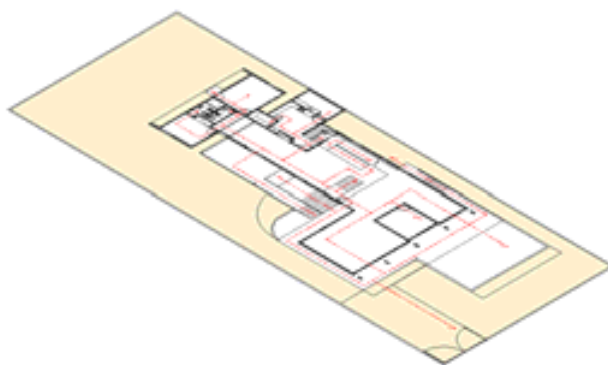


Figura 112: Diagrama de fluxos e circulação interna – Pavimento térreo e intermediário. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Livia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

CO_05 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: O sistema estrutural utilizado é o de seção ativa, como pilares/vigas/lajes independentes, pilares evidenciados no terraço. No setor social o pé-direito é mais baixo, recoberto pela laje do pavimento superior, que se projeta em balanço para a área externa formando a varanda dos quartos, e para a área interna formando o mezanino. O nível da sala/terraço é elevado em 0,90 cm, e abriga à área de refeições e a cozinha, copa e serviços. Distribuídos em uma laje de piso, que faz a cobertura do nível inferior, onde fica a garagem, o setor de jogos, e dependências de empregados. A articulação desses níveis é realizada no núcleo de circulação da rampa. A laje plana de altura única que recobre todo o espaço construído permite o pé-direito duplo dessa área de articulação. A laje na região da sala é duplicada formando um colchão de ar que funciona como forro escondendo o vigaamento, e servindo para passar a tubulação hidráulica e sanitária dos banheiros das suítes.

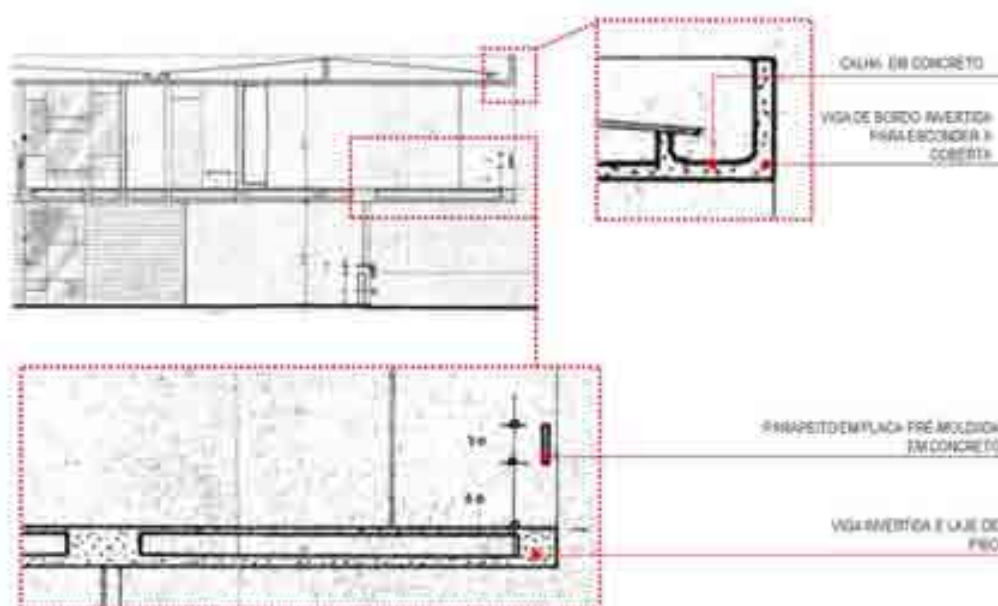


Figura 113: Detalhes dos elementos construtivos. Fonte: ARCEN/PMJP. Imagens escaneadas: acervo da pesquisa. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2009.



Figura 114: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.



Figura 115: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.



Figura 116: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

Os quartos têm aberturas e acessos voltados para a praia, mas as varandas não são contínuas, não se comunicam entre si. O quarto de hóspedes, localizado no pavimento superior fica em oposição aos dormitórios dos residentes.

Modulação: Os pilares são modulados em intervalos constantes no sentido transversal do terreno, com distâncias aproximadas de 5,00 m, no sentido longitudinal são usados dois intervalos para os eixos de pilares, 5,00 m e 6,00 m. A predominância do intervalo maior é na porção posterior da construção. O intervalo é reduzido na área onde o arquiteto usa o balanço, ou seja, na área dos quartos.

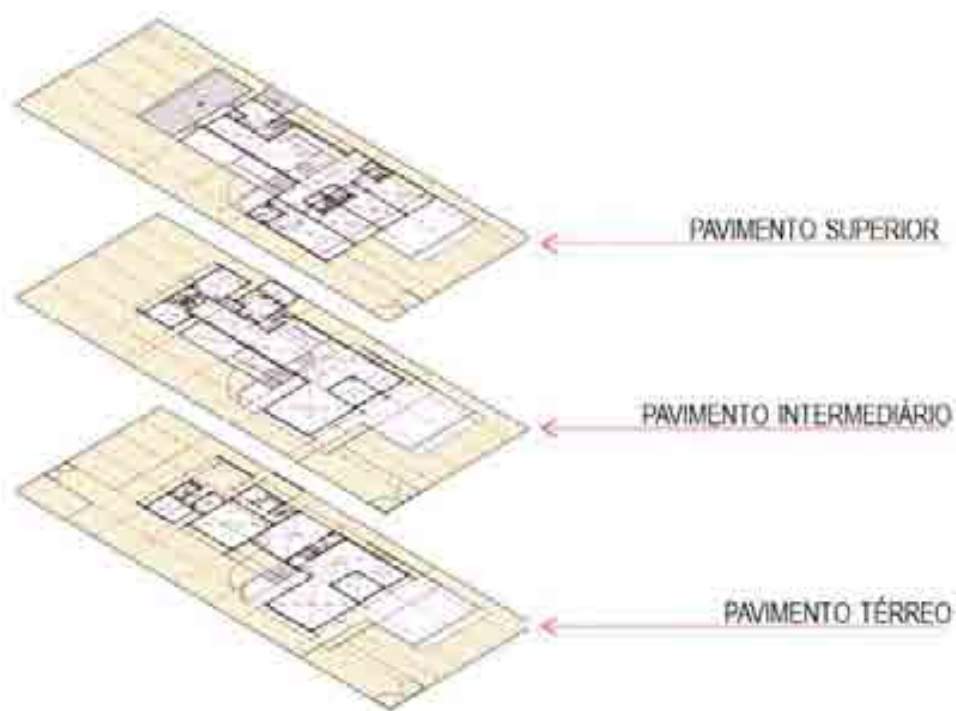


Figura 117: Eixos estruturais. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

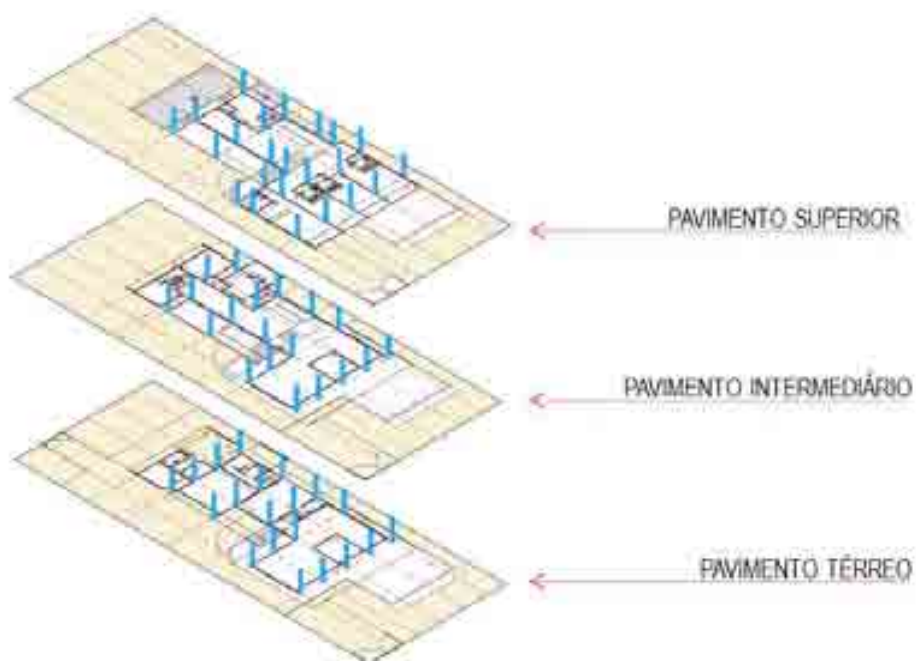


Figura 118: Esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Michele Lins e Lívia de Assis. Finalização e edição dos desenhos Suelen Rafael e Kelly Lima, 2011.

Coberta: A cobertura é plana, com sistema formado por laje de concreto e telhas onduladas de fibrocimento, disfarçada por platibanda. O arquiteto usa calhas em concreto para escoamento das águas pluviais, com finalização em gárgulas, localizadas nas uniões dos blocos.

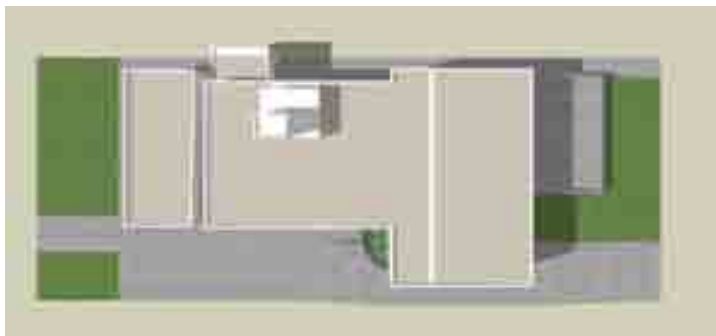


Figura 119: Coberta da edificação. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico e renderização: Kelly Lima, 2011. Finalização e edição da imagem: Kelly Lima, 2011.

Vedações: A vedação dos septos é em alvenaria de tijolos cerâmicos maciços com emboço. As esquadrias são painéis inteiros de piso a teto. Em toda a casa as esquadrias são em madeira, nas áreas externas é usado madeira com vidro.



Figura 120: Perspectiva da residência. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico e renderização: Kelly Lima, 2011.

CO_05 Aspectos estéticos

Composição: a volumetria é composta, formada por três blocos, prismas retangulares horizontais unidos por um plano único horizontal: a cobertura. O pavimento superior é um prisma retangular sobreposto ao prisma do pavimento térreo, de base recuada. O bloco central é recuado do plano da cobertura e um terceiro prisma é adicionado no setor de serviço. A caixa d'água é um prisma vertical alongado sobreposto aos blocos, cuja verticalidade é "quebrada" por um plano horizontal, cuja função e uso não está definida no projeto.¹²⁹ O prisma posterior é pousado sobre o solo, com base quadrada. Na direção noroeste, é adicionado um pequeno cubo, que descentraliza o olhar.

A leitura do conjunto é horizontal e contínua. Na fachada frontal a simetria é marcada no eixo peitoril da varanda, são três planos contínuos e horizontais, o talude, o peitoril da varanda e a viga/platibanda de cobertura, entre esses três planos um vazio contínuo, marcado com uma figura retangular no térreo que se repete acima da cobertura, que forma um plano contínuo, paralelo ao solo. A composição é em planos, com referências neoplasticistas, na disposição das aberturas. O arquiteto procura um senso de equilíbrio e harmonia assimétrico.

¹²⁹ Na visita de levantamento de campo, esta área da casa estava deteriorada e com muitos entulhos não foi possível ter acesso para averiguar sua utilização, supomos que se trata de uma laje para auxiliar na manutenção da caixa d'água, e que o arquiteto usa como recurso estético.

Aberturas: na fachada sudeste voltada para a avenida beira-mar, predominam os vazios, os vãos entre os pilares são completamente abertos. Nas demais fachadas, predominam os planos cheios. As aberturas são em manchas verticais, nas fachadas nordeste e sudoeste. E na fachada noroeste, pequenas aberturas em manchas isoladas.

Ornamentos: O material utilizado é o concreto, com lajes pré-moldadas, e revestimento externo de alguns vedos com tijolo cerâmico e reboco com pintura em cal branco.



Figura 121: Fachada Nordeste. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico e renderização: Kelly Lima, 2011.



Figura 122: Elementos de conforto térmico. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico e renderização: Kelly Lima, 2011. Finalização e edição da imagem: Kelly Lima, 2011.

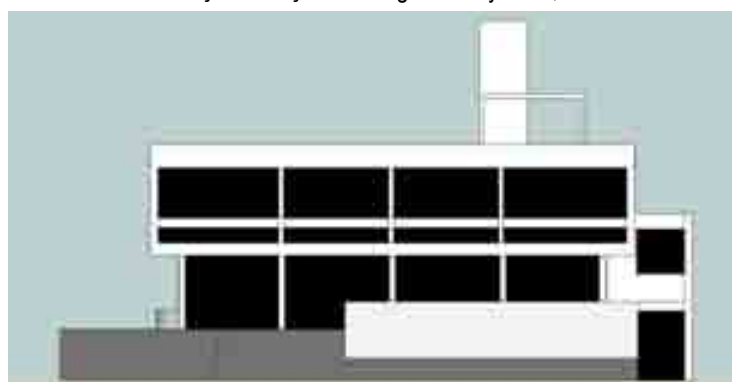


Figura 123: Fachada Sudoeste. Relação entre cheios e vazios. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico, finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

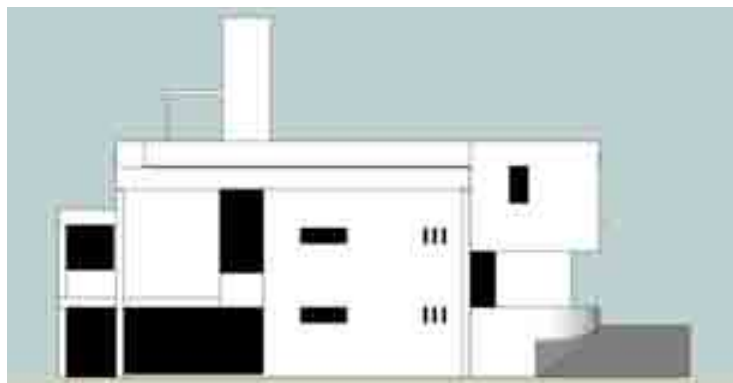


Figura 124: Fachada Noroeste. Relação entre cheios e vazios. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico, finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

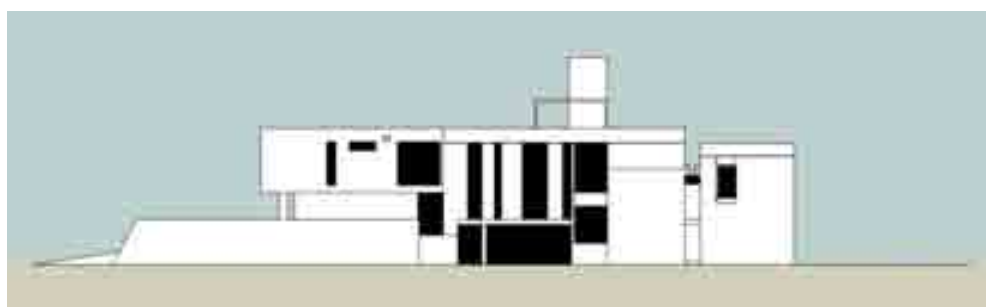


Figura 125: Fachada Nordeste. Relação entre cheios e vazios. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico, finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

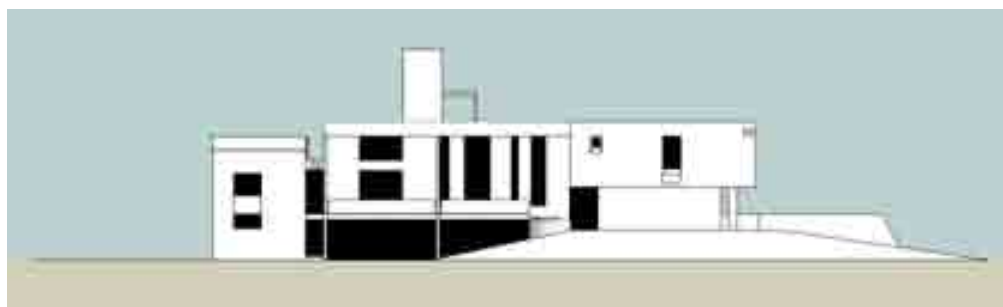


Figura 126: Fachada Sudoeste. Relação entre cheios e vazios. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico, finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.



Figura 127: Fachada Sudoeste. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico, finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.



Figura 128: Fachada Noroeste. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico, finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.



Figura 129: Fachada Sudoeste. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico, finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.



Figura 130: Fachada Nordeste. Fonte: ARCEN/PMJP. Modelo eletrônico, finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

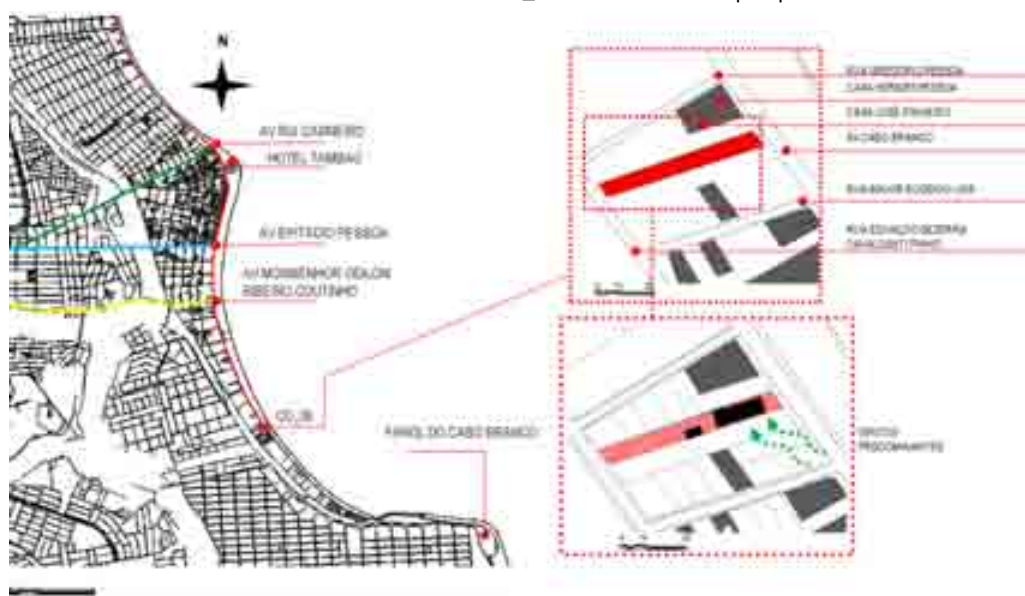
CO_06 Ferdinando Bezerra Paraguay (1973)



Figura 131: Casa Ferdinando Bezerra Paraguay, identificação de campo. Fonte: acervo da pesquisa. Registro: Roberta Xavier da Costa, 2008.

<i>Ficha técnica</i>	Cliente	Ferdinando Bezerra Paraguay
	Profissão:	Médico
	Autor:	Arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha
	Localização	Av. Cabo Branco, 3092 – Cabo Branco.
	Aprovação:	30/01/1973
	Tipo	Construção. Moradia permanente.
	Situação atual	Demolida para construção de edifício multifamiliar, em abril de 2009, antes que fosse possível realizar o levantamento fotográfico.
	Área terreno	2010,00m ²
	Área coberta	450,00 m ²
Área construída	496,00 m ²	
Taxa de ocupação	22%	
Aproveitamento	24%	

Tabela 14: Ficha técnica da CO_06. Fonte: dados da pesquisa.



Mapa 07: Croquis de Situação e Localização. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Fonte: ARCEM/PMJP. Desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 133: Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada e Croquis de ocupação volumétrica. Primeira figura a ser formada. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenhos: Roberta Xavier da Costa, 2011.

A figura formada são dois retângulos, separados; com o primeiro e maior recortado e com adição de uma forma em trapézio. Estas figuras induzem a uma primeira leitura da edificação, dois blocos com formatos de prismas horizontais, de alturas diferenciadas.

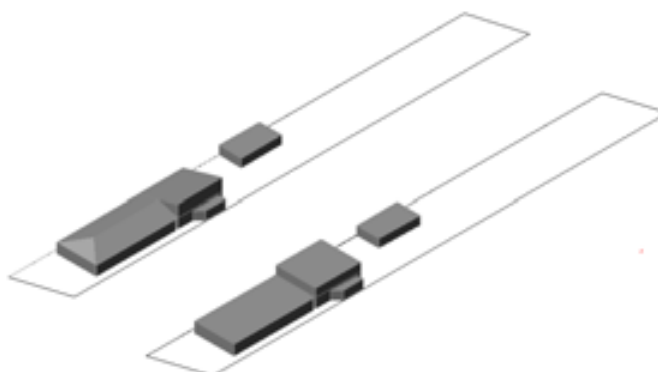


Figura 134: Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada e Croquis de ocupação volumétrica. Primeira figura a ser formada. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenhos: Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_06 Aspectos funcionais e espaciais

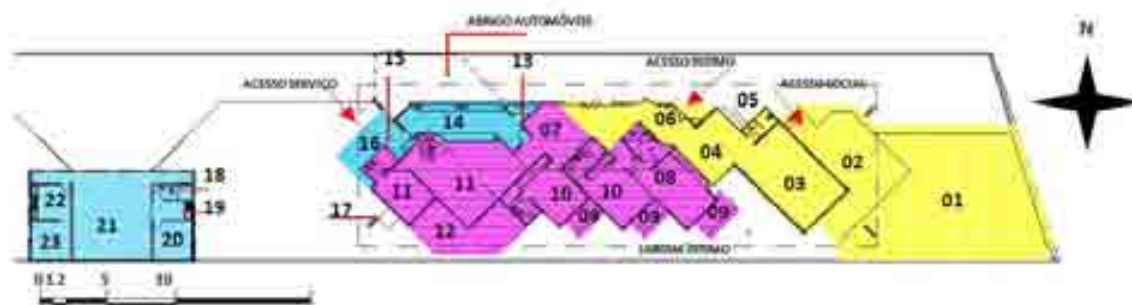


Figura 135: Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

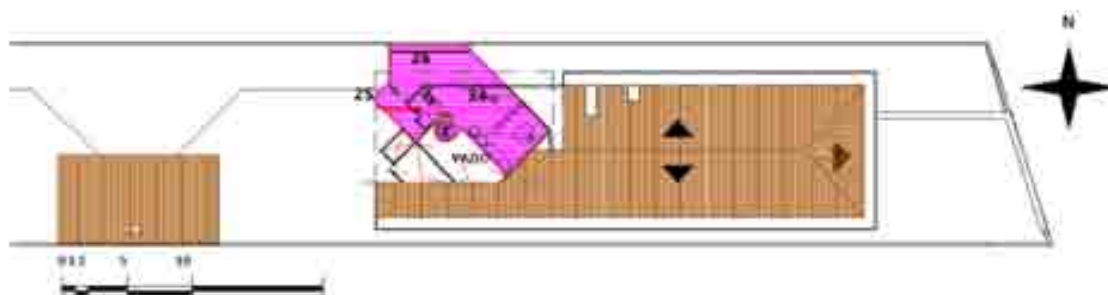


Figura 136: Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Filippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01-Jardim(não computada na área)	L		
	02- Terraço social	SE		
	03 –Living	SE/NE		
	04 –Refeições nobres	SE/NO		
	05-Lavabo	NE/NO		
	06- Hall	NE/N	126,00 m2	25,40
Setor íntimo	07- Refeições diárias	N		
	08 – Suíte casal	SE		
	09–Varanda	SE		
	10 – Suíte filhos(02)	SE		
	11- Sala de estar	SE/NO		
	12- Terraço íntimo	SE/NO		
	24- Gabinete	SE/NE/N		
	25- Banheiro	NO/SO		
26- Varanda	L/O	246,00 m2	50,00	
Setor de serviço	13 – Despensa	N		
	14 – Cozinha	N/NO		
	15- Copa auxiliar	NO		
	16- Terraço de serviço	NO		
	17 – Chuveiro de praia	SO		
	18- Banheiro de serviço	N/L		
	19 – Lavanderia de serviço	L		
	20- Quarto de empregada	L		
	21- Garagem(02 carros)	N		
	22- Lavanderia de serviço	N/O		
23- Engomado	O	124,00 m2	23,60	

Tabela 15: Setorização da CO_06. Fonte: Dados da pesquisa

Setorização: A área externa está setorizada em três usos: social, íntimo e serviço(Figura 132). O jardim frontal elevado, em um platô, permite a continuidade do espaço do terraço social. Os bancos de concreto no perímetro externo indicam que essa área era usada pela família para contemplação da paisagem da Orla do Cabo Branco. O jardim íntimo, é um pátio semi-coberto pela projeção do beiral do plano de cobertura, comunica-se com os quartos e permite a passagem para o setor íntimo aos banhistas. O chuveiro de praia localizado nessa área reforça esse fluxo de circulação. A área dos fundos do lote tem como uso predominante as atividades de serviço, e está designada como quintal. A disposição dos usos segue um esquema de casas tradicionais, na seqüência social → íntimo → serviço.

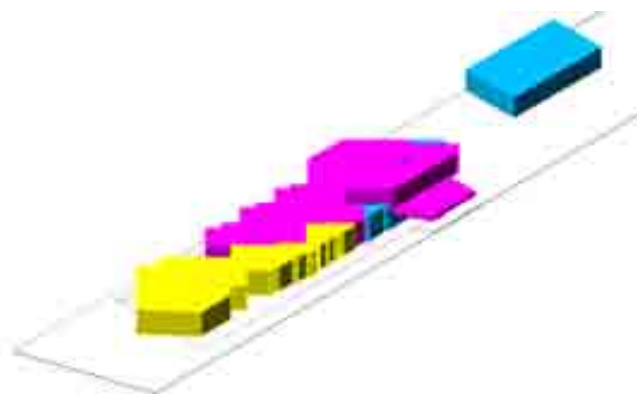


Figura 137: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Em amarelo setor social, azul setor de serviço e rosa setor íntimo. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

O programa tem como peculiaridade a distinção de usos para os ambientes. Atividades de contemplação que em geral são desenvolvidas no terraço estão separadas por funções: as do público, privado e de serviço. O terraço social constitui um espaço de transição entre o público e privado, entre a rua e a casa. O hall espaço comum nas casas ecléticas, aparece com a mesma função de distribuir o fluxo para as áreas íntima e social. A sala de refeições nobres e a de refeições diárias aponta para uma família tradicional. As atividades de convívio relacionadas à sala de estar foram divididas em dois ambientes: o living, e a sala de estar; indicando que o segundo espaço era de fato o local de reunião cotidiana para a família.

O gabinete tem acesso através dessa área, está localizado no pavimento superior, com mezanino voltado para a sala de estar. O mezanino nesse caso não promove uma percepção tridimensional da continuidade espacial, como já visto em casas anteriores. A escala muito reduzida, não permite a leitura de continuidade. A cozinha conta com o ambiente de apoio de uma copa auxiliar, inserida dentro do terraço de serviço, é o local onde se fazem as refeições dos empregados. A edícula, além da garagem, do quarto e do banheiro de empregada tem ambientes com atividades especializadas: a higienização de roupas foi dividida em lavanderia de serviço, lavanderia social e engomado. Todos os quartos têm banheiros conectados, incluindo o de hóspedes e o gabinete.

Orientação: Quanto às questões de conforto os ambientes são posicionados, com os setores social e íntimo recebendo ventilação direta. Esses ambientes tem aberturas voltadas para frente sudeste, e estão posicionados em diagonal em relação a testada lateral do lote. O lote recebe ventilação pela divisa lateral, porém o formato estreito e comprido, dificulta a captação dos mesmos; o arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha implanta a edificação na diagonal, aumentando assim a distância entre o muro do vizinho e as esquadrias. O mezanino e as exaustões na laje através da iluminação zenital dos banheiros, provocam a ventilação cruzada, aumentando o conforto interno. A cobertura em três águas sobrepondo-se a laje, contribui para a formação de um colchão de ar, com ventilação permanente através das telhas canal, retardando a tramitância térmica no ambiente interno

Espacialidade: A organização espacial e a distribuição dos ambientes sugerem o desejo por privacidade. A disposição de espaços de transição é bem delimitado: visitas na frente da casa, seguido das atividades da família e empregados no quintal, própria de casas coloniais. A casa tem um programa que indica uma distinção completa entre as atividades íntimas dos membros da família, de recepção de pessoas estranhas ao convívio familiar, as visitas, e dos empregados.

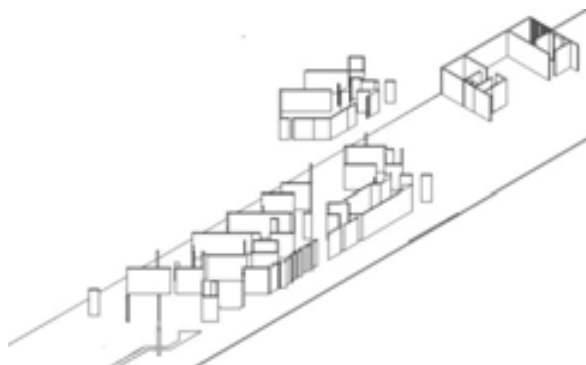


Figura 138: maquete de divisão dos ambientes. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

A preocupação em reservar a privacidade é evidente na disposição dos ambientes da área íntima, esse espaço está separado do social e do de serviço, inclusive com espaços para contemplação. Cada setor tem circulação independente, em relação à quantidade de área ocupada por cada setor, a área íntima se sobrepõe, ocupando a metade do percentual de área construída. A vocação dessa casa é a vida íntima, sua palavra é reserva e discrição.

O espaço é compartimentado, os ambientes se conectam, mas não tem comunicação visual. A cozinha é do tipo corredor. Toda a planta se volta para a contemplação da paisagem. Os ambientes estão dispostos de forma a preservar a intimidade. A preocupação é em preservar a intimidade dos usuários. Apesar do caráter intimista, os ambientes sociais abrem-se completamente para a paisagem, tanto no pavimento térreo como no mezanino. A integração entre jardim e living, lembra as soluções adotadas por Frank Loyd Wright nas casas usonianas. O gabinete nesse caso é uma reedição das mansardas. O teto do abrigo temporário de automóveis é usado como continuidade do pavimento superior, a varanda tem conceito similar ao terraço jardim corbuseriano.

Circulação: o esquema de circulação é tradicional: rua → casa → quintal, desenvolvido no sentido longitudinal do terreno, acontecem no exterior da edificação (nas duas laterais) e no interior. Do jardim frontal é possível se chega ao interior da casa por rotas diferentes para cada setor: para o social chegando pelo terraço; para o íntimo através da passagem lateral e varandas dos quartos e da sala de estar; e para o de serviço, indo através do terraço de serviço ou do quintal. O terraço social é um espaço de transição entre o jardim e a área de estar; o acesso desse ambiente para a parte interna da residência é feito pela esquadria do living. O hall dá acesso à área lateral, e constitui uma entrada para quem chega de carro diretamente para a área íntima, distribui o fluxo de circulação para o setor íntimo e social, é o acesso íntimo. Do terraço de serviço se acessa a cozinha, acesso de serviço. Essa casa tem um padrão de distribuição de fluxos complexo.

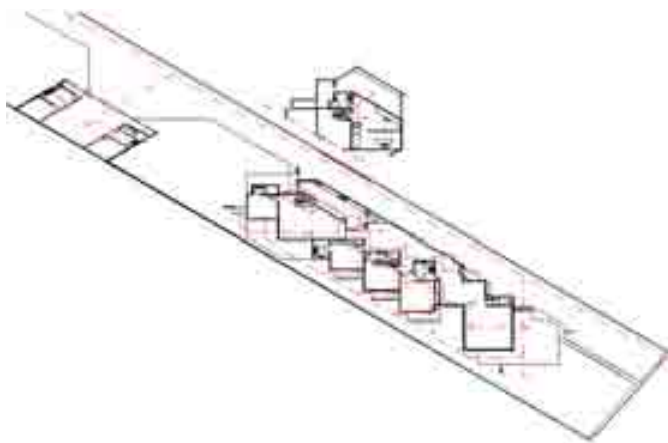


Figura 139: Diagrama de fluxos e circulação interna. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Filippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

A construção se desenvolve em dois blocos distintos. Com funções diferenciadas, não existe comunicação entre os mesmos. O segundo bloco a edícula, é espacialmente separada da construção principal, o ambientes tem tratamento diferenciado do restante da casa, inclusive em relação às condições de conforto térmico.



Figura 140: Abertura do living integrando a paisagem e o interior da residência. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Filippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 141: Detalhe do terraço jardim com acesso através do gabinete. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Filippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_06 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: A casa foi projetada para ser executada com fundação direta. O sistema estrutural adotado é de sessão ativa, os elementos usados são: pilar/viga/laje. A laje é de concreto armado. Os pilares são dispostos com intervalos seguindo a modulação dos vãos, a malha é ajustada de acordo com a dimensão dos vãos, que tem segmentos diferenciados; a maioria está em diagonal, seguindo a configuração das paredes e todos estão disfarçados na alvenaria de vedação. A independência entre os elementos estruturais em relação

aos fechamentos é evidenciada na disposição de algumas esquadrias que ocupam o vão inteiro do ambiente e em alguns casos abrem-se em quina.



Figura 142: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

Modulação: os pilares são distribuídos em eixos diagonais, em relação à largura do terreno, compondo uma malha com intervalos de que variam entre 4,00 m x 6,00 m e 3,00 m x 6,00 m. Com ritmo AA-BB-AAA-C. A malha da modulação dos espaços internos não está submetida a distribuição dos pilares.

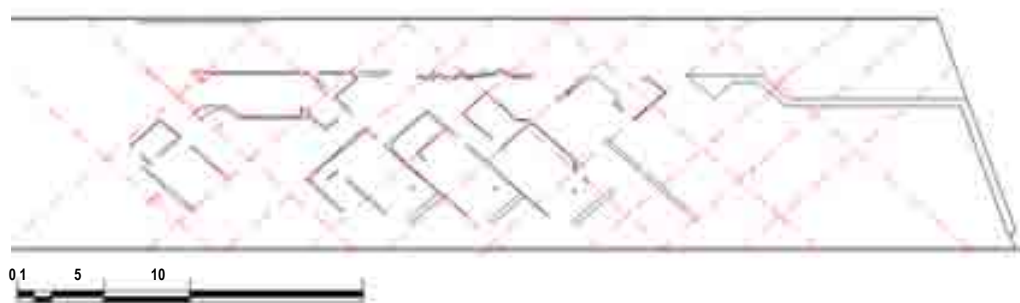


Figura 143: esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

Coberta: os espaços internos são cobertos com uma laje plana de concreto que funciona como um forro, com altura única, (pé-direito de 2,80 m). A laje é recortada na área do mezanino e nos banheiros das suítes. No mezanino a cobertura é uma laje inclinada com sobreposição de telhas cerâmicas com madeiramento entre a laje e o forro. Os banheiros das suítes, sem forro, são ventilados e iluminados indiretamente através de rasgos nas águas do telhado o que permite colocação de esquadrias para acima da laje plana. Essa laje de laje plana que funciona como forro no interior da edificação é recoberta com um telhado em três águas, se estende com um beiral se projetando para além das paredes em 1,00 m, e compõe a calha para escoamento das águas pluviais.



Figura 144: Visualização da solução de cobertas. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Filippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 145: Vista sudeste, implantação favorecendo a captação dos ventos. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Filippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

Em todos os ambientes é evidente a preocupação com a exaustão do ar quente, as paredes voltadas para a direção norte da sala de refeições nobre e do hall, são vazadas com aberturas estreitas na vertical, similar a *brises-soleil*. A mesma atenção aos detalhes de soluções de conforto não foram dirigidas a dependência de empregados embora a orientação não seja de fato desfavorável as dimensões e o tipo de esquadria escolhidos não permitem conforto adequado, o fato de ser colado nos limites do vizinho e não ter mecanismo de exaustão para o ar quente indica o tratamento inferior dado ao setor de serviço.



Figura 146: Fachada lateral, com materiais. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Filippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

Vedações: As vedações são basicamente nos seguintes tipos e materiais: Vedações opacas em alvenaria, semi-opacas em elementos verticais de concreto (*brises*); transparentes em vidro nas bandeiras das esquadrias; esquadrias em painéis fixos contínuos de piso a teto sem portas, painéis fixos contínuos de piso a teto com portas de uma folha com abertura simples, portas duplas de abertura simples, porta de folha única e abertura simples e janelas em madeira com veneziana em painel contínuo. Todas as fachadas são tratadas para que se tenha uma percepção tridimensional do objeto arquitetônico. A casa tem uma leitura horizontal nas faces leste e sudeste, e vertical na face oeste. Os painéis de vedação semi-opacos são verticais com ritmos diferenciados. As vedações são em madeira com vidro e venezianas fixas, pela indicação do projeto e foto de identificação. Aqui como na casa Josemar Meireles, é usado a "varanda balcão" nos quartos.



Figura 147: Vista da direção sudeste. Revestimento em casca de tijolo cerâmica. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 148: Vista na direção oeste, fenestração verticalizadas. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_06 Aspectos estéticos

Composição: A casa pode ser lida segundo movimentos de adição e subtração da forma (CHING, 1999:48) é um paralelepípedo retangular deitado recortado na diagonal, coberto por um plano horizontal adicionado de um prisma piramidal. A essa volumetria foi adicionada um segundo prisma vertical com base retangular recortada em arestas na diagonal do terreno, o qual é recoberto com um plano de coberta inclinado. O segundo bloco dos serviços é um prisma de base retangular com forma trapezoidal. Na visão de quem vê a casa na direção oeste, estes dois blocos criam a ilusão de telhados invertidos.

Aberturas: As aberturas são posicionadas de acordo com a necessidade do ambiente. Aberturas maiores para ambientes que precisam de mais luz e ventilação. A leitura é dinâmica, com recortes na vertical, reduzindo a horizontalidade da volumetria. Embora o arquiteto Carneiro da Cunha, não use nessa casa a janela em quina, localiza as aberturas em nos cantos dos ambientes de convívio (sala de estar e living) permitindo a ampliação da visibilidade para a para o exterior. Existe predominância de fenestração em manchas, como utilizado por Frank Loyd Wright. Nas faces em que a ventilação é predominante, as aberturas são maiores. Fenestração estreitas e verticalizadas, lembrando seteiras, são usadas na direção oeste. A disposição das manchas de fenestração está relacionada a questões de conforto.

Nas faces leste e sudeste predominam os vazios. O arquiteto usa a fenestração em mancha intercalada com painéis opacos de alvenaria, com três tipos de aberturas, contínuas e de painel inteiriço abrindo todo o vão. A sensação é de que a coberta está solta das paredes. Nas direções norte e oeste, a proporção de cheios ainda é

maior que a de planos opacos, porém o arquiteto faz uso de fenestrações estreitas e mais longilíneas dispostas na vertical no pavimento térreo e na horizontal no pavimento superior.



Figura 149: Vistas em perspectiva, com relação de aberturas. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 150: Vistas em perspectiva, com relação de aberturas. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 151: Vistas em perspectiva, com relação de aberturas. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 152 e Figura 153: Vistas em perspectiva, com relação de aberturas. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Philippe Germano. Finalização e edição dos desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

Ornamentos: nessa casa a diferenciação de materiais de estrutura e vedação tem função estética. Os pilares são deixados sem revestimento, em concreto aparente, como o arquiteto já utilizara na Casa Jorge Ribeiro Coutinho. As vigas são invertidas e estão ocultas na cobertura. Os materiais utilizados na estrutura são concreto nas fundações, concreto armado aparente nos pilares, laje em concreto aparente, cobertura com telhas canal aparente; nas vedações foram usados –, alvenaria em tijolo cerâmico com reboco em argamassa podendo ser revestidos com reboco em argamassa e pintura ou com casquilho de tijolo cerâmico nas paredes externas. As esquadrias são em madeira com venezianas e vidro, brises verticais em concreto aparente nos painéis vazados. Nos detalhes – concreto nas jardineiras, peitoris e bancos do jardim.

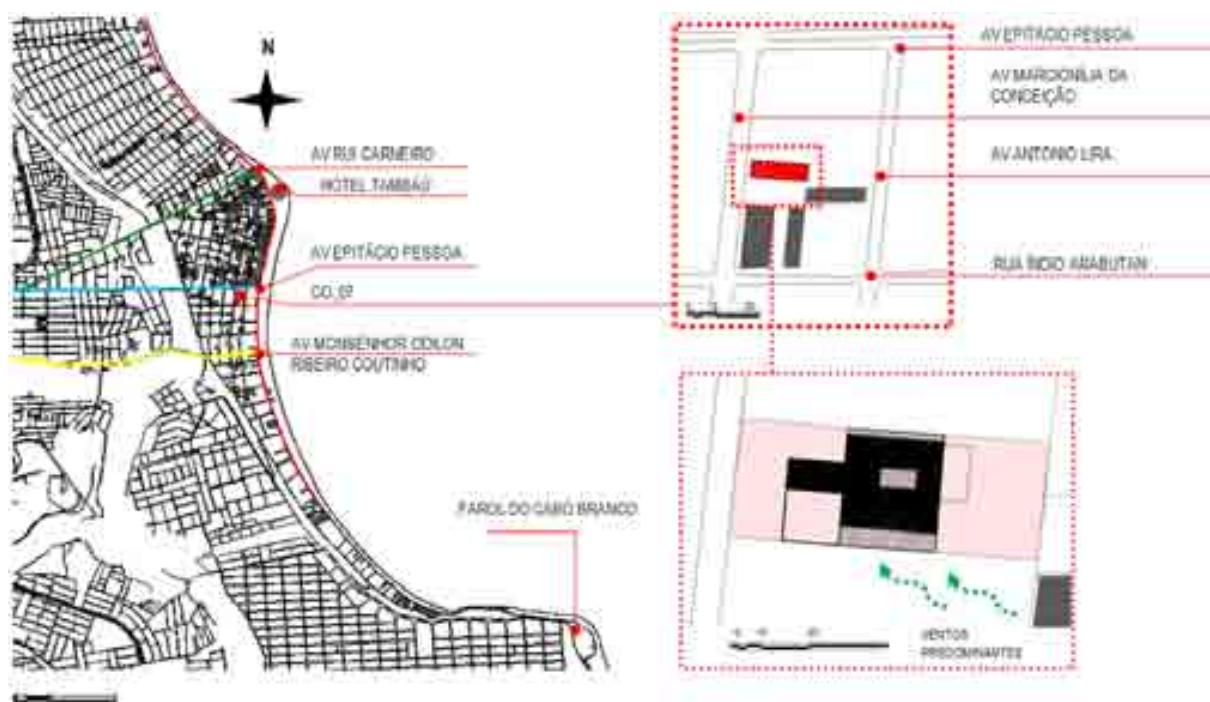
CO_07 Casa Maria Berenice Fraga do Amaral e Antônio José do Amaral e Silva (1974)



Figura 154: Casa Berenice e Antônio José do Amaral e Silva, perspectiva. Fonte: Acervo particular dos arquitetos. Registro: Roberta Xavier da Costa, 2008.

<i>Ficha técnica</i>	Cliente	Maria Berenice Fraga do Amaral e Antônio José do Amaral e Silva.
	Profissão:	Arquitetos
	Autor:	Arquitetos Maria Berenice Fraga do Amaral e Antônio José do Amaral e Silva.
	Localização	Av. Marcionila da Conceição, Lote 16 A Quadra 5, Setor 22 – Cabo Branco
	Aprovação:	15/01/1974
	Tipo	Construção. Moradia permanente.
	Situação atual	Modificada por mudança de uso.(lanchonete). Registro digital Mariana Porto em 2008.
	Área terreno	600,00m ²
	Área coberta	144,00 m ²
	Área construída	148,00 m ²
	Taxa de ocupação	20,8%
	Aproveitamento	20,4%

Tabela 16: Ficha técnica da CO_07. Fonte: dados da pesquisa.



Mapa 08: Croquis de Situação e Localização. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Fonte: ARCEM/PMJP. Desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_07 Aspectos do lugar

Localização: O terreno está localizado a 200 m da avenida beira-mar da praia do Cabo Branco, na Av. Marcionília da Conceição, no meio de quadra, entre a Av. Epitácio Pessoa e a Rua Índio Arabutan.

Lote: O lote é retangular, medindo 15,00 x 40, 00 m. Com orientação noroeste. Recebe ventilação pelos fundos e lateral direita do lote.



Figura 155: Implantação e coberta. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Implantação: A edificação foi implantada ocupando a porção central do lote. O recuo frontal exigido por lei foi incorporado à rua, sem qualquer elemento demarcatório, seja muro ou gradil. O passeio público é ampliado, e essa porção privada do lote forma com a rua uma continuidade. Os recuos laterais se incorporam ao interior da edificação, com a adoção de sistema pergolado (galerias). O pátio interno também adota o mesmo sistema. A casa é térrea, foi implantada pousada no solo, elevada em um único nível a 20 cm do passeio público. A casa tem uma implantação que implica no sentido de intimidade familiar, onde o lote é dividido em duas parcelas o público e o privado, toda a área construída interna é integrada a área livre, abrindo-se para pátios internos.

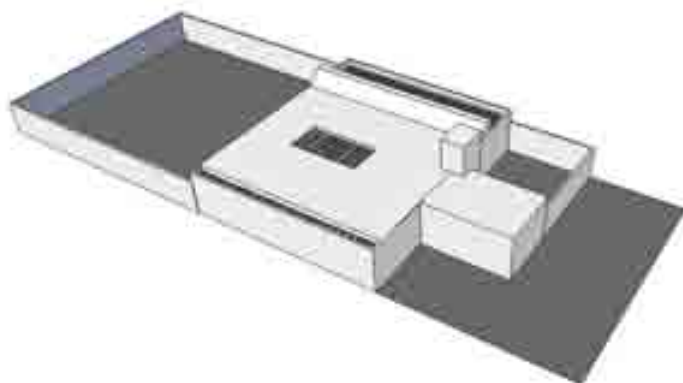


Figura 156: Croquis de ocupação volumétrica. Primeira figura a ser formada. Maquete: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Acessos: Para entrar na residência apenas dois acessos do passeio público diretos para o interior da edificação: o social, chegando ao abrigo de automóveis e em seguida diretamente na sala de estar, e o de serviço, permitindo o acesso direto para a área de serviço.

Axialidade: Os eixos de ocupação do terreno são determinados por intervalos segmentados na direção longitudinal dentro da porção utilizável do terreno, permitido pela legislação. Os eixos transversais são determinados por dois módulos retangulares com dimensões aproximadas: 3,80 x 3,50 m e 3,80 x 4,60 m. O ritmo no sentido longitudinal é constante de intervalo A-A-A-A, e no sentido transversal B-B-A-A-A. Os eixos transversais determinam a ocupação. A mancha de ocupação são dois retângulos, o primeiro e menor é recuado dos limites laterais, e separa do limite da rua pelo plano da parede externa, formando um pátio descoberto. O segundo e maior é vazado nas laterais e no centro, onde aparece um pátio pergolado. Os planos de paredes que fazem a divisa do lote aos fundos formam um pátio descoberto, sem acesso direto da rua. Em uma primeira leitura essas figuras formam prismas horizontais unidos pela face de mesma altura, com adição de outros dois, um trapezoidal no sentido horizontal (shed) e outro vertical que marca o conjunto (caixa d'água)

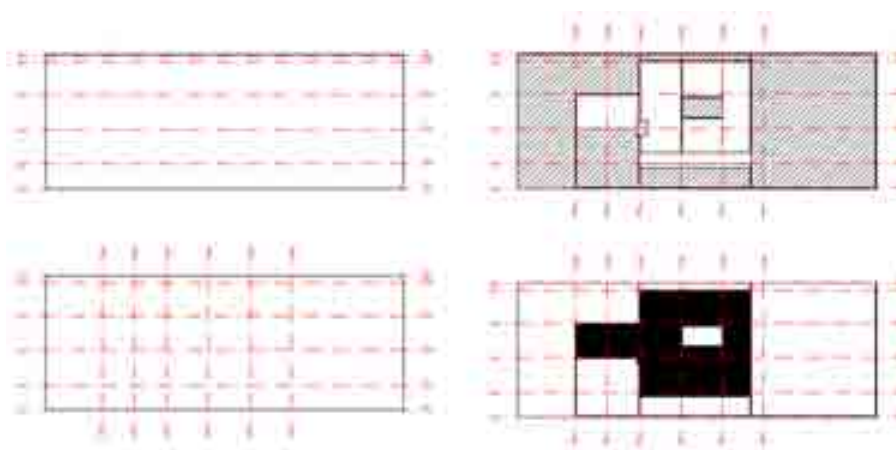


Figura 157: Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_07 Aspectos funcionais e espaciais

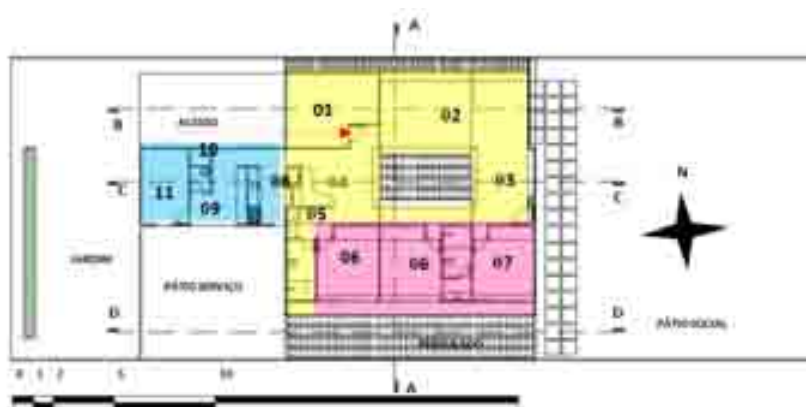


Figura 158: Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEM/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01-Garagem(01 carro)	NO		
	02- Estar	NE		
	03 –Estudos	NE		
	04 –Jantar	NO		
	05-Banheiro social	SO	87,50 m2	59,10
Setor íntimo	06- Quarto(02)	SE		
	07- Suíte casal	SE	41,00 m2	27,70
Setor de serviço	08 – Cozinha	NO/SE		
	09– Área de serviço	SE		
	10 – Banheiro de serviço	NO		
	11- Quarto de empregada	SE	28,10 m2	13,20

Tabela 17: Setorização da CO_07. Fonte: Dados da pesquisa

Setorização: As paredes demarcatórias externas são divisores entre o interior privado e o exterior público, sem a transição do jardim. Cada setor da casa tem seu próprio pátio jardinado. A casa está dividida em dois usos, o público e o privado com limites físicos precisos, na área externa frontal o recuo obrigatório tem uso público, integrando-se ao passeio. A garagem passa a ser parte da área social. O programa é reduzido ao mínimo necessário: apenas um banheiro, cozinha mínima reduzida à função de preparação de alimentos, com parede hidráulica fazendo divisa com a área de serviço. As refeições são realizadas em uma única área. As atividades sociais inclusive de estudo dos proprietários são realizadas em um espaço único sem barreiras e limitações. A disposição dos usos segue um esquema rua→serviço→social→íntimo. As atividades de serviço são integradas em um bloco na frente do terreno, na direção noroeste. O espaço de transição entre o público e o privado é a garagem. Destaca-se nessa casa a ausência do terraço.

O programa tem como peculiaridade a integração de usos para os ambientes sociais e íntimos, e a relação com o espaço externo, integrado a construção. A área livre deixa de ser vista como espaço negativo ou "sobra" para ser área importante de convívio social, o pátio de fundos passa a ser local de estar, com intenção de desenvolvimento paisagístico.



Figura 159: Estudo paisagístico para o pátio social, não realizado. Fonte: Acervo do escritório dos arquitetos Berenice e Antônio José do Amaral. Foto: Mariana Porto, 2008.

Uma característica marcante dessa casa é a integração com a natureza, a implantação ocupando os recuos laterais com galerias com sistema pergulado, como informamos anteriormente. No interior a abertura na cobertura usando o mesmo sistema de pérgulas, forma o pátio interno e, garante iluminação constante para os ambientes do jantar e a circulação entre para os quartos.

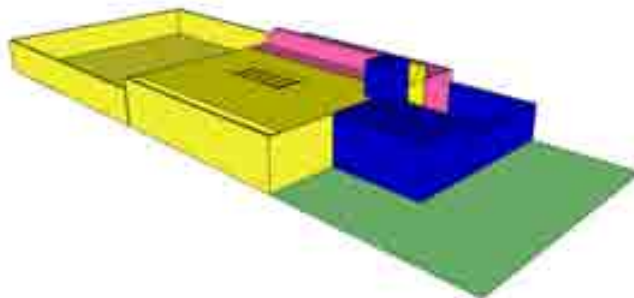


Figura 160: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Em amarelo setor social, azul setor de serviço e rosa setor íntimo. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenho: Roberta Xavier da Costa, 2011.

A maquete volumétrica mostra as atividades de serviço a frente do terreno, e a área social ocupando a maior parcela do terreno. A casa é voltada para o interior e para o convívio íntimo. Os quartos dando direto para a área social reproduzem o padrão de abertura das casas coloniais implantadas em lotes estreitos. A intenção dos arquitetos foi conceber um espaço que fosse fluido, sem muitas divisões, sem corredores.

Orientação: Os espaços de estar recebem ventilação pelo pátio dos fundos; os quartos voltados para sudeste são ventilados através da galeria pergulada. No setor de serviço os ambientes são ventilados pelo pátio, que capta os ventos da direção sudeste. Vazios deixados entre o teto e as paredes divisórias dos quartos permitem a renovação constante do ar nos ambientes de estar. É utilizada a ventilação cruzada e mecanismos de exatção do ar quente, com o shed e os sistemas de pergulados de larguras diferenciadas, o espaço entre a parede da divisa do lote e as aberturas dos quartos, é maior na direção sudeste (2,50 m), e o espaço de abertura das pérgulas na direção noroeste é mais estreito (0,80 m), esta estratégia permite aumentar a velocidade dos ventos e retirar mais rapidamente o ar quente de dentro da casa; porém tem inconvenientes: nem sempre a velocidade de vento na área era suficiente para realizar o mecanismo de exatção, e em dias de pouco vento o sol que refletia no interior da residência através das aberturas do teto, contribuía para aumentar o ar quente que era produzido no interior da habitação, que somados a tramitância térmica dos materiais da cobertura, piso e paredes, fazia com que a casa ficasse muito quente, nos dias de chuva o mesmo mecanismo de entrada de ventos permitia que se molhasse o interior da residência. Segundo a proprietária a chuva e o calor incomodavam os usuários, de modo que foi necessário se providenciar soluções posteriores para este problema.



Figura 161: Vista sudeste, implantação favorecendo a captação dos ventos. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

A escolha do tipo de cobertura e a forma da edificação em volumes prismáticos sem adições de planos de marquises para proteção das aberturas parece ter sido outro inconveniente, na foto em um momento posterior a construção foi adicionado um toldo na face leste.



Figura 162: Vista do pátio social, mostrando a adição de toldo para amenizar a incidência do sol matinal. Fonte: Acervo do escritório dos arquitetos Berenice e Antônio José do Amaral. Foto: Roberta Xavier da Costa, 2008.

Espacialidade: os blocos são separados por uso, social e íntimo para o maior e serviço para o menor. A área do jantar congrega todas as circulações e articula todos os ambientes da casa. O caráter intrínseco dessa casa é a ligação casa/natureza, com pátios isolados por função, o jardim entra na casa. O serviço é colocado a frente do lote.

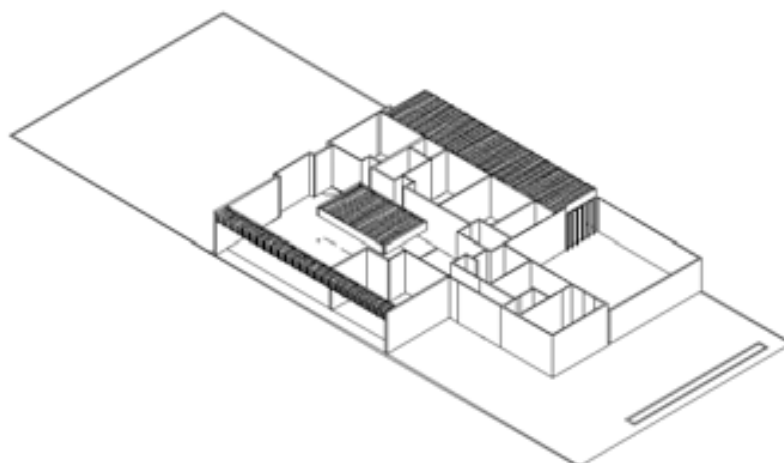


Figura 163: Maquete de divisão dos ambientes. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

A planta é aberta, o espaço é fluido e integrado ao exterior, a comunicação entre os ambientes sociais é visual e espacial. A cozinha é do tipo corredor. Toda a planta se volta para dentro, a vocação da casa é social.



Figura 164: foto do interior da residência. Fonte: Acervo do escritório dos arquitetos Berenice e Antônio José do Amaral. Foto: Roberta Xavier da Costa, 2008.

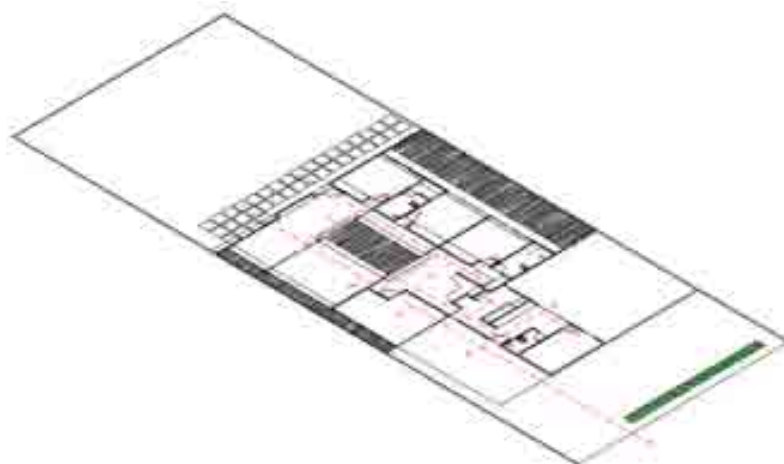


Figura 165: diagrama de fluxos e circulação interna. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Circulação: o esquema de circulação é tradicional: rua → casa → pátios. O fluxo de circulação mostra dois acessos diretos longitudinais da rua para o pátio externo, e entre o pátio externo e banheiro social. A esses dois eixos de circulação se anexam pequenos eixos transversais, no interior da edificação. Um terceiro eixo de circulação transversal é realizado da rua para o pátio de serviço. O pátio interno é um núcleo de articulação entre os fluxos internos, com circulação centrípeta.

CO_07 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: A estrutura tem fundação direta. O sistema estrutural adotado é de sessão ativa, os elementos usados são: pilar/viga/laje. A laje é de concreto pré-moldado, como todos os elementos construtivos. As paredes transversais dos quartos, a parede da sala e as paredes que delimitam externamente a casa são elementos planares que sustentam o peso da coberta. São usados dois apoios pontuais, os pilares da área social, que sustentam o vão de abertura do pátio e o peso das vigotas de concreto da pérgula.

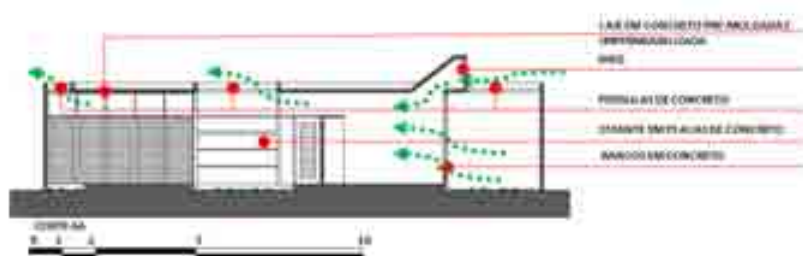


Figura 166: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

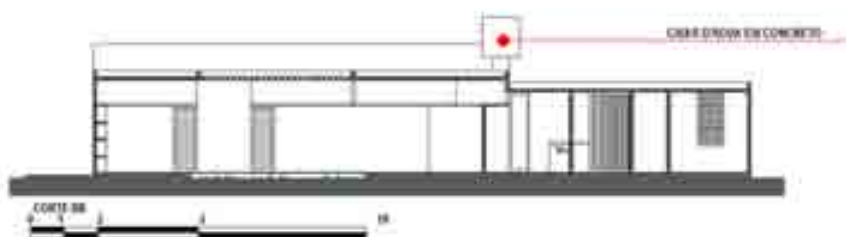


Figura 167: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

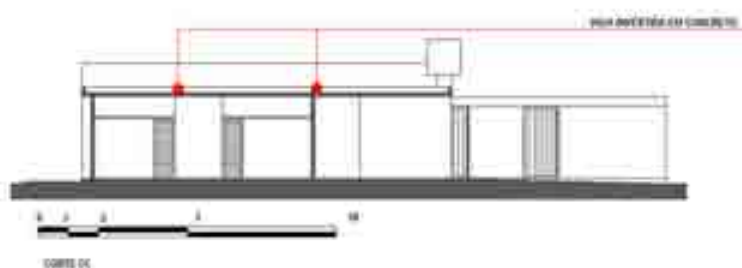


Figura 168: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

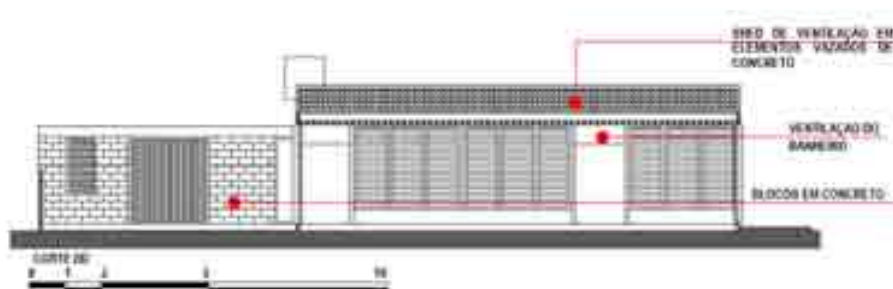


Figura 169: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Modulação: os pilares são distribuídos em eixos definidos pelo espaço interno. Os intervalos no eixo longitudinal são constantes, inseridos dentro dos limites permitidos pela legislação, razão A-A-A-A. Nos eixos transversais, são usados dois módulos intervalos diferentes B-B-A-A-A. Os espaços internos estão inseridos dentro dessa malha modular.



Figura 170: Esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Coberta: os espaços internos são cobertos com uma laje plana de concreto pré-moldado (vigotas em concreto e blocos cerâmicos), essa cobertura está apoiada verticalmente nas paredes transversais, e a sustentação é feita com vigas em concreto invertidas (mecanismo de suspensão). A laje pré-moldada foi armada no vão menor e constante entre os eixos longitudinais.



Figura 171: Visualização da solução de cobertas. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008.

Vedações: As vedações dessa casa são paredes de alvenaria em blocos de concreto ao natural vedações semi-opacas em elementos verticais de concreto (brises); transparentes em vidro nas bandeiras das esquadrias; esquadrias em painéis fixos contínuos de piso a teto sem portas, painéis fixos contínuos de piso a teto com portas de uma folha com abertura simples, portas duplas de abertura simples, porta de folha única e abertura simples e janelas em madeira com veneziana em painel contínuo.

Aberturas: As aberturas são todas em linhas verticais. Na parte frontal da edificação a casa é fechada, com muitas paredes cegas. E poucas aberturas, justificada pela orientação desfavorável da frente do terreno e pela intenção de recolhimento para atividades que devem acontecer dentro do âmbito familiar.

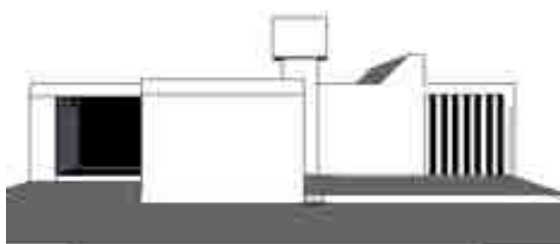


Figura 172: Vista na direção oeste, fenestrações em manchas, e muitos panos cegos. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete eletrônica: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Na fachada leste as aberturas acontecem em manchas os espaços vão intercalando intervalos de vazios estreitos para mais largos.

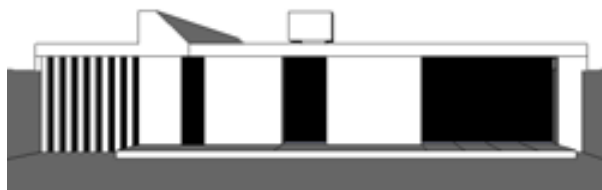


Figura 173: relação esquemática de aberturas na face leste. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete eletrônica: Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 174: Vista da fachada leste. Fonte: ARCEN/PMJP. Imagens: Mariana Porto, 2008.



Figura 175: Vista da direção sudeste. Fonte: ARCEN/PMJP. Imagens: Mariana Porto, 2008.

Na face sul, a abertura é total dos vãos dos quartos, uma indicação de que a estrutura é independente. Os painéis inteiriços procuram captar melhor os ventos do sudeste, através da galeria pergulada, e permitir integração entre o jardim interno e o ambiente dos quartos. A fenestração é em manchas. Nas faces oeste e norte predominam os cheios, a impressão é de peso e densidade, não muda na visão externa da face leste; mas na visão do interior do lote, quando se observa essa fachada sem a parede que limita o pátio íntimo, o espaço é aberto para o jardim da galeria pergulada.

CO_07 Aspectos estéticos

Composição: Todas as fachadas são tratadas para que se tenha uma percepção tridimensional do objeto arquitetônico. A casa tem uma leitura horizontal em todas as faces. Outra característica que apresentada nessa casa e que se tornará recorrente na arquitetura residencial de João Pessoa, é a exposição do material utilizado, sem revestimentos; assim, será possível encontrar tetos em lajes de concreto pré-moldada sem forro ou reboco,

com as vigotas e blocos aparentes; nas paredes os blocos de concreto ou tijolos cerâmicos ao natural, se distinguindo dos elementos de apoio como vigas e pilares em concreto.

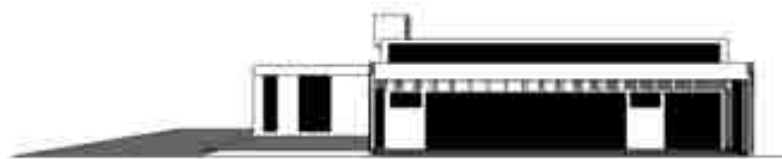


Figura 176: Vista na direção sul, com muro externo e sem o muro fenestraçãoes contínuas. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete eletrônica: Roberta Xavier da Costa, 2011.

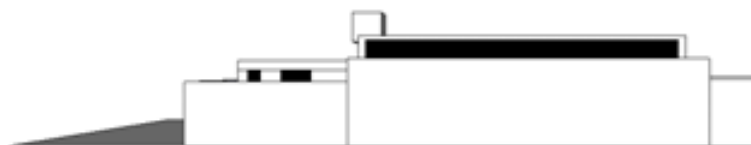


Figura 177: Vista na direção norte, com muro externo e sem o muro fenestraçãoes contínuas. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete eletrônica: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Essa casa constitui um conjunto de dois paralelepípedos de base retangular tendendo ao quadrado, em dimensões diferente, unidos pela face, onde o menor disposto no sentido longitudinal, delimita juntamente com o plano do muro externo o espaço do pátio de serviço, e o segundo disposto no sentido transversal delimita o uso do pátio social. A leitura é de cheios e muitos vazios que configuram os pátios e galerias perguladas. O movimento é de simples união. Para quebrar a horizontalidade da casa a caixa d'água marca um ponto assimétrico, na visão de todo o conjunto, marcando a união dos dois blocos, o cubo de concreto está suspenso por uma parede estrutural. Ao volume maior e por isso dando a sensação de mais achatado, do corpo principal da casa é adicionado o prisma trapezoidal do shed. Um prisma retangular trapezoidal é sobreposto ao prisma do bloco maior, a caixa d'água é outro prisma adicionado na união dos dois blocos. Os muros externos são planos verticais que limitam a intersecção entre o uso dos espaços abertos.

Ornamentos: As paredes e lajes são deixadas ao natural sem revestimento (apenas as paredes internas recebem pintura branca, e os banheiros e cozinha pintura epóxi). O piso em cimento queimado, e as esquadrias em madeiras, celebram a cultura construtiva reeditando práticas vernaculares, assim como as paredes-meias dos quartos. As esquadrias são em madeira com utilização de venezianas, e folhas de vidro. Além dos elementos construtivos industrializados, detalhes da construção como mobiliários fixos em concreto foram projetados pelos arquitetos. O concreto é largamente utilizado em mobiliário como no sofá, na placa que faz às vezes de aparador para o jantar, nos armários do quartos e da cozinha e na estante da área de estudos, e nos bancos que limitam o pátio interno e os quartos. Nesse ponto o mobiliário também evoca uma tradição construtiva vernacular, própria das varandas de casas de fazenda e engenhos, janelas com peitoril baixo em altura de bancos. Essa prática de detalhar móveis e executá-los em placas de concreto será uma constante na obra desses arquitetos e irá se popularizar junto a outros profissionais em especial na segunda metade da década de 1970.

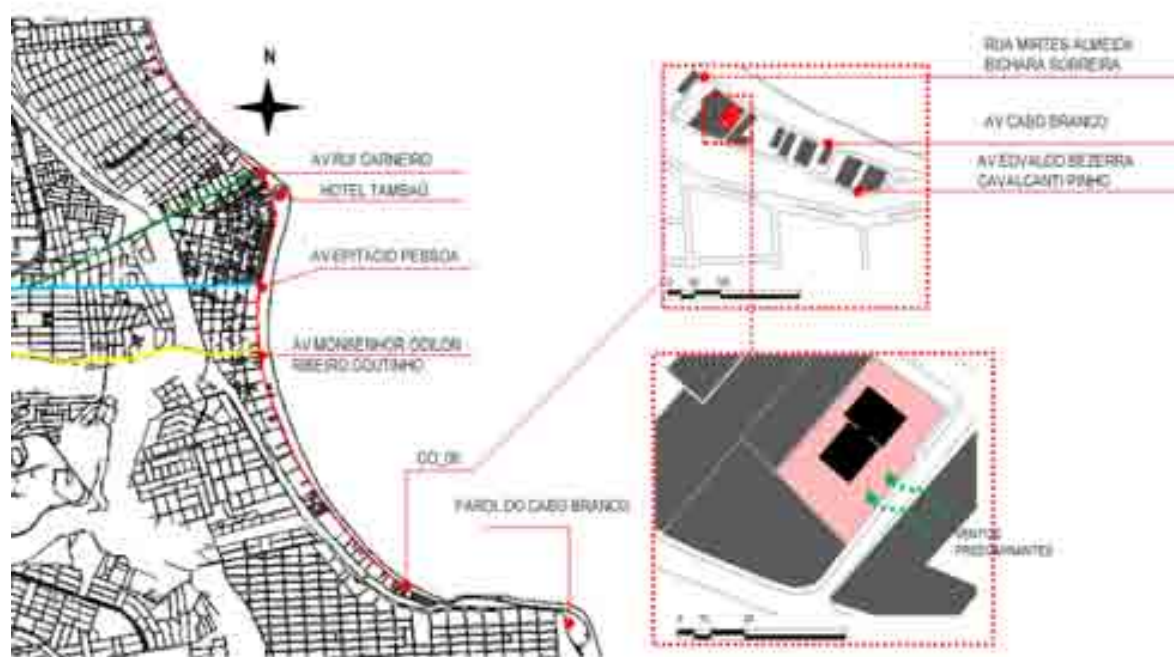
CO_08 Casa Gilson Espínola Guedes (1974)



Figura 178: Casa Gilson Espínola Guedes, identificação de campo. Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Roberta Xavier da Costa, 2009.

<i>Ficha técnica</i>	Cliente	Gilvan Espínola Guedes
	Profissão:	Médico
	Autor:	Arquiteto Mário Glauco di Lascio
	Localização	Av. Cabo Branco, 4500 – Cabo Branco.
	Aprovação:	14/05/1074
	Tipo	Residência permanente.
Situação atual	Uso residencial, com os mesmos proprietários	
Área terreno	1.198,40 m ²	
Área coberta	342,30 m ²	
Área construída	417,40 m ²	
Taxa de ocupação	28,60%	
Aproveitamento	35,92%	

Tabela 18: Ficha técnica CO_08. Fonte: dados da pesquisa.



Mapa 09: Croquis de Situação e Localização. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_08 Aspectos do lugar

Localização: O terreno de esquina está localizado na beira-mar da praia do Cabo Branco, com a Rua sem nome, a 100,00 m da Rua Mirtes Almeida Bichara Sobreira e cerca de 300,00 m da bifurcação da Av. Cabo Branco com a Av. Edivaldo Cavalcanti Bezerra.

Lote: No projeto original o lote é retangular, medindo 42,00 de comprimento por 28,00 m de largura. A cartografia atualizada da PMJP mostra um lote ligeiramente trapezoidal. Como nas casas anteriores consideraremos para esse estudo a documentação encontrada no ARCEN. O terreno tem frentes nordeste, (Av. Cabo Branco) e sudeste (Rua sem nome), os ventos chegam pelas duas frentes do lote.

Implantação: A edificação foi implantada no centro do terreno, solta nas quatro divisas, em dois blocos retangulares conectados pela caixa da escada. Implantada em quatro níveis distintos, a casa em relação ao solo apresenta: pilotis (parcial) na porção frontal, aterro de parte do recuo frontal na direção sudeste, escavação da lateral noroeste, onde também é usado o pilotis.

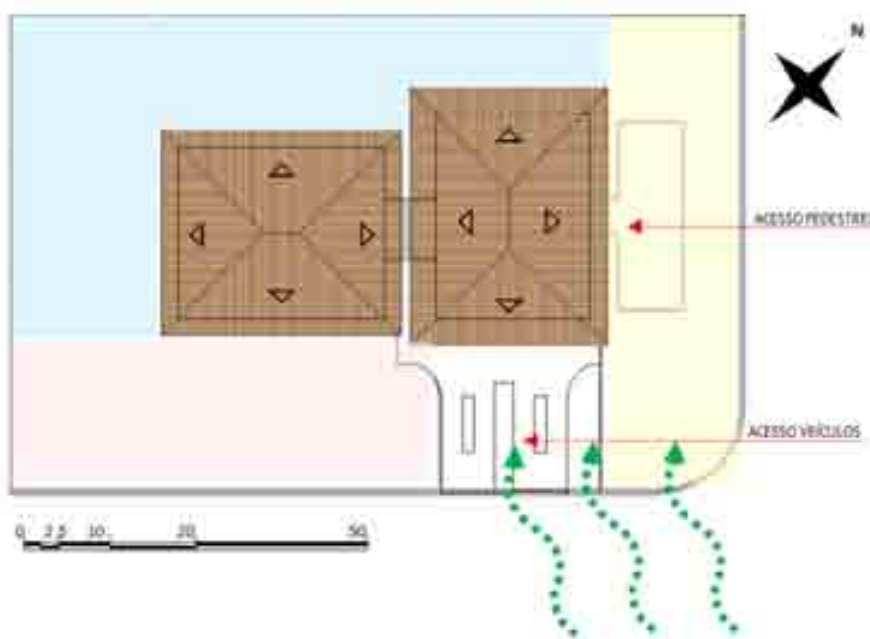


Figura 179: implantação e cobertura. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição do desenho: Kelly Lima, 2011.

Acessos: da rua para o interior do lote são dois acessos, o de veículos pela Rua Sem Nome, e o de pedestres pela Av. Cabo Branco. Para o inteiro da edificação: o acesso social é a continuidade da entrada de pedestres, o de serviço pela lateral noroeste, e o íntimo pela frente sudeste.

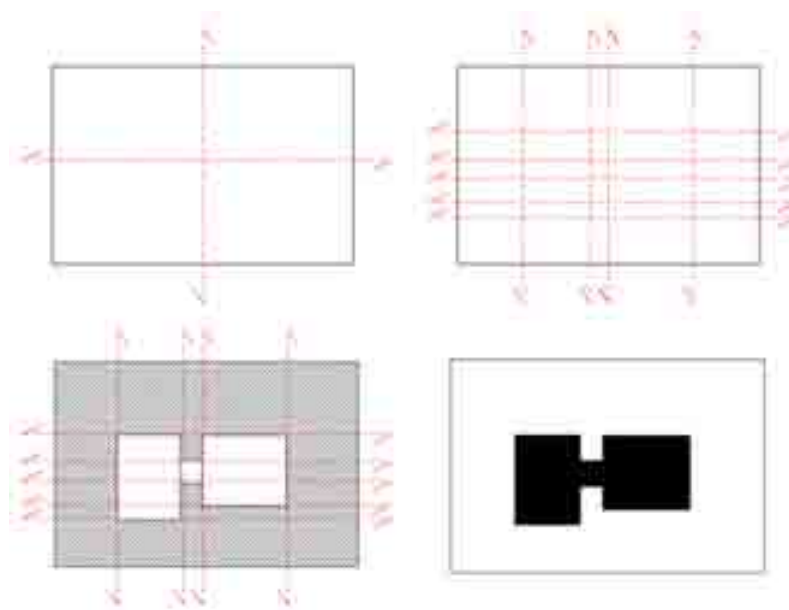


Figura 180: Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada. Primeira figura a ser formada. Digitalização inicial: Roberta Xavier da Costa. Finalização e edição do desenho: Kelly Lima, 2011.

Axialidade: o lote foi dividido simetricamente com eixos ortogonais em quatro parcelas. No sentido longitudinal o ritmo é 2A-B-A-B-2A. No sentido transversal não existe um ritmo constante, os intervalos variam, desde a divisa a leitura é A-A-C-B-A. A figura formada são dois retângulos com tamanhos quase iguais, conectados por um menor. O primeiro é longitudinal ao comprimento do terreno, e o segundo transversal.

CO_08 Aspectos funcionais e espaciais



Figura 181: Planta baixa do primeiro que corresponde ao pavimento subsolo, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.



Figura 182: Planta baixa do segundo pavimento que corresponde ao pavimento térreo, com setorização e acessos por uso.
 Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.



Figura 183: Planta baixa do terceiro pavimento que corresponde ao pavimento superior, com setorização e acessos por uso.
 Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor de serviço	01 – Garagem(02 carros)	NO/SO	177,00 m ²	42,40
	02 – Lavanderia	NO/NE		
	03 - Quarto (02)	NE		
	04 – Bwc	SE		
	05 – Depósito	SE		
	14- Cozinha	SO		
	15 – Despensa	SO		
	16 – Terraço de serviço	SO/NO		
Setor social	06 – Terraço social	NE/SE	115,00 m ²	27,55
	07 – Estar	NE/SE		
	08 – Gabinete	NE		
	09 – Jantar	NE/SE		
Setor íntimo	10 – Quarto	NE/SE	115,00 m ²	27,55
	11 – Bwc	NO		
	12 – Almoço	SE		
	13 – Terraço Íntimo	SE		
	17 – Suíte (02)	NO/SE		
	18 – Bwc	SO		
	19 – Closet	SO		
	20 - Varanda	NE/SE		

Tabela 19: Setorização da CO_08. Fonte: Dados da pesquisa

Setorização: A área externa está dividida em três usos: social, íntimo e serviço (Figura 179), assim como a construção. O setor de serviço é o que ocupa mais área na edificação (Tabela 19), devido às dimensões da garagem. O gabinete, assim como em outras casas desse estudo, fica localizado contíguo a sala de estar. A sala de jantar e a de almoço ficam no mesmo nível que a cozinha, e são separadas por uma parede divisória em pedra ao natural. A casa tem três ambientes designados como terraço: social, íntimo e de serviço, esse último com a função de auxiliar atividades da cozinha e para as refeições dos empregados. No pavimento superior são duas suítes apenas; uma para o casal e outra para os três filhos. O terraço social, com dimensão menores do que o íntimo, sugere um local de transição, com função similar a um vestíbulo, uma área de passagem e não de permanência.

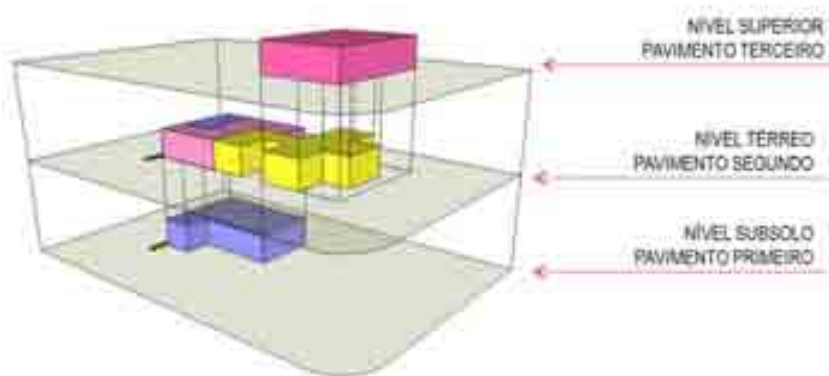


Figura 184: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Em amarelo setor social, azul setor de serviço e rosa setor íntimo. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

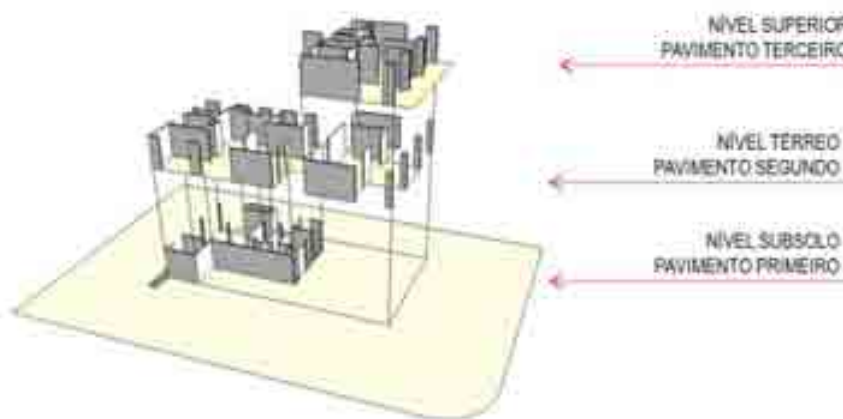


Figura 185: Maquete de divisão dos ambientes. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

Orientação: o lote tem uma orientação favorável à captação dos ventos, o arquiteto abre os ambientes sociais e íntimos para as direções que mais recebem ventos (SE/NE). Os quartos de empregados também tem aberturas voltadas para uma direção favorável a ventilação. Como mecanismos de adequação ao clima, o arquiteto usa o beiral generoso e a coberta em telhas canal. Soluções tradicionais e adequadas ao clima do Nordeste.

Espacialidade: Os ambientes abertos (terraços e varanda) sugerem uma intenção de integração com a paisagem, ou com o jardim. Porém no restante da construção o que predomina é a configuração de uma planta onde os ambientes são definidos por retângulos que se comunicam. Com a inserção do pé-direito esses espaços convertem-se em caixas interligadas, constituindo cada uma um compartimento definido. A somatória das caixas contíguas dão a característica final: a própria caixa da edificação. O resultado é uma série de cubos justapostos, estáticos, com pouca integração entre si.

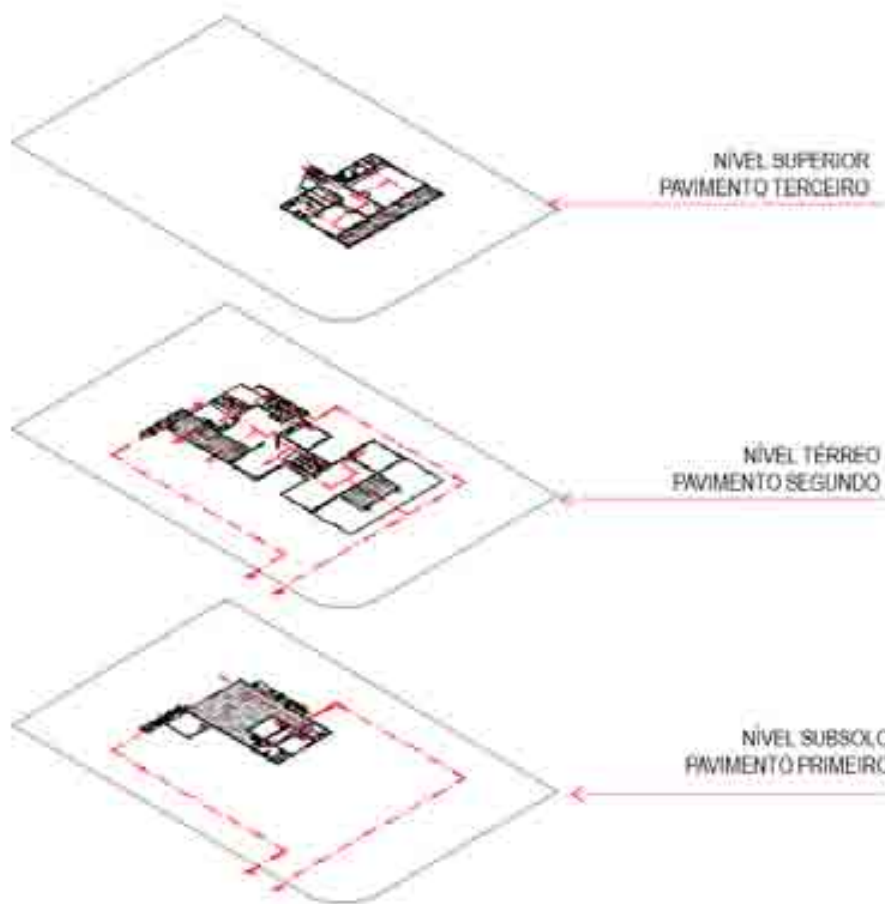


Figura 186: Diagrama de fluxos e circulação interna. Pavimento primeiro e segundo. Fonte: ARGEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima e Roberta Xavier da Costa, 2011.

Circulação: Nos fluxos de circulação nessa residência, o arquiteto usa principalmente a distribuição vertical, em patamares. As escadas são os núcleos articuladores, tanto entre o setor social e o íntimo, como entre os dois níveis do setor de serviço. Os eixos de circulação longitudinais são interceptados por fluxos transversais, que conduzem ao jardim íntimo. Entre o terraço social e a varanda contígua às suítes, a circulação é contínua, sugerindo que essa área poderia ser também um local de permanência ou de recepção de familiares.

CO_08 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: A edificação foi executada com soluções estruturais que primam pela economia sem perda da qualidade da construção. As fundações são diretas em sapatas corridas e sapatas isoladas, onde se

usam os pilares, com cintamento e radier. O sistema estrutural de seção ativa adotado é composto de pilar/vigas/laje maciça de concreto, como em outras casas da orla.

Modulação: A sobreposição da malha estrutural para disposição dos pilares se diferencia em cada pavimento. No pavimento terceiro se repetem os eixos e pilares da porção frontal do pavimento segundo (nível do térreo), e no pavimento primeiro os pilares são continuação da malha que está na porção posterior do térreo. Não se observa vinculação entre a malha estrutural e a modulação dos ambientes.

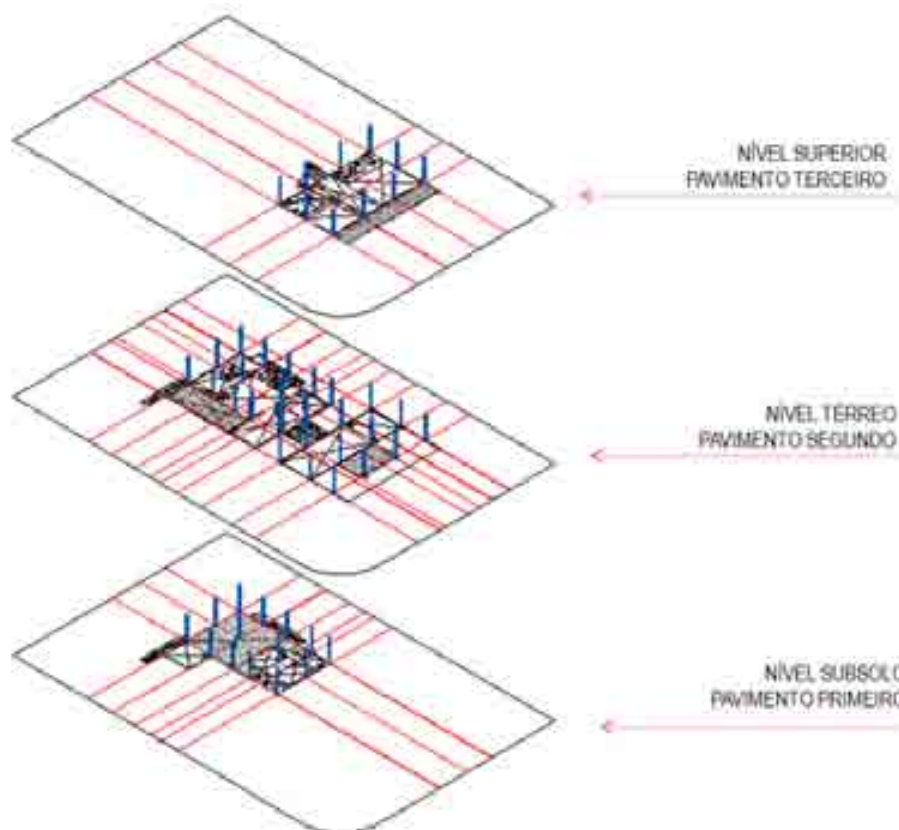


Figura 187: Esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima e Roberta Xavier da Costa, 2011.

Coberta: Com volumetria piramidal, em alturas distintas em relação ao solo, cada bloco tem cobertura independente, em quatro águas de telhas canal. Esse telhado que reedita soluções tradicionais recobre a laje plana do teto. A solução é adequada ao clima local, pois a telha canal forma um colchão de ar entre a laje de forro, com ventilação constante, que reduz a transmissão térmica para o ambiente. O beiral generoso cumpre função similar de conforto evitando tanto umidade quanto a incidência de sol nas paredes. A solução de quatro águas evita também o uso de calhas.



Figura 188: Vista em perspectiva. Fonte: ARCEN/PMJP. Maquete eletrônica: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos: Kelly Lima, 2011.



Figura 189: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.



Figura 190: Corte esquemático. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.



Figura 191: Cortes esquemáticos. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

Vedações: as vedações são em alvenaria de tijolos maciços deixados ao natural, e esquadrias em madeira com venezianas e vidro incolor.

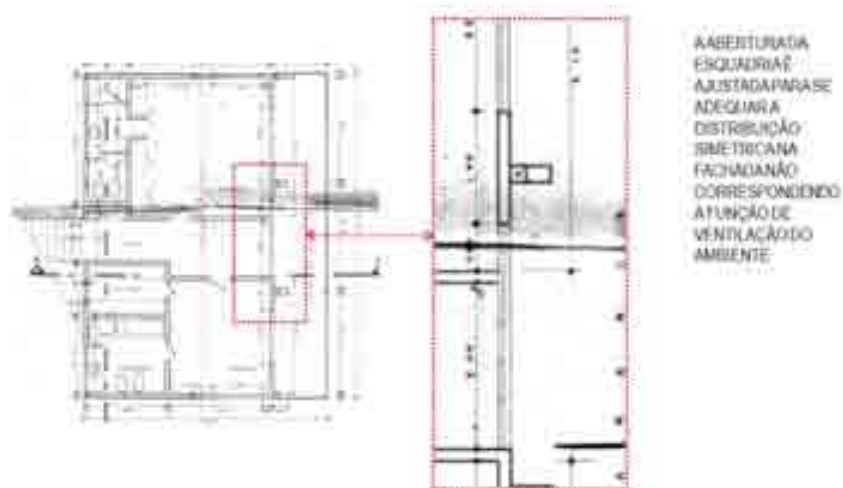


Figura 192: Planta baixa do pavimento superior, detalhe da esquadria. Fonte: ARCEN/PMJP. Imagem escaneada: acervo da pesquisa, 2009. Edição da imagem: Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 193: Fachada Nordeste. Relação entre cheios e vazios. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

Predomina a leitura de cheios. A edificação é desenvolvida com a fachada como planos separados, e vistos isoladamente, e não como um objeto tridimensional, que pode ser contemplado por diversos ângulos. Os muitos planos opacos dão uma sensação de densidade e peso a casa.

CO_08 Aspectos estéticos

Composição: a simetria é evidente na fachada nordeste, como demonstrado acima, de tal modo que se desconsidera a função de iluminação e ventilação adequadas a cada ambiente. A imagem da casa é tradicional, nessa direção remete a composições clássicas. Na fachada noroeste a simetria é mantida pela proporção dos blocos. No primeiro bloco a proporção do vazio é similar a da área opaca, o bloco seguinte não teve o mesmo tratamento.



À direita Figura 194: Vista em perspectiva - entrada. À esquerda Figura 195: Vista em perspectiva – fundos. Relação entre cheios e vazios. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima e Roberta Xavier da Costa, 2011.



À direita Figura 196: Vista em perspectiva – terraço íntimo. À esquerda Figura 197: Vista em perspectiva – área de serviço. Relação entre cheios e vazios. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Paula Dieb e Marina Goldfarb. Finalização e edição dos desenhos Kelly Lima, 2011.

Aberturas: as aberturas são em manchas isoladas. No pavimento térreo o vão entre os pilares é aberto. No pavimento superior as aberturas são menores, e não correspondem aos ambientes, estabelecem o eixo de simetria da fachada. (ver Figuras 194 e 195)

Ornamentos: a estrutura e as vedações são evidenciadas pelo revestimento dos materiais. Os pilares são deixados sem revestimento, em concreto aparente, adoçados na alvenaria de vedação; esta recebe dois tipos de revestimento: na fachada frontal é revestida com emboço de argamassa pintada de branco, nas demais fachadas é usado o revestimento de tijolo cerâmico com proteção de verniz. O beiral é apoiado com montantes

em madeira envernizada, assim como o guarda-corpo. No piso da sala de estar um tapete cerâmico assinado pelo artista plástico Francisco Brenand, datando de 1975, quando se encerram as obras da casa.



Figura 198: Detalhe do piso da sala de estar, painel cerâmico de Francisco Brenand. Fonte: Levantamento de campo. Fotos: acervo da pesquisa, 2009.



Figura 199: Revestimentos externos. Fonte: Levantamento de campo. Fotos: Roberta Xavier da Costa, colaboração de Paula Dieb e Marina Goldfarb, 2009.



Figura 200: Revestimentos externos. Fonte: Levantamento de campo. Fotos: Roberta Xavier da Costa, colaboração de Paula Dieb e Marina Goldfarb, 2009.

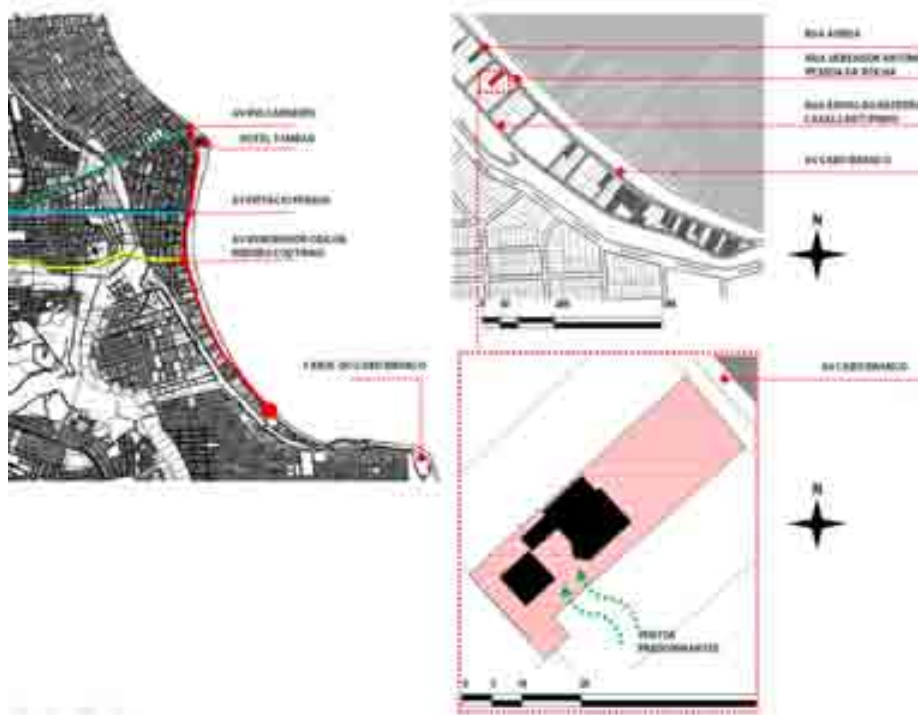
CO_09 Casa Major Adolpho Fernandes Lyra Maia (1974)



Figura 201: Casa Major Adolfo Fernandes Lira Maia, identificação e acessos da rua. Fonte: Acervo da pesquisa. Foto: Roberta Xavier da Costa, 2008.

<i>Ficha técnica</i>	Cliente	Major Adolpho Fernandes Lyra Maia
	Profissão:	Militar
	Autor:	Arquiteta Maria Grasiela de Almeida Dantas
	Localização	Av. Cabo Branco nº 3804 lot. Propriedade Cabo Branco. Cabo Branco
	Aprovação:	19/04/1974
	Tipo	Casa de veraneio.
	Situação atual	Uso residencial permanente, com os mesmos proprietários. Ao projeto original foi acrescentado uma piscina nos fundos do lote.
	Área terreno	750,00 m ²
	Área coberta	231,10 m ²
	Área construída	340,46 m ²
	Taxa de ocupação	0,45%
	Aproveitamento	0,26%

Tabela 20: Ficha técnica da CO_09. Fonte: dados da pesquisa.



Mapa 10: Croquis de Situação e Localização. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_09 Aspectos do lugar

Localização: O terreno está localizado em frente ao mar, na Av. Cabo Branco, no meio da quadra situada entre a Rua Áurea e a Rua Vereador Antônio Pessoa da Rocha, aproximadamente na metade da baía do Cabo Branco, a 2000 m da Av. Monsenhor Odilon Coutinho (final da avenida conhecida como Beira Rio), e a 1600 m do Farol do Cabo Branco.

Lote: Levaremos em conta o lote tal qual registrado no projeto original na ARCEN/PMJP : um retângulo de 15,00 m de largura por 50,00 m, que difere daquele no qual se encontra a construção atual. Terreno de meio de quadra, recebe ventilação pela face posterior e pela lateral direita do lote. A parcela frontal (20,00 m), pertence a União, é terreno de marinha, e não pode ser edificada.

Implantação: A edificação foi implantada ocupando a metade posterior do lote. O recuo frontal é de 26,00 m, sem muros, tornando-a bastante visível desde a Av. Cabo Branco, é ocupado por um jardim elevado. Pousada no solo, com dois pavimentos, e afastada das quatro laterais do lote.



Figura 202: implantação e coberta. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raissa Monteiro, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Acessos: Dois acessos exteriores: o social, mais largo, permite a entrada de veículos e pedestres, e o acesso de serviço, mais estreito, exclusivo para pedestres. Para entrar na residência existem: a porta social, na frente da casa, a entrada dos banhistas na lateral sudeste, o acesso íntimo, pelo pátio da garagem, e o acesso de serviço pela cozinha. Na suíte do casal, o banheiro dá um acesso exclusivo para o solarium. (Figura 202).

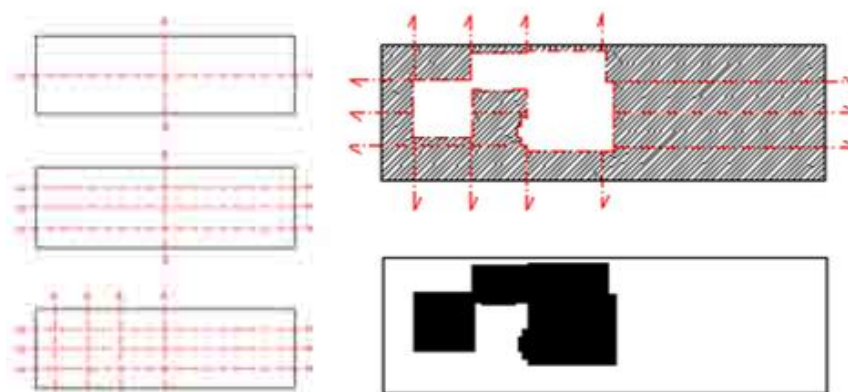


Figura 203: Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada.
 Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raissa Monteiro, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Axialidade: Os eixos de ocupação são determinados pela divisão simétrica em ambos os sentidos, longitudinal e transversal do terreno, dividindo o lote em quatro porções. O eixo transversal define a área edificada. O ritmo no sentido longitudinal é uma constante de intervalo A-A-A-A. No sentido transversal as funções da habitação definem intervalos diferenciados e sem repetição. A mancha de ocupação forma duas figuras em L, formadas por dois retângulos, com pequenos recortes, unido a um quadrado, pela aresta.

CO_09 Aspectos funcionais e espaciais



Figura 204: Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raissa Monteiro, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

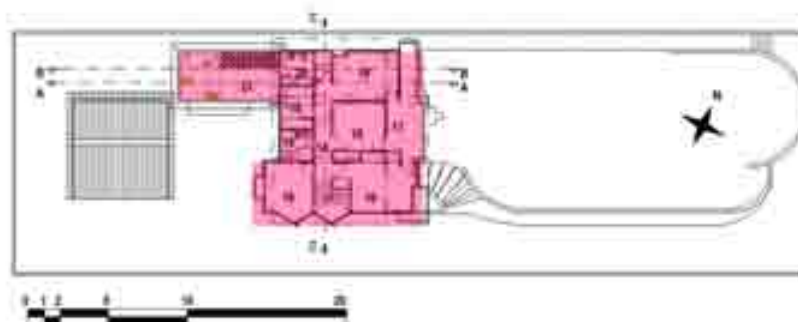


Figura 205: Planta baixa pavimento superior, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raissa Monteiro, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01-Terraço	NE		
	02- Vestíbulo	NE		
	03 – Lavabo	SE		
	06-Estar	NE		
	07- Refeições	NE	70,40 m ²	20,70
Setor de serviço	08- Cozinha	NO		
	09 – Engomados	NO		
	10– Lavanderia	NO		
	11 – Depósito	SE		
	12- Banheiro de serviço	SE		
	13-Garagem	NO/SE/NE	76,40 m ²	22,40
	Circulação vertical - escada	SE		
	14 - Circulação horizontal- corredor			
Setor íntimo	04 – Chuveiro de praia	SE		
	05– Gabinete	SE		
	15- Banheiro	SO		
	16- Quarto(03)	NE/SE		
	17- Varanda	NE		
	18-Suíte casal	NE		
	19-Closet	NO		
	20-Banheiro da suíte	NO		
	21 - Solário	NO	140,60 m ²	56,90

Tabela 21: Setorização da CO_09. Fonte: Dados da pesquisa. Levantamento: Roberta Xavier da Costa, 2009.

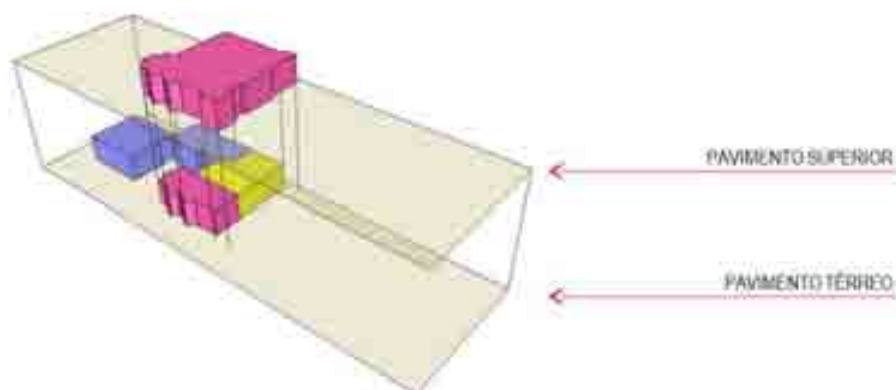


Figura 206: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Em amarelo setor social, azul setor de serviço e rosa setor íntimo. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Denise Lemos e Raissa Monteiro, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

Setorização: O setor íntimo ocupa quase 60% da área construída da edificação. O setor social ocupa a menor área da casa (20,70 %) e aproxima-se daquela ocupada pelo serviço (ver Tabela 21). O jardim e o pátio íntimo complementam este setor. Os blocos são dispostos de modo a formar um pátio interno.

Orientação: Os ambientes foram localizados preferencialmente na direção nordeste, para frente do lote, e paisagem da praia, como já informado anteriormente. Na caixa de escada, no gabinete (pavimento térreo), e no primeiro quarto do pavimento superior a arquiteta posiciona as janelas na direção sudeste. No pavimento superior elementos vazados são usados na parte superior das paredes divisórias entre quarto e corredor, para permitir a livre circulação dos ventos.

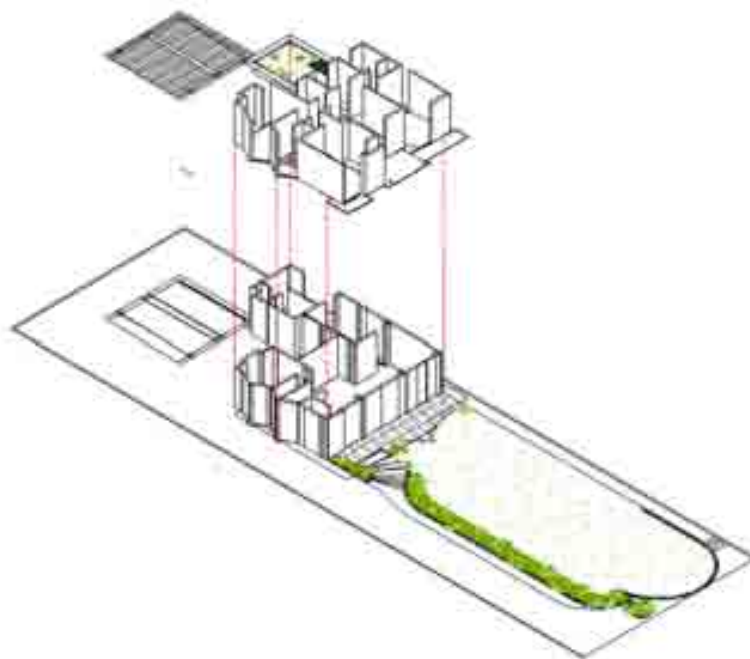


Figura 207: Maquete de divisão dos ambientes. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Mariana Porto, 2008. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Espacialidade: O terraço, coberto pelo balanço do pavimento superior, é demarcado pela paginação de piso, sem limites ou barreiras (a) integrando-se diretamente ao jardim. A relação jardim → terraço → casa → pátio íntimo é contínua, permitindo a comunicação entre os ambientes do setor social e as áreas de convívio externas, integrando-os com a paisagem da praia.

A maior parte da área não edificada, na porção frontal do terreno parece ter sido privilegiada para o convívio social, pois no projeto original a arquiteta Maria Grasiela Dantas, foi feito o detalhamento do paisagismo¹³⁰, prevista uma delimitação para a churrasqueira (Figura 208). A área do solário foi programada com um jardim (Figura 202).

Valorizando a paisagem, no pavimento superior, os quartos a nordeste abrem-se avarandados para a praia. Na fachada frontal, foi concebido um detalhe em meia lua de vidro permitindo ver, da rede, o mar e a lua nascendo.¹³¹

¹³⁰ A execução seguiu o projeto da arquiteta, com alteração apenas no formato do piso do terraço.

¹³¹ Informações coletadas no levantamento de campo com a proprietária D. Virgínia Lira Maia.

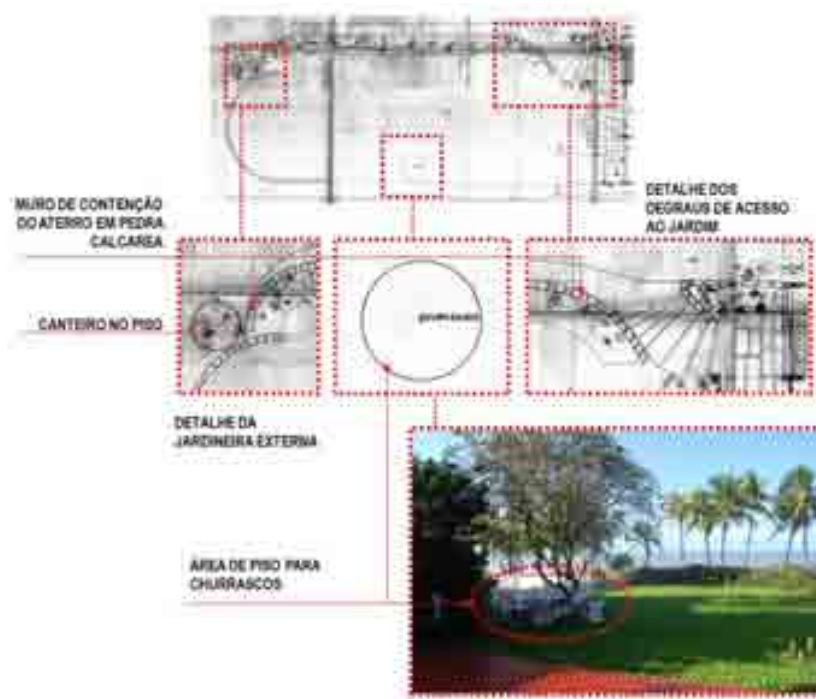


Figura 208: Estudo paisagístico para o pátio social, realizado. Fonte: ARCEN/PMJP. Levantamento de Campo: Roberta Xavier da Costa, Denise Lemos e Raissa Monteiro, 2009. Acervo de imagens do banco de dados da pesquisa. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Circulação: No eixo longitudinal do terreno, a circulação social conduz do jardim ao pátio interno, do público ao privado. No sentido transversal do terreno a circulação íntima/serviço é direta, desde o térreo até o pavimento superior. Esses dois eixos principais de circulação acontecem em cruz. No pavimento superior a circulação cruciforme se repete no sentido do corredor para a varanda. A área de articulação dos setores social/íntimo acontece nas proximidades do vestibulo, na saída do chuveiro dos banhistas. A sala de jantar distribui o fluxo para o setor social/serviço.

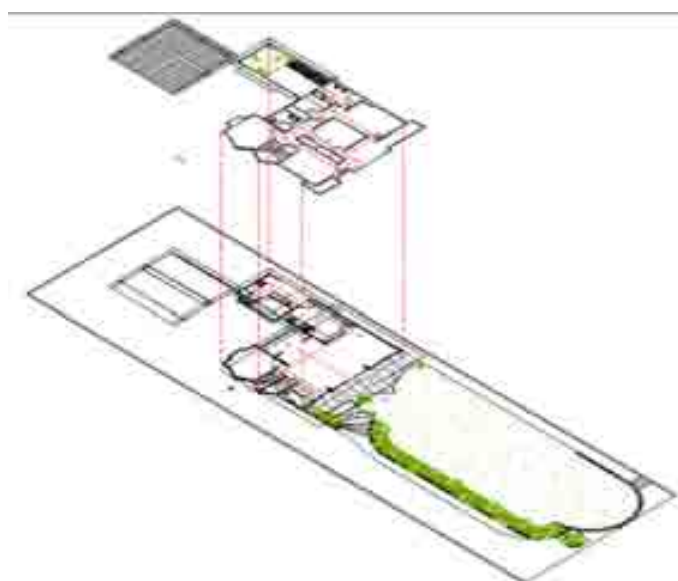


Figura 209: diagrama de fluxos e circulação interna. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Denise Lemos e Raissa Monteiro, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

No setor social a planta é aberta e fluida. Os ambientes de serviço (cozinha, engomado e lavanderia) são dispostos ao longo de um corredor.



À direita, Figura 210: Fotografia do interior da residência, sala de estar. À esquerda, Figura 211: Fotografia do interior da residência, cozinha. Fonte: Acervo de Roberta Xavier da Costa, 2008.

CO_09 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: A casa tem fundação direta. O sistema estrutural adotado é de sessão ativa, no pavimento térreo pilar e viga formam um mecanismo de pórtico, suportando o peso do pavimento superior e da cobertura. No pavimento térreo as vigas que sustentam o pavimento superior, são disfarçadas com a utilização de uma placa de concreto em 45° (acabamento chanfrado), que funciona como sanca de iluminação para lâmpada fluorescente embutida.



Figura 212: Cortes esquemáticos da residência. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raíssa Monteiro, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.



Figura 213: Cortes esquemáticos da residência. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raíssa Monteiro, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

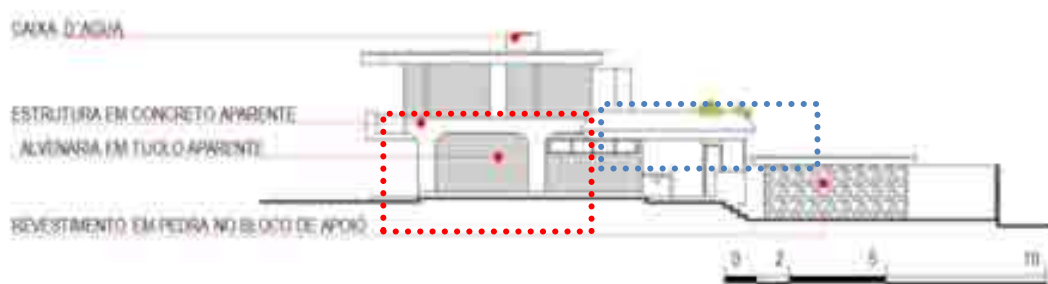


Figura 214: Fachada sudoeste. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raíssa Monteiro, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

No bloco de serviço a arquiteta coloca a laje de piso do solário em balanço, a viga de bordo e o parapeito recebem um acabamento com peças chanfradas, criando uma "caixa" que se projeta além da base do térreo e protege a parede.

Modulação: os pilares são distribuídos em eixos definidos pelo espaço interno. A malha estrutural é utilizada na porção frontal da construção, com três intervalos no sentido transversal do terreno, de 3,15 m nas extremidades e 3,75 m no centro, e um intervalo de 4,65 m no sentido longitudinal. A arquiteta usa laje em balanço na fachada frontal, liberando o espaço do terraço no pavimento térreo. Os intervalos no eixo longitudinal tem razão A-B-A. Nos eixos transversais, são usados dois módulos intervalos diferentes A-A-B. Os espaços internos estão inseridos dentro dessa malha modular.

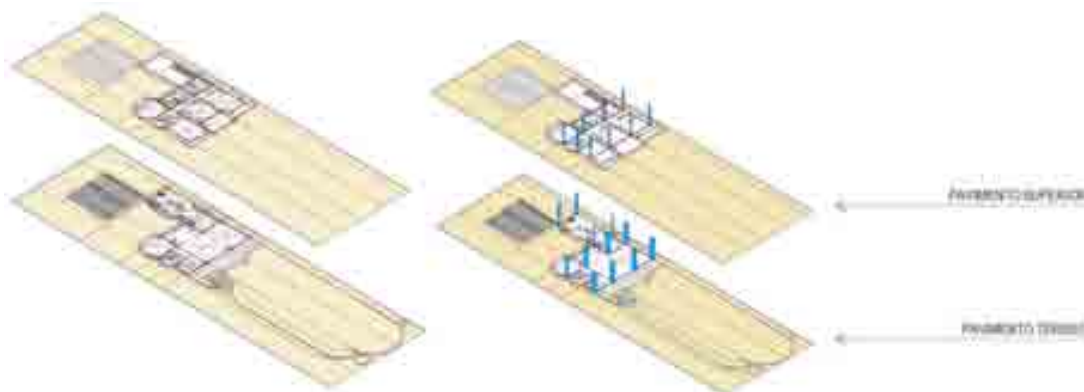


Figura 215: Esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raíssa Monteiro, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima e Roberta Xavier da Costa, 2011.

Coberta: A casa tem cobertura plana, com sistema formado por forro em laje de concreto com sobreposição de telha em fibrocimento do tipo Maxplac (especificação do projeto). A telha aparente se projeta em balanço de 2,00 m em todas as direções. Os caimentos são direcionados ao centro onde se localizam duas grandes calhas em concreto, essas calhas são compostas pelas vigas invertidas da laje de forro. O espaçamento entre o forro e as telhas permite a livre circulação dos ventos que resfriam os ambientes do pavimento superior.

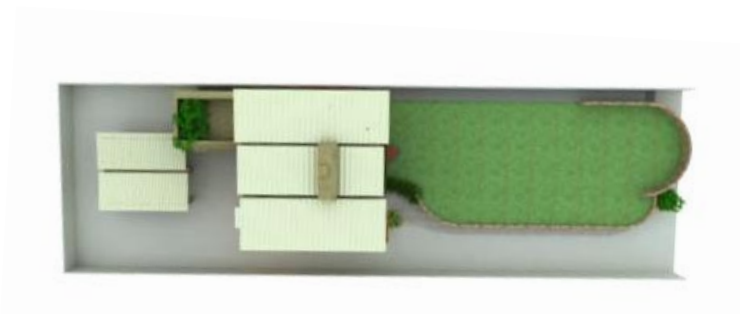


Figura 216: Visualização da solução de cobertas. Fonte: ARCEN/PMJP. Imagem e renderização: Denise Lemos e Raíssa Monteiro, 2009.



Figura 217: Detalhe do colchão de ar da cobertura. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização: Denise Lemos e Raíssa Monteiro, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.



Figura 218: Brise na fachada norte. Fonte: Acervo da pesquisa. Foto: Denise Lemos e Raíssa Monteiro, 2009.

Vedações: Alvenaria de tijolo aparente, deixados ao natural no exterior e pintadas de branco no interior. Esquadrias em madeira com veneziana móvel, brises em concreto na vertical, elementos vazados nas paredes entre os quartos e o corredor.

CO_09 Aspectos estéticos

Composição: O projeto sugere um partido definido a partir de uma composição de 3 blocos. A volumetria gerada é um grande prisma com base retangular, com adições de dois outros menores. O bloco principal tendo a fachada frontal definida por um eixo de simetria. O vão inteiro da abertura no pavimento térreo contrasta com as aberturas, no pavimento superior, em intervalos regulares, no ritmo A-B.-A-B-A. Nas fachadas laterais predominam as aberturas verticais. Em toda a construção predominam os cheios.

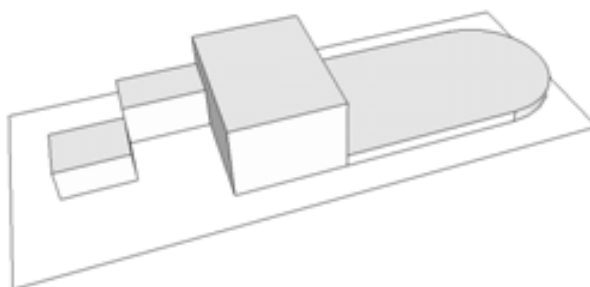


Figura 219: Primeira figura a ser formada. Fonte: ARCEN/PMJP. Desenho e finalização: Roberta Xavier da Costa, 2011.



À direita Figura 220: Vista em perspectiva. À esquerda Figura 221: Vista em perspectiva, área dos fundos. Indicações de cheios e vazios. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Denise Lemos e Raissa Monteiro, 2009. Finalização e edição: Kelly Lima, 2011.



Figura 222: Fachada Nordeste. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Denise Lemos e Raissa Monteiro. Finalização e edição: Kelly Lima, 2011.

Aberturas: no pavimento térreo na área social as aberturas são contínuas, liberando todo o vão, permitindo a integração com as áreas externas, tanto do jardim quanto do pátio interno. No pavimento superior as aberturas são em grandes manchas, na direção da praia, permitindo a contemplação. As demais aberturas as fenestrações são em manchas com dimensões estreitas com predominância de rasgos retangulares e estreitos, em seteiras.

Ornamentos: A estética é tipicamente da fase que alguns autores denominam como brutalista: as marcações de concreto da estrutura aparente que contrasta com os materiais dos vedos, no caso os tijolos, aparentes no exterior e pintados de branco no interior. A arquiteta explora a textura e o cromatismo de alguns materiais deixados ao natural, como pilares, vigas, muros de arrimo e vedações, e reveste outros elementos como jardineiras, caixa de escada, e uma das paredes laterais em cerâmica. As paredes externas do bloco de serviço são revestidas com emboço de cimento queimado. A maquete abaixo realizada segundo as especificações originais do projeto indica a intenção de associar aos materiais ao natural as cores, promovendo a leitura em planos.



Figura 223: Vista em perspectiva da residência. Fonte: ARCEN/PMJP. Imagem e renderização: Denise Lemos e Raíssa Monteiro, 2009.

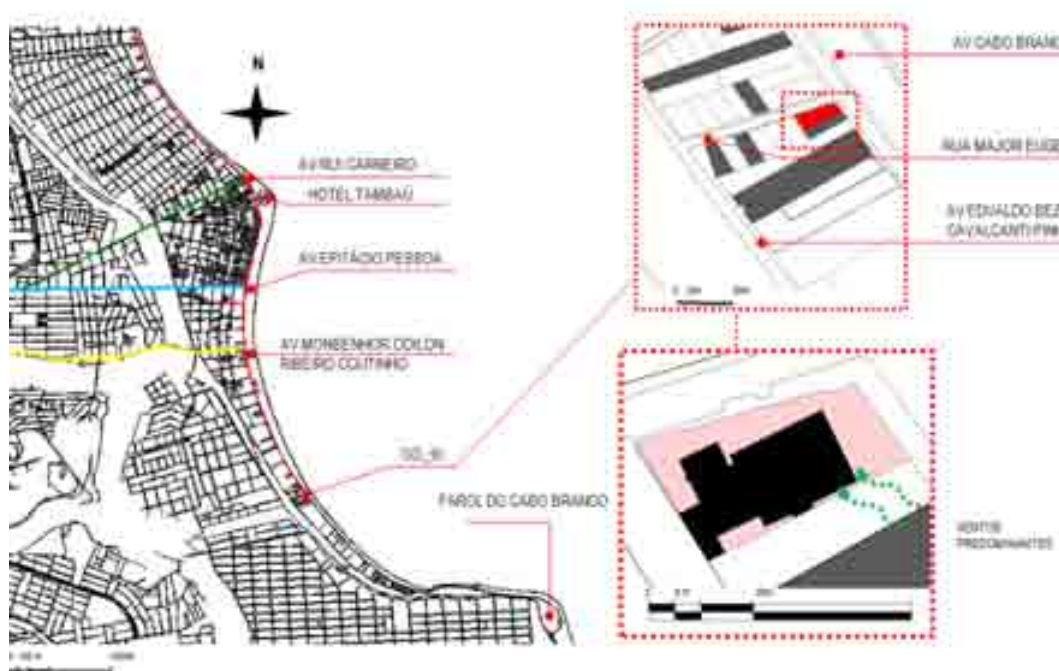
CO_10 Casa José Valdomiro Ribeiro Coutinho (1974)



Figura 224: Casa José Valdomiro Ribeiro Coutinho, identificação. Fonte: Acervo da pesquisa. Foto: Roberta Xavier da Costa, 2008.

<i>Ficha técnica</i>	Cliente	José Valdomiro Ribeiro Coutinho
	Profissão:	Empresário
	Autor:	Arquitetos Carlos Alberto Carneiro da Cunha e Dinauro Esteves Filho
	Localização	Av. Cabo Branco nº 3160 lot. Propriedade Cabo Branco. Cabo Branco
	Aprovação:	07/08/1974
	Tipo	Moradia permanente
	Situação atual	Uso residencial, com os mesmos proprietários. Ao projeto original foi acrescida uma piscina nos fundos do lote.
	Área terreno	896,00 m ²
	Área coberta	483,14 m ²
	Área construída	544,52 m ²
	Taxa de ocupação	47,46%
	Aproveitamento	0,60

Tabela 22: Ficha técnica CO_10. Fonte: dados da pesquisa.



Mapa 11: Croquis de Situação e Localização. Imagens geradas a partir da base cartográfica da PMJP, e dos dados coletados na pesquisa. Fonte: ARCEM/PMJP. Desenhos Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_10 Aspectos do lugar

Localização: O terreno está localizado em frente ao mar, na esquina entre a Av. Cabo Branco e a Rua Dr. Eugenio Lins, a aproximadamente 1.550,00 m da Av. Monsenhor Odilon Coutinho (final da avenida conhecida como Av. Beira Rio).

Lote: Em formato trapezoidal, é mais estreito na divisa em direção a praia. Com duas frentes voltadas para nordeste(Av. Cabo Branco) e noroeste(Rua Dr. Eugenio Lins), os ventos predominantes de sudeste chegam pela lateral direita do terreno.

Implantação: A edificação está colada nos limites laterais do lote, respeitando os recuos frontais exigidos pela legislação(5,00 m). Está pousada no solo, com base recuada. São dois pavimentos e na direção nordeste o térreo é recuado. A edificação ocupa quase todo o terreno (60%). Os recuos frontais apresentam desenvolvimento paisagístico, o jardim é elevado em um platô dando continuidade a área de convívio do terraço. Na Rua Major Eugênio Lins, parte do muro é recuada ampliando o passeio público. Os recuos laterais são pátios associados às funções habitacionais (íntimo e serviço).



Figura 225: Croqui de implantação e cobertura. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Finalização e edição dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

Acessos: da rua para o lote, são quatro acessos, a Rua Major Eugênio Lins, é a onde se concentram a maioria dos acessos, três ao todo: de veículos e serviço, acesso íntimo, e acesso social, e pela Av. Cabo Branco, localiza-se os acessos dos banhistas. Da área externa para o interior da edificação são cinco entradas na área social, três entradas para o setor íntimo e três entradas para o setor de serviço.



Figura 226: Diagrama de acessos da área externa para o interior da residência. Fonte: ARCEN/PMJP. Imagem digital, banco de dados da pesquisa, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011

Axialidade: o terreno foi dividido em dois eixos, longitudinal e transversal, os eixos que formam a figura de ocupação, indicam que as funções habitacionais definem a composição dessa casa. Os eixos de ocupação do terreno são determinados por intervalos segmentados na direção longitudinal e transversal dentro da porção utilizável do terreno, sem predominância de direções.

A figura formada é uma composição de dois retângulos e um trapézio, unidos em uma face, no sentido longitudinal do terreno, formando pátios descobertos entre eles. Localizados nos recuos laterais, tem funções de serviço e íntima. Os recuos frontais são utilizados com funções sociais, no projeto original são detalhados com mobiliário fixo e paisagismo.

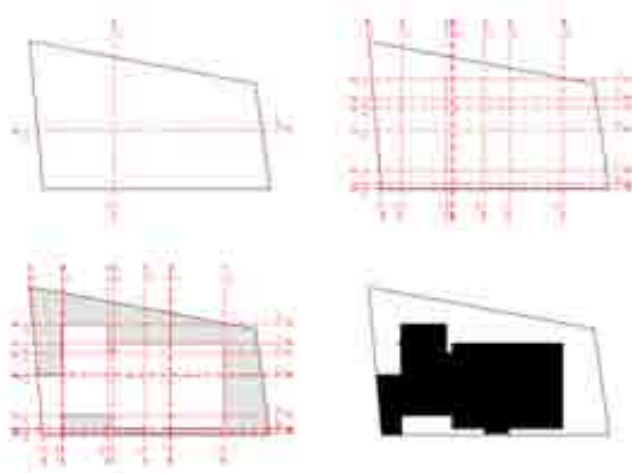


Figura 227: Esquema de implantação. Diagrama de ocupação planimétrica. Mancha de ocupação da massa edificada. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização do desenho: Kelly Lima, 2011.



Figura 228: Setorização de espaços externos. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Finalização e edição dos desenhos: Roberta Xavier da Costa, 2011.

CO_10 Aspectos funcionais e espaciais



Figura 229: Planta baixa pavimento térreo, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.



Figura 230: Planta baixa pavimento superior, com setorização e acessos por uso. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

Programa	Componentes	Orientação	Área	% área construída
Setor social	01-Terraço social	SE	260,00 m ²	47,84
	02- Sala de estar	SE		
	03 – Refeições	NE		
	04 – Varanda	NE		
Setor de serviço	07- Garagem	NE	137,98 m ²	25,33
	08 – Despensa	NE		
	09 – Cozinha	NO		
	12 – Terraço de serviço	SO		
	13 – Lavanderia	NO/NE		
	14 – Quarto de empregada	NO		
	15 – BWC de empregada	NO		
	16 – Quarto de empregada	SO		
	Circulação vertical – escada	SO		
Setor íntimo	05 – Estar íntimo	SO	305,00 m ²	56,00
	06 – Terraço íntimo	SO		
	10 – BWC	SO		
	11 – Quarto de costura	SO		
	17- Quarto (03)	SE		
	18 – Quarto casal	SE		
	19 – BWC (03)	NE		
	20 – Closet	SO		
	21 – Varanda (02)	NE/SE		
	22 – BWC casal	SO		
	23 – Gabinete	SO		

Tabela 23: Setorização da CO_10. Fonte: Dados da pesquisa. Levantamento: Roberta Xavier da Costa, 2009.

Setorização: A casa está organizada em dois pavimentos, no pavimento térreo se distribuem ambientes correspondentes aos três setores (social, íntimo e serviço), no pavimento superior uso exclusivo do setor íntimo, que ocupa a maior área construída 56% do total.

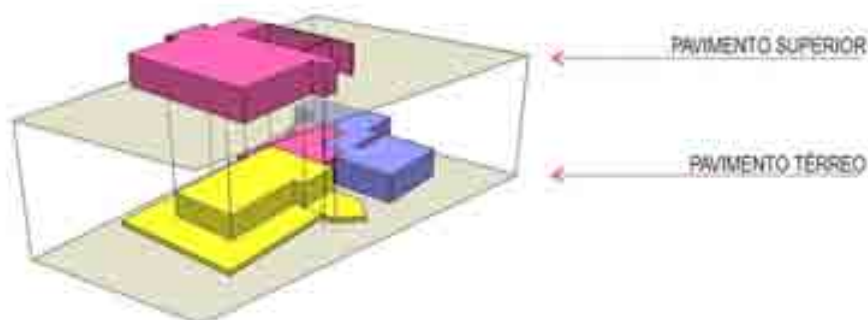


Figura 231: Maquete esquemática da ocupação por divisão de setores. Em amarelo setor social, azul setor de serviço e rosa setor íntimo. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

A área social com quatro ambientes ocupa aproximadamente a metade da área construída, são dois ambientes abertos, terraço social e varanda contígua a sala de refeições; e dois ambientes com vedações estar e refeições; estes últimos estão integrados e distribuídos em níveis diferentes (Figura 231).



Figura 232: imagens do interior da residência. Integração entre os ambientes sociais. Fotos do levantamento de campo: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Fonte: Banco de dados da pesquisa.

A casa tem três terraços (social, íntimo e serviço) e quatro varandas, uma no setor social, contígua a área de refeições no pavimento térreo; e duas no pavimento superior. Nesse pavimento a primeira varanda se comunica com os dormitórios, é contínua e tem visão direta para a praia e a segunda é uma continuação da circulação interna que se projeta para fora do corpo da casa acima da entrada social.



Figura 233: Varandas do pavimento superior. Desenhos e fotos do levantamento de campo: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Fontes: ARGEN/PMJP e banco de dados da pesquisa, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Orientação: Os ambientes do setor social e os quartos foram localizados preferencialmente na direção NE/SE na porção frontal do lote, favorecendo a captação dos ventos predominantes. Além da orientação os Arquitetos Carneiro da Cunha e Dinauro Esteves, usam a ventilação cruzada e mecanismos de exaustão do ar, através de saídas localizadas na cobertura.

Espacialidade: Os blocos são integrados, a planta é aberta e os espaços contínuos. A relação rua → jardim → terraço → casa é contínua, permitindo a comunicação entre os ambientes do setor social e as áreas de convívio externas, integrando-os com a paisagem da praia. O jardim frontal, elevado sobre um platô, e o terraço social forma um espaço contínuo, que se comunica pela lateral com o terraço íntimo. O setor social é composto por ambientes abertos (terraço e varanda) e por ambientes que visualizam a paisagem (estar e refeições). Nos setores íntimos e de serviço, a planta é compartimentada. No setor íntimo as duas varandas se projetam em balanço em busca da visão do mar. No setor de serviço, a cozinha tem funcionamento em triângulo. Os setores social, serviço e íntimo são integrados no corpo da edificação.

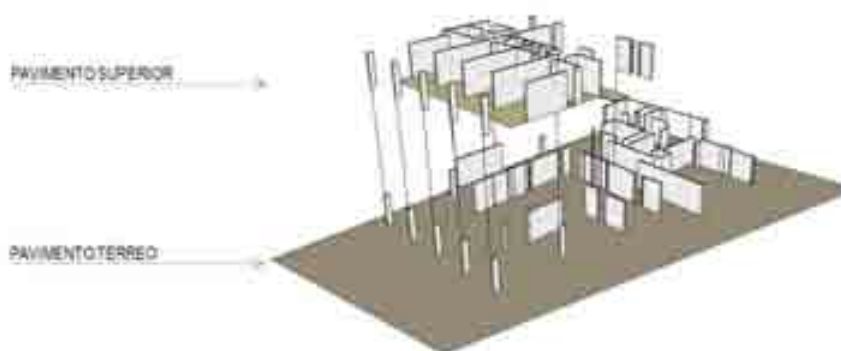


Figura 234: Maquete de divisão dos ambientes. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

Circulação: os arquitetos adotam a seqüência tradicional rua → casa → pátio de serviço, no sentido longitudinal do terreno. As circulações são perimetrais, em três ambientes onde se concentram mais rotas: o terraço social, o estar e o terraço de serviço. O estar íntimo distribui os fluxos dos três setores.

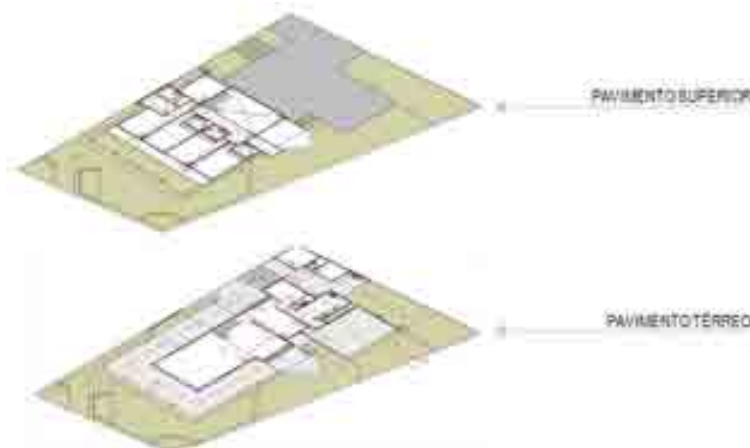


Figura 235: Diagrama de fluxos e circulação interna. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

CO_10 Aspectos construtivos

Elementos estruturais: A casa foi projetada para ser executada com fundação direta. O sistema estrutural adotado é de sessão ativa, os elementos usados são: pilar/parede/viga/laje. A laje de piso do pavimento superior é em concreto armado moldada in loco, as lajes de cobertura são em concreto pré-moldado. A malha de pilares do pavimento térreo não se repete no pavimento superior. Os arquitetos usam a estrutura em árvore para suportar o peso da laje de piso do pavimento superior.



Figura 236: Corte esquemático da residência. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

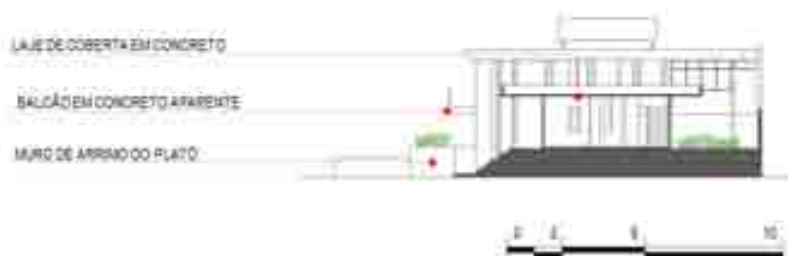


Figura 237: Corte esquemático da residência. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

Modulação: Os pilares tem uma malha regular de intervalo aproximadamente 3,50 m no sentido longitudinal, os eixos transversais são adequados aos vãos e funções. O arquiteto usa tanto pilares como paredes para suportar o peso da cobertura.

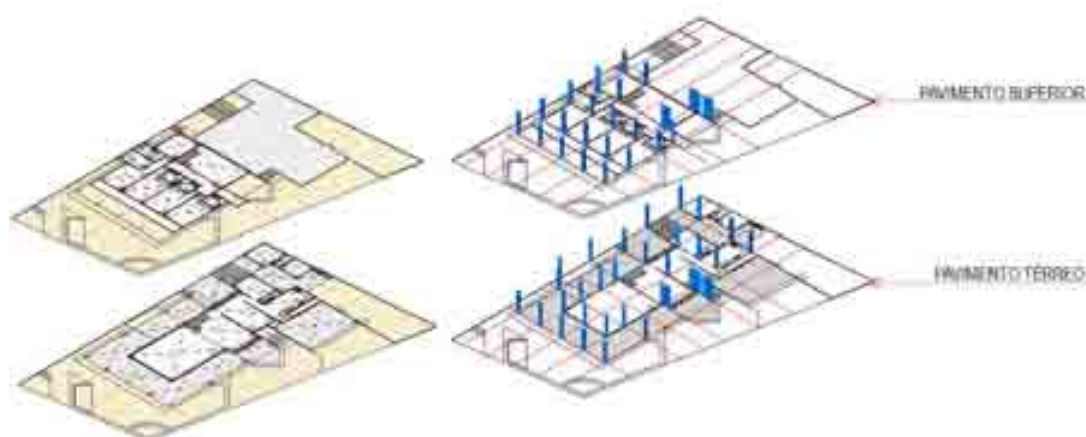


Figura 238: Esquema de modulação e distribuição de pilares. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima e Roberta Xavier da Costa, 2011.

Coberta: laje plana de concreto pré-moldado (vigotas em concreto e blocos cerâmicos), sustentação com vigas em concreto invertidas (mecanismo de suspensão). As vigas de bordo tem como função disfarçar as telhas em fibrocimento, que recobrem a laje de coberta. Os arquitetos usam um shed para iluminar e ventilar os banheiros do pavimento superior. O beiral em balanço expõe o vigaamento e fica sem cobertura. As calhas finalizam em gárgulas de concreto que se projetam além da borda da caixa da coberta. (Figura 240)



Figura 239: Visualização da solução de cobertas. Maquete eletrônica e renderização: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009.



Figura 240: Detalhes da coberta. Fonte: levantamento de campo. Fotos: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Vedações: os septos são divididos com dois tipos de paredes: em alvenaria com emboço e pintura branca, e em alvenaria de tijolo aparente, deixados ao natural. As vedações são diferenciadas da estrutura. As esquadrias são em madeira (venezianas móveis) e vidro, com acabamento em verniz.



Figura 241: Fachada com o beiral de proteção da varanda e do terraço. Maquete eletrônica e renderização: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009.



Figura 242: Imagem da residência. Maquete eletrônica e renderização: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009.



Figura 243: Vista em perspectiva da residência. Imagem e Renderização: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009.

CO_10 Aspectos estéticos

Composição: na fachada frontal predomina o eixo de simetria, as aberturas são contínuas, tomando o vão inteiro em ambos os pavimentos, em intervalos regulares, A-A-A-A. No pavimento térreo os arquitetos abrem as aberturas próximas às quinas e no interior a imagem é de rompimento da caixa. (Figura 246). Nas fachadas laterais os arquitetos usam aberturas verticais e em manchas, adequando-se as funções dos ambientes.

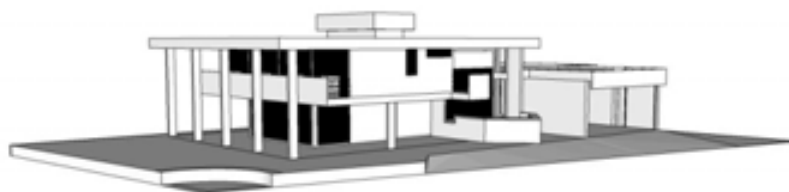


Figura 244: Vista em perspectiva. Indicações de cheios e vazios. Maquete eletrônica: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Finalização e edição: Kelly Lima, 2011.

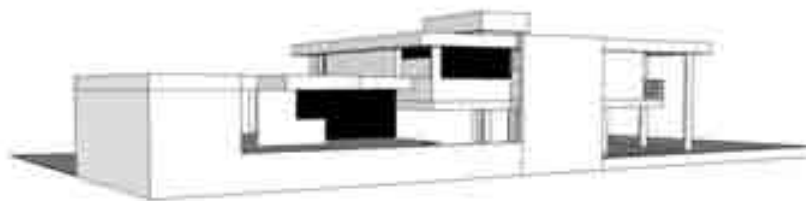


Figura 245: Vista em perspectiva. Indicações de cheios e vazios: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Finalização e edição: Kelly Lima, 2011.



Figura 246: imagens do interior da residência, relação com a paisagem e composição das aberturas. Fonte: levantamento de campo. Fotos: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Os painéis inteiriços na fachada frontal procuram captar melhor os ventos do sudeste, e permitem integração com a paisagem da praia. Nas perspectivas frontais predominam os vazios, nas vistas posteriores os painéis opacos.

A leitura é em planos, onde os planos horizontais das cobertas se sobressaem. O conjunto de pilares enfileirados com pé-direito duplo, sugere um caráter monumental a edificação. No entanto não se pode deixar de observar que a disposição e ritmo simétrico e rígido, tem uma inspiração clássica. Todas as fachadas são tratadas para que se tenha uma percepção tridimensional do objeto arquitetônico. Além dos elementos construtivos industrializados, detalhes da construção como mobiliários fixos em concreto foram projetados pelos arquitetos.



Figura 247: Croqui de ocupação volumétrica. Fonte: ARCEN/PMJP. Digitalização inicial: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição e finalização dos desenhos: Kelly Lima, 2011.

Aberturas: na fachada frontal a abertura é contínua, liberando todo o vão, permitindo a visualização da paisagem da praia. Nas demais fachadas as fenestraçãoes são em manchas dimensionadas de acordo com as funções dos ambientes, e a orientação em relação à insolação. O arquiteto usa a predominância de rasgos retangulares e estreitos, e em alguns casos sugere o rompimento da caixa com aberturas em quina.

Ornamentos: Os arquitetos exploram a textura e o cromatismo de alguns materiais deixados ao natural, como pilares, vigas, muros de arrimo e vedações, e reveste outros elementos como a parede frontal em pastilha cerâmica em tons de verde escuro.



Figura 248: Revestimentos. Fonte: levantamento de campo. Fotos: Ângela Dias e Camilla Mayer, 2009. Edição: Roberta Xavier da Costa, 2011.

Considerações parciais sobre a mostra selecionada

O conjunto de casas escolhidas foi heterogêneo, o intuito foi avaliar a diversidade de soluções projetuais. Por isso a escolha desde programas e escalas, até formato do terreno. Em relação aos *aspectos do lugar*, as casas em terrenos beira-mar mantêm um maior afastamento da lateral sul, ampliando assim a possibilidade de captação dos ventos predominantes. A exceção é a Casa Fernando Bezerra Paraguay, onde o arquiteto maximiza o lote estreito, organizando a planta em diagonal; permitindo que os ambientes sociais e íntimos fiquem de frente para a direção dos ventos dominantes, SE, e também que visualizem a praia. O acesso de veículos nessas casas é realizado nos afastamentos laterais, e a guarda do mesmo fica na porção posterior do lote. De modo que a porção frontal é voltada para a contemplação da paisagem, estratégia predominante em quase todas as casas beira-mar foi mais enfática na implantação da casa major Adolfo Lira Fernandes; onde o longo jardim elevado em platô e o exíguo espaço do terraço sugerem uma casa que se abre para o exterior.

Em outro extremo a Casa Berenice e Antonio José do Amaral e Silva, é intimista e libera o recuo frontal para uso público. A implantação contempla a busca pela captação dos ventos dominantes SE, quando a edificação implantada no terreno de meio de quadra com frente oeste se abre para o pátio interno, na porção posterior do lote. A garagem fica na frente da casa e está aberta para a rua.

Em relação ao solo, duas soluções se destacam: a sofisticação da casa clube Jorge Ribeiro Coutinho, com seus muitos níveis, onde o arquiteto tira partido dos condicionantes legais para criar a topografia em níveis, e assim organizar o complexo programa que atividades de lazer em ambientes específicos; e a da casa Dagberto Victor de Miranda, que libera o pavimento térreo para o convívio sob o *pilotis*. Dentro de nossa mostra essa casa foi a que melhor interpretou os princípios corbuserianos. Essa casa também se destaca em relação aos *aspectos funcionais e espaciais*. O espaço livre de impedimentos murais, entre cozinha/sala e gabinete, sugere um convívio com pouca formalidade, voltado para o convívio externo, a circulação é centrífuga.

Em relação a falta de impedimentos murais foi mais comum que os mesmos ocorressem entre os ambientes de estar, o que no entanto não caracteriza a informalidade, nessa mostra, apenas a casa Berenice e Antônio José do Amaral com ambientes sociais sem impedimentos murais sugerem essa informalidade, o pátio pergulado articula a circulação centrípeta entre esses ambientes e o pátio interno.

Essa casa é também destaque nas soluções para os *aspectos construtivos*, onde a laje plana da cobertura funciona como elemento ordenador do espaço interno. A casa é um grande plano de cobertura apoiado sobre septos transversais (as paredes divisórias dos ambientes internos), e longitudinais (o muro divisor do terreno). Essa é de longe a solução mais engenhosa para uma construção de baixo custo que encontramos em nossa mostra, denotando pesquisa de arquitetura relacionada a economia e uso de elementos pré-fabricados para a construção civil.

A maquete estrutural da casa Dagberto Miranda, foi nossa grande surpresa, pois o esquema revelado é a aplicação mais próxima do esquema Dom-ino. Estas duas últimas casas são as que melhor exploram a modulação da estrutura.

Outra solução que destacamos é a cobertura da casa Ferdinando Bezerra Paraguay, onde o arquiteto alonga a laje plana fazendo um beiral que protege a parede, a viga de bordo invertida forma a calha para a cobertura em telhas canal de quatro águas. Constituindo um grande plano sob o qual onde se distribuem os ambientes da residência.

As soluções construtivas induzem a *aspectos estéticos* que se expressam nos detalhamentos de alguns elementos. Como na casa José Waldomiro Coutinho onde as soluções da calha em concreto se projeta para além da linha do telhado e marca a edificação relacionando essa circulação das águas com o passeio arquitetônico da circulação íntima que se projeta em belvedere em balanço para o exterior do volume da edificação.

Na leitura de elementos estéticos as maquetes figura-fundo, se mostraram instrumentos de excelente abordagem para o estudo. Em casas cuja característica é principal é o espaço interno como na Berenice e Antonio Jose do Amaral, o melhor ângulo de observação era o plano infinito, e não a perspectiva, como nas demais casas. Na maquete da casa Mario Grissi Faracco, é possível perceber o "modernismo de fachada", também é adotado na casa Gilson Guedes, porém isso só é perceptível na planta baixa, como demonstramos. Outro caso de tratamento diferenciado para a fachada é a casa Waldemar Gomes de Arruda, onde o lote triangular induz ao tratamento em perspectiva, mas a organização da casa prima por soluções conservadoras, que escondem os vários usuários em longas circulações e na multiplicidade de acessos para a edificação. Esta inclusive uma característica bem própria desse conjunto de residências.

Conclusões

CONCLUSÕES

Ao iniciarmos essa pesquisa, nossa busca foi responder quais seriam as características das Casas Modernas da Orla Marítima de João Pessoa; para isso, tentamos compreender o que diz a historiografia sobre a casa moderna em geral; bem como, sobre as casas brasileiras em particular.

Apresentaremos neste capítulo os comentários finais desta dissertação. Começamos com a discussão das características propagadas pela historiografia da casa moderna internacional e nacional, apoiados na listagem das casas mais citadas, procuramos identificar quais as proximidades e divergências sinalizadas na bibliografia especializada. Haveria uma predominância de elementos modernos a ser utilizados como fórmulas? Em que medida a especificidade do lugar (a praia), dos hábitos (a cultura) e dos atores (clientela e projetistas) alteraria as características modernas das casas da Orla Marítima? A genealogia das casas modernas apontaria para a produção local? As casas da orla seriam filiações dessa linhagem? No terceiro item, finalizando o capítulo e a dissertação; apresentamos os aprendizados ao longo do percurso.

Casas modernas

Não existe um consenso sobre o início da modernidade, e que alguns clichês como "ausência de ornatos", "formas puras e limpas", "a forma segue a função", "máquina de morar" ou a "verdade estrutural" são frequentemente utilizados. Outro ponto recorrente é a divisão entre vertentes: organicismo e racionalismo, e suas respectivas referências: a Casa Kaufmann, sobre a cascata, de autoria de Frank Loyd Wright e a Casa Savoye de Le Corbusier.

Outro lugar comum é a receita prescritiva de Le Corbusier, os cinco pontos: pilotis, planta livre, terraço jardim, *fenêtre en lognueuer* e fachada livre. Mas vimos também que isso é decorrente de uma má interpretação e que a contribuição do arquiteto ultrapassa tanto nos escritos como nas obras essa redução.

Argan outro autor que revisitamos, enfatizou a implantação da casa moderna - a edificação "solta no lote", que permite a visualização do objeto arquitetônico sob várias perspectivas, derivado da ótica cubista; e o concreto como material predominante, promovendo a ossatura independente. Essas descrições parecem apontar para um modelo ideal, personificado na Casa Savoye – única na trajetória do arquiteto.

No entanto ao apreciarmos as casas internacionais verificamos que houve uma miríade de soluções adotadas nas casas modernas, e que o próprio Le Corbusier como também Frank Loyd Wright também expressão essa multiplicidade em suas respectivas produções residenciais.

A implantação elevada do solo é mínima. O afastamento em relação aos limites do lote foi comum em casas de Wright e Neutra e em algumas de Le Corbusier, em geral nos subúrbios. A assimetria outra das

características apontada como expressão da arquitetura moderna, é maioria, mas a simetria não foi abandonada.

Os terraços, varandas ou pátios abertos aos jardins são predominantes, porém o teto-jardim foi pouco utilizado, o mégaro, fechado ou aberto, como os terraços mediterrâneos foi mais recorrente. A *fenêtre en lognueuer*, foi menos utilizada do que as aberturas em manchas ou em quina. Quanto a estrutura, a ossatura exposta, foi menos comum do que a solução de ser inserida na alvenaria. O concreto tido como elemento que marcava a modernidade não foi o material preferido nas casas internacionais que estudamos.

Cinco casas brasileiras foram identificadas nessa listagem, e também comparecem na historiografia nacional: a Casa da Rua Santa Cruz (Warchavchik), a Casa de Canoas(Niemeyer), a Casa de Oswaldo Bratke, a Casa de Vidro (Lina Bo Bardi) e a Casa Pátio (Bernard Rutofsky).

A casa da Rua Santa Cruz(1927) que é publicada fora do país, entre os autores nacionais, não terá a mesma importância. O início da modernidade residencial não é consensual entre esses. Autores como H. Mindlin e Y. Bruand usam como marco a obra de Lucio Costa, a quem associado a Le Corbusier é creditado a criação da casa moderna brasileira.

Vimos, no entanto, que a contribuição de Le Corbusier, sempre enfatizada no caso do Brasil, aparece diluída no panorama internacional. Por outro lado, a contribuição de Lucio Costa unânime no quadro nacional, começa a ser questionada, apesar dos autores retomarem sempre os pontos oferecidos por Yves Bruand.

Tomando como base os dois LCs, Lucio Costa e Le Corbusier, a casa brasileira teria como características, a independência do esqueleto estrutural, a "tradição/modernidade" onde combinações formais das cobertas as identificam, juntamente com o uso de elementos de proteção solar, pátios pergulados, e o concreto aparente como recurso estético.

Retomados à exaustão pela bibliografia, estes pontos nos pareceram insuficientes para as casas que avaliamos. Tanto nas 61 casas apresentadas no capítulo 2, que constituíram um panorama onde contextualizamos a arquitetura moderna residencial da orla marítima, como nas 10 casas que descrevemos mais detalhadamente no capítulo 3.

Carlos Lemos, mais atento a questões programáticas, caracteriza a casa brasileira em duas zonas estar e repouso noturna, a copa servindo como transição entre estar e cozinha; e, serviço apartado, a edícula seria então uma "invenção da nossa contraditória modernidade"(MARQUES, S. 2006) Os ambientes sociais são visualmente desimpedidos, segundo Luis Amorim "os setores funcionais são mais claramente definidos" (AMORIM, L. maio de 2001). Na década de 1960, onde começa nosso estudo, surge a suíte, composta por quarto, banho e pequena saleta. Transformações culturais sinalizadores da modernidade, alteram a casa brasileira: a garagem – agora vista da rua, a televisão – com uma sala específica. e a invenção da casa

paulista, atribuída a Vilanova Artigas, voltada para dentro, com eventuais pátios internos. A urbanização acelerada justificaria a internalização do convívio na residência paulista.

No cotejamento discurso/imagem, concluímos que de maneira geral, a casa moderna brasileira é suburbana, solta no lote, nas quatro laterais, o que, no entanto não assegura a visão cubista do objeto em perspectiva, pois os lotes são estreitos. A implantação predominante é a pousada no solo, os pilotis, raridade entre as casas internacionais, será pouco usado também nas casas brasileiras. Soluções híbridas de semi-pilotis onde em geral se localiza o terraço, foram mais freqüentes.

A casa moderna brasileira tem teto-jardim, inclusive, em maior número do que nas internacionais, já a varanda, os terraços, e o pátio interno, mesmo sendo citados como referências são pouco usados. As soluções de cobertura mais recorrentes são a laje plana de concreto recoberta com telhas, e com platibanda escondendo o telhado, como o fez Warchavick. (Casa da Rua Santa Cruz e Casa do Conde Raul Crespi).

Aqui de fato o concreto armado foi o material mais utilizado, com a exposição da ossatura independente. A hibridação também foi comum, a estrutura podia ser parte sistema pilar/viga/laje associado a alvenaria estrutural de tijolos. As vedações foram em sua maioria nesse material, os tijolos. Os materiais são expostos como ornamentação da construção, tanto quanto o uso de revestimentos. As composições assimétricas são também mais freqüentes.

No conjunto de casas brasileiras observado, aparentemente a força da vertente cobuseriana se confirma. Sua constante referenciação na projeção dos vanguardistas brasileiros, poderia ser interpretada na linguagem de representação atual como componentes (blocos de AutoCad ou Sketchup). Mas seria não teria sido tendenciosa essa vanguarda, uma vez que a maioria dos exemplares é do eixo Rio - São Paulo.

As casas modernas na orla marítima de João Pessoa

Segundo nossas verificações os cinco pontos de Le Corbusier não foram adotados nas casas pessoenses. A junção tradição e modernidade foi uma questão que também nos pareceu espinhosa. Podemos, no entanto, considerá-la em relação aos aspectos programáticos. Confirmando em parte a bibliografia, identificamos que a setorização das casas modernas da Orla Marítima, assim como outras nacionais, continua apartando os empregados.

As casas da orla são soltas no lote, e assim como as casas nacionais, em terrenos de meio de quadra, obedecendo a recuos mínimos. Aparecem em 33 das 61 casas estudadas, não significa necessariamente a visão cubista onde o objeto (o edifício) seja visto em perspectiva. Os projetistas liberavam do terreno apenas os recuos mínimos exigidos pela legislação municipal, em muitos casos privilegiando as fachadas mais visíveis. Mas não chega, no entanto a respostas de projeções do tipo "frente-fundo" como as de Artigas, onde o a fachada frontal e posterior da edificação são iguais.

O modernismo de fachada foi mais recorrente nos anos 1960, onde muitas vezes, valendo-se de requisitos permitidos pela legislação municipal da época os projetistas, atendiam a um programa mais extenso, avançando o pavimento superior, na direção das divisas laterais do lote, o que era mais freqüente em terrenos estreitos. Como na Casa Mario Grisi Faraco (CO_01).

Elevadas parcialmente do solo, nessas casas os quartos são organizados acima do terraço, e a solução híbrida de semi-pilotis, segue dois modelos, recobertos pela varanda dos quartos do pavimento superior, ou em dois casos com disposição em L, liberando parte do pavimento térreo, como nas casas da Vila Zula Miranda (CO_02).

O terraço que é mais recorrente nas casas internacionais, e menos incidente nas casas nacionais, aqui na orla marítima é o espaço de celebração por excelência. Esse ambiente que até a década de 1960 é generoso e aberto para a paisagem, e em geral no nível da rua como na Casa Mario Grisi Faraco (CO_01); nos anos 1970 aparece como continuidade do jardim, este elevado em um platô a cerca de 1,00 m da rua, como nas casas Jorge Ribeiro Coutinho(CO_05), Ferdinando Bezerra Paraguay (CO_06), Major Adolfo Lira Fernandes Maia(CO_09) e Waldomiro Ribeiro Coutinho (CO_10). Essa implantação eleva a casa sob um pódio.

O teto-jardim foi usado em três das casas da orla marítima, todas na década de 1970, sinalizando um maior domínio nas técnicas construtivas. Dessas três a Casa Fernando Furtado (1974), de autoria de Carlos Alberto Carneiro da Cunha, foi a residência da orla que melhor empregou esse elemento e que se mantém até hoje com esse uso.

Houve também evolução programática, como a duplicidade de áreas para refeições, encontrada em casas de veraneio como a do Sr. Renato Macário de Brito, ou em casas de moradia permanente, e mais formais como a casa do médico Ferdinando Bezerra Paraguay.

Nas questões programáticas, uma característica marcante é a multiplicidade de acessos – social, íntimo, serviço, veículos e banhistas. Em algumas casas havia duplicidade de acessos nas áreas íntimas. Como na casa Waldemar Gomes de Arruda e na Jorge Ribeiro Coutinho reproduzindo uma solução adotada por Warchavick na Casa do Conde Raul Crespi.

Dentre os princípios apresentados por Amorim e Lemos, as casas estudadas quase todas apresentavam setorização, em muitas estava presente a planta aberta ou livre de barreiras físicas, permitindo a apreensão visual tanto do exterior através de grandes aberturas como do interior com uso de pavimentos intermediários(mezaninos), passeios arquitetônicos por rampas e escadas; porém isso não significava acesso irrestrito ou de comunicação entre os diversos setores. Em geral a estratégia projetual era de que um espaço ou elemento se distinguiu como núcleo articulador entre estes.

Quanto as soluções de cobertura as lajes planas recobertas com telhas e disfarçada por vigas de concreto (platibanda). Mudava o material nos anos 1960 eram telhas cerâmicas, nos anos 1970 em fibrocimento. Para que essas vigas ficassem delgadas e baixas, era necessário, no entanto, fazê-lo em várias águas sobre a laje plana de concreto pré-moldado, o que em geral resultava em processos de infiltrações constantes, segundo depoimento de alguns proprietários. Provavelmente essa dificuldade gerou a adoção da segunda solução muito difundida principalmente nos anos 1970, do telhado de quatro águas. Em relação as boas práticas de adequação climática, foram poucas as casas que realmente apresentam soluções eficientes. Menos perceptível nos anos 1960, fará parte das intenções de projeto nos anos 1970, porém nem sempre com o resultado desejado. Das casas estudadas apenas a Ferdinando Bezerra Paraguay, apresenta soluções que indicam sucesso a respeito. Curiosamente as soluções empregadas nessa casa não estão presentes nas demais que o arquiteto projeta no período.

A mesma dificuldade de responder adequadamente ao clima está presente também nas duas casas pátio, de autoria do casal Amaral: a Josemar Meireles e a dos próprios arquitetos. O pátio pergulado central, adequado para que a renovação constante de ar no interior acontecesse, gerou problemas de infiltração e alagamento devido as chuvas intensas do litoral, que em um momento posterior foi necessário providenciar mecanismos de para o fechamento.

Como comentamos esses projetistas engenheiros e arquitetos estavam em busca de experimentações, não se tinha uma fórmula, os componentes iam sendo combinados, mas aqui já se distingue uma cisão. As casas de arquitetos são as mais eruditas. Mas existiam também engenheiros habilidosos como Newton Maia que projeta a casa Dagberto Victor de Miranda. De toda nossa pesquisa esse foi o projeto que mais se assimilava a uma busca de responder aos preceitos da arquitetura moderna, tanto nas unidades individuais, como na disposição das três edificações, pois a idéia da implantação inicial era criar um grande pátio de convívio sem barreiras entre as famílias. O que constituía uma novidade e que não percebemos outra proposta similar.

Reflexões sobre esse estudo

Conforme comentamos essa casa nos ofereceu uma das soluções mais engenhosas tanto do ponto de vista programático como formal associados. Mas como classificá-la? Como releitura não erudita? Na verdade, como dissemos anteriormente, ela parece justamente a que melhor compreende a especificidade do programa praieiro, compactando-o num grande terraço sob pilotis, diferente dos terraços herdados da colônia? Não seria esta justamente a casa mais “moderna”?

Se seguirmos os estudos sobre recepção e disseminação deveríamos colocá-la como um exemplar erudito ou uma releitura? E por quê? Procuramos saber do autor engenheiro, se e como teria melhorado o projeto, mas não conseguimos informações.¹³² De toda nossa pesquisa esse foi o projeto que mais se assimilava a

¹³² Procuramos saber do autor engenheiro, não conseguimos informações. O registro (CREA 288-D 2ª Região) é de Pernambuco. Na data da aprovação(1961) estava sendo realizada a reestruturação da delegacia do Conselho Regional

uma busca de responder aos preceitos da arquitetura moderna, tanto nas unidades individuais, como na disposição das três edificações, pois a idéia da implantação inicial era criar um grande pátio de convívio sem barreiras entre as famílias. O que constituía uma novidade e que não percebemos outra proposta similar. Mas se Naslavsky pode caracterizar a arquitetura de engenheiros como José Norberto como sendo erudita por que a do engenheiro Maia não o poderia também?

Nessa mesma linha de raciocínio, pareceu-nos difícil por exemplo atribuir a origem ou fonte de inspiração da casa circular, Valdez Juval da Silva, cuja imagem é bastante similar a dois exemplares encontrados na historiografia, a David Wright e casa estúdio Melkinov, fora portanto, da tradição que nos atribui a bibliografia. De onde o engenheiro civil teria tirado a idéia? Qual a razão do arquiteto Renato Perylo Borba, projetar na casa Eliete Queiroz Gurjão um banheiro social com duas portas - para o interior e para o exterior da residência? São questões que pretendemos ainda investigar.

O processo de construção desse trabalho foi extremamente instigante. Em nossas inquietações iniciais, nos questionávamos sobre o desconhecimento e da pouca valorização sobre o acervo residencial das praias de João Pessoa. Dissemos também que esses imóveis jazem de forma cada vez mais rápida. O que comprovamos com a cada visita de levantamento constatando ausências e alterações nos imóveis. E não apenas nesses, também nos documentos, a consulta ao ARCEN/PMJP, ocasionalmente apontava uma falta não justificada de documentos. Realizar os registros desses, ainda que poucos, e dar-lhes uma vida virtual, a *second life*, permitiu-nos refletir sobre a validade e vitalidade dessas casas.

Deixar de estudá-las seria um erro. Considerá-las como arquitetura menor também. Compará-las? Talvez...Mas a que? Considerar a arquitetura residencial moderna como evolução genealógica originada de uma mesma matriz de DNA, não seria um processo redutor? Estando a modernidade da arquitetura paraibana em processo de (re)conhecimento, adotar vertentes e filiações nesse momento de construção historiográfica, contribuiria de fato com conhecimento de nossas também modernas arquiteturas?

O estudo da Casa Manoel Gaudêncio, entre outros foi um momento que nos abriu perspectivas. Reavivar a memória de D. Máisa Gaudêncio, com a maquete produzida. Reconstituir o objeto com a história oral do mesmo nos pareceu uma interessante linha investigativa. Pudemos também perceber o poder da ferramenta gráfica, quando nessa casa vemos as duas versões de modernidades em um mesmo projeto.

Como resultado desse trabalho, concluímos que: nos exemplares estudados, identificamos elementos isolados que caracterizam essa produção como moderna, embora o panorama dos 61 exemplares sejam expressões de diversas arquiteturas modernas, que observados a partir da predominância de determinados elementos isolados predominantes podem ser classificados como modernos.

Diante da complexidade dos dados levantados nesta pesquisa e do limite temporal para o desenvolvimento da dissertação, compreendemos que tal como outros trabalhos nessa temática, fizemos um recorte pontual para compreender um detalhe da produção residencial moderna brasileira, permitindo que novos olhares sejam construídos sob a mesma ótica ou temáticas afins, integrando dessa forma os processos de investigação acadêmica para o reconhecimento da Arquitetura Moderna na Paraíba.

Referências

REFERÊNCIAS

LIVROS

- ACAYABA, Marlene Milan e FICHER, Silvia. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.
- ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo 1947-1975*. São Paulo: Projeto, 1986.
- AMORIM, Luiz. *Obituário Arquitetônico: Pernambuco Modernista*. Recife: Gráfica Santa Marta, 2007.
- ARANTES, Otilia. *O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos*. São Paulo: Edusp, 1995.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.
- ARTIGAS, J. B. Vilanova. *Os Caminhos de Arquitetura Moderna*. São Paulo: LECH, 1981.
- _____. *A Função social da arquitetura*. São Paulo: Nobel, 1989.
- BAKER, Geoffrey H. *Le Corbusier uma análise da forma*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *Análisis de la forma. Urbanismo y Arquitectura*. Bracelona: Gustavo Gili, 1998.
- BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza; et al. "Desafios da Preservação Referências da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Norte e Nordeste." *Cadernos PPG-AU/FAUFBA (PPG-AU/FAUFBA) Número Especial (2009)*.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BAYEUX, Gloria Maria. *O debate da arquitetura moderna brasileira nos anos 50*. São Paulo: FAUUSP, 1991.
- BEHRENDT, Walter Curt. *Modern Building - its nautre problems, and forms*. Chicago: Harcourt, Brace and Co., 1940.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1999.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CAVALCANTI, Lauro. *Moderno e brasileiro: a historiografia de uma nova linguagem na arquitetura (1930-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. *Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CAVALCANTI, Lauro & LAGO, André Corrêa do. *Ainda Moderno? Arquitetura Brasileira Contemporânea*. Nova Fronteira: São Paulo, 2005.
- CHEVREL, Yves. *La litterature comparée*. Paris: Presses Universitaires de France - PUF, 1997.
- CHING, Francis D. K. *Arquitetura Forma, Espaço e Ordem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CHING, Francis D. K. e ADAMS, Cassandra. *Técnicas de construção ilustradas*. 2ª edição. Porto alegre: Bookman, 2001.
- CORBUSIER, Le. *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- _____. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- COLQUHOUN, Alan. *Modernidade e Tradição Clássica. Ensaio sobre arquitetura 1980-87*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- COMAS, Carlos Eduardo e ADRIÀ, M. *La Casa Latinoamericana Moderna: 20 Paradigmas de Medidados del Siglo XX*. Barcelona: Gili, 2007.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. "Arquitetura Moderna 1930 a 1960." In: *Arquitetura Brasil 500 anos*, por (Org.)Roberto MONTEZUMA, 20-25. Recife: UFPE, 2002.
- CONDURU, Roberto, et al. *Lucio Costa: um modo de ser moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- CORREIA, Telma de Barros. *A Construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870-1950*. São Carlos: RIMA, 2004.
- COSTA, Lucio. "Lucio Costa : sobre Arquitetura." In: *Lucio Costa*, por Alberto(org.) XAVIER e Anna Paula(coord.) CANEZ, 2 ed. Porto Alegre: UniRitter, 2007.
- CURTIS, William J. R. *Modern Architecture since 1900*. Londres: Phaidon, 1982.
- DE FUSCO, Renato. *Historia de la Arquitectura Contemporânea*. Madrid: Celeste Ediciones, 1992.
- DE SÀ, Marcos Moraes. *Ornamento e Modernismo. A construção de imagens na arquitetura*. Rio de Jnaeiro: Rocco, 2005.
- DIAS, Marcelo Azenha. *Arquitetura Moderna na Praia - Residências na Praia de Pernambuco, Guarujá*. São Paulo: Mackenzie, 2009.
- DUNSTER, David. *100 casas unifamiliares de la arquitectura del siglo XX*. Barcelona: G Gilli, 1999.
- FERRAZ, G. *Warchavchik e a Introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925 a 1940*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1965.

- FRAMPTON, Keneth. *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*. London, England: MIT Press, 2001.
- _____. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo,: Martins Fontes, 1997.
- FREYRE, G. (1991). *Sobrados e Mocambos*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record.
- FROTA, Lélia Coelho. *Alcides Rocha Miranda, caminho de um arquiteto*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2006.
- GORELIK, Adrián. *Das vanguardas a Brasília. Cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HARAGUCHI, Hideaki. *Comparative Analysis of 20th-Century Houses*. Londres: Rizzoli, 1989.
- HATJE, Gerd. *Diccionario ilustrado de la arquitectura contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- HITCHCOCK, Henry-Russel. *Arquitectura de los siglos XIX y XX*. Barcelona: Manuales Arte Catedra, 1976.
- IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Rio de Janeiro, IBGE, 1957-1964, 36v. reedição em CD-ROM, 18 cds. Rio de Janeiro, IBGE, 2000.
- IÑAKI, Abalos. *A Boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: Gili, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina A. *Metodologia do Trabalho Científico*. 4. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.
- LEMONS, Carlos A. C. *A República ensina a morar (melhor)*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- _____. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- _____. *Cozinhas, ETC*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MAHFUZ, Edson. *O Clássico o Poético e o Erótico e outros ensaios*. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2002.
- MARQUES, Sergio Moacir. *Revisão do movimento moderno*. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2002.
- MARTINS, Carlos A. Ferreira (org). *Arquitetura do século XX e outros escritos: Gregori Warchavchik*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
- MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. *A Casa. Residências projetadas por Vilanova Artigas e Rino Levi*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura moderna no Brasil*. 2ª edição. Tradução: Paulo PEDREIRA. Rio de Janeiro: Aeroplano/IPHAN, 2000.
- MOREIRA, Fernando Diniz (org.). *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife: FASA, 2007.
- NIEMEYER, Oscar. *A Forma na Arquitetura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- NORWICH, Jonh Julius. *Le grand livre de l'architecture mondiale*. Bruxelas: Sequoia, 1976.
- NOVAES, Fernando (org). *Historia da Vida Privada no Brasil, vol. 1*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PAPADAKI, Stamo. *Oscar Niemeyer*. Milano: Saggiatore, 1961.
- PETER, John. *The oral history of modern architecture: interviews with the greatest architects of the twentieth century*. New York: Abrams, 1994.
- PREVSNER, Nikolaus. *Origens da arquitetura moderna e do design*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PIÑON, Helio. *Curso básico de projectos*. Barcelona: Edicions UPC, 1998.
- *Teoria do Projeto*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.
- POLIÃO, Marco Vitruvio. *Da Arquitetura*. Tradução Julio Kantinsky. São Paulo: Hucitec, 1999.
- RAGON, Michel. *Historie de l'architecture ete de l'urbanisme modernes*. Vols. I, II, III. Paris: Essais, 1986.
- REGO, Renato Leão(organização e tradução). *A palavra arquitetônica*. Tradução: Renato Leão do Rego. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- RISEBERO, Bill. *Modern Architecture and design an alternative history*. Cambridge, Massachusetts: MIT , 1982.
- ROBBINS, Edward. "Why architects draw." p. 10-29. Cambridge: The MIT Press, 1997.
- SAIA, Luis. *Morada Paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SCULLY JR., Vincent. *Arquitetura Moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SILVA, Geraldo Gomes da, et al. *DELFIN AMORIM – ARQUITETO*. 2ª edição. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Pernambuco, 1991.

TINEM, Nelci. *O alvo do olhar estrangeiro. Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

TOPALOV, Christian. *Le profit, la rente ete la ville: elements de theorie*. Paris: Le French Edition Economica, 1984.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo : Atlas, 1987.

WESTON, Richard. *A casa no século XX*. Lisboa: Blau, 2002.

—. *Plantas, cortes e elevações. Edifícios Chaves do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

XAVIER, Alberto (org.). *Depoimentos de uma geração; arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 1987.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso*. São Paulo: Bookman, 2003.

ZEVI, Bruno. *A linguagem moderna da arquitetura*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

—. *história da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Arcádia, 1970.

—. *Saber ver a arquitetura*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TESES DE DOUTORADO

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. *The sector's paradigm: a study of the spatial and functional nature of modernist housing in Northeast, Brazil*. Tese(PhD Advanced Studies) – The Bartlett School of Graduate Studies, University London, London, 1999.

ARANHA, Maria Beatriz Camargo. *A obra de Rino Levi e a trajetória da arquitetura moderna no Brasil*. Tese. Doutorado em Arquitetura, FAU-USP, São Paulo, São Paulo, 2008.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões Brasileiras. Sobre um estado passado da Arquitetura e Urbanismo Modernos. A partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Tese de doutorado, Universidade de Paris 8, Paris, França, 2002.

COTRIM, Marcio. *Construir a Casa Paulista. O discurso e a obra de Vilanova Artigas entre 1967 e 1985*. Tese de doutorado, ETSAB-UPC, Barcelona, Espanha, 2007.

GUADANHIN, Sidnei Júnior. *Influência da Arquitetura Moderna nas Casas de Londrina: 1955-1965*. Tese de Doutorado (Arquitetura e Urbanismo) , FAU/USP, São Paulo, São Paulo, 2002.

GUERRA NETO, Abílio da Silva. *Lucio Costa. Modernidade e tradição. Montagem discursiva da arquitetura moderna brasileira*. Tese. Doutorado em História, Campinas: Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 2002.

LARA, Fernando. *Popular Modernism: an analysis of the acceptance of modern architecture in 1950s Brazil*. Tese (Doutorado), University of Michigan Michigan, EUA, 2001.

NASLAVSKY, Guilah. *Arquitetura Moderna em Pernambuco, 1951-1972. As contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim*. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo , São Paulo, São Paulo, 2004.

RIBEIRO, Otavio Leonídio. *Carradas de Razões Lucio Costa e a Arquitetura Moderna Brasileira (1924-1951)*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Departamento de História da PUC-Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Maristela Siolari. *Os periódicos de arquitetura e a formação da arquitetura moderna brasileira: tecnologia e habitação econômica(anos 1920 e 1930)*. Tese. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, SP: DAU-EESC-USP, 2009.

SPADONI, Francisco. *A transição do moderno. Arquitetura Brasileira nos anos de 1970*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2004.

STINCO, Cláudio Virgínia. *Quatro Interpretações da casa moderna na América Latina*. Tese de doutorado em Antropologia, PPGFAU-UPMACKENZIE, São Paulo, São Paulo, 2009.

ZEIN, Ruth Verd. *A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973*. Tese de Doutorado, FAU-UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

ALBERTON, Josicler Orbem. *Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), PPGAU- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2006.

ALMEIDA, Maisa Fonseca. *Revista Acropole publica residência modernas: análise da Revista Acrópole e sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos 1952 a 1971*. Dissertação, Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/EESC/USP, São Carlos, São Paulo, 2008.

- ALMEIDA, Marcos Leite. *As casas de Oscar Niemeyer. 1935-1955*. Dissertação de Mestrado, PROPARG/ UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do sul, 2005.
- ARAÚJO, Ricardo Ferreira. *Arquitetura Residencial Moderna em João Pessoa nos anos 1970*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), PPGAU/UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, 2010.
- BATISTA, Antônio José de Sena. *Os Irmãos Roberto: por uma arquitetura constituída de padronização e singularidade*. Dissertação de Mestrado, PPGHSC/DHCCS/PUCRio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- CARLUCCI, Marcelo. *As casas de Lucio Costa*. Dissertação de Mestrado, EESC, USP, São Carlos, São Paulo, 2005.
- CHEREGATI, Jesus Henrique. *Estruturas formais. Casas modernas brasileiras. 1930-1960*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS/UCG, Goiânia, Goiás, 2007.
- COSTA, Eduardo Augusto. *'Brazil Builds' e a construção de um moderno, na arquitetura brasileira*. Dissertação, Mestrado em História, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.
- CYPRIANO, Débora Zacharias. *Fachadas inclinadas da arquitetura moderna brasileira: uma caracterização formal com o uso da gramática da forma*. Dissertação. Mestrado em Engenharia Civil, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo Campinas, Campinas, São Paulo, 2008.
- DA COSTA, Lauri. *Leitura(in)fluente*. Dissertação. Mestrado em Arquitetura, PROPARG-UFRGS-PUCPR, Curitiba, Paraná, 2002.
- DA CUNHA, Gabriel Rodrigues. *Uma análise da produção de Vilanova Artigas entre os anos 1967-1976*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/EESC/USP, São Carlos, São Paulo, 2009.
- DIEB, Marília de Azevedo. *Áreas Verdes Públicas da Cidade de João Pessoa: Diagnóstico e Perspectiva*. PRODEMA. UFPB, João Pessoa, Paraíba, 1999.
- DIEMER, Merlin Janina. *O "rompimento da caixa": as conseqüências na prática do projeto residencial no século XX*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.
- FARIAS, Agnaldo Aricê de Caldas. *A Arquitetura eclipsada. Notas sobre História e Arquitetura. A propósito da obra de Gregori Warchavchik, introdutor da Arquitetura Moderna no Brasil*. Dissertação. Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História social do Trabalho, Campinas, São Paulo, 1990.
- FINKELSTEIN, Cristiane Wainberg. *Flexibilidade na arquitetura residencial - um estudo sobre o conceito e sua aplicação*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009.
- FORESTI, Débora Fabbri. *Aspectos da arquitetura orgânica de Frank Loyd Wright na arquitetura paulista. A obra de José Leite Carvalho e Silva*. Dissertação, Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/DAU/EESC/USP, São Carlos, São Paulo, 2008.
- GOLDMAN, Carlos Henrique. *A Casa Moderna em Porto Alegre. Projetos residenciais de Edgar Graeff. 1949-1961*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2003.
- GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura Bajeense. O delinear da modernidade: 1930-1970*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.
- GRAÇA, Pablo Lühers. *As casas de Joaquim Guedes: 1958 - 1978*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2007.
- HECK, Marcia. *As casas modernas cariocas*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, UFRGS/FAU/PROPARG, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.
- MARQUARDT, Seina. *A estrutura independente e a arquitetura moderna brasileira*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.
- MATERA, Sergio. *Carlos Milan. Um estudo sobre a produção em arquitetura*. Dissertação, Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP, São Paulo, São Paulo, 2005.
- MELO, Alexandra Consulin Seabra. *Yes, nós temos arquitetura moderna! Reconstituição e análise da arquitetura residencial moderna em Natal das décadas de 50 e 60*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), PPGAU/UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, 2004.
- MIGLIORINI, Jeanine Mafra. *Pilotis e Pans de Verres sob a ótica bourdiana: um estudo sobre a arquitetura modernista no espaço urbano de Ponta Grossa-PR*. Dissertação, Mestrado em Gestão do Território, Departamento de Geociências/SCEN/UEPG, Ponta Grossa, Rio Grande do Sul, 2008.
- MODENES FILHO, Eduardo. *Entre linhas e curvas: a teoria e a prática na obra de Zenon Lotufo*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/FAU/USP, São Paulo, 2008.
- MOREIRA, Raphaela Cristhina Claudino. *A Questão do Gabarito na Orla Marítima de João Pessoa (Bairros de Manaira, Tambaú e do Cabo Branco)*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) , PPGEU/UFPB, João Pessoa, Paraíba, 2006.

NASLAVSKY, Guilah. *Modernidade Arquitetônica no Recife, 1920-1950*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), FAUUSP, São Paulo, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Camila Soares. *Warcharvik: ensaio para a modernidade*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Mackenzie, São Paulo, São Paulo, 2008.

PALERMO, H. Nicolás Sica. *O Sistema Dom-ino*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. *Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, EESC/USP, São Carlos, São Paulo, 2006.

PETROSINO, Maurício Miguel. *João Vilanova Artigas - residências unifamiliares: a produção arquitetônica de 1937 a 1981*. Dissertação, Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós Graduação, FAU/USP, São Paulo, São Paulo, 2009.

PUHL, Liege Sieben. *Alcides da Rocha Miranda - projetos e obras(1934-1997)*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2010.

RABELO, Clevio Dheivas Nobre. *À imagem da tradição. Uma reflexão acerca da arquitetura moderna brasileira*. Dissertação de Mestrado, PROPARG/FAU/MACKENZIE, São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, Izabel do Amaral e. *Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi: obras e projetos residenciais 1953 – 1970*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, 2004.

TAVARES, Maria Cecília. *Ruy Othake: arquitetura residencial nos anos 1960 - 1970*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PROPARG/FAU/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.

VASCONCELOS FILHO, João Manoel de. *O processo histórico da produção da estrutura fundiária urbana no litoral norte de João Pessoa e sua importância para a compreensão da segregação socioespacial*. Tese de doutorado em Geografia Urbana, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2010.

VIEIRA, Elvis José. *A contribuição das casas modernas para o ensino de projeto de arquitetura: uma interpretação do estudante na sua formação*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura, PPGAU/FAU/USP, São Paulo, São Paulo, 2006.

VIEIRA, José Júlio Rodrigues. *Pradaria Mineira: a influência do Prairie Style na arquitetura residencial unifamiliar de Belo Horizonte*. Dissertação, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU/EA-UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2009.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAVALCANTI, Pautília Costa Alves. *Arquitetura Moderna Na Orla Marítima: A Produção Residencial nas Praias de JP*. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. João Pessoa: CAU/UFPB, 2008.

ARTIGOS CIENTÍFICOS EM REVISTAS E PERIÓDICOS

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos. *Arquitextos* 012. 03, São Paulo, maio. 2001. *Periódico mensal de texto de arquitetura*.

COMAS, Carlos Eduardo. "A casa unifamiliar e tradição moderna: notas para um ahistória inconclusa." *AU Arquitetura e Urbanismo*. Edição 148, Julho de 2006: P. 68-71. <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/148/artigo23043-1.asp> (7 of 7)> Acesso em: 24/7/2009 16:32:52.

GUERRA, Abílio. "Historiografia da arquitetura. Resenhas on line." São Paulo: Portal Vitruvius, 001.11ano 01, Janeiro de 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/01.001/3268> (acesso em Dezembro de 2010).

GUERRA, Abílio e RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. "Casas brasileiras do século XX." *Vitruvius, Arquitextos*. Julho de 2006. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.074/335> (acesso em Abril de 2010).

LINO, Sulamita Fonseca. "O MODERNISMO "COM SABOR LOCAL": UMA ARQUITETURA ANTROPOFÁGICA?" *In Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Vol. 12 nº 13, Belo Horizonte: Ed. PUCMG, 2005.

LIMONAD, Ester. "Paris em Chamas: Arquitetura ou Revolução?" *In Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona*. Vol. XI nº 644, 2005. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-644.html>> Acesso em: 12.11.2010.

MARQUES, Sônia. "Arquitetura Brasileira. Uma pós-modernidade mais do que contraditória." *RUA* 7, 2006: 82-95.

MARQUES, Sonia & NASLAVSKY Guilah. "Estilo ou causa? Como, quando e onde? Os conceitos e limites da historiografia nacional sobre o Movimento Moderno." *Arquitextos* 065. São Paulo: Vitruvius, 2001. ACESSO EM 28.04.2008.

MOURA FILHA, Maria Berthilde. "A pesquisa em história da arte na Paraíba." *Comitê Brasileiro de História da Arte.XXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte – Anais*. Vitória: UFES, agosto de 2009. <www.cbha.art.br/pdfs/cbha_2009_filha_maria_art.pdf> Acesso em: 24/7/2009 17:32:52.

ROWE, Colin. *The Mathematics of the Ideal Villa and other essays*. Cambridge: MIT Press, 1976.

ARTIGOS PUBLICADOS EM ANAIS DE EVENTOS

BUZZAR, Miguel Antônio. "A Idéia de uma Casa Brasileira." *Docomomo_5*. São Carlos, 2003. <www.docomomo.org.br> Acesso em: 25.04.2009.

CAMISASSA, Maria Marta, e Suhelen Barros e WEDDE, Steffi DE SOUZA. "UMA ANÁLISE DO IMPACTO DAS IDÉIAS DA BAUHAUS NOS PROJETOS RESIDENCIAIS MODERNOS BRASILEIROS." *8º Seminário Docomomo Brasil*. Rio de Janeiro: KLAM-MULTIMÍDIA, 2009. CD-ROOM.

CARLOS, Claudio Antonio Santos Lima e SAMPAIO, Julio Cesar Ribeiro. "ARQUITETURA MODERNA MODESTA CARIOCA, MAS NEM TANTO." *8º DOCOMOMO_BRASIL*. Rio de Janeiro: KLAM_MULTIMÍDIA, 2009. CD-ROOM.

COSTA, Ana Elisia da. "A Casa Unifamiliar em Caxias do Sul 1940-70: Somos Modernos?" *Docomomo_6_Brasil*. Niterói: DOCOMOMO, 2004. <http://www.docomomo.org.br/seminario> Acesso em: 23.11.2009.

DA COSTA, Roberta Xavier "As casas da orla marítima de João Pessoa e os indícios da criação de uma identidade cultural através da disseminação da arquitetura moderna nos anos 1960 e 1970". Anais de comunicações em site. Identidade e alteridade: sensibilidades e subjetividades no ensino e na pesquisa histórica. // *Colóquio Internacional de História: Fontes Históricas, Ensino e História da Educação*. Campina Grande: UFCG, Outubro de 2010. <www.cihfh.org.br>

_____. "Casas da orla marítima de João Pessoa. 1960-1974. Conhecer para reconhecer. Contribuindo com a Construção da história da Arquitetura Moderna na Paraíba". Anais de comunicações em Cd-room. Pesquisa em Arquitetura e Design Interlocação e Perspectiva. *6º Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Setembro de 2010.

_____. "Casas da Orla Marítima de João Pessoa. Um olhar sobre a Arquitetura Moderna (1960 – 1974)." Edição: BRASIL. Anais de comunicações em Cd-room. MORTE e VIDA SEVERINAS: Das Ressurreições e conservações (im)possíveis do patrimônio moderno no NORTE E NORDESTE DO. *3º Seminário DOCOMOMO – Norte/Nordeste*. João Pessoa, Paraíba: PLOTTER, Março de 2010.

_____. "A arquitetura como patrimônio moderno na Cidade de João Pessoa." *Seminário Internacional - Ambientes Urbanos e Urbanidades – ARCUS*. João Pessoa, Paraíba, Brasil: UFPB/UFRN. 1 de julho a 19 de agosto, 2009.

_____. "Casas da Orla Marítima de João Pessoa: um patrimônio moderno." *Anais publicado em Cd-room. 8º DOCOMOMO – Brasil. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: IPHAN/Ministério da Cultura, 01 a 04 de setembro de 2009.

DA COSTA, Roberta Xavier e DA COSTA, Robson Xavier. "Trajetórias da cidade: as imagens das fachadas nos projetos de arquitetura residencial como indício da História de João Pessoa." *Seminário Internacional - Ambientes Urbanos e Urbanidades – ARCUS*. João Pessoa, Paraíba, Brasil: UFPB/UFRN, 1 de julho a 19 de agosto de 2009.

.NASLAVSKY, Guilah. "Escola Pernambucana ou Tradição Inventada? A construção da história da Arquitetura Moderna em Pernambuco, 1945-1970." *6º Seminário DOCOMOMO Brasil*. Niterói, RJ: DOCOMOMO, 2006. Acesso em: 28.04.2008.

—. "Arquitetura Moderna em Pernambuco entre 1945-1970: uma Produção com Identidade Regional? ." *5º Seminário DOCOMOMO Brasil*. São Carlos: DOCOMOMO, 2003. Acesso em: 28.04.2008.

TRABALHOS ACADÊMICOS

ADLOFF, Carolina; REGIS, Milena. Levantamento dos edifícios modernos da cidade de João Pessoa. Residência Waldemar Gomes de Arruda. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo IV, João Pessoa: UNIPÊ, 2010.

ALBUQUERQUE, Érico. et al. Residência Deputado Manuel Gaudêncio. Arquitetura Moderna na Orla Marítima de João Pessoa. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo IV, João Pessoa: UNIPÊ, 2010.

ALVES, Livia. et al. Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa. Residência Ronald de Queiroz. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo IV, João Pessoa: UNIPÊ, 2010.

ANDRADE, Ligiane. et al. Arquitetura Moderna na Orla Marítima de João Pessoa. Residência Israel Aureliano. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo IV, João Pessoa: UNIPÊ, 2010.

ANTÔNIO, Luiz. et al. Exemplos da Arquitetura Moderna na Cidade de João Pessoa. Residência Josemar Meireles da Cunha. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo IV, João Pessoa: UNIPÊ, 2010.

ASSIS, Livia; LINS, Michele. Arquitetura Moderna na Orla Marítima da João Pessoa. Residência Jorge Ribeiro Coutinho. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado V, João Pessoa: UFPB, 2009.

CALADO, Raquel; DINIZ, Erika. Residência Mario Faraco. Trabalho apresentado na disciplina Tópico IV – Arquitetura em João Pessoa, João Pessoa: UFPB, 2009.

_____. Uma Residência Moderna. Trabalho apresentado na disciplina Tópico IV – Arquitetura em João Pessoa, João Pessoa: UFPB, 2009.

CAZÉ, Denise; ROCHA, Fernanda. Registro e Análise de Residência Moderna em Manaira. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado V, João Pessoa: UFPB, 2008.

DA COSTA, Roberta Xavier. *Casas da Orla Marítima de João Pessoa. Um olhar sobre a arquitetura moderna. (1960-1974)*. Memorial de Qualificação, Natal: PPGAU/UFRN/CNPq, 2009.

DANTAS, Natália. et al. Residência Fernando Furtado. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo IV, João Pessoa: UNIPÊ, 2010.

DIAS, Ângela; MAYER, Camilla. Arquitetura Moderna na Orla Marítima da João Pessoa. Residência José Waldomiro Ribeiro Coutinho. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado V, João Pessoa: UFPB, 2009.

FEITOSA, Alexandre; MEIRA, Flora. Registro da Arquitetura Moderna Residencial na Orla de João Pessoa. Residência Flávio Ribeiro Coutinho. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado V, João Pessoa: UFPB, 2008.

FEITOSA, Alexandre; MATIAS, Daniel. Registro da Arquitetura Moderna na Orla de João Pessoa. Residência Maria Stella Ramos Vasconcelos. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado VI, João Pessoa: UFPB, 2009.

GOLDFARB, Marina; MARTINS, Paula Dieb. Casa Moderna na Orla Marítima da João Pessoa/PB: Residência Gilson Espinola Guedes. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado VI, João Pessoa: UFPB, 2009.

GONZAGA, Ygor et al. *Exemplares da Arquitetura Moderna na Cidade de João Pessoa. Casa Josemar Meireles da Cunha*. Trabalho acadêmico da Disciplina Teoria da Arquitetura e Urbanismo IV, orientado pela Prof. Roberta Xavier da Costa, João Pessoa: UNIPÊ, 2010.

LEMOS, Denise A.; MONTEIRO, Raissa G. Arquitetura Moderna na Orla Marítima da João Pessoa. Residência Major Adolfo Lira Fernandes. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado V, João Pessoa: UFPB, 2009.

LIMA, Kelly. Registro da Arquitetura Moderna em João Pessoa. Residência Ferdinando Paraguay. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado VI, João Pessoa: UFPB, 2009.

MAZARRO, João Felipe; OASHI, Thaisa Guimarães. Registro da Arquitetura Moderna na orla marítima de João Pessoa: Residência COSIBRA. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado V, João Pessoa: UFPB, 2009.

NISHIDA, Nathalia; PINTO, Eduardo; RIBEIRO, Alanna Maria. Registro da Arquitetura Moderna. Residência Austregésilo Freitas. Trabalho apresentado em disciplina de História da Arquitetura e Urbanismo do Brasil II, João Pessoa: UFPB, 2009.

VIANA, Mariana Porto. Residência Antônio José do Amaral. Arquitetura Moderna Residencial na Orla Marítima da João Pessoa. Trabalho apresentado na disciplina Estágio Supervisionado VI, João Pessoa: UFPB, 2008.

FONTES CONSULTADAS

DOCUMENTO CARTOGRÁFICO

SETOR DE GEOPROCESSAMENTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. *Ortofotocartas da Orla Marítima*. João Pessoa, PB: PMJP, 1978. Escala 1:2000.

DOCUMENTO CARTOGRÁFICO EM MEIO ELETRÔNICO

SETOR DE GEOPROCESSAMENTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Mapa digital do Município de João Pessoa. João Pessoa, PB: PMJP, 2002.

ARQUIVOS CONSULTADOS

ARQUIVO CENTRAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. "Setor de arquivamento dos Processos de Habite-se." *Consulta as caixas com processos com o título: "Anos diversos", 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977 e 1978*. João Pessoa: ARCEN/PMJP, 2008/2009.

ARQUIVO DA SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. João Pessoa: PMJP, 2008/2009.

ARQUIVO DE PROJETOS DA SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Setor de Geoprocessamento. João Pessoa: SUPLAN/PMJP, 2008/2009.

UFPB - Biblioteca Central, Universidade Federal da Paraíba. Acervo. João Pessoa. 2008/2009.

UNIPÊ - Biblioteca Central, Centro Universitário de João Pessoa. Acervo. João Pessoa: 2008/2009.

UFRN - Biblioteca Central Zila Mamede, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Acervo. Natal: 2008/2009.

CRECI/PB - Conselho Regional de Corretores de Imóveis 21ª Região – <www.creci-pb.gov.br> Acesso em: 28.12.2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <www.ibge.gov.br> Acesso em: 18.12.2008.

LPPM/CAU/DA/UFPB - Acervo do Laboratório de Pesquisa e Projeto e Memória - Curso de Arquitetura e Urbanismo – Departamento de Arquitetura – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2008/2009.

ENTREVISTAS

Inês Meireles, João Pessoa (02 jun. 2008)
 Virgínia Lira Maia João Pessoa (02 jul. 2008)
 Moema Xavier João Pessoa (14 jul. 2008)
 Ângela Pessoa de Vilar Trigueiro João Pessoa (12 set. 2008)
 Dagberto Victor de Miranda João Pessoa (15 jan. 2009)
 Jucicléia Dias Miranda João Pessoa (03 abr. 2009)
 Clodoaldo Viana, João Pessoa (11 ago. 2009)
 Eriberto Victor de Miranda João Pessoa (25 ago. 2009)
 Alessandra Accioly João Pessoa (02 out. 2009)
 Fábio Rocha João Pessoa (23 nov. 2009)
 Máisa Gaudêncio, João Pessoa (10 mai. 2010)
 Ângela Freitas João Pessoa (12 jan. 2011)
 Cláudio Freitas João Pessoa (18 jan. 2011)

NORMAS CONSULTADAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. "Informação e documentação - trabalhos acadêmicos - apresentação." *NBR 14724*. Rio de Janeiro: ABNT, 2001.

___ "Informação e documentação – Referências - Elaboração." *NBR 6023*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

___ "Informação e documentação - apresentação de citações em documentos." *NBR 10520*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

___ "Numeração progressiva das seções de um documento." *NBR 6024*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

JOÃO PESSOA. Lei Orgânica do Município. Art. 175, 1990.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO - Secretaria do Patrimônio Da União. *Projeto de Gestão Integrada da Orla Marítima – Projeto Orla*. Disponível em: <www.spu.planejamento.gov.br> Acesso em: 28.04.2009.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO - Secretaria do Patrimônio Da União. *Fundamentos para Gestão Integrada – Projeto Orla*. Disponível em: <<http://www.mp.gov.br/secretarias>> Acesso em: 28.04.2009.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO - Secretaria do Patrimônio Da União. *Manual de Gestão – Projeto Orla*. Disponível em: <<http://www.mp.gov.br/secretarias>> Acesso em: 28.04.2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Secretaria de Administração. *Cartilha sobre o arquivo central*. João Pessoa: PMJP, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. *Código de Urbanismo – Lei Complementar 2.102/75*. Atualizado em 2001. Acesso em: 28.04.2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. *Plano Diretor da cidade de João Pessoa – Lei Complementar Nº 03/92*. Atualizado em 2005. Acesso em: 28.04.2009.

LINKOGRAFIA DE IMAGENS

<http://www.g-arquitetura.com.br/1943.html&usg>

http://www.vivercidades.org.br/publique_222/web/media/espartaSibaris_Arnstein.jpg&imgrefurl

<http://anasimas.blogspot.com/2010/05/e-inadmissivel-que-primeira-residencia.html>

<http://lilianecamargos.blogspot.com/2009/04/arquitetura-e-uma-linguagem.html>

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=559085>

<http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/UnivIerCidades/modernismo/Arquitetura/index.htm>

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.064/428>

http://marleneacayaba.blogspot.com/2008_11_01_archive.html

<http://www.urbanamente.net/blog/2009/11/22/affonso-eduardo-reidy/>

http://arquitetandofederal.blogspot.com/2010_10_01_archive.html

<http://arqpb.blogspot.com/2009/12/acacio-gil-borsoi.html>

<http://arquitracobrasil.wordpress.com/modernismo-brasileiro/>

<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/oswaldo-bratke-residencia-oscar-11-09-2007.html>

<http://www.arcoweb.com.br/artigos/arquiteto-sergio-bernardes.html>

<http://casasbrasileiras.wordpress.com/2010/09/18/casa-do-arquiteto-sergio-bernardes/>
[http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://images.wikilingue.com/thumb/8/8d/Woluwe-St-Pierre_-_Hoffmann_050917_\(1\).jpg](http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://images.wikilingue.com/thumb/8/8d/Woluwe-St-Pierre_-_Hoffmann_050917_(1).jpg)
http://www.2blowhards.com/archives/2007/04/symmetry_prefer.html
<http://thaa2.wordpress.com/category/jakeline-garcia/>
http://es.wikiarquitectura.com/index.php?title=Residencia_Kr%C3%B6ller-M%C3%BCller
<http://forum.skyscraperpage.com/showthread.php?p=4061249>
<http://teoriarquitectura.blogspot.com/2009/06/funcion-e-razao.html>
<http://designkultur.wordpress.com/2010/09/09/architecture-icons-of-20th-century-architecture-buildings-that-sparked-my-childhood-imagination/>
<http://archieurb.blogspot.com/>
http://www.hyerestourisme.com/en/decouverte_lieux_culturels.asp
<http://buffalocorningconnection.com/FLW.html>
http://tenplusone.inax.co.jp/project/pics2004/ws/en/ws_e_hh013.html
<http://www.parisbalades.com/deutsch/Arrond/14/14e.sud.htm>
<http://sundance.cinematical.com/photos/ennis-house/2098921/>
<http://pc.blogspot.com/2008/05/samuel-freeman-house-frank-lloyd-wright.html>
<http://www.pushpullbar.com/forums/showthread.php?1774-USA-Rudolph-M.-Schindler>
<http://apuntosedarquitecturadigital.blogspot.com/2010/07/obra-de-le-corbusier-no-sera-un.html>
<http://lanternslide.wikispaces.com/Belgium+%26+Holland>
<http://lecorbusiercolor.blogspot.com>
<http://homemnovoarquitecturanova.blogspot.com/>
<http://www.ciudadluz.net/arqui/tzara.htm>
<http://www.erzed.nl/enparis.html>
http://nataliasavio.blogspot.com/2008_10_01_archive.html
<http://www.travelagentcentral.com/czech-republic>
<http://www.flickr.com/photos>
<http://www.galinsky.com/buildings/gropiushouse/index.htm>
<http://cabanachamberlain.blogspot.com/>
http://www.avenuedstereo.com/modern/images_week15.htm
<http://www.stepienybarno.es/blog/2009/10/11/%C2%BFsabemos-los-arquitectos-de-casas/>
http://www.eichlernetwork.com/fnc_steel.html
http://www.wikidict.de/en/pagelink/it/Adolf_Loos
http://www.archweb.it/dwg/arch_arredi_famosi/Adolf_Loos/steiner/steiner_2d.htm
http://momoneco.kotka.fi/belle_nayttely_uk.html
<http://www.flickr.com/photos/34817846@N00/page3/>
http://www.e-architect.co.uk/modern_houses.htm
<http://www.oberlausitz.com/ferien/kulturell/en/loebau.htm>
<http://www.vitruvio.ch/arc/contemporary/1880-1945/horner.php>
<http://www.wallpaper.com/video/lifestyle/atomic-kitchen-the-biosphere-home-farm/34124656001>
http://www.greatbuildings.com/models/Chermayeff_House_mod.html
<http://lanternslide.wikispaces.com/England+Slides>
<http://www.erikgunnarasplund.com/eng/gallery9-sommarhusetsteninge.asp>
<http://www.ou.edu/class/arch4443/California%20Contributions/CalContributions.htm>
http://www.vitruvio.ch/arc/contemporary/1880-1945_opere.php
<http://blackwingdiaries.blogspot.com/2010/11/lee-and-mary-blairs-1939-los-angeles.html>
<http://blog.ounodesign.com/tag/modernist-architecture/>
<http://www.pushpullbar.com/forums/showthread.php?4774-Amancio-Williams-HOUSE-OVER-STREAM-Mar-del-Plata/page4>
<http://www.flickr.com/photos/seier/2688621170/>
<http://cat2.mit.edu/4.560/samples/buildinglist.html>
http://www.eichlernetwork.com/fnc_steel.html
<http://talleravb.blogspot.com/2009/02/jorn-utzon-casa-middelboe.html>
<http://bluesout.blogspot.com/2009/09/maison-jean-prouve.html>
<http://www.ajbuildingslibrary.co.uk/search?minYear=1950&maxYear=1959&command=search>
<http://www.thedenvereye.com/page/2/>
http://www.e-architect.co.uk/architects/jorn_utzon.htm
<http://log24.com/log04/Koenig.html>
<http://www.flickr.com/photos/wapster/2387569769/>
http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Villa_Stroem_1961.jpg
<http://arquitetandoideias.blogspot.com/2010/08/meu-arquiteto-louis-kahn.html>
<http://www.edwardcullinanarchitects.com/projects/cmews.html>

Apêndice